

Rogério Othon Teixeira Alves

“DA PONTA DOS TRILHOS AO CENTENÁRIO INVENTADO”
Práticas modernas de divertimento em Montes Claros-MG (1926-1957)

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG
2018

Rogério Othon Teixeira Alves

“DA PONTA DOS TRILHOS AO CENTENÁRIO INVENTADO”
Práticas modernas de divertimento em Montes Claros-MG (1926-1957)

Tese apresentada ao Curso de Doutorado Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Estudos do Lazer.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Pereira da Silva

Belo Horizonte
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG
2018

FICHA CATALOGRÁFICA

A474p
2018

Alves, Rogério Othon Teixeira
“Da ponta dos trilhos ao centenário inventado”: práticas modernas de divertimento em Montes Claros – MG (1926-1957). – 2018.
267 f. : il.

Orientador: Luciano Pereira da Silva

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.
Bibliografia: f. 249-267

1. Lazer - Teses. 2. Modernidade – Teses. 3. Lazer – Montes Claros – (MG) - História - Teses. I. Silva, Luciano Pereira da. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8



**ATA DA 42ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO
ROGÉRIO OTHON TEIXEIRA ALVES**

Às 14h00min do dia 22 de fevereiro de 2019 reuniu-se na Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa para julgar, em exame final, o trabalho “*DA PONTA DOS TRILHOS AO CENTENÁRIO INVENTADO: Práticas modernas de divertimento em Montes Claros-MG (1926-1957)*”, requisito final para a obtenção do Grau de Doutor em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. Luciano Pereira da Silva, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

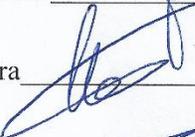
Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Prof. Dr. Luciano Pereira da Silva (Orientador)	X	
Prof. Dr. Laurindo Mekie Pereira (UNIMONTES)	X	
Prof. Dr. Leandro Batista Cordeiro (UFVJM)	X	
Profa. Dra. Maria Cristina Rosa (UFMG)	X	
Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago (UFMG)	X	

Após as indicações o candidato foi considerado: aprovado

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para o candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

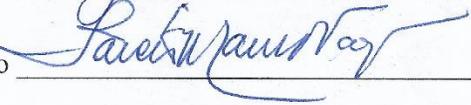
Belo Horizonte, 22 de fevereiro de 2019.

Prof. Dr. Luciano Pereira da Silva 

Prof. Dr. Laurindo Mekie Pereira 

Prof. Dr. Leandro Batista Cordeiro 

Profa. Dra. Maria Cristina Rosa 

Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago 

*“Eu sempre estive em busca de palavras
que bem traduzissem o meu pensamento;
porém, nunca tive tal habilidade,
por mais que aguardasse esse momento”.*

(Agradecimento, poema de Leolina Teixeira)

Dedico esta tese para a minha mãe, que depois de tantos anos
permanece me fitando com olhos de ceticismo amoroso.

AGRADECIMENTOS

Estar grato pela participação de outras pessoas na minha formação necessitou exercitar a memória, e nesse aprendizado, reconheci muita gente responsável por essa história. De perto ou de longe, a soma dessas forças me conduziu na direção do sentimento mais humano e me afastou – ainda bem – do precipício da mesquinhez social tão na moda. Nesse trabalho não foi diferente, quem contribuiu para a sua construção também ajudou a formar o sujeito do dia a dia.

Agradeço à Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. Local de trabalho e amizades, onde procuro exercer o que os estudos me proporcionam, na intenção de formar bons profissionais e sujeitos sensíveis ao seu derredor;

À FAPEMIG, que me proporcionou auxílio via bolsa de doutorado pelo Programa de Capacitação de Recursos Humanos através da Unimontes;

Aos amigos-professores do *Ludens*, grupo de estudos onde cada encontro é sempre um aprendizado e que, entre a seriedade dos autores e trabalhos acadêmicos, se preocupa com a formação integral das pessoas;

Aos meus alunos do Programa de Iniciação Científica, “garimpeiros” destemidos no Centro de Pesquisa e Documentação Regional da Universidade Estadual de Montes Claros;

Aos colegas de turma do doutorado em Estudos do Lazer da UFMG, cujo “cume” interessa e será alcançado por todos;

À Luciano Pereira, pela orientação e parceria, minha amizade e respeito;

Aos professores que aceitaram compor a banca da defesa;

Ao amigo-irmão Georgino Neto, pelos cafés que suscitam a sobriedade das ideias e pelas cervejas para as ideias fazerem sentido;

À Nayra, cujo sorriso desarmou uma carranca;

Aos meus filhos Luca e Igor, onde enxergo o futuro com a sensação suposta de estar guiando-os, quando na verdade a luz são eles.

RESUMO

Esta tese intencionou abarcar a história dos divertimentos modernos na cidade de Montes Claros-MG, tendo como base o discurso da imprensa e textos de memorialistas. Foram estabelecidos os anos de 1926 e 1957, justificados pela representatividade da chegada da estrada de ferro em 1926 e os festejos do centenário de elevação à categoria de cidade em 1957. Na pesquisa foram utilizados 456 números de 32 diferentes jornais brasileiros, sendo 13 títulos de Minas Gerais, 13 do Rio de Janeiro, 05 de Pernambuco e 01 de São Paulo. O principal local para coleta de informações em jornais montes-clarenses foi o Centro de Pesquisa e Documentação Regional da Universidade Estadual de Montes Claros. O texto foi dividido em cinco capítulos: no primeiro, é apresentado o percurso metodológico, as fontes escolhidas e possíveis e a instituição do jornal *Gazeta do Norte* como periódico mais acessado; no segundo capítulo, é analisado o advento da modernidade e sua participação na formação da cidade, formando um cenário fecundo para o divertimento importado; no terceiro capítulo, as fontes nos levaram a discorrer sobre o futebol, que desenvolveu-se fidalgo, mas que passaria a envolver o gosto e a prática das classes menos favorecidas; no quarto capítulo, o divertimento através do cinema se consolida e a cidade chega a contar com quatro estabelecimentos simultâneos; no quinto capítulo, esportes como voleibol e basquetebol são introduzidos graças às escolas e associações esportivas, sendo o auge atingido com a construção da grande Praça de Esportes, inaugurada na década de 1940. Entre a chegada da estrada de ferro e as festas do centenário, o futebol se estabeleceu como diversão espetacularizada, associado à elite local, todavia, com contornos populares e supostamente trazendo no seu bojo o progresso. Semelhante ao futebol, mas com características próprias, na trajetória histórica do cinema em Montes Claros, encontramos um processo de interiorização tardia, se levado em consideração os outros centros urbanos mais adiantados do Estado. A chegada dos trilhos da estrada de ferro, um dos aspectos que comporiam a urbanização do município, modificaria muita coisa, inclusive a dinâmica do cinema de Montes Claros. Finalmente, durante os anos pesquisados, observamos a ampliação da prática de outros divertimentos modernos, tendo como símbolo estrutural a Praça de Esportes Minas Gerais – Montes Claros Tênis Clube, porém, até que ela funcionasse como o local de polarização dos esportes, notamos as ações de outros órgãos no processo de implantação e desenvolvimento do vôlei, basquete, natação, ginásticas, atletismo, entre outros. Enfim, esta tese contribui para a compreensão da história da modernidade numa região sertaneja do país e de destacada relevância para o estado de Minas Gerais.

Palavras-chave: Montes Claros. Modernidade. Divertimento.

ABSTRACT

This thesis explores the history of modern amusements in the city of Montes Claros-MG, based on the discourse of the press and texts of memorialists. The years 1926 and 1957 were established, justified by the representativeness of the arrival of the railway in 1926 and the celebrations of the centenary of elevation to the category of city in 1957. In the research were used 456 numbers of 32 different Brazilian newspapers, being 13 titles of Minas Gerais, 13 from Rio de Janeiro, 05 from Pernambuco and 01 from São Paulo. The main site for information gathering in the Montes Claros newspapers was the Regional Research and Documentation Center of the State University of Montes Claros. The text was divided into five chapters: in the first one, the methodological course, the chosen and possible sources and the establishment of the newspaper Gazeta do Norte as the most accessed periodical are presented; in the second chapter, the advent of modernity and its participation in the formation of the city is analyzed, forming a fecund scenario for imported entertainment; in the third chapter, the sources led us to discuss soccer, which was developed as a noble practice, but which would involve the taste and practice of the less favored classes; in the fourth chapter, the entertainment through the cinema is consolidated and the city comes to count on four simultaneous establishments; in the fifth chapter, sports such as volleyball and basketball are introduced due to the schools and sports associations, and their peak was reached with the construction of the great Sports Plaza, which was opened in the 1940s. Between the arrival of the railway and the centenary celebrations, football has established itself as a spectacular diversion, associated with the local elite, however, with popular contours and supposedly bringing progress in its bosom. Similar to football, but with its own characteristics, in the historical trajectory of the cinema in Montes Claros, we find a process of belated internalization, if we take into account the other more advanced urban centers of the State. The arrival of the railroad tracks, one of the aspects that would compose the urbanization of the municipality, would change a lot of aspects, including the dynamics of the Montes Claros cinema. Finally, during the years surveyed, we observed the extension of the practice of other modern amusements, having as a structural symbol the Minas Gerais Sports Plaza - Montes Claros Tennis Club, but until it functioned as the place of polarization of sports, we noticed the actions of other organs in the process of implantation and development of volleyball, basketball, swimming, gymnastics, athletics, among others. In short, this thesis contributes to the understanding of the history of modernity in a rustic region of the country and of outstanding relevance for the state of Minas Gerais.

Keywords: Montes Claros. Modernity. Entertainment.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Ilustração do monumento ao tropeiro.....	21
Figura 02 - Estação ferroviária de Montes Claros, em 1926.....	31
Figura 03 - Mapa da Estrada de Ferro Central do Brasil (Do Rio de Janeiro a Monte Azul-MG)	34
Figura 04 - Desfile comemorativo do Centenário da cidade em 1957.....	38
Figura 05 - Cortejo oficial liderado pelo presidente Juscelino Kubitschek no dia 03/07/1957 nas comemorações do centenário inventado de Montes Claros.....	40
Figura 06 - Sede da <i>Gazeta do Norte</i> na década de 1930.....	64
Figura 07 - Propaganda da moda importada do Rio de Janeiro e Belo Horizonte.....	76
Figura 08 - Propaganda da moda trazida de Belo Horizonte para Montes Claros.....	76
Figura 09 - Propaganda do <i>Hotel Ruy Barbosa</i> , anunciando possíveis aspectos modernos, como a luz elétrica.....	79
Figura 10 - Propaganda do <i>Hotel Montes Claros</i> , anunciando possíveis aspectos modernos, como instalação sanitária.....	79
Figura 11 - <i>Casa Minerva</i> , estabelecimento comercial da década de 1920.....	107
Figura 12 - <i>Casa Imparcial</i> , estabelecimento comercial da década de 1920.....	107
Figura 13 - <i>America Foot-ball Club</i> , fundado em 1917. Entre os atletas estão os irmãos Ari e Jair de Oliveira, herdeiros do jornal <i>Gazeta do Norte</i>	112
Figura 14 - Atletas do <i>E. C. João Rebelo</i> , tricampeões da cidade em 1951, 52 e 53.....	145
Figura 15 - Atletas da <i>A. A. Cassimiro de Abreu</i> , vice-campeões de 1953.....	145
Figura 16 - Fotos dos proprietários do Cine-Theatro Montes Claros, Manoel Gomes de Oliveira e Aristides Lucrécio de Oliveira e do local que abrigava o cinema.....	160
Figura 17 - Capa do <i>Cine Montes Claros</i> na <i>Gazeta do Norte</i> , divulgando o filme <i>O meu boi morreu</i> (1932)	167
Figura 18 - Aspecto de uma construção moderna, enfatizada pela <i>Gazeta do Norte</i> em 1937....	172
Figura 19 - Aspecto de uma construção moderna, enfatizada pela <i>Gazeta do Norte</i> em 1937....	172
Figura 20 - Anúncio da programação do <i>Cine Cel. Ribeiro</i> , em página inteira, em 1946.....	181

Figura 21 - Anúncio de retorno do <i>Cine São Luiz</i> à <i>Gazeta do Norte</i> às vésperas do centenário de Montes Claros.....	187
Figura 22 - Anúncio do curso de Educação Física.....	192
Figura 23 - Apresentação de <i>gymnastica</i> das alunas da <i>Escola Normal</i> (data incerta)	193
Figura 24 - <i>O “five” do Ateneu era o campeão de bola ao cêsto, desta cidade, e tambem o melhor e mais homogeneo de todo o Norte do Estado</i>	199
Figura 25 - <i>Team feminino de basket-ball</i> do Instituto Norte-Mineiro de Educação – 1938	203
Figura 26 - Anúncio da Gillette apresentando o jiu-jitsu.....	211
Figura 27 - Anúncio da Gillette apresentando o basquete.....	212
Figura 28 - Anúncio da Gillette apresentando a natação.....	212
Figura 29 - Aspecto da piscina da Praça de Esportes em 1940.....	216
Figura 30 - Propaganda da Praça de Esportes em 1941.....	219
Figura 31 - Informações quantitativas sobre a frequência da Praça de Esportes em 1944.....	227
Quadro 01 - Informações sobre fundação e fechamento de jornais em Montes Claros de 1926 a 1957.....	53
Quadro 02 - Progressão da população de Montes Claros, de 1872 a 1970.....	85
Quadro 03 - Fatos de destaque na história do desenvolvimento de Montes Claros.....	96
Quadro 04 - Alguns dos filmes exibidos no <i>Cine-Theatro Montes Claros</i> em 1927, ano de produção e ano de exibição no Rio de Janeiro.....	161
Quadro 05 - Trechos dos escritos da propaganda da Gillette, associando o homem moderno ao seu produto através do esporte	210

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMEA - Associação Municipal de Estudos e Atletismo

BA - Bahia

CPDOR/Unimontes - Centro de Pesquisa e Documentação Regional da Universidade Estadual de Montes Claros

EFCB - Estrada de Ferro Central do Brasil

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IHGMC - Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros

MCTC - Montes Claros Tênis Clube

MG - Minas Gerais

PE - Pernambuco

RJ - Rio de Janeiro

SP - São Paulo

SUDENE - Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

U.E.C. - União Esporte Clube

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1926 - A estrada de ferro no Brasil e o ramal para o Norte de Minas: <i>O maior dia de Montes Claros</i>	17
1957 - O centenário de elevação à cidade - Montes Claros.....	35

CAPÍTULO I

1 O PERCURSO METODOLÓGICO	45
1.1 No garimpo das fontes: memorialistas e acadêmicos de Montes Claros.....	45
1.2 A <i>Gazeta do Norte</i> : a formação da imprensa à espreita da elite	54

CAPÍTULO II

2 O IDEÁRIO MODERNO: novos hábitos, novos divertimentos	71
2.1 A modernidade e a esperança do progresso no sertão.....	71
2.2 As circunstâncias da formação de Montes Claros.....	88
2.3 O divertimento importado: <i>o rendez-vous diletanti</i> de uma sociedade <i>chic</i> e adorável....	98

CAPÍTULO III

3 O FUTEBOL EM MONTES CLAROS: um fidalgo elemento de distinção social.....	111
3.1 <i>Foot-ball</i> : origens e desenvolvimento na urbe que se transformava	111
3.2 O <i>Montesclaros Sport Club</i>	114
3.3 Ari de Oliveira: um <i>sportsmen</i> de Montes Claros.....	123
3.4 O futebol é bretão, mas <i>a garotada mal educada e indisciplinada invade o campo</i>	126

CAPÍTULO IV

4 O CINEMA EM MONTES CLAROS: relações entre "modernidade" e experiência cultural no sertão	152
4.1 O cinema a partir de 1926: <i>Em sessão chic, dedicada á alta sociedade montesclareense!..</i>	153
4.2 <i>Majestoso ou um arrabalde: cinema para todas as classes</i>	176

CAPÍTULO V

5 OUTROS DIVERTIMENTOS MODERNOS NA CIDADE	189
5.1 <i>Volley-ball, Basket-ball: os esportes americanos surgem no cenário social</i>	189
5.2 A grande Praça de Esportes: <i>Berço de uma nova geração! Molde para os homens de amanhã!</i>	207
CONSIDERAÇÕES FINAIS	237
FONTES – MEMORIALISTAS	245
FONTES – REVISTAS	247
FONTES – JORNAIS	249
REFERÊNCIAS.....	251

INTRODUÇÃO

“Para poder ser feiticeiro da palavra, para estudar a alquimia do sangue do coração humano, a gente tem de provir do sertão”

(Guimarães Rosa)

O desenvolvimento desta tese intencionou abarcar a história dos divertimentos modernos na cidade de Montes Claros-MG, tendo como base o discurso da imprensa local e, partir deles, compreender o contexto de um povo e os diversos aspectos da modernidade no período estudado. A partir do entendimento dos marcos temporais balizadores, entre 1926 e 1957¹, nos esforçamos, primeiramente, em compreender a formação da cidade desde a sua origem até 1926, centralizando passagens características da modernidade até a chegada da estrada de ferro em 1926, símbolo desenvolvimentista da região. Pela ferrovia, foi observado que movimentos modernizantes como o transporte mais eficiente, a possibilidade do estudo em centros mais desenvolvidos e o acesso à informação periódica, entre outros, contribuiriam para que novas formas de divertimentos fossem surgindo, compondo uma história que abarcaria novos e antigos divertimentos na cidade.

Num mesmo tempo e espaço, Montes Claros-MG, local onde vigoravam divertimentos de raízes religiosas, como catopês, caboclinhos, marujadas e cavalhadas, notar-se-ia no início do século XX, o surgimento e ampliação de divertimentos provenientes da modernidade europeia, principalmente o cinema e o futebol. Essas duas experiências sociais carregavam a marca da mocidade e do ser moderno, passando a conviver com as festas católicas, comuns durante o ano.

Dentro desse cenário diverso, considerando também as resistências às tentativas de modernização, notamos que as cidades, inclusive Montes Claros, ao se encorporem transformaram-se em locais privilegiados para análises das relações humanas, dada a diversidade da tessitura social

¹ O ano de 1957 foi marcado pelos festejos do centenário de elevação de Montes Claros à categoria de cidade, porém o 100º aniversário parece ter sido utilizado pelos políticos apenas como fato marcante naquele ano, pois a emancipação política havia sido declarada em 1831. Por isso constará em algumas partes do texto a expressão “centenário inventado”, que será desenvolvida no decorrer da tese.

e os múltiplos projetos de desenvolvimento² que sobrepuseram no espaço urbano. Historicamente, as cidades passaram por crescimento significativo com o advento da modernidade, período mais ou menos localizado em fins do século XIX até meados do XX.

Como já dito, nesse estudo, o foco central se encontra na história das práticas de diversão no sertão de Minas Gerais, notadamente na cidade de Montes Claros, força geográfica emblemática da região. Contudo, além dos divertimentos, o entendimento da fundação, a constituição da cidade, influenciada pelas informações da modernidade, foram motes presentes no percurso do trabalho, afim de observarmos o contexto em que os divertimentos se deram. Nesse processo, entendemos que a história dos divertimentos considerados modernos poderia permitir a leitura de um contexto social marcado pelas particularidades políticas, econômicas e culturais na cidade de Montes Claros.

Enfim, com este trabalho, objetivamos analisar, a partir de periódicos³ e da produção de memorialistas, a história das práticas de diversão ditas modernas da cidade de Montes Claros-MG, entre os anos de 1926 e 1957. Ao mesmo tempo, e ao passo que as fontes permitiram, procuramos observar as consequências das transformações históricas dos divertimentos na propagação de valores da modernidade como símbolo de progresso; discutimos o caráter educativo atribuído a essas práticas, como a postura da assistência esportiva e a educação para frequentar o cinema; buscamos o entendimento da história social de Montes Claros, Norte de Minas Gerais, a partir da compreensão do papel das vivências de diversão e, por fim, objetivamos contribuir para a preservação da história do Norte de Minas Gerais.

Entendido o desafio, enquanto as fontes sobre os divertimentos modernos montes-clarenses foram emergindo, buscamos compreendê-las num cenário ampliado, tendo como apoio outros aspectos históricos já estudados sobre a cidade de Montes Claros. Assim, analisando os vieses que compuseram a cidade, e procurando subsidiar a pesquisa, foram acessados e utilizados para o arcabouço introdutório e também para a análise das fontes, entre outros, trabalhos como os

² O termo “desenvolvimento” estará associado principalmente às transformações advindas da modernidade, e que supomos terem significados evolutivos concretos para a cidade. O “desenvolvimento” observado em Montes Claros referenciou-se às coisas, como novas formas de energia elétrica, transportes, edificações, por exemplos, mas também aos novos hábitos que as condições de vida modernas impuseram às pessoas.

³ O jornal mais acessado foi o extinto *Gazeta do Norte*. Além de ser o principal jornal montes-clarense do período da pesquisa, foi o que mais informações pudemos acessar. Adiante será melhor descrito.

de Porto (2002), Veloso (2008), Querino (2006), Pereira (2007), Figueiredo (2010), Silva (2012), Carvalho (2012), Caleiro; Souza Neto e Silva (2012) e Colares (2006). A importância desses trabalhos para a confecção da tese está explicitadas a seguir:

- Em sua dissertação, César Henrique de Queiroz Porto (2002) objetivou verificar aspectos da cultura política de Montes Claros no período da Primeira República (1889 a 1930) e demonstrou-nos, a partir dos jornais impressos da época, a presença de elementos paternalistas e a violência como subsídios centrais da política local. O estudo de Porto traz informações elementares para o entendimento da dinâmica funcional cotidiana da cidade num período similar ao da tese, a partir da política.

- Procurando circular pela história contada na imprensa local, acessamos a tese de Geisa Magela Veloso (2008), que teve como base de fontes o jornal *Gazeta do Norte*, de Montes Claros, entre 1918 e 1938. Nessa tese, discutiu-se o que a autora intitulou como uma missão “desanalfabetizadora” do jornal pesquisado, quando se associou à Escola Normal da cidade e, a partir do que publicava nas páginas da *Gazeta do Norte*, objetivou produzir um cidadão civilizado e moderno, inserindo-se no mundo da cultura escrita.

- Em Augusto José Querino (2006), observamos a pretensa chegada do progresso pelos trilhos da Estrada de Ferro Central do Brasil em 1926, conectando o sertão com o Centro-Sul do país, trazendo e levando produtos importados, reconfigurando a cidade atrasada, algo que não aconteceria exatamente como se anunciara. Em Laurindo Mékie Pereira (2007), a partir da documentação que analisou e fontes da imprensa que buscou, nos interessaram, principalmente, a formação histórica da região e a ascensão de Montes Claros como a principal localidade comercial do entorno. Nesta tese, foi fundamental entender a sua exposição referente ao que designou “centenário inventado” da cidade em 1957, um dos marcos temporais desta tese.

- Para além da história política de Montes Claros, arraigada nas elites-familiares que se consolidaram no poder desde a sua origem, representadas localmente pelos partidos políticos das ruas de “baixo” e ruas de “cima”⁴, Vítor Fonseca Figueiredo (2010) e Luciano Pereira da Silva

⁴ O *partido de baixo*, os conservadores, era liderado em princípio pelo Cel. Celestino Cruz e depois por Camilo Prates, tendo principalmente criadores e comerciantes de gado. O *partido de cima*, os liberais, era comandado pela família Alves (entre eles Honorato e João José Alves) e seus integrantes eram mais ligados à indústria (OLIVEIRA, 2000).

(2012) se debruçaram nos novos elementos sociais advindos da modernidade no período pós Proclamação da República: o primeiro de 1889 a 1930 e o segundo de 1889 a 1926. Ambos, mas principalmente Silva, observaram na imprensa local aspectos dos divertimentos ditos modernos chegando a Montes Claros e produzindo novos hábitos de comportamento. Segundo esses autores, especialmente o cinema e o futebol, pois foram as práticas que mais vigoraram, objetivaram dar uma “nova cara” à mocidade, educando, civilizandando e desenvolvendo um novo corpo saudável. O cinema e o futebol caíram no gosto do montes-clarense e se de início foi concebido para a elite, logo se constataria o alargamento do seu alcance a outras faixas da população, ainda nas primeiras décadas do século XX.

- Sobre uma das práticas de diversões modernas que mais se desenvolveram em Montes Claros, pudemos observar em Jailson Dias de Carvalho (2012) que o cinema se constituiu como um divertimento expressivo da cidade na década de 1930 e que nas salas de exibição procurava-se tecer, entre a tela e o espectador, um elemento informativo e formativo do comportamento do cidadão inculto, supostamente sedento pelo progresso.

- Sobre a origem do futebol em Montes Claros, foi esclarecedor acessar os capítulos que compuseram livro *O foot-ball no sertão mineiro: a história do sport bretão nos claros montes das gerais*, de Caleiro; Souza Neto e Silva (2012). Nele, encontramos as primeiras partidas, a fundação dos primeiros times e os usos que a elite social fazia do novo esporte. Por fim, averiguamos o nascimento do pertencimento clubístico na cidade e a sua consolidação como prática popular.

- Na dissertação de Mona Lisa Campanha Duarte Colares (2006), compreendemos que o discurso do desenvolvimento e da chegada de hábitos trazidos pela modernidade seriam opositores das atividades tradicionais, como se toda referência ao passado fosse ruim e devesse ser abandonado em favor do possível progresso. Ainda assim, notamos na análise do trabalho de Colares, que as Festas de Agosto de Montes Claros, formada pelos catopês, marujos e caboclinhos eram/são símbolos da compreensão da identidade do montes-clarense⁵, mesmo que de uma geração para a outra houvesse incrementos de novas vivências, (re)significando as relações do cotidiano.

⁵ Sobre o gentílico de Montes Claros-MG, ao longo do texto notar-se-á duas formas de escrita: “montes-clarense”, como atualmente recomenda o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, e “montesclarenses”, a forma

Feito os primeiros investimentos na construção do cenário do trabalho, nos instamos a construir as questões centrais que estabeleceram a base da pesquisa:

- Quais as circunstâncias da sua fundação até transformar-se na principal cidade da região?
- Qual a influência do modo de vida dito moderno na sociedade montes-clarense?
- E, mais do que isso, qual a importância da história dos divertimentos, supostamente modernos, na constituição dessa sociedade?

Conjecturamos que a partir destes questionamentos norteadores, estudar a história dos divertimentos na cidade de Montes Claros poderia contribuir para a compreensão da história da modernidade numa região importante para o país, dada a relevância do estado de Minas Gerais, num período de poucos estudos da história da cidade.

Justificando a predileção pelo objeto de estudo aqui questionado, concordamos com a compreensão do uso da história de Cleber Dias em relação ao fenômeno social vinculado ao lazer (divertimento):

O estudo do lazer no passado faz parte de um necessário esforço para a melhor compreensão do lazer no presente, pois estudar a história desse fenômeno é também uma tentativa de melhor o compreender nos dias que correm. No limite, podemos dizer que um adequado entendimento do lazer contemporâneo simplesmente não é possível sem um adequado entendimento do seu processo histórico de desenvolvimento no passado (DIAS, 2018a, p.2).

Certamente, o processo da modernidade urbana no universo sertanejo⁶ obedeceu a um ritmo próprio, fruto de particulares relações históricas estabelecidas. No entanto, refutamos a ideia do sertão como um território totalmente desconectado dos grandes centros urbanos, ou ainda, do pensamento de desordenamento social como aspecto “naturalizado” do sertão. Não era a desordem

corrente na imprensa do período pesquisado e nos trabalhos dos escritores e memorialistas locais, como Urbino Vianna, Nelson Vianna, Hermes de Paula, Yvone Silveira e Zezé Colares.

⁶ Sobre o ser “sertanejo” ou “identidade sertaneja”, Lessa (2011, p.4) esclarece que “Em meados do Século XIX e início do Século XX, o processo discursivo de construção das representações identitárias no interior do Brasil, em particular na região do Cerrado, foi homogeneizado pela construção da identidade sertaneja. Gradativamente todos se reconhecem como sertanejos não importando seu lugar na sociedade. Outro fator desta construção foi a subalternização da identidade sertaneja no âmbito da nação de forma contrastiva entre a civilização litorânea e a rudeza do interior: os sertões. A identidade litorânea se afirmando como hegemônica, de forma etnocêntrica, europeizada, mas, encontrando resistência na força demonstrada pela “cultura mestiça” do interior”.

que vigorava no sertão, mas um ordenamento peculiar a determinadas demandas histórico-sociais. No dizer de Alysson Luiz Freitas de Jesus,

[o] que muitas vezes foi entendido como desordem, no mundo do sertanejo deve ser repensado como uma ordem própria do mundo em que viviam, ordem esta que se estabelecia por alguns comportamentos típicos, fundados em códigos positivos e/ou costumeiros. Mesmo que estejamos tratando de um ordenamento diferente do que se percebe em regiões litorâneas e/ou urbanas, não se pode insistir na imagem da desordem, pois novamente incorreríamos no mesmo erro de olhar o sertão a partir do seu oposto, realimentando a dicotomia que estamos insistindo em combater (JESUS, 2006, p.263).

Entendemos Montes Claros, como o Norte de Minas Gerais, inserida nesta rotina sertaneja, de distanciamento, ou seja, uma “[...] sociedade tradicionalista [que] caracterizava-se por uma estrutura social simples e hierarquizada, por ser rural” (OLIVEIRA FILHO, 2008, p.25), mas que ainda assim, não se podia caracterizar em isolamento. Sobre o local de habitação dos mineiros, segundo John Wirth (1982, p.63),

[e]m 1920, apenas 11% viviam em sedes de municípios e o restante na zona considerada rural. [...] E se as cidades com menos de 5.000 habitantes não forem levadas em conta, a população urbana cai para 5%. Em 1940, 25% da população viviam em cidades, mas 13% em centros urbanos com menos de 5.000 cidadãos” (WIRTH, 1982, p.63).

Ainda segundo Wirth (1982, p.63), “[e]mbora quase todas as cidades fossem pequenas e isoladas, em coparação com os verdadeiros centros urbanos, isso não implicava num enfraquecimento do respeito da elite pelos valores e instituições urbanos”. Desta forma, para o estudo, emergiram questões importantes para a construção social identitária da cidade de Montes Claros: Quem eram os atores envolvidos com o processo de transformação das vivências de lazer/diversão? Qual o papel da elite⁷ local na efetivação destas práticas? Qual a participação dos

⁷ O entendimento por “elite” seguiu o indicado por Bobbio *et al.*, (1997, p.385) “[...] segundo a qual, em toda a sociedade, existe, sempre e apenas, uma minoria que, por várias formas, é detentora do poder, em contraposição a uma maioria que dele está privada. Uma vez que, entre todas as formas de poder (entre aquelas que, socialmente ou estrategicamente, são mais importantes estão o poder econômico, o poder ideológico e o poder político), a teoria das Elites nasceu e se desenvolveu por uma especial relação com o estudo das Elites políticas, ela pode ser redefinida como a teoria segundo a qual, em cada sociedade, o poder político pertence sempre a um restrito círculo de pessoas: o poder de tomar e de impor decisões válidas para todos os membros do grupo, mesmo que tenha que recorrer à força, em

sujeitos que estavam à margem das benesses sociais, ou nas palavras de Thompson, dos “de baixo”? Que relação é possível estabelecer entre o processo de desenvolvimento e urbanização da cidade com as transformações dos divertimentos? Enfim, como se deu o movimento de constituição destas práticas e quais representações podem ser construídas na elaboração desta história?

Convém salientar que este estudo buscou compreender um local – Montes Claros – que aos poucos foi ocupado por novas práticas de divertimentos, ditas modernas, que permitiram a forja de um novo espectro social. Outro apontamento importante quanto a relevância da pesquisa, diz respeito à escassez de trabalhos científicos que se propuseram à investigação sistemática da história dos divertimentos, de maneira geral e especificamente, quando relacionado à região norte-mineira e anos pretendidos pelo trabalho.

O estabelecimento dos anos de 1926 e 1957, respectivamente início e término da busca de fontes da história aqui pretendida, é justificado pela representatividade da chegada estrada de ferro em 1926 e os festejos do centenário de elevação à categoria de cidade em 1957. Ambos eventos são marcas importantes na esperançosa incorporação de aspectos progressistas para Montes Claros e que de alguma forma influenciaram na dinâmica da cidade. Enfim, buscamos contextualizar a importância e a articulação política para a construção da estrada de ferro como elemento supostamente impulsionador de progresso e com poder para civilizar e modernizar as regiões que ela atendesse. E no outro extremo, 1957, apresentamos a forma como foi construída a ideia de se comemorar o primeiro centenário da cidade, períodos utilizados pela elite local para obter possíveis benefícios.

1926 - A estrada de ferro no Brasil e o ramal para o Norte de Minas: *O maior dia de Montes Claros*⁸

última instância”. Especificamente, elite política foi aqui entendida como a que compreende “[...] os indivíduos que efetivamente exercem o poder político em uma sociedade em qualquer época” (BOTTOMORE, 1965, p.16).

⁸ “O maior dia de Montes Claros” foi a manchete de capa da *Gazeta do Norte*, de oito de setembro de 1926, estampando a inauguração da Estação Ferroviária da cidade pelo ministro da Viação, Francisco Sá.

A implantação e o desenvolvimento do capitalismo pós Revoluções Industriais⁹, modificou a vida com o tempo e com o trabalho. Era preciso ser mais rápido e mais eficaz. Sendo assim, a agilidade no transporte seria um grande propulsor da abertura dos comércios e expansão da informação pelo mundo. Na busca da consolidação do sistema capitalista, o transporte ferroviário interferiria, no final do século XIX e início do século XX, no modo de vida e na forma das pessoas se relacionarem com o tempo e com o espaço. A ferrovia simbolizava descontinuar as formas de vivência pré-capitalista na Europa para um mundo mais unido, progressista e civilizado que o modo de vida capitalista propunha. Assim, a Grã-Bretanha, precursora do livre comércio, intensificou a construção de uma vasta rede ferroviária, estimulou a ramificação da rede na Europa ocidental, Estados Unidos e no resto do mundo. Essa ampliação das estradas de ferro subsidiou o acréscimo do mercado e consumo comercial de uma forma global (LESSA, 1993).

No Brasil do século XIX, período de industrialização embrionária e restrita, além da questão comercial, construir ferrovias fazia parte de um projeto civilizador e de unidade nacional, dessa forma, os planos de interiorizar a rede ferroviária beneficiariam nichos comerciais, como a produção cafeeira paulista, e auxiliariam na vigilância e administração do imenso território nacional. “Por onde passava, o trem trazia consigo a ilusão de que através dele seria possível a todas as classes sociais o acesso à instrução, a anulação de preconceitos e a prosperidade” (BRANDÃO, 2005, p.33).

De 1860 a 1960, mesmo sem atingir o país em todos os cantos, a rede ferroviária penetrou o Brasil em ritmos diversos de construção:

Enquanto na década de 1860 foram assentados 521,4 km de trilhos, na década de 1870 foram construídos 2.653,3 km. O período compreendido entre 1880 e 1920 marcou o auge da *era ferroviária brasileira*. A média de avanço dos trilhos de 125 km/ano entre 1854-1880 atingiria a surpreendente média de 613 km anuais nas quatro décadas seguintes. Dos 3.397,9 km de trilhos assentados em 1880 saltou-se para 28.534,9 em 1920. Nas três décadas seguintes reduziu-se substancialmente o ritmo de expansão ferroviária, média anual de 262,7 km, com a malha ferroviária nacional atingindo 36.681 km em 1950. Se na década de 1950 observou-se persistente crescimento, 165,8 km/ano, a década de 1960 foi marcada por significativa desativação, redução próxima a 20% (BATISTA; BARBOSA; GODOY, 2012, p.8).

⁹ Segundo João Paulo dos Reis Velloso (1994, p.15), “A Revolução Industrial compreendeu, na verdade, três revoluções: a demográfica, a da produção e a do consumo.

A ferrovia adentrou a província de Minas Gerais ainda no Brasil Império. Partindo da Capital Federal, a Estrada de Ferro Dom Pedro II¹⁰ atravessaria a província do Rio de Janeiro e chegaria a Minas Gerais em 1869. Com a Proclamação da República em 1889, instalou-se a Companhia Estrada de Ferro Central do Brasil, renomeando a antiga Dom Pedro II. Ela seria a responsável pela condução dos trilhos por Minas Gerais. A linha do centro de Minas, como ficaria conhecida a direção centralizada que a estrada tomaria pelo estado mineiro, inauguraria diversas estações no início do século XX e só chegaria a Montes Claros em 1926, totalizando mais de 2.000km de extensão (BATISTA; BARBOSA; GODOY, 2012).

Como já vimos, no final do século XIX, Montes Claros detinha a maior importância econômica da região Norte do estado de Minas Gerais e mantinha na pecuária a base do seu desenvolvimento. Consolidava-se, principalmente, abastecendo a população de regiões mineradoras do Estado. Ainda assim, as dificuldades decorrentes da falta de transporte adequado, o contrabando e a sonegação fiscal fizeram com que a região ficasse em desvantagem, se comparada às principais cidades do país. A construção de ferrovias era a solução imaginada para a conexão comercial do Norte de Minas com o sul do Brasil (LOPES, 2000).

O transporte dos bens de consumo da região esteve restrito, por muito tempo, pela cadência limitada dos carros de boi. Tal cenário do final do século XIX é exposto por Antônio Augusto Velloso (1897, p.587): “O commercio de exportação do município de Montes Claros, muito limitado ainda pela dificuldade de transporte, que tudo se faz por meio de tropas e, para poucos pontos, em carros ordinários puxados por bois”. As cidades situadas ao Norte de Minas Gerais mantinham as suas movimentações econômicas polarizadas em feiras regionais (*intendencias*), pois não havia estrada regularmente aberta existente entre as cidades e arraiais, menos ainda, ligações ferroviárias com localidades mais adiantados para facilitar o comércio.

O transporte ficava à cargo dos mascates e tropeiros, como demonstrado por Nelson Coelho de Senna, no primeiro *Anuario de Minas Geraes*, publicado em 1906:

¹⁰O Decreto Imperial nº641, de 26 de junho de 1852, autorizou “[...] o governo a conceder a uma ou mais companhias a construção total ou parcial de um caminho de ferro que, partindo do município da Côrte (actual capital federal), vai terminar nas províncias de Minas-Geraes e S. Paulo. É a origem legal da Estrada de Ferro D. Pedro II, hoje Estrada de Ferro Central do Brazil (VEIGA, 1897, p.439).

Ainda hoje, o sertão-Mineiro, sem viação férrea, sem rios *nevegados* (Salvo o S. Francisco), e afastado longas legoas da civilização de beira-mar, mantém o seu commercio regional por meio de feiras, que, periodicamente se reúnem em Grão Mogol, Montes Claros, Arassuahy (Calhão), Salinas, Fortaleza e outras localidades. A taes feiras concorrem mascates, tropeiros, criadores, muladeiros, pequenos lavradores, e alli, todos fazem excellentes negocios (SENNÁ, 1906, p.349).

Cabe aqui expor que o tropeiro, também chamado caixeiro viajante ou “cometa”, representou por muito tempo o elo entre o mundo externo e o cidadão montes-clarense. Antes da construção de rodovias ou estradas de ferro, eram eles que traziam toda espécie de produtos inexistente na região e propiciavam o acesso a bens de consumo e informações que de alguma forma educava o sertanejo incivilizado. Em certas e determinadas épocas, periodicamente, realizavam as transações que se concluíam na próxima vinda (VIANNA, 1916).

Devido a precariedade das estradas e a difícil locomoção que estas provocavam, os mascates, desde os tempos do Império do Brasil, davam notícias antes mesmo dos serviços de correspondências das cidades, pois eram mais acostumados com as dificuldades da lida com o terreno sertanejo. De acordo com Del Priori (2010, p.19), os mascates, “[c]om seus armarinhos às costas, repletos de produtos comprados às embarcações atracadas no porto do Rio de Janeiro, eles batiam em todas as portas. [...] Quando no interior, levavam novas [notícias] de outras fazendas”. Em Montes Claros, segundo o memorialista Nelson Vianna, a partir dos tropeiros “[...] ouvíamos as mais recentes anedotas, ficávamos sabendo do lançamento da última moda e obtínhamos, embora um pouco atrasadas, as notícias pormenorizadas que nos chegavam dêsse mundão tão longe – bem para lá do [rio] Jequitahy – e que tinha o nome de Belo Horizonte, Rio de Janeiro ou São Paulo...” (VIANNA, 1956, p.257).

Ruth Graça (1986) descreve a rotina do comércio de produtos importados de outras paragens mais civilizadas para Montes Claros, mercado só possível pela ação de tropeiros, “cometas” destemidos que rasgavam o sertão vendendo artigos importados, escassos na região. Eles eram mais do que comerciantes, simbolizavam o lugar mais adiantado na vida de um povo quase inacessível:

[...] para felicidade daquela gente, existiam os “cometas” (viajantes representantes de grandes firmas comerciais idôneas) que traziam tudo do bom e do melhor do Rio, São

Paulo, Bahia, para o nosso comércio, em tropas, nos lombos dos burros, pois vivíamos aqui quase incomunicáveis, pela falta de ferrovias e rodovias.

Esses valentes “cometas” atravessavam vastas extensões desertas, dentro da mata virgem, ouvindo apenas o piado choroso da zabelê e o canto triste do “fogo pago”, num sol e calor estafantes, e muita poeira, até encontrar uma pousada menos agreste, com água, onde pudessem arrancar com sua tropa.

Ao se aproximarem das cidades, a “madrinha” da tropa, à frente dos outros animais, toda enfeitada, com peitoral de prata luzente e o tilintar dos guizos, anunciava sua chegada.

Era uma novidade. Soltavam até foguetes, e a cidade os recebia com festas. Os “cometas”, estes valentes pioneiros das estradas, eram geralmente viajantes traquejados, com alguma cultura, inteligentes, espirituosos, contadores de anedotas e piadas, educados, e traziam grandes novidades das capitais tão distantes da nossa cidade (GRAÇA, 1986, p.46-47).

Numa visão mais sofrida, mas não menos importante, Silveira e Colares (1999, p.119) reconhecem o trabalho árduo e valor do tropeiro de antigamente, que antes da construção de melhores acessos, eram os responsáveis pelo progresso das localidades. Pelas estradas do sertão, “[...] pés queimando na areia quente ou ferindo-se nos cascalhos, por elas passa o tropeiro, iniciando heroicamente o árduo comércio que vai fazer progredir os povoados, as vilas e as cidades, do Brasil Colônia à República”.

Figura 1 - Ilustração do monumento ao tropeiro.



Fonte: Revista Montes Claros, v.1, n.2, p.3, out./1940.

Admitindo a importância do tropeiro na região, a revista *Montes Claros*, em 1940, ou seja, após o advento da estrada de ferro, sugeriu a construção do “monumento ao tropeiro” (FIG. 1), profissional que o trem substituiu e que fazia o *contato do nosso meio com os centros civilizados* em períodos de extrema dificuldade e isolamento.

A revista igualava a figura do tropeiro a personagens icônicos da história local, como o ministro Francisco Sá, o chefe político Carlos José Versiani e o governador Benedito Valadares, [...] *pois foi o tropeiro que fez o contato do nosso meio como os centros civilizados*:

[...] Montes Claros é uma cidade que tem erguido monumentos aos seus maiores benfeitores. Aí vemos a estátua de Francisco Sá, os bustos de Dr. Carlos e Governador Valadares. Devemos ainda uma homenagem ao tropeiro. Sim ao tropeiro, - esse humilde fazedor do nosso bem estar, esse moderno precursor da animação notável que hoje palpita nas indústrias, no comércio de nossa zona. Porque antes da linha férrea, quando, aqui, ainda vivíamos sosinhos e ignorados, sem que ninguém desse por nós, - foi o tropeiro que fez o contato do nosso meio com os centros civilizados. [...] Antes do comboio rápido, muito antes do automóvel veloz, um homem varava as distâncias a pé, tangendo os burros carregados pelo deserto ermo de qualquer recurso, requeimando-se a canícula, marcha à marcha, pisando a poeira do chão escaldante [...] ¹¹.

Em trabalho do início do século XX, Urbino de Sousa Vianna (1916), descrevendo e analisando a região, já deixava explícita a importância de se ter meios de comunicação para a vida econômica de um povo. Entre promessas e empenho dos políticos locais, a linha férrea era o elo que poderia trazer benefícios, entretanto, os planos eram modificados, paralisados e, por futilidades eram removidos ao ritmo que os governos entendessem.

Urbino Vianna demonstrou, há mais de um século, a necessidade da ligação ferroviária de Montes Claros à estação da Estrada de Ferro Central do Brasil mais próxima que, à época, encontrava-se na cidade de Buenópolis, inaugurada a seis de setembro de 1914 e distante 74 quilômetros:

A «estrada de ferro» é a legítima e talvez única aspiração do sertanejo; benefício mais palpável que os governos podem conceder; meio profícuo de se encaminhar rapidamente o progresso, é ella que virá resolver, ou melhor, dar a chave de quanto problema se nos apresenta. Entretanto, modificam-se planos, paralyam-se obras, adiantam-se para as *calendas memoraveis*, o principal elemento impulsionador do nosso engrandecimento, por

¹¹ Revista Montes Claros (MG), n.2, outubro de 1940.

futilidades que seriam removidas se o governo assim o entendesse... (VIANNA, 1916, p.239).

Antes do alerta de Vianna (1916), já se tinha conhecimento da importância de uma ligação férrea com centros mais desenvolvidos, esse tipo de ideia não se constituía uma novidade nas aspirações da região. Então, qual seria a diferença se o Norte de Minas Gerais se interligasse por estrada de ferro com outras regiões do país, ainda no século XIX?

A inauguração do ramal ferroviário montes-clarenses só se daria em 1926, porém, salientamos que as primeiras ideias remontam ao século XIX, ainda no Império, e não são associadas à Estrada de Ferro Central do Brasil (antiga Pedro II), “havia um desejo de nos ligarmos, por linha férrea, pelo menos, a um porto fluvial do (Rio) São Francisco” (BRASIL, 1983, p.60).

Sobre essa época, o memorialista Hermes de Paula (1957, p.28) diz que “[m]ais ou menos em 1889 organizou-se uma sociedade anônima com sede no Rio de Janeiro para se construir uma estrada de ferro ligando Montes Claros a Extrema¹² no Rio São Francisco – Estrada de Ferro Montes Claros”. Porém, “[...] todos os projetos fracassaram” (SILVEIRA; COLARES, 1999, p.62).

Averiguamos em jornais da época, do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, que o projeto citado por Hermes de Paula visava dar acesso, via estrada de ferro, a um porto fluvial no Rio São Francisco, de onde a região poderia escoar sua produção pelo seu leito navegável. Segundo Antônio Augusto Velloso (1897, p.589), esta estrada, “[...] da Extrema a Montes Claros, da qual é concessionária a Companhia Viação Ferrea Sapucahy, cujo traçado é de 150 kilometros e 696 metros, ou vinte e quatro léguas, aproximadamente [...]”, não ligaria Montes Claros ao sul, rumo a Ouro Preto (Belo Horizonte não havia sido construída) ou Rio de Janeiro. Ela seria um dos ramais cogitados para a Estrada de Ferro América do Sul.

A Estrada de Ferro Montes Claros infelizmente não se concretizou. Contudo, foi formalmente autorizada pela Lei Mineira n.2045 de 1873 que concedia garantia de juros, privilégio e outros favores às companhias que se organizassem para construir estradas de ferro: uma delas

¹² A localidade de Extrema, atualmente cidade de Ibiaí-MG, foi elevada à categoria de município pela lei estadual n.2763, de 30 de dezembro de 1962. No final do século XIX, à época do projeto de construção da estrada de ferro de Extrema a Montes Claros, Antônio Augusto Velloso (1897, p.597) descrevera que Extrema era o “[...] único porto do município de Montes Claros no S. Francisco, é uma antiga povoação de não mais de cento e cinquenta fogos e aproximadamente cento e cinquenta, ou vinte e cinco legoas da cidade de Montes Claros”.

seria de Montes Claros ao arraial da Extrema, margem direita do Rio São Francisco (VEIGA, 1897).

O *Jornal do Commercio*¹³, de Pernambuco, de outubro de 1888, 15 anos após a publicação da lei, ainda nos tempos do Brasil Império, noticiou o decreto relativo à estrada, que se conectaria com a Estrada de Ferro América do Sul como um ramal, e ambas começavam a sair do campo das ideias.

Na edição do *Correio Paulistano*, do dia 1º de novembro de 1888, lê-se que estavam autorizados os estudos da *gigantesca via-ferrea do Recife a Valparaiso*, no Chile. Segundo o jornal paulista, a estrada partiria de Recife, no nordeste brasileiro, acompanhando o Vale do Rio São Francisco, referenciada pela sua margem esquerda, até adentrar Minas Gerais pelo Norte de Minas, onde, na altura da localidade de Extrema, poderia receber a conexão da estrada originária de Montes Claros:

Das províncias centraes é a de Minas-Geraes a que deve ser cortada em maior extensão na direcção norte para o centro e oeste, não ficando muito aquém de 1000 kilometros, terreno a percorrer no qual, mais ou menos proximos á grande via-ferrea ficarão os municípios de Januaria, S. Francisco, Montes Claros, Diamantina, Guaycuhy, Abaeté, Pitanguy, Curvello, Uberaba, Araxa, Sacramento, Patrocínio, Bagagem, Patos, Paracatú, etc., região toda riquissima e povoada¹⁴.

O gigantesco empreendimento da Estrada de Ferro América do Sul simbolizaria um país rumo ao progresso, como noticiaram os jornais *O Arauto de Minas*¹⁵ e *Provincia de Minas*¹⁶, de outubro e novembro de 1888, respectivamente. Estava indicado que a cidade de Montes Claros poderia se interligar a uma estrada férrea por estar próxima à grande via-férrea América do Sul, e

¹³ *Jornal do Commercio* (PE). Segunda-feira, 22 de outubro de 1888, p.2. Seção Notícias Varias. “Diz-se que estão preparados todos os elementos para a expedição do decreto relativo á grande estrada de ferro América do Sul”.

¹⁴ *Correio Paulistano* (SP). Quinta-feira, 1º de novembro de 1888, p.1. Seção Boletim. O jornal *Correio Paulistano* foi “[...] lançado no dia 26 de junho de 1854 em São Paulo. Foi seu fundador Joaquim Roberto de Azevedo Marques, proprietário da Tipografia Imparcial, e seu primeiro redator Pedro Taques de Almeida Alvim. Deixou de circular em 1963” (CPDOC-FGV).

¹⁵ *O Arauto de Minas* (MG). Sexta-feira, 05 de outubro de 1888, p.1. “[...] o Brazil que acaba de ver cair os grilhões da escravidão nas ruínas do passado e que prepara-se para enveredar pelo futuro, tem de prestar alta homenagem aos empresários da estrada de ferro América do Sul”.

¹⁶ *Provincia de Minas* (MG). Sexta-feira, 09 de novembro de 1888, p.3. “[...] serão convergentes a esta linha varias estradas de ferro ja em trafego; que outras, facilmente prolongadas, a ella se ligarão, e que muitas novas impor-se-hão como necessidade indeclinavel e com favoravel aspecto; que dest’ arte estabelecer-se-ha intima ligação entre as províncias e a capital do Imperio”.

tal proximidade justificava a construção da Estrada de Ferro Montes Claros, anteriormente citada por Hermes de Paula.

O projeto de ligação de Montes Claros ao Rio São Francisco começou a se desenvolver em setembro de 1889, quando o Banco União do Crédito emitiu para subscrição *as 15.000 acções da Companhia E. F. Montes Claros*¹⁷. No dia seguinte, em *acta da sessão de installação da assumbléa geral da Companhia Estrada de Ferro Montes Claros*, publicada no *Jornal do Commercio*¹⁸, os acionistas do Banco União do Crédito, aclamaram presidente da companhia o *Sr. Dr. Theodoreto Carlos de Faria Souto*.

Menos de um ano após a instalação da companhia, o jornal carioca *Gazeta de Notícias*¹⁹ noticiava as primeiras providências para a construção da ferrovia. Corroborando com o memorialista Hermes de Paula (1957, p.147): “[...] em 1890, estiveram aqui alguns engenheiros estudando a Estrada de Ferro Montes Claros, chefiados pelo Dr. Teófilo Benedito Otoni”. No ano seguinte, 1891, soube-se através de telegrama da capital mineira, Ouro Preto, *que foram aprovados os estudos da estrada de ferro de Montes Claros*²⁰.

Apesar das reuniões e estudos, os trilhos não chegaram e nem saíram de Montes Claros no final do século XIX. Apenas alguns fragmentos da estrada América do Sul em outras regiões foram construídos. Possivelmente, por questões econômicas e políticas, na transição Monarquia para República, o projeto fracassou. “Não se sabe, ao certo, por que motivo, presumindo fosse o suporte financeiro, a idéia não se consumou” (BRASIL, 1983, p.60).

Finda a primeira tentativa, seria preciso outro levante para a construção da ligação ferroviária entre Montes Claros e o sul do país.²¹ Com muita dificuldade, inclusive com a união das forças políticas contrárias da cidade, que sempre se opunham aos projetos dos adversários, caberia à Estrada de Ferro Central do Brasil a tarefa de desbravar rumo a Montes Claros nos anos 1920.

¹⁷ Revista de Engenharia (RJ). Sábado, 28 de setembro de 1889, p.215.

¹⁸ Jornal do Commercio (RJ). Terça-feira, 24 de setembro de 1889, p.4.

¹⁹ Gazeta de Notícias (RJ). Sexta-feira, 27 de junho de 1890, p.1. “Os engenheiros, Drs. Theophilo Otoni e Ludgero Dolabella vão por estes dias proceder, com o pessoal completo, os estudos definitivos da estrada de ferro Montes Claros”.

²⁰ Gazeta de Notícias (RJ). Sexta-feira, 05 de junho de 1891, p.1.

²¹ Mais sobre a Estrada de Ferro Montes Claros, ver Silva e Alves (2016).

“Mesmo antes da chegada das linhas da Estrada de Ferro, Montes Claros já era importante para o comércio regional, pois para lá convergiam, em primeira mão, mercadorias dos vários municípios” (OLIVEIRA, 2000, p.33). Sobre a rotina comercial da cidade nos anos 1920, anterior ao transporte ferroviário, observamos o cenário através das memórias de Nelson Vianna, quando ele demonstra o hábito polarizado no comércio, conduzido no lombo dos animais, e a inflação causada pelos milhares de trabalhadores da construção da ferrovia que rasgava a região:

Na ocasião, a Central do Brasil ainda não havia sido inaugurada em Montes Claros. Assim, a população só adquiria gêneros de primeira necessidade produzidos no próprio município, transportados pelos produtores, no lombo dos animais, para o Mercado Municipal, no dia de feira. Além do mais, sofriam os montesclarenses a dura concorrência dos “tarefeiros” que construíam os trechos do chamado ramal de Montes Claros, os quais aqui vinham abastecer-se para o fornecimento a milhares de trabalhadores, comprando sem olhar o preço, dando em resultado uma desordenada elevação nos custos dos gêneros alimentícios (VIANNA, 1972, p.92).

No comércio de Montes Claros, apesar da existência de armazéns regularmente sortidos, sofria-se com a lentidão da viagem à tração animal para a sua manutenção e reabastecimento, levava-se dias de viagem. Assim, numa localidade que já se destacava por ser referência regional de comércio, a chegada da estrada de ferro daria mais velocidade, *facilitando tudo*, como nos indicou Urbino Vianna (2016):

É commercio movimentado em geral, quer na compra, quer na venda, e mais sel-o-á ainda quando chegar o *trem* de ferro, facilitando tudo. Hoje, como já falamos, se viaja por Buenopolis ou Varzea da Palma (E.F.C. do B.), sendo a conducção por meio de cargueiros ou carro de bois e carroças, estes levando 12 dias, aquelles 9 dias, custando o transporte de um ou do outro 1\$500 ou 2\$000 por 15 kilos (ou arroba). [...] É de grande futuro o commercio de Montes Claros, pois abrange zona vasta e inexplorada por outros centros, vindo estes se abastecerem na cidade, que adquiero foros de barateira (VIANNA, 1916, p.238-239).

Montes Claros se consolidou com polo influente no Norte de Minas, mas, ainda assim, sempre esteve associada a pobreza e ao coronelismo²² político. O progresso e a civilidade que

²² Na vida política do interior do Brasil “[...] o “coronelismo” é sobretudo um compromisso, uma troca de proveitos entre o poder público, progressivamente fortalecido, e a decadente influência social dos chefes locais, notadamente dos senhores de terras. Não é possível, pois, compreender o fenômeno sem referência à nossa estrutura agrária, que fornece a base de sustentação das manifestações de poder privado ainda tão visíveis no interior do Brasil” (LEAL,

provavelmente a ferrovia traria para Montes Claros, parecia ter o poder de tirar a cidade de certo isolamento e atraso. Sobre o cenário regional do início do século XX, Figueiredo (2010) o expõe desolador:

O norte de Minas, lugar distante, pobre e relativamente isolado, se tornou para muitos um típico exemplo de terra de coronéis. De fato, as condições socioeconômicas do sertão mineiro, desde a sua ocupação até pelo menos o final da década de 1920, sempre apresentaram índices inferiores às áreas mais prósperas do estado. Isto é, em termos econômicos, a área se manteve predominantemente associada as atividades primárias de caráter agro-pecuário (FIGUEIREDO, 2010, p.161).

Neste panorama, a expectativa da chegada da “ponta dos trilhos” alimentava o imaginário local, pois, supostamente, tinha o poder de civilizar. Havia uma esperança na locomotiva que arrancaria a cidade do atraso e possivelmente a impulsionaria para o desejado progresso, já sentido em outras regiões do país.

O sentimento ficaria mais forte por ocasião da inauguração da estação ferroviária da vizinha cidade de Bocaiuva. No dia sete de junho de 1924, o ministro da Viação, Francisco Sá, após cumprimento da agenda oficial em Bocaiuva, visitou Montes Claros em comitiva. O Ministro, “[...] um filho do Norte de Minas, homem de talento e visão, conhecedor que era do futuro promissor que oferecia a região Norte-Mineira” (BRASIL, 1983, p.60), determinou a continuidade da construção dos trilhos de Bocaiuva para Montes Claros “[...] e, como o povo esperava essa promessa, foi recebido com grandes homenagens” (SILVEIRA; COLARES, 1999, p.63).

No discurso da *Gazeta do Norte*, evidenciamos a expectativa da integração da região *no organismo de Minas* pelo transporte ferroviário: *Atè que enfim se ruma para o Norte, onde è fértil a terra, e a gente è forte [...]*. Na poesia da *Gazeta do Norte*, em 1924, ou seja, dois anos antes do trem aportar em Montes Claros, a certeza de que a estrada de ferro iria *penetrar a fundo o sertão esquecido*:

Não vae, nesse asserto, o minimo exaggero.

1978, p.20). Na relação entre as elites políticas dominantes e os menos privilegiados da cidade de Montes Claros, o “[...] coronelismo é entendido como uma relação de dependência que se manifesta através de favores e se perpetua por meio de compromissos que mantêm a dominação política das elites econômicas sobre a população” (PEREIRA, 2001, p.3).

O ramal de Montes Claros, no consenso unanime de todos os bons patriotas, deixa de representar um pequeno, embora respeitável interesse regional, para consubstanciar em si toda a grandeza de uma premente causa nacional. Quando o caminho de ferro, que já se vae no visinho município de bocayuva, penetrar a fundo no sertão esquecido, toda esta immensa extensão territorial que ás mas estradas e as longas distancias desligam dos centros mais cultos do paiz, será, então verdadeiramente integrada no organismo de Minas, a que trará o fortalecimento do seu já notavel valor economico, representado na sua variada e cada vez maior produção, que, certamente há de multiplicar-se pela facilidade do transporte²³.

Existia um sentimento de que a imagem civilizatória e modernizante poderia ser propiciada pela estrada de ferro, e a cidade de Montes Claros ansiava pela sua chegada há tempos. Brito (2006) demonstra o contraste vivido à época, do novo que ainda estava por vir frente a uma cidade passiva e de infraestrutura precária, ao mesmo tempo, sonhando com o progresso que o trem traria:

A idéia de conquista, de unidade, de rapidez, de civilização se difundia em cada canto da cidade. Era o momento de imaginar e sonhar com as mais surpreendentes descobertas e inovações. Era difícil a convivência com esses novos valores, mas a imagem de progresso, vendida pela classe dominante, levava à conformação e à passividade. Nada como imaginar uma cidade civilizada, com educação para todos, uma cidade iluminada, com água em suas portas, a comunicação ao alcance de todos, com ruas calçadas, novos “lâmpioes”, novas construções, carros ao invés de burros e, por fim, chegar ao ápice do progresso que seria ouvir o apito do trem (BRITO, 2006, p.94).

Mais de 30 anos após as primeiras ideias de uma ferrovia que chegasse a Montes Claros, se aproximava o grande dia: “Nunca houve para Montes Claros um mês de agosto tão lindo como aquêlo do ano de 1926, nem época tão amável como a da expectativa da próxima inauguração da Central do Brasil, na cidade” (VIANNA, 1956, p.156). A emoção da chegada da primeira locomotiva só poderia ser demonstrada por quem viveu o momento e, nesse particular, Nelson Vianna (1972) a demonstrou assim:

No dia 20 de agosto de 1926, a cidade amanheceu assanhada. Era véspera da inauguração do lastro. - Amanhã, se Deus quiser, já ouviremos aqui o apito do trem de ferro... – diziam jubilosos os montesclarenses. Havia uma espécie de sofreguidão, de nervosismo. Em frente da Estação, era um cerradão bêsta, ainda cheio de bate-caixas, anguinhos e pequizeiros, onde se notavam restos das cercas divisórias entre manguinha do Daniel Costa e a chácara do Agostinho Alvarenga. Isto, para não mencionar umas barrocas

²³ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 07 de junho de 1924, p.3.

intransponíveis, chamadas pelo povo *Engana-muié* e que impediam a passagem de quem dali se destinasse ao Roxo Verde. Aqueles gerais foram-se enchendo pela tarde. Pessoas desinsofridas caminhavam grandes distâncias, umas desejando conhecer a máquina, outras querendo saber onde ela já se encontrava, transportando o material. Passadas horas, voltavam esfalfadas, cobertas de suor, anunciando:

- Envém no rumo do Felipe Vermelho...

- Chegou em frente do Morrinho!

- Mamães, o trem já tá entrano no Cecé...

- Me respeita, Zequinha! O'xentes! Que menino que está ficando “mais impossível...”

E todo mundo de cá, só olhando para o fim do leito, até onde a vista alcançava, tudo ainda deserto. Em determinada hora, porém, aumentou o zum-zum, elevou-se o vozerio. É que começaram a aparecer na curva os trabalhadores disciplinados, Cattoni à frente, todos avançando com dormentes e trilhos! - *Montes Claros!* Naquele mesmo dia às 6 horas da tarde, o Dr. Pires e Albuquerque, Sub-diretor da 6ª Divisão, acompanhado de vários engenheiros, entrava em carro de inspeção, parando em frente à gare, sob delirantes aplausos. 21 de agosto. A Estação da Central, ainda inacabada, mas com aspecto festivo, achava-se toda engalanada para as solenidades daquele dia. A porta principal, com os lados ocultos por arcadas de bambus, tinha encima, bem no centro, um grande e imponente escudo com o nome do Ministro Francisco Sá em letras de ouro, ladeado por dois outros, com os nomes dos engenheiros Pires e Albuquerque e Ajax Rabelo. Bandeirinhas de várias cores, movidas pelas auras próprias do mês, agitavam-se alegrando as vistas da numerosa assistência. E o povão aumentando, crescendo sempre. Nunca se poderá saber de onde brotava tanta gente! Eram precisamente duas horas da tarde quando, toda ornamentada de bandeirolas e fitas vistosas, enfeitada de ramos e de flores silvestres, a maquinazinha surgiu na curva e veio avançando, apitando fininho, até parar definitivamente em frente da Estação, sob a vibração de um dobrado, o espoucar de foguetes e rojões, ruidosas e entusiásticas aclamações, e estrondosa salva de palmas de milhares de espectadores entusiasmados. Acabava, enfim, de ser inaugurado o lastro da Central do Brasil em Montes Claros. Pode alguém até julgar que houve engano da minha parte, mesmo porque eu estava com a vista um tanto embaçada – mas pareceu-me que, naquele instante, várias pessoas, extremamente sensíveis e emocionáveis, tinham os olhos rasos de água... (VIANNA, 1972, p.61-63).

Oficialmente a estação da Estrada de Ferro Central do Brasil em Montes Claros seria inaugurada no mês de setembro de 1926. Jornais de São Paulo²⁴ e do Rio de Janeiro²⁵, à época, noticiaram a expectativa local sobre o evento. A “ponta dos trilhos”, almejada há anos pela cidade, era considerada o símbolo maior de futura civilidade e progresso do comércio local e regional, a partir da sua implantação.

Porém, numa cidade dividida politicamente entre dois grupos, *Partido de Baixo e Partido de Cima*, deveria eleger uma liderança de consenso para que as forças, que normalmente

²⁴ Correio Paulistano (SP). Quarta-feira, 28 de julho de 1926, p3. “Nos primeiros dias de agosto dar-se-á a inauguração do ramal de Montes Claros, no norte de Minas, servindo uma riquíssima zona agrícola e pecuária do grande Estado central [...]”.

²⁵ A União (RJ). Quinta-feira, 26 de agosto de 1926, p3. “[...] velha e justa aspiração dos habitantes de ricas e importantes localidades do norte de Minas”.

eram contrárias, se unissem em prol da construção da estrada de ferro. Assim, a figura do Cel. Antônio Pereira dos Anjos foi o elo possível entre as classes políticas inimigas, que “[...] viam nele o homem adequado para preparar a cidade para a chegada da ferrovia, além de em torno da união ao seu nome, poder congregar os grupos políticos locais” (PORTO, 2002, p.80).

Eleito vereador em 1922, o Cel. Antônio dos Anjos tomou posse em dezembro do mesmo ano²⁶. No ano seguinte seria escolhido presidente da câmara e, por consequência, desempenharia a função de agente executivo (OLIVEIRA, 1994): “Teve sempre atuação destacada em todos os empreendimentos coletivos para o bem do município” (PAULA, 1957, p.174). Devido a sua habilidade na composição política dos anos vinte montes-clarenses e articulação para a construção da ferrovia,

[...] sua imagem estará ligada aos elementos do progresso, pois foi em sua gestão à frente da câmara municipal que os preparativos para a chegada da ferrovia aconteceram, juntamente com as solenidades que marcaram as festas por ocasião da inauguração. No entanto, para que pudesse preparar a cidade para os festejos que comemorariam a chegada da locomotiva, teve que administrar o conflito existente na política local (PORTO, 2002, p.106).

A expectativa pela ferrovia era sempre explicitada pela *Gazeta do Norte* como o empreendimento que capitalizaria a esperança do progresso para Montes Claros, como em julho de 1926:

A chegada da Central á M. Claros
Será este, não há duvida, o maior acontecimento na vida de Montes Claros, o seu maior dia, esse em que, inaugurado seja o trecho de Bocayuva a esta cidade, ligando-a aos demais centros civilizados do mundo. É uma nova era também, a inaugurar-se para o nosso povo que recebe uma injeção de vida nova, tornando-o apto aos grandes commettimentos que trazem o desenvolvimento economico a uma região²⁷.

Enfim, no dia primeiro de setembro de 1926, *por ocasião da chegada do sr. Ministro da Viação*, Francisco Sá, em comitiva a Montes Claros, seria inaugurada a Estação Ferroviária de Montes Claros (FIG. 2). Entre inúmeras atividades festivas programadas, estava marcada para as

²⁶ A Ordem (MG). Quinta-feira, 28 de dezembro de 1922, p.1.

²⁷ Gazeta do Norte (MG). Quarta-feira, 21 de julho de 1926, p.1.

12 horas, inauguração oficial da estação de Montes Claros²⁸. Depois da inauguração formar-se há majestoso cortejo que acompanhará o snr. Ministro e sua exma. senhora ao local onde vão ficar hospedados – o Palácio Episcopal²⁹. Francisco Sá ficaria conhecido como um grande benfeitor para a cidade pois, “Montes Claros ia experimentar o cumprimento e a realização de um sonho, há tempo acalentado” (BRASIL, 1983, p.60).

Figura 2 - Estação ferroviária de Montes Claros, em 1926.



Fonte: Álbum “Memória de Montes Claros” (MARQUES; MARQUES, 1989).

O memorialista Nelson Vianna (1964) descreve o grande dia para a cidade em 1926 e a festa para o ministro “filho da terra”:

O Ministro da Viação, Francisco Sá, partindo de Bocaiuva com sua comitiva em trem oficial, inaugura sucessivamente as Estações de Engenheiro Dolabela, no quilômetro 1.058; Pires e Albuquerque, no quilômetro 1.075; Juramento, no quilômetro 1.088 e Antônio Olyntho, no quilômetro 1.107, chegando ao final dos 72 quilômetros de percurso de Bocaiuva a Montes Claros, isto é, à Estação desta última cidade, às 14 horas e 10 minutos. [...] Milhares e milhares de pessoas que aguardavam a chegada do especial na esplanada, prorromperam em delirantes aplausos e aclamações a nome do grande Ministro [...] (VIANNA, 1964, p.429).

²⁸ Correio Paulistano (SP). Sábado, 03 de setembro de 1926, p2.

²⁹ Gazeta do Norte (MG). Segunda-feira, 30 de agosto de 1926, p.2.

“Uma brisa renovadora parecia envolver a cidade cariciosamente – e havia a firme confiança alojada no íntimo de cada habitante quanto ao futuro imenso que se abriria para êsse colosso de terra ubérrimas, quase inexploradas, de possibilidades imprevisíveis” (VIANNA, 1956, p.156).

Com a estrada em pleno funcionamento, sabia-se que o trem mexeria com a rotina das pessoas e daria velocidade aos acontecimentos pois, nas “[...] regiões por onde passavam os trilhos tiveram o seu crescimento econômico favorecido. Muitas comunidades e manufaturas se desenvolveram ao redor das estações” (FONSECA, 2010, p.137), “[a] partir do transporte ferroviário, a cidade organiza melhor sua economia, o que se desdobra na ampliação do sistema financeiro regional ao final dos anos 20” (OLIVEIRA, 2000, p.40). E se durante anos estiveram dependentes dos tropeiros, viajantes responsáveis pelas trocas comerciais da região, poderiam com a ferrovia se interligarem com cidades mais adiantadas. “Acreditava-se que a simples chegada dos trilhos à região a integraria, definitivamente, na rota dos grandes mercados nacionais do sul e do norte” (FIGUEIREDO, 2010, p.98).

O que se esperava, após a instalação da ferrovia que ligaria Montes Claros ao sul do país, era que ela “[...] se livraria da imagem de cidade sertaneja, pobre e atrasada e fadada ao fracasso, como se pensava na época. Ou seja, deixaria de se pensar como uma cidade nordestina e começaria a se imaginar como uma cidade propensa ao progresso, como são representadas no imaginário social as cidades do Centro-Sul do país” (QUERINO, 2006, p.159).

Albuquerque Júnior (2011), em contraponto ao que indica Querino (2006), defende que a identidade nordestina teria sido “inventada” pela imprensa do Sul do país e por intelectuais literatos da segunda metade do século XIX e início do século XX. Segundo ele, o discurso da seca expôs o Norte como uma região inferiorizada, de condições climáticas e raça impróprias ao desenvolvimento. Desta forma, a solução formulada pelo Estado era incentivar a política de imigração para o Sul, principalmente para São Paulo, responsável pela modernização dos necessitados.

São essas imagens que impregnam o próprio Nordeste em construção, Nordeste das “áreas sedentas e implacáveis, onde o amor violento do sol trazia o vasto campo fendido e cortado em pedaços sem um fio de verde; por toda parte a secura e com ela a morte. Nem uma

gota d'água para refrescar ao menos a vista". Um Nordeste onde “de espaço em espaço surge o deserto árido e triste e sobre ele se arrastando longos, esguios e sinuosos os caminhos feitos pelos pés dos homens e pelo rastro dos animais, esqueléticos, movendo os ossos num ruído desencontrado (ALBUQUER JÚNIOR, 2011, p.75).

Portanto, como afirma Albuquerque Júnior (2011), a construção da imagem do Nordeste caótico ainda se consolidava (ou se inventava) nos anos 1920, ao passo que se constituía a imagem modelo e civilizada do Sul do país. Assim, o determinismo de Querino (2006) deve ser relativizado pois, mesmo sertaneja, Montes Claros não se caracterizava decadente, ideia que ainda estava sendo construída junto à do Nordeste.

Numa perspectiva mais próxima e esperançosa, “O milagre norte-mineiro” é o título da crônica do literato montes-clarense Cyro dos Anjos³⁰, para demonstrar o “vertiginoso” desenvolvimento da região norte-mineira, cinco anos após a chegada da estrada de ferro:

Dizem que, no mundo inteiro, só uma estrada de ferro se construiu tão rapidamente e com tanta perfeição como esse ramal. Montes Claros continuou firme, apromptando as energias para receber o formidável choque que é a chegada rápida de uma ferrovia. Quando a cidade recebeu o ramal o Norte todo estremeceu violentamente. A produção duplicou. O commercio estourava de movimento³¹.

Porém, a associação progressista imediata relatada por Cyro dos Anjos, não era assim tão evidente; a revolução urbanística e dos hábitos sonhada e prometida caminhou lentamente e atingiu pouca gente. Claramente Montes Claros cresceu, foram inúmeras as evidências da evolução local: abastecimento de água, bancos comerciais, escolas, clubes sociais, transporte aéreo, entre outras, mas nem de longe atingiu o esplendor do ideal progressista que propusera seus governantes de outrora (BRITO, 2006).

A *Gazeta do Norte*, em 1929, noticiou: “Com a chegada dos trilhos da Central do Brazil a esta cidade, a urbs foi-se transformando rapidamente, tomando a cidade um aspecto de verdadeira Princesa do Norte”³². Além do jornal da época, Gomes (2007, p.63), sustenta que “[...] a ferrovia

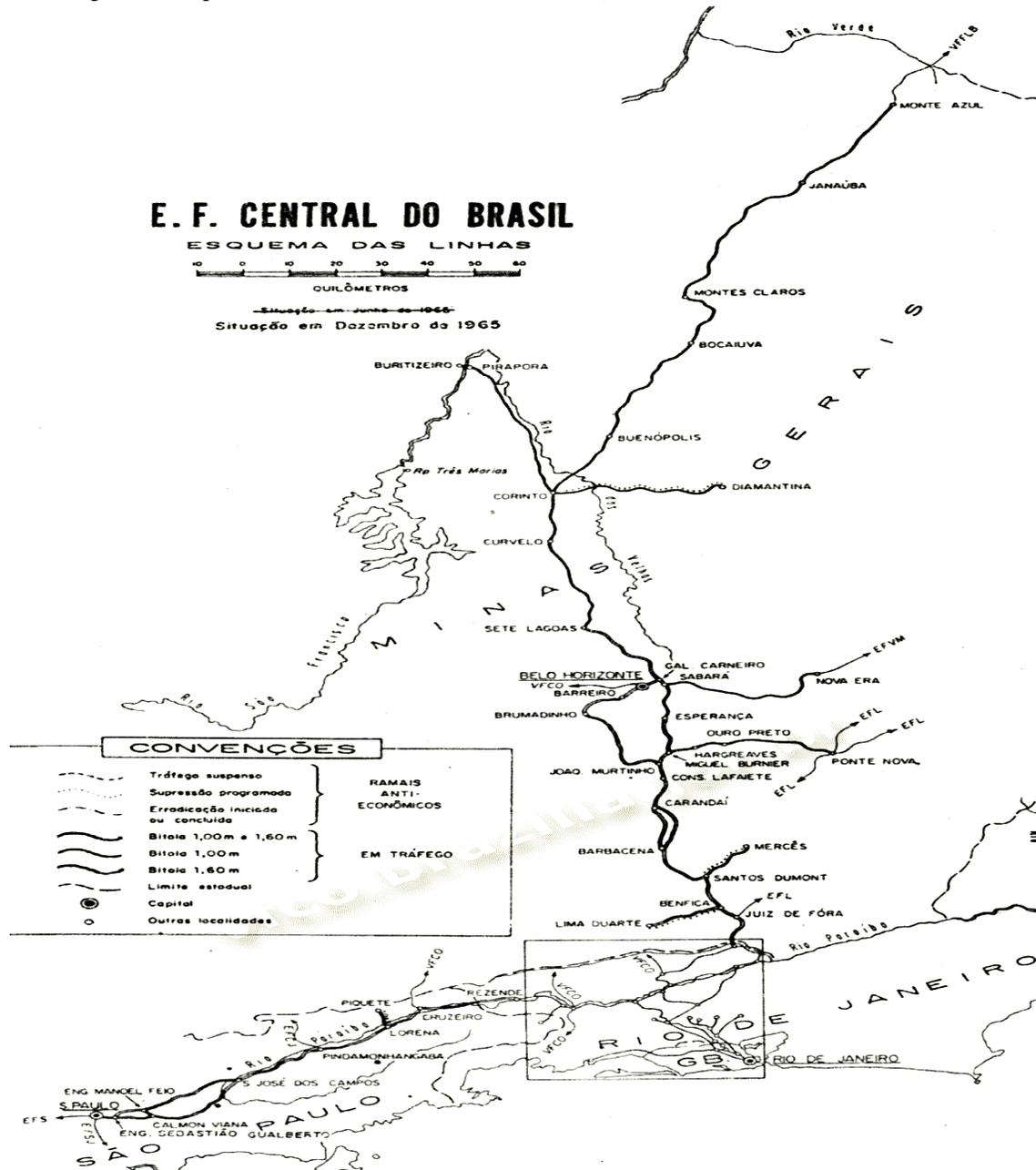
³⁰ Filho do Cel. Antônio dos Anjos, um dos articuladores da construção da estrada de ferro para o Norte de Minas, o montes-clarense Cyro Versiani dos Anjos (1906 – 1994) foi professor, cronista, romancista, ensaísta e memorialista. Exerceu diversos cargos públicos em Minas Gerais e foi Subchefe da Casa Civil da Presidência da República no governo de Juscelino Kubitschek (ALVES; SILVA, 2017).

³¹ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 2 de agosto de 1930, p.1.

³² *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 25 de maio de 1929, p.1.

propiciou significativas mudanças na cidade e sociedade montesclarenses, devido ao maior acesso às informações (correio, revistas, jornais) que antes eram trazidas pelos tropeiros [...]” (GOMES, 2007, p.63).

Figura 3 - Mapa da Estrada de Ferro Central do Brasil (Do Rio de Janeiro a Monte Azul-MG).



Fonte: Disponível em: <<http://vfco.brazilia.jor.br/ferrovias/mapas/1965-Estrada-de-Ferro-Central-do-Brasil.shtml>>. Acesso em: 19 abr. 2016.

Entretanto, com o passar dos anos, arrefeceu-se a euforia do progresso imediato que a “ponta dos trilhos” traria, mas, na imprensa, notar-se-ia que o trem proporcionaria novos hábitos e influenciaria, direta ou indiretamente, novos divertimentos a se desenvolverem na cidade, casos marcantes do cinema e do futebol.

1957 - O centenário de elevação à cidade - Montes Claros³³

Apontado na história local como um ano de destacada importância, 1957 também indicou o ponto limítrofe superior da imersão às fontes jornalísticas que subsidiaram o trabalho. Este ano foi estabelecido como o ponto de encerramento das coletas devido à grande quantidade de informações e por acreditarmos que os objetivos já haviam sido alcançados ao se atingir as notícias de 1957. Além disso, cabe-nos ressaltar mais uma vez que, 1957 representou a busca/esperança por dias melhores na cidade e a introdução de aspectos ditos modernos.

Na sua trajetória histórica, os anos 1950 tornar-se-iam outro marco histórico na idílica esperança de desenvolvimento da vida no sertão. Neste outro período, a “festa do centenário da cidade, [em 1957], é que será um marco na reconstituição do espaço urbano, no sentido de sua readaptação às exigências do mercado e da projeção da imagem do progresso, da civilização e, agora, do desenvolvimento” (QUERINO, 2006, p.175).

Porém, os supostos objetivos não seriam alcançados, ou não atingiria o povo sertanejo e sofrido. Arquitetado pela elite dominante (políticos, fazendeiros e comerciantes), “[...] o Centenário não logrou êxito como mecanismo de atração de investimentos. Para Montes Claros, o entusiasmo dos anos 50 não se materializou” (PEREIRA, 2002, p.206).

Em reportagem do jornal carioca *A Noite*³⁴ de 1957, sobre o censo estimativo populacional brasileiro de 1955, dos 485 municípios mineiros, 40,82% tinham menos de 10 mil habitantes e o Estado contava com mais de 8 milhões. Entre as cidades mais populosas constavam Belo Horizonte e Juiz de Fora, com 480.612 e 135.736 habitantes, respectivamente, e entre as dez maiores, Montes Claros continha 68.971 habitantes.

³³ Mais sobre o tema “Centenário de Montes Claros”, ver Alves e Silva (2017).

³⁴ *A Noite* (RJ). Terça-feira, 21 de maio de 1957, cad.1, p.2.

Mesmo sendo difícil contextualizar o crescimento da população montes-clarense, pois houve vários desmembramentos de municípios que se emanciparam ao longo dos anos, Nelson Vianna (1964) demonstra a inversão da quantidade de habitantes por zona, modificando de cidade predominantemente rural para urbana, no decorrer dos anos 1950. Segundo o memorialista, no recenseamento de 1945, em Montes Claros havia 29.082 habitantes, desses, 13.768 estavam na zona urbana e 15.314 na zona rural. O cenário característico, até então, se inverteria no recenseamento de 1960³⁵, nele, o distrito de Montes Claros contava com 68.275 habitantes, 40.454 estavam na zona urbana e 27.730 na zona rural.

Importante perceber a transição de rural para urbana na concentração populacional de uma cidade, pois, após essa passagem, aspectos da vida moderna poderiam se manifestar com mais intensidade. Nesse processo de modernização, “[...] a urbanização deixa de ser apenas um processo de adensamento populacional em determinadas cidades, dando início a um processo mais amplo”, que “[...] promoveu alterações nos costumes e hábitos das populações urbanas, ao introduzirem novas ideologias e novos valores que veiculavam práticas tidas como “civilizadas”, cujas origens eram europeias” (SIQUEIRA, 2008, p.1).

Até o final da década de 1950, apesar do explícito descompasso no processo de modernização brasileiro, o país “[...] já se encontrava bastante mudado e caminhava rápido para o fim do predomínio do mundo rural, pois a urbanização crescia de modo acelerado” (SIQUEIRA, 2008, p.7). Em Montes Claros, ao passo que a população da zona urbana se evidenciava em relação a rural, acontecimentos característicos do desenvolvimento vão se despontando na cidade, caso da luz elétrica, serviço telefônico e água encanada. Nesse processo de civilidade, os divertimentos ditos modernos também poderiam aparecer e se desenvolver, como cinema, futebol e outras vivências.

Em nível nacional, os anos 1950 foram caracterizados como um período raro de democracia na política no Brasil até então. Foram realizadas eleições diretas para presidente em 1950 e 1955, sendo eleitos Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek de Oliveira, respectivamente. Na economia, o Brasil ainda era marcado por ser “[...] uma sociedade agropastoril, com pauta de

³⁵ As cidades de Juramento e Mirabela (antigo distrito de *Bella Vista*) foram desmembradas de Montes Claros e elevadas à categoria de cidade nos anos de 1953 (Lei Estadual n.1039) e 1962 (Lei Estadual n.2764), respectivamente.

exportações dominada por produtos primários, tais como café, açúcar, minério de ferro, fumo, carne. E aqui e ali, pequenas ilhas de desenvolvimento” (NORONHA, 2001, p.26).

Já a cidade de Montes Claros, naquele momento, já estava ligada com o sul e o nordeste pela ferrovia Central do Brasil. Contava com a inconstante e frágil energia elétrica fornecida pela Central Hidroelétrica de Santa Marta; se gabava por ter um sistema de tratamento e distribuição de água, sonhado desde o século XIX e ampliado na administração do prefeito Alfeu de Quadros (1947-1950); na educação, contava com escolas de ensino elementar, os chamados grupos escolares, a maioria deles sob responsabilidade do município, uma Escola Normal para o ensino médio, um seminário, um colégio fundado e comandado pelas Irmãs do Coração de Nossa Senhora, atualmente Colégio Imaculada Conceição; na segurança pública, contava com uma delegacia de polícia e era sede de comarca jurídica. No seu parque industrial existiam pelo menos oito indústrias, sendo a maioria delas empreendimentos privados sem subvenções governamentais. Sua rede bancária constava de pelo menos 15 agências bancárias. No centro da cidade um mercado municipal, que recebia e comercializava a produção das localidades próximas da cidade; exportava um sem número de produtos, a maior parte deles de origem animal ou agrícola e importava principalmente produtos industrializados (PAULA, 1957).

“Os traços modernos adquiridos pela cidade, entre 1940 e 1960, dizem respeito ao crescimento dos setores de comércio e serviços, indicando a ampliação do espaço urbano e o incremento do aparato institucional” (OLIVEIRA, 2000, p.55). Ainda assim, a sensação propagada no início dos anos 1950 era de uma cidade isolada, ideia disseminada principalmente pela classe política local, talvez almejando que o ilustre governador norte-mineiro, JK, futuro candidato à presidência, favorecesse Montes Claros ou a eles próprios de alguma forma.

Naquela ocasião, muito reclamavam os políticos mantescclarenses e norte-mineiros da situação de abandono a que estava relegada a região por parte dos Governos do Estado de Minas Gerais. JK surgiu então como a chance de aproximação e da conquista de benefícios e verbas para a região provenientes do governo estadual e, depois, quando da sua eleição para a chefia do executivo nacional, do governo federal (QUERINO, 2006, p.176).

Com a ascensão política de Juscelino Kubitschek, primeiro como governador de Minas Gerais e depois como presidente do Brasil, inaugurou-se um plano ousado de desenvolvimento econômico que inflou os ânimos de regiões pobres, como o Norte de Minas Gerais, com o lema

“50 anos em 5”. “O otimismo e a liderança do presidente, a postura de quem realmente seguia em frente com seu projeto, e sua crença de que o Brasil poderia, sim, deixar de ser subdesenvolvido mudaram de vez a “cara” da nação” (NORONHA, 2001, p.26).

Sabedores da oportunidade, a elite política montes-clarense mobilizou-se para atrair as atenções, pois a ideia desenvolvimentista de JK representava uma suposta esperança para o desenvolvimento local que culminaria com os festejos do aniversário da cidade (FIG. 4). Segundo Pereira (2001, p.2-3), “[a]s elites locais, predominantemente agrárias, mobilizaram-se para inserir o município nos programas de investimentos públicos. O mais significativo desses esforços políticos foi a festa do centenário da cidade comemorado a 03 de julho de 1957”.

Figura 4 - Desfile comemorativo do Centenário da cidade em 1957.



Fonte: Arquivo pessoal de Dário Teixeira Cotrim.

Na esteira do Plano de Metas de JK, “50 anos em 5”, os governantes de Montes Claros, objetivando criar um marco histórico festivo e incitar um novo (ou primeiro) período progressista, precisavam de um motivo expressivo para justificar festas comemorativas no final da década de 1950. Assim sendo, como parte do esforço para atração de investimentos federais, o ano de 1957 foi astutamente batizado como o ano de aniversário do primeiro centenário de fundação da cidade de Montes Claros.

Vale expor que, com o passar dos anos, a propagação da ideia das festas do centenário em 1957, estabelecido à luz da demanda do presente, constituir-se-ia num novo período de festejos locais. Desde então a cidade mantém as comemorações do seu aniversário considerando o dia três de julho de 1957, o que, pode-se dizer, foi uma “tradição inventada”³⁶, pois é sabido que a emancipação política, de arraial para vila, aconteceu em 1831 (PEREIRA, 2002; PEREIRA; OLIVEIRA, 2003).

Enfim, na metade do século XX, Juscelino Kubitschek, político com relações estreitas com a cidade de Montes Claros, reacenderia a chama do imaginado progresso de antigamente na região. O plano de desenvolvimento econômico objetivava transformar o país, caracteristicamente rural e agrícola, numa nação industrial, capitalista e moderna. Foi uma fase de otimismo baseado no esforço de promover o crescimento econômico e social da nação, mas que de fato não se efetivou (OLIVEIRA, 2000; PEREIRA, 2002).

A presença de JK (FIG. 5) na festa do centenário seria um marco para a cidade. Vários jornais, principalmente do Rio de Janeiro, noticiaram a agenda do presidente rumo a Montes Claros, entre eles o *Correio da Manhã*³⁷ e *A Noite*³⁸ e *Diário de Notícias*³⁹.

³⁶ Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWN, 1997).

³⁷ *Correio da Manhã* (RJ). Domingo, 21 de abril de 1957, p.11. “O Presidente da República, o governador do Estado e autoridades federais e estaduais devem estar presentes aos festejos do centenário de Montes Claros”.

³⁸ *A Noite* (RJ). Sábado, 22 de junho de 1957, p.2. “Brilhantes festejos assinalarão o transcurso da expressiva efeméride, contando do programa; já elaborado, a visita do Presidente da República, ponto culminante das solenidades oficiais”.

³⁹ *Diário de Notícias* (RJ). Quarta-feira, 3 de julho de 1957, p.8. “O centenário da cidade norte-mineira de Montes Claros será celebrado com grandes festas, das quais participarão o secretário da agricultura de Minas, o governador Bias Fortes e o presidente da República.”

Figura 5 - Cortejo oficial liderado pelo presidente Juscelino Kubitschek no dia 03/07/1957 nas comemorações do centenário inventado de Montes Claros.



Fonte: Álbum Memória de Montes Claros (MARQUES; MARQUES, 1989).

Sobre a vinda de JK a Montes Claros, e o que a elite local tentou representar, Querino diz que:

[...] quando da visita de Juscelino Kubitschek à cidade, momento em que, buscando a realização dos seus sonhos cosmopolitas, as elites montesclarenses se uniram em busca dos favores do governo estadual para efetivar na cidade a presença dos objetos técnicos e dos equipamentos urbanos que simbolizavam progresso e desenvolvimento. Nesse momento, a cidade começou a se representar como a “oficina do progresso” (QUERINO, 2006, p.179-180).

O Parque de Exposições agropecuárias e industriais, inaugurado em 1957, seria local de dois eventos marcantes do ano do centenário. No parque ocorreria a Primeira Exposição Agropecuária da cidade e o Primeiro Congresso Estadual do Algodão, ambos na semana comemorativa dos 100 anos da cidade, de 3 a 10 de julho de 1957. Tais acontecimentos pretendiam refletir “[...] a vitalidade da pecuária local, maior força econômica e braço direito da Prefeitura Municipal na promoção da festa” (PEREIRA, 2002, p.49).

Confirmando a suposta pujança que a festa representaria, os jornais alardearam o status diferenciado que a cidade de Montes Claros havia sido alçada nos anos 1950. O jornal carioca

*Correio da Manhã*⁴⁰, após os festejos estampou: *Muito boi, muito dinheiro, muito trabalho*, propagandeando uma cidade que cumpria *todo um programa de progresso e trabalho em tempo recorde, emprestando a Montes Claros a fisionomia de uma cidade remoçada e moderna*.

Outro jornal carioca, *Tribuna da Imprensa*, atribuiu oito páginas na edição de 4 de julho de 1957 ao que intitulou *Suplemento de Montes Claros 100 anos de vida...* Entre diversas reportagens, destacou a caracterização da cidade, que mesmo isolada conseguia se desenvolver, graças ao ímpeto do seu povo:

O isolamento geográfico, a distância dos centros metropolitanos, não tolheu o desenvolvimento de Montes Claros, cujas conquistas, à semelhança de muitas cidades do interior, se devem à iniciativa do seu povo. Realmente, são os próprios habitantes e sem esperar pelas realizações oficiais, que estão construindo uma nova cidade, com uma fisionomia inédita, com aspectos diferentes dessas cidades vestutas que conhecemos por êsses brasis a fora⁴¹.

Cronistas consagrados de grandes jornais cariocas, como Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade e *All Right* (pseudônimo de Anderson Magalhães), também se manifestaram no período do centenário. O primeiro, Rubem Braga, pelo *Diário de Notícias*⁴², lembrou os amigos de longa data, *Newton Prates, Hermenegildo Chaves e Ciro dos Anjos* e a cidade de aspecto sertanejo de quando a visitou: *Só fui a Montes Claros uma vez e isso já tem 20 anos, a cidade deve ter mudado muito, e com certeza nem existe mais aquele rústico e simpático Mercado onde comi um inesquecível requeijão sertanejo com rapadura*. Ao final, Braga saudou *os filhos da centenária e dinâmica cidade de Montes Claros, capital dos sertões de Minas e até um pouco dos sertões da Bahia também*.

O segundo, o mineiro Carlos Drummond de Andrade, “[...] no auge da popularidade, da sua capacidade crítica, da criatividade poética” (PONCIONE, 2002, p.136), período em que era cronista no *Correio da Manhã*⁴³, em crônica intitulada *Lá em Montes Claros*, também dá o tom amistoso e sertanejo pela saudosa experiência vivida com a cidade há 25 anos. Lembrou os amigos, descreveu a economia, a população da cidade, o mercado, a renhida disputa política entre

⁴⁰ *Correio da Manhã* (RJ). Quarta-feira, 10 de julho de 1957, p.4.

⁴¹ *Tribuna da Imprensa* (RJ). Quarta-feira, 4 de julho de 1957, suplemento, p.1.

⁴² *Diário de Notícias* (RJ). Quarta-feira, 3 de julho de 1957, p.2.

⁴³ *Correio da Manhã* (RJ). Quinta-feira, 4 de julho de 1957, p.6.

os Alves e os Prates e o folclore dos caboclinhos e da marujada. Encerra desejando: *Felicidades, Montes Claros; em teu louvor esta cantiga menor:*

Montes Claros, nuvens claras e azuis, deste meu retiro recordar saudoso as caras horas em casa de Cyro. Ao Brasil prenda mais fina quem é que ofertou? – inquiri. Deste Dona Tiburtina e o “Amanuense Belmiro”.

O terceiro e último, e também o mais “ácido”, *All Right*, colunista do *Correio da Manhã*⁴⁴, apresentou Montes Claros [...] *como uma das regiões mais curiosas de Minas Gerais*. Recordou os episódios de 1930, [...] *que celebrizou dona Tiburtina*⁴⁵, *senhora de notável energia* e que [...] *visava levar Getúlio Vargas ao poder*. Chamou a atenção o fato de o cronista estabelecer que, mesmo na segunda metade da década de 1950, *a política, naquelas bandas [Montes Claros], continua sendo a dos coronéis, como o era na época dos Prates, do João [Alves], marido de dona Tiburtina e Honorato Alves*. Após explorar outros aspectos sutis como a origem, o cenário e a pujante pecuária local, *All Right* finaliza com um afago: *é terra de môças bonitas, benza-as Deus*.

Mesmo idealizado e executado, a instituição do centenário da cidade foi uma artimanha da Prefeitura Municipal de Montes Claros para representar o apogeu de um período festivo que objetivava promover uma suposta cidade moderna, ordeira e trabalhadora que tentava se livrar da má fama de outros tempos violentos. A representações da elite política e agrária, com apoio de outros setores da sociedade, inclusive do *Gazeta do Norte*, supostamente se uniram em prol do progresso da cidade. Este movimento, envolto em uma expectativa/perspectiva de enorme crescimento, desenvolvimento e incremento de elementos ligados à moderna urbanidade, se

⁴⁴ Correio da Manhã. Quarta-feira, 3 de julho de 1957, p.2.

⁴⁵ Dona Tiburtina de Andrade Alves foi esposa do chefe político Dr. João José Alves e, por isso, cunhada do deputado federal Dr. Honorato Alves; é uma personagem emblemática da história política de Montes Claros na primeira metade do século XX. Segundo Nascimento (2005, p.1), “Tiburtina ganhou notoriedade político-social entre 1902 – 1930, principalmente após o 06 de fevereiro de 1930, quando foi acusada pelos partidários locais da Concentração Conservadora - Os Camilistas - de tentar assassinar o Dr. Fernando de Mello Vianna e o Dr. Manoel Thomaz Carvalho Britto. O primeiro, Vice-presidente da República e candidato ao governo de Minas, e o segundo, chefe nacional da Concentração Conservadora. A partir desse momento, Tiburtina passou a ser descrita na tradição oral, nos jornais por ocasião do atentado ao Vice-presidente da República, Mello Vianna, em 1930, e hoje faz parte da tradição oral, folclórica e historiográfica local, mas por outro lado, era admirada, venerada, influente e fascinante”. De acordo com Wirth (1982), o referido episódio serviu como um estopim de insurgência contra a política do “Café com Leite” estabelecida e desembocaria na ascensão forçada do candidato derrotado, Getúlio Vargas, à presidência da República.

assemelhou ao acontecido pela vinda do ramal da Central do Brasil nos anos 1920, assim como os parques resultados. A festa do centenário serviria para alçar a cidade de Montes Claros a um novo cenário brasileiro, remodelado e industrializado. A intenção era se livrar da fama de “terra de cangaceiros”, violenta e infestada de jagunços, buscando uma imagem com uma nova política em âmbito estadual e nacional (PEREIRA, 2002).

Porém, neste período, assim como em anteriores, não houve os avanços desenvolvimentistas esperados. Naquele tempo, Montes Claros ainda tinha sua economia caracteristicamente agropecuária, e em função disso, seriam necessários muitos investimentos para implantação da base da infraestrutura industrial, o que de fato não ocorreu. Ao contrário do povo em geral, os anos 1950 serviram para as elites locais se beneficiarem e se consolidarem politicamente às custas da transferência de votos (PEREIRA, 2001). Apesar de alguns avanços, o discurso da elite política foi maior do que os acontecimentos propagados para o período. Enfim, a título de exemplo, o advento da SUDENE⁴⁶ na década de 1960 daria início a um processo gradativo de implantação de um parque industrial, e este seria um fato que influenciaria na dinâmica do desenvolvimento da cidade.

Assim sendo, da “ponta dos trilhos” ao “centenário inventado” caracterizaram os pontos limítrofes, mas não ortodoxos, do período pretendido para a investigação, onde nos interessaram pensar nas conexões (teóricas, mas fundamentalmente empíricas) que permitiram a elaboração de uma representação histórica que subsidiasse a leitura de um cenário e de uma prática situadas em outro tempo, num dado lugar. Como posto por Cleber Dias:

Parece cada vez mais difícil seguir sustentando certas proposições, especialmente aquelas herdadas de uma tradição tipicamente sociológica, fundadas em generalizações abstratas e aparadas por noções muitíssimo gerais e imprecisas como “o trabalho”, “o lazer” ou “a sociedade industrial”, e que obviamente não dão conta de abarcar a complexidade das

⁴⁶ Segundo o sítio eletrônico institucional <www.sudene.gov.br/sudene>, a SUDENE - Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - foi criada em 15/12/1959 e representou uma das conquistas mais importantes do povo brasileiro, na história recente de nosso país, porque deu início a uma nova era, marcada pela incorporação progressiva da Região Nordeste e, logo em seguida, da Amazônia, ao processo de desenvolvimento nacional conduzido pelo governo federal, que até àquela data se concentrava nos estreitos limites das Regiões Sudeste e Sul. Atualmente, a SUDENE é uma autarquia especial, administrativa e financeiramente autônoma, integrante do Sistema de Planejamento e de Orçamento Federal, criada pela Lei Complementar nº 125, de 03/01/2007, com sede na cidade de Recife, Estado de Pernambuco, e vinculada ao Ministério da Integração Nacional (Disponível em: <http://www.sudene.gov.br/sudene#instituicao_sudene>. Acesso em: 20 out. 2016).

realidades sociais. Basta olharmos para a especificidade da experiência histórica palpável de grupos tão diversos e plurais como os dos tropeiros, garimpeiros, pescadores, sapateiros, caixeiros, lavradores, carroceiros, estivadores, padeiros, prostitutas, soldados, enfermeiras, médicos, comerciantes, banqueiros, professores, advogados ou uma infinidade de outras ocupações, de ontem ou de hoje, para nos convenceremos de que a maneira como cada um deles se relacionava com suas diversões era, na prática, muito mais matizada do que supõe esses modelos explicativos (DIAS, 2009, p.26).

Enfim, a constituição das práticas de divertimentos modernos na Montes Claros do século XX, a educação promovida e o pertencimento ao ideário moderno, como descritos adiante, e o próprio modelo conceitual/teórico desta investigação, dependeu das nuances de formação da cidade, dos fatores que influenciaram os aspectos ditos modernos a desenvolverem.

Trabalhamos a configuração dos divertimentos modernos, que se desenvolveram em Montes Claros e que a *Gazeta do Norte* noticiou entre os anos de 1926 e 1957. A tese foi dividida em cinco capítulos: no primeiro, é apresentado o percurso metodológico, as fontes escolhidas e possíveis e a instituição do jornal *Gazeta do Norte* como periódico mais acessado e veículo importante no desenvolvimento das práticas modernas de divertimento em Montes Claros; no segundo capítulo, é analisado o advento da modernidade e sua participação na formação da cidade, formando um cenário fecundo para o divertimento importado, a fim de fomentar a sociedade *chic*; no terceiro capítulo, as fontes nos levaram a discorrer sobre o futebol, que desenvolveu-se fidalgo, mas que passaria, com o tempo, a abarcar o gosto e a prática das classes menos favorecidas, adquirindo aspectos de profissionalismo, reflexo do futebol das grandes cidades; no quarto capítulo, o divertimento através do cinema se consolida, a cidade chega a contar com quatro estabelecimentos funcionando simultaneamente. O cinema tornou-se um ótimo negócio e, por isso, seu acesso seria popularizado; no quinto capítulo, esportes como voleibol e basquetebol são introduzidos na cidade, graças às escolas e associações esportivas, sendo o auge atingido com a construção da grande Praça de Esportes, inaugurada na década de 1940.

CAPÍTULO I

1 O PERCURSO METODOLÓGICO

No primeiro capítulo, apresentamos os caminhos seguidos para a confecção do trabalho. Caracterizamos a pesquisa, as fontes utilizadas e o tipo de acesso empregado. Registramos a história do jornal *Gazeta do Norte* como agente influenciador social, a formação da imprensa de Montes Claros e a sua relação com a elite local.

1.1 No garimpo das fontes: memorialistas e acadêmicos de Montes Claros

Para alcançar os objetivos propostos, foram acessadas as fontes escritas, especialmente os periódicos disponíveis em acervos públicos. Tais fontes contribuíram sobremaneira para o levantamento de informações que subsidiaram a elaboração deste trabalho, pois entendemos que a imprensa local representava, naquele momento, um dos espaços de reflexo do cotidiano social. Sobre a relevância da imprensa como fonte de informações, como indicaram Cruz e Peixoto (2007, p.257), a entendemos como “[...] uma força ativa da história do capitalismo e não como mero depositário de acontecimentos nos diversos processos e conjunturas”, uma “[...] força ativa da vida moderna, muito mais ingrediente do processo do que registro dos acontecimentos, atuando na constituição de nossos modos de vida, perspectivas e consciência histórica”.

Era acessível por uma parcela alfabetizada da população, mas, em certa medida, também podia influenciar os muitos não letrados. Assim, as pessoas que não sabiam ler, segundo Franco (2016, p.6) “[...] eram também consideradas como público alvo dos jornais, de forma que alguns dos principais periódicos da capital federal brasileira na primeira década do XX tinham pessoas destinadas a atender e anotar as reclamações e pedidos de publicações dos iletrados”.

Nesse entendimento sobre a importância e alcance da imprensa, na intenção de escrever uma história social a partir dela, ancorados em Pacheco (2012, p.102), ajuizamos que as “[...] informações presentes em notícias, correspondências, anúncios e decretos revelam algumas práticas populares de determinada época”, tornando-se um veículo informativo e influenciador da sociedade, compondo a história dos divertimentos modernos da cidade de Montes Claros.

“Essa nova história joga por terra a compreensão do tempo linear pautada no movimento antes e depois, naturaliza o presente como tempo histórico e trabalha os fatos e os acontecimentos como representações carregadas de sentidos, de significados” (CALDAS; COSTA; MONTORO, 2006, p.25).

Sobre a imprensa de Montes Claros das primeiras décadas do século XX, e sua vinculação com a elite local, segundo Brito (2002), é possível dizer que ela

desempenhou uma função primordial para o fortalecimento dos papéis sociais e na política do município, um veículo das idéias da elite, defendendo interesses da classe dominante, suas ideologias e visão de mundo. Como instrumento de poder, a imprensa tem uma importância fundamental nas mãos de quem detém essa estrutura: modela e manipula a opinião pública. Dessa forma, as informações dos jornais possibilitavam a construção de realidades imaginárias objetivando a integração fictícia da sociedade no seu conjunto (BRITO, 2002, p.114).

Outra fonte intensamente acessada foi a produção de memorialistas da região. Sobre esse tipo de escrita histórica e o envolvimento dos diversos autores com a história local, é importante caracterizá-los a fim de serem utilizados com segurança na escrita do trabalho:

É claro que há um comprometimento bastante estreito dos memorialistas com a idéia de progresso e com a construção da memória de uma cidade com vocação política, cultural e social para tal. Mas é, principalmente, um compromisso com as elites locais. Porém, não devemos descartar seus trabalhos como fonte de pesquisa, desde que utilizemos como critério para interpretação de seus trabalhos a análise do discurso. Assim, encontraremos em seus escritos valiosa fonte para estudo e interpretação da história de Montes Claros e do Norte de Minas Gerais (QUERINO, 2006, p.175).

Os inúmeros trabalhos memorialísticos produzidos, tematizando diversos aspectos da cidade de Montes Claros, foram utilizados à medida que contribuía para o desenvolvimento do estudo.

É sabido que a invenção da imprensa possibilitou a disseminação de muito conhecimento, porém, supomos que a escolha do que seria popularizado obedeceu à interesses diversos, como da nobreza e do clero europeu. Nessa trajetória, possivelmente, os desdobramentos da Revolução Industrial impulsionaram a comunicação, possibilitando melhores tipografias e aumento na velocidade de distribuição dos impressos, principalmente via ferrovias.

No Brasil, com a instalação da família Real Portuguesa em 1808, a imprensa foi estimulada, tornando-se o século XIX um marco no desenvolvimento jornalístico. Sobre aquele

momento, dois fatos políticos podem ser considerados divisores dos objetivos da imprensa: a Independência (1822) e a Proclamação da República (1889). Contudo, a imprensa brasileira, cautelosamente e as vezes clandestinamente, pautou-se pelos ideais de independência e de republicanismo nas suas páginas e, após o 15 de novembro, nos periódicos, o marcante seria a busca pelo suposto progresso e civilidade do povo inculto (BARBOSA, 2007; BARBOSA, 2010).

Ao final dos anos 1880 inicia-se um período de modernização. Principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, “[...] os jornais mais importantes introduzem uma série de melhoramentos em suas oficinas, com o intuito de produzir outros impressos” (BARBOSA, 2010, p.117). Em seguida, durante a Primeira República (1889 a 1930), Eliezer Souza (2009, p.8) observou que “[...] os discursos da imprensa se centraram basicamente numa sociedade que busca incisivamente o progresso. A imprensa torna-se grande imprensa, otimizada por uma conjuntura favorável”. A leitura passa a ser hábito nas cidades. “Nas soleiras ou apoiados nos umbrais, debaixo dos postes iluminados, nos bondes, nas praças, rua e avenidas há, em múltiplas descrições, referência aos leitores” (BARBOSA, 2010, p.117). Por fim, de uma forma geral, sobre o jornalismo moderno adentrando o século XX, é possível dizer que:

Nas três primeiras décadas do nosso século, o jornalismo acompanhara o gigantismo das demais instituições sociais, adquirira recursos e meios que lhe iriam permitir alcançar toda a massa. Forçosamente teria de evoluir e ocupar o seu lugar na nova sociedade: teria de ser um jornalismo dinâmico e dinamizador, e não puramente um reflexo de situações definidas ou de aspectos emocionais e acidentais do quotidiano. Entretanto, essa revolução só iria iniciar-se a partir dos anos 40 e só se imporia, como uma exigência da massa, após a segunda guerra mundial, quando a televisão, com sua magia, fizesse o seu ingresso no universo da comunicação de massa (BELTRÃO, 1980b, p.25).

Para a confecção desta tese, foi importante entender os periódicos como fonte de pesquisa para os estudos históricos. Desta forma, compreendemos a instituição da “História Cultural” como um método acadêmico de análise consolidado e, o uso de periódicos, como jornais e revistas, como fontes de informações históricas relevantes sobre um dado tempo e espaço.

O estabelecimento dessa nova forma de se “fazer” história pode ser observado na fala de Maurílio Calonga (2012, p.86):

Historiadores de diversos matizes teóricos reconheceram na imprensa escrita novas possibilidades de análises e ressignificações do passado. Contudo, a inserção dos impressos na produção historiográfica brasileira, especialmente o uso de jornais, revistas, folhetins e edições ilustradas, ainda é recente se comparado a Europa e Estados Unidos. Somente

nos últimos anos, os trabalhos que se valham de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história do Brasil se consolidaram. Identificam-se, a partir daí, relativo aumento na utilização dos periódicos como documento e objeto de pesquisas, incluindo-se dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações de artigos e/ou livros.

Ancorados em Barbosa (2010, p.16), “[q]uando falamos em história cultural, estamos considerando como premissa principal a questão interpretativa ou de “invenção da narrativa”, possibilitada pela construção textual que reconstrói, no presente, um dada realidade passada”. Considerando a história dos divertimentos modernos em Montes Claros, entendemos que o uso da imprensa, e seus significados, nos permitiu interpretar tal história e analisar questões levantadas no presente.

No Brasil, a partir dos meios de comunicação, pode-se considerar que poucos foram os estudos históricos que os utilizaram como fontes de informações para pesquisas. Apesar de haver circulação de jornais no Brasil desde o século XIX, durante muito tempo a não utilização da imprensa como meio auxiliar da escrita da História do país tinha explicação numa tradição arraigada no século XIX e nas décadas iniciais do XX, onde os historiadores “[...] procuravam a verdade contida nos documentos e sonhavam com a interpretação correta do que realmente se dera, os historiadores passaram a ter a convicção de que fazer história é recriar o passado” (BARBOSA, 2004, p.6); a verdade dos fatos só era possível por meio de documentos específicos, que fossem para o historiador “[...] livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor de métodos de crítica textual precisa, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo” (LUCA, 2008, p.112).

Contudo, agora podemos afirmar que a vida cotidiana registrada nos periódicos pode demonstrar o homem vivendo em coletividade, e partir destes, é possível explicar os hábitos de vida de uma sociedade remota, não só pelos sujeitos ditos ilustres, como pelos cidadãos considerados menos importantes ou anônimos.

“Historiadores, desde a Escola dos *Annales*, se posicionaram contra a visão positivista do acontecimento isolado do processo, pensado sob o olhar linear e pela lógica cartesiana” (SCHWARTZ; SCHAUN, 2013, p.2). A partir desta afirmação, Borges (1993, p.48) ainda define todo homem como um sujeito dotado de historicidade: “[...] quer saibamos ou não, quer aceitemos

ou não, somos parte da história, e todos desempenhamos nela um papel. E temos então todos, desde que nascemos, uma ação concreta a desempenhar nela”.

Sobre as possibilidades de estudos históricos e a sua relevância, consideramos importante ponderar o que diz Marc Bloch (2001, p.79):

A diversidade dos testemunhos históricos é quase infinita. Tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele. É curioso constatar o quão imperfeitamente as pessoas alheias a nosso trabalho avaliam a extensão dessas possibilidades. É que continuam a se aferrar a uma ideia obsoleta de nossa ciência: a do tempo em que não se sabia ler senão os testemunhos voluntários. Criticando a “história tradicional” por deixar na penumbra “fenômenos consideráveis”, porém “prestes de consequências, mais capazes de modificar a vida futura do que todos os acontecimentos políticos”.

O desenvolvimento da imprensa, paralelo às mudanças no cenário urbano, segundo Pacheco (2012, p.110), “[...] implicaram na redefinição das relações das pessoas, relações de trabalho e, fundamentalmente, relações dos homens com o tempo”. Assim, a escolha dos jornais como fonte se deu por concordarmos que “[...] a essência do jornalismo é a informação da atualidade, ou seja, de fatos, situações e idéias que estão ocorrendo, desenrolando-se ou atuando em e sobre determinada comunidade no momento preciso de sua manifestação” (BELTRÃO, 1980b, p.11).

Nesta pesquisa, como argumentado anteriormente, nos concentramos nas notícias que trataram das práticas de diversão ditas modernas veiculadas em periódicos, principalmente o jornal *Gazeta do Norte*, do município de Montes Claros, no período compreendido entre os anos de 1926 a 1957.

Os periódicos acessados constituíram uma rica fonte de pesquisa e consentiram a investigação do objeto proposto. Entre livros e artigos memorialísticos, foram observados os detalhes, os indícios, as pistas e as imagens que permitiram a construção do novo ideário social moderno da cidade, encontrados nas novas práticas de divertimentos, sobretudo futebol e cinema. Ambos, pode-se dizer, são herdeiros da modernidade e habitaram o imaginário das pessoas no cotidiano do século XX. Como afirmou Melo (2009, p.81): “Se o futebol é uma grande paixão mundial, o cinema não é um amor menor”.

Por quantidade e volume de informações, totalizando 375 edições utilizadas, o jornal *Gazeta do Norte* tornou-se a principal fonte investigada, tornando-se, assim, a opinião mais

acessada para o desenvolvimento do trabalho. Nessa relação com as fontes, ressaltamos o cuidado de não transformar o *Gazeta do Norte* em única opinião; para isso, procuramos criticar os documentos/notícias encontrados pois, normalmente, os jornais não asseguravam a isenção política ou religiosa, principalmente.

Difícilmente a notícia no jornal é “[...] expressa com honestidade e dignidade, com a reta intenção de orientar o leitor, sem tergiversar ou violentar a sacralidade das ocorrências” (BELTRÃO, 1980a, p.14); as opiniões são de cunho pessoal e normalmente representam a instituição ou anunciantes.

Principalmente nos jornais pesquisados, a finalidade foi lançar mão da exploração de paradigmas indiciários baseados na analogia semiótica indicada por Ginzburg (1989, p.151), como um caçador que, para perseguir e capturar a sua presa, atem-se aos detalhes quase invisíveis, “Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba”. Ou, como advertiu Bloch (2001, p.73) sobre a observação histórica, “o conhecimento de todos os fatos humanos no passado, da maior parte deles no presente, deve ser um conhecimento através de vestígios”.

“A necessidade vital de informação dos indivíduos e das sociedades imprime ao jornalismo a característica da oportunidade e da constância das suas manifestações. Daí porque a obra jornalística se realiza ininterruptamente, obedecendo a uma periodicidade regular (dias, horas, frações de tempo atrás)” (BELTRÃO, 1980b, p.13). O que foi publicado nos jornais, relacionado aos divertimentos modernos, contribuiu para a construção desta história no período e, quando possível, observou suas transformações, vinculadas à modernidade. Em síntese, os valores ditos modernos, propagados e assimilados pela sociedade, foram marcas do almejado progresso de Montes Claros.

As obras de memorialistas, outra fonte escolhida, contribuíram significativamente para a análise do tema em questão. Apesar do reconhecimento da relevância destas obras, não se pode perder de vista as diferenças entre um historiador e um memorialista, sobre ambos, Medeiros e Cormineiro (2009, p.7) elucidam:

A distinção mais significativa refere-se ao controle da subjetividade, mais rigoroso no historiador que no memorialista. É essa distinção, aliás, que torna o trabalho do memorialista uma fonte riquíssima para a reconstituição realizada pelo historiador de

ofício: sem um controle mais rigoroso de sua própria subjetividade o memorialista impregna sua obra com representações acerca das relações sociais experimentadas em seu tempo, geralmente carregadas de posicionamentos ideológicos que aparecem para o historiador como expressão do intrincado jogo de relações e interesses de uma época.

Na pesquisa histórica, a adoção dos memorialistas como fonte, exige a confrontação destas obras com outras fontes (livros, notícias de jornais e outras fontes arquivistas, como leis e cartas). Destacada estas considerações, o que é legado pelos memorialistas, constitui-se como infindável fornecedor de informações sobre representações sociais, práticas culturais, entre outros.

Em relação às obras memorialísticas, foram intensamente acessados os textos das revistas periódicas do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros (IHGMC), sendo pesquisadas 15 edições e utilizados 21 artigos diretamente no texto da tese. O IHGMC, fundado em 27 de dezembro de 2006, em seu Art. 2º, diz que o instituto tem como finalidade a promoção de estudos e a difusão de conhecimentos de história, geografia e ciências afins, do município de Montes Claros e da região Norte de Minas, assim como o fomento da cultura, a defesa e a conservação do patrimônio histórico, artístico e cultural⁴⁷. Importante frisar que, apesar de os artigos do IHGMC terem subsidiado diversos dos aspectos da Montes Claros do período pesquisado, caracterizam memórias mais recentes dos autores/escritores (a partir de 2006), portanto, requereram atenção à sua utilização, pois a distância temporal é significativa, porém não impossibilitou o uso como fontes.

Ainda assim, sobre a narrativa memorialística, independente de quando e onde for escrita, merecerá atenção do historiador, basta observar as singularidades da sua composição, assim como assegura Porto (2011):

Quantas vozes existem dentro de nós? Uma infinidade por certo. E de uma infinidade de vozes também nascem as narrativas memorialísticas – dos fios com os quais tecemos a narrativa, com as vozes que nos habitam: a voz do passado amalgamado às vozes do presente e da esperança de futuro. Esse fino e frágil tecer que agora cortamos com as próprias mãos e com as mãos das parcas. Esse fio que pode ressurgir com a intimidade da nossa casa, da nossa rua, com a nossa história singular que tem os mesmos fios de cultura e arte que tecem o tempo que, ressuscitado, habita o mundo (PORTO, 2011, p.210).

⁴⁷ Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros, v,1, p.8, 2007.

Entre outras obras memorialísticas locais, foram consultadas, também, as que compuseram a Coleção Sesquicentenária “Montes Claros 150 anos”, coordenada por Marta Verônica Vasconcelos e republicada pela editora da Universidade Estadual de Montes Claros, em 2007. Nesta coleção, constam 16 volumes de autores regionais sobre a história do município. As obras da coletânea, com as datas originais de publicação, são:

- 1- “Montes Claros: sua história, sua gente, seus costumes”, Hermes Augusto de Paula (1957) (três volumes);
- 2- “Efemérides montesclarenses”, de Nelson Vianna (1964) (dois volumes);
- 3- “Montes Claros: breves apontamentos históricos, geográficos e descritivos” Urbino de Sousa Vianna (1916);
- 4- “Foiceiros e vaqueiros”, Nelson Vianna (1956);
- 5- “Janela do sobrado”, João Valle Maurício (1992);
- 6- “Montes Claros era assim”, Ruth Tupynambá Graça (1986);
- 7- “Rebenta boi”, Cândido Canela (1957);
- 8- “Quarenta anos de sertão”, Mauro Moreira (1976);
- 9- “Raízes de Minas”, Simeão Ribeiro Pires (1979);
- 10- “Serões montesclarenses”, Nelson Vianna (1972);
- 11- “A menina do sobrado”, Cyro dos Anjos (1979);
- 12- “Montes Claros primitiva”, Dário Teixeira Cotrim, (2002);
- 13- “Nelson, o personagem”, Haroldo Lívio de Oliveira, (1995).

Foram utilizados no texto 456 números⁴⁸ de 32 diferentes jornais brasileiros, sendo 13 títulos de Minas Gerais, 13 do Rio de Janeiro, 05 de Pernambuco e 01 de São Paulo. De uma forma geral, o *site* da Biblioteca Nacional⁴⁹ possibilitou acessar jornais antigos de outros estados brasileiros, que subsidiaram maior e melhor conhecimento de personagens ou fatos ligados ao tema do trabalho. Contudo, o principal local para coleta de informações em jornais montes-clarenses foi o Centro de Pesquisa e Documentação Regional da Universidade Estadual de Montes Claros –

⁴⁸ Os títulos e a quantidade de cada jornal utilizado estão descritos nas referências desta tese.

⁴⁹ Disponível em: < <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>.

CPDOR/Unimontes, de acesso público restrito e regulado. Neste arquivo⁵⁰, observamos que a *Gazeta do Norte* foi o jornal mais importante e de maior circulação da cidade de Montes Claros, no período de 1918 a 1962. Sendo assim, tornou-se a fonte mais acessada, pois cobriu o período compreendido pela pesquisa, 1926 a 1957.

Fundado em 1918, o *Gazeta do Norte* circulou semanalmente até os anos 1930, quando se tornou bissemanal até os anos sessenta, quando se extinguiu. Porém, alguns outros jornais locais, que tiveram vida curta, também foram acessados. Estes periódicos menores são mencionados por Nelson Vianna (1964) e estão dispostos no quadro 1 a seguir. A utilização deles, apesar de o acesso ter sido um desafio, por não estarem disponíveis em acervos públicos, contribuiu para complementar as respostas aos questionamentos trazidos pela pesquisa.

Quadro 1. Informações sobre fundação e fechamento de jornais em Montes Claros de 1926 a 1957 (VIANNA, 1964).

3 de março de 1926 Sai o primeiro número do quinzenário humorístico “Tró-ló-ló”, sob a gerência de Ataliba Machado. Teve a duração de um ano e tanto (p.121).
21 de março de 1927 Reaparece o jornalzinho humorístico e noticioso “Tró-ló-ló”, em sua nova fase, sob a direção de Ataliba Machado (p.145).
19 de setembro de 1929 Sai o primeiro número de “Fôlha do Norte”, tendo como Diretores Alfredo Ramos e Leonidas de Andrade Câmara. Circulou poucos meses. Reapareceu a 6 de janeiro de 1930, em oficinas próprias, sob a direção de Jurandir Freire, fazendo a campanha política chefiada pelo dr. João José Alves. Terminada a campanha, desapareceu, tendo dado 48 números (p.22).
6 de janeiro de 1930 Reaparece “Fôlha do Norte”, jornal sob a direção de Jurandir Freire, com a finalidade de trabalhar na campanha política do dr. João Alves. Terminada esta, um ano e pouco após haver dado o primeiro número, deixou de circular, no número 48 (p.22).
26 de março de 1935 Sai o primeiro número da folha “Minas Norte”, sob a direção de J. A. Macedo (p.154).
1º de janeiro de 1951 Sai o primeiro número do jornalzinho “A Tribuna do Norte”, quinzenário sob a direção do padre Anibal Pereira dos Reis (p.15).
22 de abril de 1954 “O Jornal de Montes Claros” desta data noticia o aparecimento de “O Fanal”, primeiro jornal literário publicado em Montes Claros, sob a direção de Luiz Gonzaga Domingues. É órgão oficial do Centro Cultural Pandiá Calógeras (p.206).

⁵⁰ O CPDOR/Unimontes, apesar da relativa organização, com boas instalações e sede própria, flagrantemente necessita de investimentos para a sua manutenção e aquisição de melhores condições de conservação e acesso. Como exemplos, observa-se que o acervo da *Gazeta do Norte* foi todo encadernado, mas sofre com o manuseio inadequado e a deterioração pelo tempo. Além disso, as edições deste valioso periódico de Montes Claros, relativos ao ano de 1942, desapareceram e não se tem nenhuma informação sobre a sua saída.

17 de maio de 1954

Sai o primeiro número do semanário “O Esporte”, de difusão das atividades esportivas, sob a direção de Waldir S. Batista e redação de Assis Velloso. Só deu oito números (p.254).

A propósito da imprensa de Montes Claros, a memorialista Ruth Tupinambá Graça expressa a valentia dos primeiros veículos informativos da cidade “[...] que lutaram para sobreviver, numa época em que tudo era tão difícil e falho, eu não poderia me calar. Foram muitos os jornais fundados e a maioria desapareceu com o tempo, destacando-se entre eles a “Gazeta do Norte”, fundada em 1918” (GRAÇA, 1986, p.141).

1.2 A *Gazeta do Norte*: a formação da imprensa à espreita da elite

Em função da importância do jornal *Gazeta do Norte* para a confecção do trabalho, tornou-se essencial descrevê-lo. Assim, pretendemos neste primeiro capítulo, discorrer sobre o seu fundador, primeiro diretor e redator José Thomaz de Oliveira e os seus filhos, herdeiros do ofício jornalístico, Ari e Jair de Oliveira. Além da história dos proprietários, interessou-nos também, o contexto da sua instalação e como se tornaria um dos veículos mais influentes da cidade de Montes Claros. Sobre os seus proprietários, buscamos a suas origens e como se envolveram com a sociedade, para que entendêssemos a influência exercida por eles, através da imprensa, na divulgação de novos hábitos de vida, entre eles, os divertimentos modernos.

Especificamente sobre a periodicidade do *Gazeta do Norte* e o seu alcance informativo em Montes Claros, foi importante considerarmos o que disse Veloso (2008):

Se a influência dos imaginários sobre as mentalidades depende dos meios que asseguram a sua difusão, no contexto montesclarenses, em que outros jornais já haviam sido instalados e desativados, a *Gazeta do Norte*, com publicações regulares de 1918 até a década de 1960, ocupou um lugar diferenciado. Por ter sido o primeiro periódico a consolidar-se no ramo jornalístico, por um longo período produziu representações e possibilitou sua circulação (VELOSO, 2008, p.70).

De acordo com Nelson Vianna (1956), a primeira edição do jornal *Gazeta do Norte* foi à rua no dia 6 de julho de 1918. De início, esse semanário de Montes Claros seria publicado aos sábados, tendo como proprietário, redator-chefe e diretor, o senhor José Thomaz de Oliveira, que escrevia quase toda a matéria do jornal. “Além do artigo de fundo, imprescindível na época, de

vários *suelos*⁵¹, redigia crônicas que assinava com o anagrama de Athos Jomez e ainda críticas teatrais a que subpunha o pseudônimo de João da Cruz” (VIANNA, 1956, p.412).

Em sua trajetória, como era comum aos jornais do início do século XX, pode-se afirmar, o *Gazeta do Norte* “teve atuação política destacada, chegando a ser atacado e destruído mais de uma vez por opositores” (SILVA, 2014, p.S698). Apesar disso, no editorial de lançamento, a promessa expressa de uma postura em favor de Montes Claros e do Norte de Minas:

Na arena do jornalismo de Minas, aparece hoje um modesto batalhador, dedicado aos interesses do Norte do Estado, principalmente aos da cidade e do município de Montes Claros. A aparição de um jornal nessa cidade, na época excepcional que atravessamos, parecem a muitos uma inqualificável temeridade, [...]⁵².

Em relação à origem da imprensa montes-clarense, notamos que “[...] os jornais locais não tinham vida longa, abriam-se e fechavam com muita frequência” (VELOSO, 2009, p.490), e observando o cenário nacional da imprensa do século XIX, e o projeto do Brasil de constituir-se como nação, segundo Barbosa (2010, p.60), “[g]rupos políticos, baseados em vínculos diferenciados, formam-se nesse território, e na conformação dessas identidades a imprensa tem papel decisivo”. Em Montes Claros, ao passo que se instituía e se consolidava como cidade após a lei de sua elevação em 1857, notar-se-ia a circulação de jornais próprios desde do século XIX. Como periódico inicial, no dia 24 de fevereiro de 1884 saiu o primeiro número do semanário *Correio do Norte*, de propriedade de Antônio Augusto Velloso (BRAZ, 2010; VIANNA, 1916).

Nos primeiros jornais montes-clarenses, notamos certa efemeridade no tempo de circulação e quantidade de edições. Segundo Nelson Coelho de Senna (1913), num período de 25 anos, de 1884 a 1909, como indicado a seguir, Montes Claros foi sede de vários jornais, muitos de curta duração:

O *Correio do Norte*, fundado a 24 fev. 1884, chegou a viver um pouco mais de cinco anos, dando 274 numeros;
O *Montes Claros*, com 6 anos de vida, conseguiu dar 234 numeros aos seus leitores;

⁵¹ Segundo o Dicionário Online de Português, *suelos* se refere à pequenos comentários jornalísticos sobre assunto do dia (Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/suelto/>>. Acesso em: 03 dez. 2016).

⁵² *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 6 de julho de 1918, p.1.

A Opinião do Norte na sua primeira fase deo 98 numeros e na segunda 44: O Bohemio suspendeo a sua publicação após o numero 38;
O Agricultor deo 26 numeros;
O Operario, 24 numeros;
A Venneta apareceo em dozze edições;
A Lyra apenas 4 vezes; e *A Verdade*, fundada a 1º de maio de 1907, deo até o anno de 1909 139 numeros (SENNA, 1913, p.549).

Além dos jornais supracitados, Hermes de Paula (1957) identificou mais 48 títulos fundados até a década de 1960, mas que na maioria das vezes foram rapidamente extintos. Dentre poucos, deixou explícito destaque à *Gazeta do Norte*. Na história da imprensa local, o tempo seria testemunha da luta de José Thomaz de Oliveira pela sobrevivência da *Gazeta do Norte*: significariam mais de 40 anos de circulação. Na opinião do memorialista Nelson Vianna (1956, p.412):

Só mesmo quem acompanhou de perto o seu esforço tenaz para que o jornal sobrevivesse, numa época em que havia carência de tudo, a começar pela parte material, é que poderá ajuizar como aquela luta foi árdua e terrível, a fim de que conseguisse, afinal a estabilidade almejada (VIANNA, 1956, p.412).

No editorial da primeira edição da *Gazeta do Norte*, a indicação de arrojo e preocupação com o progresso, civilidade e patriotismo: “O jornal compreendia que a sua função social constituía-se como “sagrado sacerdócio”, por visar a “educação cívica do povo” e favorecer lhe a retomada de sua “marcha evolutiva” rumo ao progresso e à civilização” (VELOSO, 2008, p.42). Em outro trecho do editorial, uma proposta de aliança com o desenvolvimento da cidade: “À prosperidade deste município, depositário de todos os elementos que o podem colocar na vanguarda dos demais, desta vasta zona norte mineira, será principalmente o alvo que termos em vista, seja quaes forem as dificuldades que se nos deparem [...]”.

No início do século XX, os proprietários de jornais de Montes Claros, normalmente, tinham vínculos com fazendeiros da região, fosse por envolvimento político ou junções parentais. Tais proximidades, possivelmente, reduziam o ímpeto progressista que havia nos acadêmicos proprietários e redatores dos jornais, pois estavam vinculados à elite rural, muito poderosa na região (SILVA, 2012).

Ainda que os bacharéis tivessem preparo intelectual e conhecimento sobre uma sociedade mais justa e democrática (entre eles, médicos, advogados, engenheiros e farmacêuticos), muitos se aliavam matrimonialmente e/ou politicamente às elites rurais dominantes. Dessa forma, o arrojo progressista, supostamente desenvolvido outrora nas escolas superiores, se amainava ao se defrontarem com os interesses da política tradicional, numa estratégia de perpetuação de poder mútuo entre as forças.

Em Montes Claros, segundo Pereira (2002), da associação do líder político da família tradicional sertaneja com o sujeito jovem e intelectualizado, de formação acadêmica e egresso da capital, emergia a figura do líder ideal, que seria capaz de conduzir o cidadão comum do sertão norte mineiro à civilidade. Algo que acontecia ao ritmo conveniente do político, ainda que houvesse demandas sociais. “A maior difusão do ensino superior no Brasil espalhou por toda parte médicos e advogados, cuja ilustração relativa, se reunida as qualidades de comando e dedicação, os habilita à chefia. Mas esses mesmos doutores, ou são parentes, afins, ou aliados políticos dos “coronéis”” (LEAL, 1978, p.21-22).

A interação (ou interesse) da política-tradicional, liderada pelos chefes de famílias, com os bacharéis de formação e de ideias progressistas, pode ser notada na área de formação profissional dos prefeitos que comandaram a cidade, de 1832 até os dias atuais. Dos 50 prefeitos identificados⁵³, sem analisar local de nascimento e descendência familiar, além dos chefes políticos tradicionais que governaram a cidade, notamos mandatos exercidos por dez médicos, nove advogados, quatro engenheiros, três padres, dois dentistas e um farmacêutico. Nessa alternância de poder, entendemos que a ideia das elites (coronelistas e bacharelescas) de conceitos originalmente díspares, não atrapalhava o fato de sustentarem os mesmos objetivos de estabelecimento de poder coercitivo sobre o povo⁵⁴.

⁵³ Para compor a lista de prefeitos, não diferenciamos fatos característicos de cada eleição ou mandato, assim, também consideramos como prefeitos os presidentes da Câmara de Vereadores, encarregados como Agente Chefe do Executivo (função análoga à do prefeito), no período de 1832 a 1857. Ao longo da história alguns prefeitos foram indicados por interventores federais nos Estados em tempos de ditaduras no Brasil (como na Era Vargas de 1930 a 1945,) e outros substituíram o titular por diminuto período, por diversos fatores.

⁵⁴ “Povo” é uma palavra historicamente polissêmica, mas no corpo do texto pretende designar o cidadão de Montes Claros, sem o distinguir por quaisquer vieses. Especificamente, Comparato (1997, p.213) afirma que a expressão “povo” “[...] já era conhecida e utilizada na antigüidade clássica em matéria de teoria política e de direito público. Mas não tinha a importância decisiva que adquiriu na era moderna, com o ressurgimento da idéia democrática”. Por fim, num entendimento contemporâneo, a expressão está “[...] concretamente ligada aos grandes processos de

No panorama político montes-clarense, segundo Pereira (2002), os “coronéis modernos”, médicos, advogados, entre outros bacharéis, acabavam por comungar dos mesmos fins dos “coronéis tradicionais”, pois ambos eram, segundo Oliveira (2000, p.28) indivíduos capazes de “[...] manter seus privilégios na distribuição de recursos políticos e econômicos, através da instituição de relações de lealdade ou garantindo laços de parentescos com seus clientes, devendo prestar contas ao poder central”.

Neste cenário de coalizão de forças elitistas, as transformações modernas, aludidas pela sociedade e supostamente progressistas e republicanas, seriam implantadas no ritmo e período que lhes conviessem. Ainda que desolador, a aparência de estagnação total não existiu, até porque muitas coisas aconteceram na trajetória histórica da cidade de Montes Claros, porém, obedeceram, sobremaneira, a critérios de desenvolvimento adotados pela elite política local.

Na Montes Claros de relativa subserviência, do povo sujeitado à elite política, por mais que tentassem transparecer distanciamento político, assim como qualquer outro jornal, sabe-se que a *Gazeta do Norte* desempenhava “[...] o papel de veículo das idéias das elites locais. Essas idéias aparecem nos artigos assinados, nos editoriais e na maneira como são narrados os episódios políticos” (PEREIRA, 2002, p.24).

Ainda que dificilmente acontecesse, pois sempre esteve ligado à algum partido político, o proprietário fundador do *Gazeta do Norte*, José Thomaz de Oliveira, deixou explícita, mesmo que irreal, a intenção da manutenção de um jornal sem amarras políticas:

Não estando ligados a interesses nem a partidos políticos; não esperando o bafejo oficial por subvenções ou compensações de qualquer natureza, contaremos unicamente com o auxílio popular, uma vez que só ao povo procuraremos servir e só pela sua causa nos bateremos.

Porém, quem seria José Thomaz de Oliveira, fundador da *Gazeta do Norte*? Segundo Veloso (2008), ele nasceu em Recife, Pernambuco, no ano de 1875, e no período em que se

transformação econômico-social iniciados com a era industrial no século XIX e com a consequente formação de grandes partidos políticos populares” (BOBBIO *et al.*, 1997, p.987).

bacharelava em Ciências Jurídicas e Sociais na tradicional Faculdade de Direito de Recife⁵⁵, trabalhou no *Jornal do Recife*. Ao final do curso de Direito em 1895, o próprio *Jornal do Recife* parabenizou o seu colaborador pela sua formatura:

José Thomaz de Oliveira – Finalizou o seu curso de direito em sciencias jurídicas e sosiaes o nosso companheiro de trabalhos José Thomaz de Oliveira. Dotado de grande talento e excelentes qualidades, contamos que na vida pratica ha de saber corresponder, senão exceder as esperanças que em si depositamos, conquistando em nossa sociedade uma brilhante posição. Abraçamol-o jubilosos pelo bom fructo pelos seus esforços⁵⁶.

No mês seguinte à formatura, seguiria para o Rio de Janeiro, de onde seria enviado para assumir o cargo de Promotor de Justiça na comarca de Carmo do Paranaíba no estado de Minas Gerais (VELOSO, 2008). A partida de Pernambuco para o sul do país e a obtenção do cargo de Promotor Público do jovem bacharel José Thomaz de Oliveira, foram notícias em jornais da cidade de Recife em 1896, como no *Diário de Pernambuco*⁵⁷ e no *Jornal do Recife*⁵⁸.

No mês de abril de 1896 seria designado, interinamente, ao cargo de Promotor da comarca do Carmo do Paranaíba, Minas Gerais. A sua designação consta em ofício comunicativo à Secretaria das Finanças do Estado na seção oficial do jornal *Minas Geraes* do dia 29/04/1896: “Do juiz de direito da comarca do Carmo do Paranyhya, de 12, que tendo chegado áquella cidade

⁵⁵ Podemos supor que o fato de José Thomaz de Oliveira ter estudado numa das primeiras faculdades de Direito do Brasil, criada por Carta de Lei do Imperador Pedro I, em 11 de agosto de 1827, influenciou na formação de um cidadão politizado e a frente do seu tempo. No período em que estudou na Faculdade de Direito de Recife, 1890 a 1895, segundo Napolini (2008), “Todo o corpo da faculdade estava envolto num pensamento de que a instituição era a detentora da vanguarda científica do país. Como exemplo, podemos pegar o discurso do paraninfo de 1900: “O Brasil depende exclusivamente de nós e está em nossas mãos [...]”. Ainda que pretensiosa, pois havia outros locais de referência no Brasil, a representatividade e o valor da formação jurídica em Pernambuco àquela época, formava um bacharel destemido e de notável conhecimento.

⁵⁶ *Jornal do Recife* (PE). Domingo, 08 de dezembro de 1895, p.2.

⁵⁷ *Diário de Pernambuco* (PE). Sábado, 11 de janeiro de 1896, p.2. “Dr. José Thomaz – segue hoje para a Capital Federal o nosso distinto co-estadano Dr. José Thomaz de Oliveira. Da Capital Federal o Dr. Thomaz de Oliveira irá para Minas-Geraes, onde ocupará o cargo de promotor”.

⁵⁸ *Jornal do Recife* (PE). Domingo, 08 de dezembro de 1895, p.2. “Dr. Thomaz de Oliveira – No pacote *Olinda* segue hoje para a Capital Federal, o nosso ex-companheiro de trabalho Dr. José Thomaz de Oliveira que acaba de titular-se pela nossa faculdade de direito. Desejando seguira a carreira da magistratura, o Dr. José Thomaz resolveu ir para o sul, onde pretende collocar-se. Almejando para o nosso jovem e talentoso coestadano um brilhante futuro, são os nossos sinceros votos que elle consiga imediatamente a sua pretensão e que faça a mais feliz viagem”

o bacharel José Thomaz de Oliveira nomeou-o para exercer interinamente o cargo de promotor de justiça”⁵⁹.

Para inferirmos sobre o deslocamento de Recife para o sudeste, e a sua rápida inserção no mercado de trabalho após a sua formatura, havemos de salientar que a formação burocrática do estado “moderno” brasileiro esteve sempre associada ao que se denominou cultura bacharelesca. Daí, provavelmente, a facilidade da entrada de José Thomaz nas funções públicas que exerceria em seguida: juiz de direito, delegado de polícia, promotor de justiça, contador e secretário da Escola de Agricultura de Pinheiros, anexa ao posto zootécnico, no Rio de Janeiro.

O movimento bacharelesco existiu desde o Brasil Colônia. Portugal enviava os membros do corpo jurídico (formados na Universidade de Coimbra) para as funções burocráticas da justiça, porém, invariavelmente, estas autoridades envolviam-se com a elite latifundiária local, não para resguardar um judiciário igualitário e independente, mas para enriquecerem e perpetuarem os seus poderes sobre os demais. Depois da independência em 1822, essa cultura persistiu. Após a criação das primeiras escolas jurídicas brasileiras (Olinda/Recife e São Paulo, ambas em 1827), observou-se que a atividade jurídico-política dos bacharéis se manifestou na sociedade como um todo, pois eram tidos como aptos a exercerem as mais diversas funções públicas, haja vista a quantidade de analfabetos na população à época. Nota-se na história do Direito, que muitos bacharéis eram jornalistas e literatos e, em função disso, tornavam-se figuras influentes nas cidades (SANTOS; CASIMIRO, 2012).

A saída do bacharel José Thomaz de Oliveira, rumo ao Rio de Janeiro e em seguida para Minas Gerais, assimilava-se ao que acontecia com muitos jovens bacharéis em Direito da época. Essa disseminação bacharelesca por diversos locais do país é explicada por Freitas (2010) quando descreve a conjuntura do estado brasileiro, ainda em formação, no período pré e pós Proclamação da República, a qual estava inserido José Thomaz:

A fase de apogeu do bacharel, no Brasil vai do Segundo Império à República Velha, esse fenômeno arraigou uma crença de que o operador do direito fosse uma espécie de ser capaz de exercer quaisquer atividades para as quais fosse designado e os estudos sociais se mostrassem úteis. O bacharelismo atuou como forte característica do Brasil imperial, apesar da emancipação política, o país ainda continuou a herdar uma forte tradição

⁵⁹ Minas Geraes (MG). Quarta-feira, 29 de abril de 1896, p.1.

colonial escravista e ruralista, precisando, por outro lado, desenvolver idéias próprias para que o recém-criado Estado pudesse ocupar espaços administrativos e jurídicos até então vazios (FREITAS, 2010, p.83).

O período de José Thomaz de Oliveira na primeira comarca seria breve, “[I]logo em seguida foi transferido para Montes Claros como Promotor Público (1904), onde exerceu o cargo de Juiz Municipal (em substituição)” (VELOSO, 2008, p.53-54). Dois anos após a sua chegada ao estado de Minas Gerais, o jornal oficial *Minas Geraes* publicaria a sua nomeação⁶⁰ como juiz substituto da comarca de Montes Claros e, em seguida, a sua remoção⁶¹.

O destino profissional o ligaria com mais força a Montes Claros. Com a morte do juiz titular, Sócrates Roque de Lima Borborema, “[...] que foi injustamente assassinado por seu compadre e amigo, Francisco Amaral; motivo; ciúme infundado” (PAULA, 1957, p.109), em 19 de junho de 1898, o *Minas Geraes* publicaria a admissão ao cargo vago de juiz de direito de Montes Claros⁶².

Em Montes Claros, foi definido por Graça (1986, p.141) como “um nordestino culto que trazia nas veias o estigma da coragem, inteligência, e acima de tudo, honradez”. Casou-se com a montes-clarense Áurea Sarmento, “[...] cuja família possuía tradição no desempenho de atividades comerciais” (SILVA, 2012, p.77) e tinha como antepassado, Euzébio Alves Sarmento. Tal parente de Dona Áurea representava o cidadão da elite que, além de pertencer a uma família de posses, estudou e manteve status intelectual destacado na sociedade, pois, após chegar em Montes Claros “[...] requereu exame de farmacêutico licenciado, obtendo aprovação. Foi cirurgião-Mor da legião; editou dois jornais: O Operário (1894) e o Agricultor. Fundou a União Operária e a Banda Operária” (PAULA, 1979, p.173).

⁶⁰ Minas Geraes (MG). Sábado, 2 de abril de 1898. “[...] em ato oficial do Presidente do Estado, Crispim Jacques Bias Fortes, foi nomeado Juiz substituto da comarca de Montes Claros José Thomaz de Oliveira”.

⁶¹ Minas Geraes (MG). Sexta-feira, 07 de maio de 1897, p.1. “À Secretaria das Finanças, para os devidos fins, os officios: Do bacharel José Thomaz de Oliveira, promotor de justiça da comarca do Carmo do Parahyba, de 17 do corrente mez, communicando que, tendo chegado a noticia de sua remoção para a de Montes Claros, deixou, naquella datta, o exercicio do cargo”

⁶² Minas Geraes (MG). Domingo, 19 de junho de 1898, p.1. “Do juiz substituto da comarca de Montes Claros, bacharel José Thomaz de Oliveira, de 5 do corrente mez, que tendo falecido hontem (4) o juiz de direito da comarca, bacharel Alfredo Abdon de Loyola, assumiu, hoje (5), a jurisdicção daquele cargo, na fôrma da lei”

Através do casamento ocorreria a conexão definitiva de José Thomaz com a sociedade local e também com a política. A família Sarmento habitava o “Partido de Cima”, liderado pelos irmãos Honorato e João José Alves. Do outro lado estava o “Partido de Baixo”, chefiado por Camilo Prates, facção que José Thomaz defenderia, a despeito da origem da sua esposa (PAULA, 1957; WIRTH, 1982; SILVA, 2012). Mesmo indiretamente, a opção pelo grupo de “Baixo” seria marca do seu jornal, mesmo após os seus filhos assumirem os negócios. Enfim, em detrimento aos de “Cima”, posicionar-se politicamente pareceu ser uma forma de se fixar na sociedade e exercer influência sobre a opinião pública.

Para além das obrigações na magistratura, desde cedo, José Thomaz envolveu-se com o jornalismo montes-clarense, inicialmente colaborando com o jornal *A Opinião do Norte*. Em seguida, assumiu a redação desse jornal na edição nº47, de 14 de julho de 1907, circulando até o ano seguinte, edição nº 98 de 17 de julho, momento em que abdicou da função de diretor e redator, mudando de cidade (VIANNA, 1916). Em 1908, trabalhou na cidade de Dores do Indayá-MG e depois transferiu-se para o Distrito Federal, Rio de Janeiro, onde exerceu cargos de delegado (VELOSO, 2008), como observado à época em jornais da Capital⁶³.

No ano de 1912, mês de abril, assumiria o cargo de encarregado de contabilidade da recém criada Escola de Agricultura de Pinheiros, anexa ao Posto Zootécnico da mesma região, inaugurada com pompas e circunstâncias pelo presidente Hermes da Fonseca⁶⁴. Sendo exonerado do cargo de suplente de delegado em junho de 1913, ele e mais 24 suplentes: *exonerados por exercerem função publica remunerada*⁶⁵.

Chamou atenção reportagem do jornal carioca *O Imparcial* do dia 19 de junho de 1913. Por conta da quantidade de delegados suplente exonerados no dia anterior (25 no total), entre eles José Thomaz de Oliveira, (...) *houve um verdadeiro “tempo quente”*, pois, continuava a nota: *embora o cargo de suplente de delegado não seja coisa alguma, nem por isso deixa de ser*

⁶³ No dia 22 de janeiro de 1911, a *Gazeta de Notícias* (p.6) do Rio de Janeiro noticiou uma de suas nomeações para delegado de polícia: *Para o cargo de delegado do 26º districto foi nomeado o Dr. José Thomaz de Oliveira*. A mesma *Gazeta de Notícias* (p.4) noticiaria a sua transferência para o 20º distrito no dia 24 de novembro de 1911. Em 18 de novembro do mesmo ano, o *Diário Oficial da União* (p.14790) publicaria a sua nomeação para delegado do 24º distrito policial no dia 16.

⁶⁴ A Imprensa (RJ). Segunda-feira, 22 de abril de 1912, p.3. O Paiz (RJ). Segunda-feira, 22 de abril de 1912, p.2.

⁶⁵ A Noite (RJ). Quarta-feira, 18 de junho de 1913, p.3.

apetecido. A partir da nota, deduzimos que aparentemente valia à pena ser suplente de delegado, pois, apesar do baixo salário, *a presidencia de theatros, o ingresso gratuito em casas de diversões e outras coisas mais seduzem muito moço elegante*⁶⁶.

Inferimos que haviam compensações que tornavam o cargo de suplente de delegado de polícia, um posto interessante para um bacharel afeito aos divertimentos da capital federal. Além de teatros e casas de diversões, como expõe o jornal, sua família pode ter experimentado aspectos da vida moderna que no interior de Minas Gerais não existiam ou eram insipientes. Assim, no futuro, ele e sua família, desembarcariam novamente em Montes Claros com um aporte de outras e novas experiências que inseririam e movimentariam a sociedade, principalmente através das páginas da sua *Gazeta do Norte*.

Por fim, entre nomeações, transferências e exonerações no Rio de Janeiro⁶⁷, em 1917, retornou para Montes Claros como Delegado da Comarca⁶⁸, para em seguida ser nomeado Juiz Municipal de Montes Claros⁶⁹, “[...] cargo que abandonou para exercer a advocacia e fundar a *Gazeta do Norte* em 1918”⁷⁰ (VELOSO, 2008, p.54).

⁶⁶ O Imparcial (RJ). Quinta-feira, 19 de junho de 1913, p.6.

⁶⁷ O Paiz (RJ). Quarta-feira, 1º de agosto de 1917, p.2. “Foi exonerado José Thomaz de Oliveira do cargo de secretário do Posto de Pinheiros, por ter aceito outro cargo”.

⁶⁸ Jornal do Commercio (RJ). Sábado, 10 de março de 1917, p.2.

⁶⁹ O Imparcial (RJ). Quarta-feira, 9 de janeiro de 1918, p.2.

⁷⁰ José Thomaz de Oliveira desempenharia as funções de diretor do jornal até 1929, quando os seus filhos, Ari de Oliveira, que já atuava como redator, e Jair de Oliveira assumiriam as rédeas do periódico. Na edição do dia 19 de outubro de 1929, o cabeçalho da *Gazeta do Norte* traria, pela primeira vez, Ari como diretor e Jair como gerente do jornal.

Caracterizando a *Gazeta do Norte* (FIG. 6), o memorialista Nelson Vianna (1964, p.331) a definiu como um “Jornal noticioso, publicando também comentários sobre fatos atuais, contos, crônicas, poesias, notas sociais, editais e anúncios, vem acompanhando o progresso, continuando o programa traçado, em atuação moderada e simpática”.

Figura 6 - Sede da *Gazeta do Norte* na década de 1930.



Fonte: Arquivo pessoal de Dário Teixeira Cotrim.

Fato marcante na trajetória de José Thomaz de Oliveira em Montes Claros diz respeito aos episódios da Revolução de 1930. Montes Claros seria um dos pivôs da luta da Aliança Liberal contra o Partido Republicano de Júlio Prestes e estopim do movimento revolucionário que culminaria com o fechamento do Congresso Nacional e a ascensão de Getúlio Vargas à presidência do Brasil.

O *Gazeta do Norte*, à época da Revolução, era dirigida por Ari de Oliveira e defendia a candidatura de Prestes a presidente do Brasil. Por ocasião da visita do então vice-presidente da República, defensor de Prestes e candidato ao governo do estado de Minas Gerais, Fernando Mello

Vianna, foi a sua comitiva vítima de emboscada⁷¹ no momento em que se dirigiam ao local de hospedagem e passavam em frente à casa do Sr. João Alves, irmão do deputado federal Honorato Alves, opositor ferrenho dos políticos em desfile.

Tal episódio repercutiu em jornais de grandes centros brasileiros. O *Jornal do Recife*⁷², de Pernambuco, *O Globo*⁷³ e *O Paiz*⁷⁴ do Rio de Janeiro e o *Correio Paulistano*⁷⁵, de São Paulo, descreveram o episódio acontecido nas ruas de Montes Claros.

Sobre o sentimento do montes-clarense, Graça (1986, p.144) descreve o dia da chacina: “De repente, o tiroteio, o pânico, a multidão arrastando-se pelo chão, pisoteada, outras pessoas correndo, em bandos, para todos os lados, desordenadamente, como um “estouro de boiada” sem saber mesmo para onde, fugindo simplesmente das balas e da morte”. Não fosse a tragédia por si só um abalo, entre os mortos constava uma filha de José Thomaz de Oliveira, Iraci de Oliveira Novaes⁷⁶, [...] *virtuosa senhora brutalmente roubada ao convívio dos seus na tocaia sinistra da noite de 6*⁷⁷ [de fevereiro] que, desgostoso com a perda, retirou-se mais uma vez da cidade.

Após a morte de sua filha no tiroteio de 1930, afastou-se da *Gazeta do Norte*, entregando a direção do jornal a seus filhos, Ari e Jair de Oliveira, definitivamente (GRAÇA, 1986). Depois de aposentar-se, residiu por vários anos em Belo Horizonte, “[...] tendo novamente, em 1942, transferido sua residência para Montes Claros. Faleceu alguns anos depois, cercado do

⁷¹ Nenhum dos dois lados admitiram o início do tiroteio. Numa das versões, Itamaury Teles (2008, p.101) diz que “[...] um ruidoso petardo explodiu aos pés desse chefe político [Dr. João José Alves], atirado por manifestantes que gritavam o “morra” aos Liberais. [...] Atribui-se a este fato o “estopim que ateou fogo à dinamite”, deflagrando descarga de tiros de carabina e revólveres, num intenso fogo cruzado”. Noutra versão, Cotrim (2007) alega que a causa do tiroteio teria sido os gritos de “Viva a Aliança Liberal” dados pelo menino Aútilio Benjarane Tecles, um dos mortos na ocorrência.

⁷² *Jornal do Recife* (PE). Sábado, 8 de fevereiro de 1930, p.1. “Ao chegarem naquela cidade, foram aqueles políticos recebidos festivamente, dirigindo-se a comitiva para a casa onde devia se hospedar. Um grupo de indivíduos armados a revólvers e carabinas alvejou a comitiva, fazendo numerosos disparos contra os srs. Mello Vianna e demais companheiros, ferindo o vice-presidente da Republica, e mais quatorze pessoas, havendo cinco mortes”.

⁷³ *O Globo* (RJ). Segunda-feira, 17 de fevereiro de 1930, p.1.

⁷⁴ *O Paiz* (RJ). Sábado, 8 de fevereiro de 1930, p.1. “O PAIZ O Estado de Minas abalado por gravíssimos acontecimentos políticos Atentado selvagem contra a vida do Sr. Vice-presidente da República em Montes Claros Da casa de residência do chefe local da Aliança Liberal foram alvejados a bala, pelas costas, os Drs. Mello Vianna e Carvalho Britto e sua comitiva – Cinco mortos e quatorze feridos”.

⁷⁵ *Correio Paulistano* (SP). Sábado, 8 de fevereiro de 1930, p.1. “O BRUTAL E INNOMINAVEL ATENTADO DE MONTES CLAROS”.

⁷⁶ No *Jornal do Brasil* (RJ) (edição de domingo, 9 de fevereiro de 1930, p.7), a constatação de cinco mortes no tiroteio de Montes Claros, entre elas, Iracy de Oliveira: *Falleceu a Sra. Iracy de Oliveira, filha do Dr. José Thomaz de Oliveira e irmã do jornalista Ary de Oliveira. A infeliz senhora foi uma das victimas dos acontecimentos de Montes Claros.*

⁷⁷ *Gazeta do Norte* (MG). Segunda-feira, 17 de fevereiro de 1930, p.2.

apresso e da simpatia da população de Montes Claros – cidade que adotara, e que o estimara como um dos seus filhos mais devotados” (PAULA, 1957, p.209).

Além da devotada simpatia política do *Gazeta do Norte* à campanha presidencial de Júlio Prestes, após o violento incidente político o jornal destacou em todas as suas edições posteriores propaganda ostensiva em favor de Prestes e oposição ferrenha ao candidatos contrários, liderados por Getúlio Vargas. Na capa do dia 1º de março, um tom de chantagem e acusação: *O acto de votar com os candidatos da “Alliança Lombrosiana” è demonstração de solidariedade á chacina de João Alves*⁷⁸. Afora o pedido de votos, o jornal, sistematicamente, pediu investigações contra o grupo político dos Alves que, para o *Gazeta do Norte*, eram os [...] *mandantes do morticínio que tanto enxovalhou a civilização mineira*⁷⁹.

Na política nacional, Júlio Prestes ganhou a eleição, para deleite do *Gazeta do Norte* que chegou a publicar foto de Prestes como presidente eleito da República, porém, não assumiria a presidência. O derrotado, o gaúcho Getúlio Vargas⁸⁰, lideraria o golpe de governo que o levaria ao comando da nação brasileira em 1930. Com a instalação do Governo Provisório de Vargas, iniciaram-se uma séria de violências em diversas regiões do Brasil. Entre outros acontecimentos, em Montes Claros, a *Gazeta do Norte*, em função da sua postura dura contra os getulhistas, foi perseguida por seus opositores locais, ficando suspensa a publicação dos seus jornais de outubro a dezembro quando vândalos destruíram suas máquinas e as queimaram em praça pública, juntamente com a Bandeira Nacional pertencente àquele jornal (PAULA, 1957).

Sobre os filhos mais velhos do fundador da *Gazeta do Norte*, Veloso (2008) diz que nasceram nos anos de 1900 e 1902, respectivamente, e estudaram no Colégio Maia, no Rio de Janeiro. Jair, o mais jovem, continuou os estudos na Escola Normal de Montes Claros e aos “[...] 17 anos transferiu-se para Recife onde fez cursos preparatórios no Ginásio Pernambucano e cursou a Escola Politécnica por um ano, trabalhando em diversos jornais. Fundou a *Revista Mauricea*⁸¹ e, em 1924 regressou a Montes Claros” (VELOSO, 2008, p.55).

⁷⁸ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 1º de março de 1930, p.1.

⁷⁹ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 15 de março de 1930, p.1.

⁸⁰ Segundo o *Gazeta do Norte*, de 15 de março de 1930, apesar de derrotado em âmbito nacional, Vargas teria mais votos do que Júlio Prestes no estado de Minas Gerais e na cidade de Montes Claros.

⁸¹ Segundo os jornais pernambucanos *A Província*, (dos dias 07/11 e 1º/12 de 1923) e o *Jornal Pequeno* (de 09/11/1923), esta revista de *artes e letras, de propriedade e direcção* de Joaquim Inojosa, circulou pela primeira vez

Averiguamos que Ari de Oliveira concluiu o ano letivo de 1912 no *Collegio Maia*⁸², porém, anteriormente esteve, por anos, vinculado ao Colégio Militar Paula Freitas, também no Rio de Janeiro: em 1907, seu nome consta na lista de alunos que fizeram a primeira comunhão *do collegio Paula Freitas, na matriz de S. Francisco Xavier*⁸³; em 1908, aprovado nos exames finais do 4º ano, com *distincção em portuguez e geografia*⁸⁴; em 1909, aprovado no 5º ano, com *distincção em portuguez, francez, inglez, geographia, arithmetica e algebra*⁸⁵; em 1910, aprovado no 6º ano, com *distincção em francez, inglez, geografia, e plenamente nas outras*⁸⁶.

Estudar no Colégio Paula Freitas no início do século XX pode nos apontar um significativo sensibilizador do ímpeto esportivo do adolescente Ari de Oliveira. Segundo Leonardo Affonso Pereira (1998), naquela época, além de no Rio de Janeiro já haver a prática do elitista futebol como um jogo promotor de higiene e saúde, e que atraía cada vez mais a mocidade carioca para a sua prática, colégios de orientação inglesa, como o Colégio Latino Americano, disputavam jogos contra equipes da Associação Atlética do Colégio Paula Freitas, fundada em 1905.

Tal indicação de Pereira pode ser notada no jornal *Gazeta de Notícias*⁸⁷, quando noticiou a inauguração do campo de futebol da *Associação Athletica do Collegio Paula Freitas* para o dia 1º de julho de 1906, *sendo nessa ocasião jogado um macho official com o 1º team do acreditado Colegio Latino-Americano*.

Se no futebol o Colégio Paula Freitas já se fazia presente com uma equipe desde 1905, com treinos e amistosos no campo da sua associação, na rotina da escola a “educação física” também era valorizada pela sua direção. A *Gazeta de Notícias*⁸⁸ apurou que [...] *rapazes, alumnos do Collegio Paula Freitas, com a maior dedicação e interesse, entrega-se aos exercicios*

em novembro de 1923, tendo Jair de Oliveira como colaborador da seção *Verso e Prosa* e da seção *Flores Murchas*, e não como fundador, como informou Geisa Veloso (2008). O seu fundador, Joaquim Inojosa, foi um dos divulgadores do movimento modernista nordestino de 1922 e colaborador do *Jornal do Commercio* (A chegada do Século XX. Disponível em: <http://publica.recife.pe.gov.br/pr/seccultura/fccr/historia/cap7/textos.html>. Acesso em: 9 nov. 2016.).

⁸² Correio da Manhã (RJ). Segunda-feira, 23 de dezembro de 1912, p.4.

⁸³ Correio da Manhã (RJ). Segunda-feira, 11 de novembro de 1907, p.4.

⁸⁴ Correio da Manhã (RJ). Domingo, 13 de dezembro de 1908, p.3.

⁸⁵ O Paiz (RJ). Sexta-feira, 23 de dezembro de 1909, p.3.

⁸⁶ Gazeta de Notícias (RJ). Segunda-feira, 19 de dezembro de 1910, p.7. O Paiz (RJ). Segunda-feira, 19 de dezembro de 1910, p.4.

⁸⁷ Gazeta de Notícias (RJ). Sábado, 16 de junho de 1906, p.5.

⁸⁸ Gazeta de Notícias (RJ). Sexta-feira, 4 de maio de 1906, p.6.

preliminares de halteres durante a aula de gymnastica que alli funciona 4 vezes por semana, com a maior regularidade. Obriga-os a serem assíduos ás aulas de exercicios phisicos. Esta era a escola que receberia Ari de Oliveira, nascido em Montes Claros, por ocasião da mudança da sua família, do sertão norte-mineiro para a Capital do país.

Após graduar-se como bacharel em Direito pela *Faculdade de Sciencias Juridicas e Sociaes*⁸⁹ do Rio de Janeiro, em dezembro de 1916 retornou com a família para Montes Claros, iniciando sua vida profissional, sempre vinculado à *Gazeta do Norte*. Hermes de Paula (1979, p.176) descreve Ari de Oliveira como um *jornalista impetuoso, irrequieto, [e que] em sua juventude movimentou a cidade nos setores político, social e esportivo*. Vale destacar que no início do século XX, período em que a família de Ari de Oliveira residiu no Rio de Janeiro, capital do país e principal centro receptor das novidades europeias,

[...] os esportes foram [eram] sempre encarados, em vários sentidos, como divertimentos “úteis”. Eram claramente concebidos como uma forma de identificação com o “mundo civilizado europeu”, de demonstração de avanço ou constatação do atraso social (MELO, 2010, p.54).

Sobre sua trajetória profissional, Hermes de Paula (1957, p.231) o considerou um *intelectual de grande espontaneidade e vivaz*, que publicou diversas poesias e escreveu o livro “A milho e carvão”⁹⁰, livro que relata as aventuras de um caixeiro viajante nos sertões. Profissionalmente, figurou como gerente do jornal *Gazeta do Norte* por muitos anos até se transferir de Montes Claros para o Rio de Janeiro em 1931 e, em seguida, para Uberaba-MG⁹¹.

⁸⁹ Correio da Manhã (RJ). Terça-feira, 12 de dezembro de 1916, p.2. O Paiz (RJ). Quarta-feira, 13 de dezembro de 1916, p.3.

⁹⁰ Sobre o livro “A milho e carvão”, citado por Hermes de Paula, cabe uma consideração e mais informações. O livro **MARIO D’ILVEIRA – A milho e a carvão: memórias de um cometa**, autoria de Ari de Oliveira, foi publicado pela Livraria Leite Ribeiro. Freitas, Bastos & Cia em 1928 e conta histórias do “cometa” Mario D’ilveira que viajava “a milho”, combustível dos animais da tropa ou “a carvão”, que alimentava a caldeira que impulsionava os trens das suas viagens a negócio. Em crítica de João Ribeiro, do *Jornal do Brasil*, sobre o livro de Ari de Oliveira, republicada pela *Gazeta do Norte* em 09/08/1928, a constatação de uma literatura humorística, mas com tom político: *É realmente um livro de observação de costumes bem anotados e embora com certa superficialidade agradável que ameniza a leitura, nem por isso deixa de ser um documento de vivo interesse para o conhecimento das gentes do sertão do sul, entre Bahia, Minas e S.Paulo, caipiras, syrios, italiano e tutti quanti*.

⁹¹ *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 28 de fevereiro de 1960, p.1.

No Triângulo Mineiro, Ari de Oliveira manteve a veia jornalística. Em Uberaba foi diretor da *Gazeta de Uberaba* e fundou e dirigiu o *Jornal de Uberaba*⁹². Em 1954, em sociedade, fundou a Rádio Difusora Triangulina, de prefixo ZYZ-44 de ondas médias⁹³. Em Uberlândia dirigiu o jornal *O Triângulo*, foi um dos fundadores de *O Correio de Uberlândia* e, até ser vitimado fatal aos 59 anos de idade, por infarto do miocárdio, no dia 22 de fevereiro de 1960, era proprietário e dirigia a revista *Zebu*⁹⁴, especializada em assuntos pecuários. *Foi um idealista e um realizador*⁹⁵. Após sua morte, foi homenageado em Uberaba com a instalação da atual Rua Jornalista Ari de Oliveira.

Com a saída de Ari de Oliveira de Montes Claros, a direção da *Gazeta do Norte* foi passada para o seu irmão Jair de Oliveira e o cargo de gerente para Waldir de Oliveira, que deram continuidade à atividade jornalística até a década de 1960, quando foi extinto o periódico (VELOSO, 2008, p.55). Como diretor-proprietário do jornal, Jair era *figura grandemente estimada em todo o norte de Minas* (PAULA, 1957, p.249).

Como o seu pai, casou-se com uma filha da elite local, em agosto de 1927, Maria Josefina Prates Costa, com quem teve cinco filhos. Na seção *Diario Social* do *Diario de Pernambuco*, uma nota sobre seu casamento: [...] *ao acto compareceu a escol social monteclarensense, tendo sido muito festejado os conjugues*⁹⁶, demonstrando a importância da cerimônia e o apreço da imprensa pernambucana. Sua esposa era filha do Cel. Joaquim José da Costa, político ativo e dinâmico, eleito vice-presidente da Câmara Municipal (1904), presidente da Câmara e Agente Executivo Municipal (1912) e, entre as suas realizações, foi um dos responsáveis pelo serviço telefônico urbano, luz elétrica e pela publicação da primeira Monografia Histórica e Geográfica de Montes Claros, de autoria de Urbino Vianna, em 1916 (PAULA, 1979).

Cabe salientar que Jair de Oliveira, ao estudar e trabalhar na cidade de Recife, estabeleceu-se temporariamente num dos centros de maior densidade populacional do final do século XIX e início do XX no Brasil. Nessa época, a cidade do Recife exercia papel destacado no

⁹² Folha de Ituiutaba (MG). Sábado, 12 de março de 1960, p.4.

⁹³ Lavoura e Comércio (MG). Segunda-feira, 1º de fevereiro de 1954, p.2.

⁹⁴ O Repórter (MG). Quarta-feira, 24 de fevereiro de 1960, p.1.

⁹⁵ Gazeta de Paraopeba (MG). Domingo, 13 de março de 1960, p.2.

⁹⁶ Diário de Pernambuco (PE). Domingo, 11 de setembro de 1927, p.8.

aspecto econômico, cultural e social brasileiro, o que influenciava o comportamento, desencadeando novos costumes e novas práticas naquela região. Os europeus, principalmente ingleses que transitaram a trabalho na cidade, trouxeram, também, o gosto pelos esportes modernos da sua terra natal (LUCENA, 2010). Turfe, remo e futebol foram alguns dos divertimentos modernos que o jovem Jair de Oliveira pode ter acessado e trazido, se não a prática, as informações para Montes Claros, onde fixaria residência.

Ao finalizar o percurso metodológico, apontamos os caminhos trilhados a partir das fontes selecionadas e possíveis. Caracterizar a imprensa da cidade que pesquisamos e alguns personagens que compuseram o período, auxiliou-nos a entender o contexto da modernização na cidade que fruía no século XX. Notamos que o advento dos divertimentos modernos acompanharia o desenvolvimento de Montes Claros, porém, esse tal desenvolvimento (os ansiados progresso e civilidade) foi marcado pelas características sertanejas, sinônimo de atraso, que impuseram ritmos distintos de outras cidades brasileiras. Certo é que, Montes Claros não ficaria alheia aos desdobramentos da modernidade, mas, entender esse processo requereu perceber as características que compunham os elementos da elite local, fundamentalmente, através da política.

CAPÍTULO II

2 O IDEÁRIO MODERNO: novos hábitos, novos divertimentos

Para atingir os objetivos do trabalho, evidenciamos como os aspectos modernos foram sentidos no Brasil, nos principais centros urbanos do país, como Rio de Janeiro e São Paulo, e como esse movimento atingiu regiões mineiras interioranas, reverberando em Montes Claros.

Para isso, demonstramos a sua história e a sua formação identitária, além de explicar sobre a influência da elite local e da política “coronelista” que, pudemos deduzir, foram os principais provocadores de hábitos ditos modernos, entre eles os divertimentos; desde que obedecessem aos seus anseios.

Por fim, agora auxiliados também pelas fontes jornalísticas, observamos a instituição das vivências modernas de divertimentos; narramos a aquisição, ou a tentativa, de novos hábitos e a constituição de um padrão de comportamento moderno, urbano, “europeu” e *chic*, compondo um aspecto da história social de Montes Claros após a chegada dos trilhos ferroviários em 1926 até o centenário da cidade em 1957.

2.1 A modernidade e a esperança do progresso no sertão

No transcurso deste trabalho, para melhor percorrê-lo, havemos de entender as transformações advindas do fenômeno conhecido como modernidade⁹⁷, notadamente o que constituiu a sociedade ocidental no século XX. Este singular episódio não deve ser comparado com qualquer outro momento precedente da história, ele distinguiu-se como “[...] uma tendência contínua e acelerada de mudança tecnológica, com efeitos multiplicativos e revolucionários sobre praticamente todos os campos da experiência humana e em todos os âmbitos da vida no planeta” (SEVCENKO, 2001, p.23).

⁹⁷ A modernidade ainda será contextualizada no decorrer do texto, mas, para simplificá-la, Giddens (1991, p.11) argumenta que esse período de tempo “refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”.

Ainda ancorado em Sevcenko, da modernidade originou-se novas formas de lazer e diversão destinada às novas classes trabalhadoras surgidas nas cidades industriais europeias, uma nova indústria do entretenimento, mercado das “emoções baratas”. Porém, esse movimento modernizante não foi um marco estanque da nossa história. Compreendamos que “[...] a modernidade ainda não esgotou suas transformações e tem ritmo distinto em diferentes áreas do globo” (GUNNING, 2004, p.33).

A ocorrência da modernidade funcionou como marco fundante da passagem de um tempo a outro. Este momento particular da história eclodiu a partir da revolução tecnológica que influenciou diretamente no modo de vida das pessoas, caracterizando um “[...] fenômeno bem típico da cidade moderna que está se estruturando, se articulando com todas as dimensões que estavam sendo construídas” (MELO, 2006b, p.2). Foi uma época da história em que predominariam as categorias da novidade, da superação e do progresso sob a égide do marco da Revolução Francesa, também interpretada e ajustada como época das multidões, das cidades e da indústria, na qual prevaleceriam as categorias do urbano e do desenvolvimento sob a filosofia da Revolução Francesa (CARVALHO, M. V., 2012).

Observando a eclosão da modernidade europeia ocidental e trazendo a discussão para o Brasil: em que medida as transformações originárias na Europa pós Revolução Industrial impactariam a sociedade brasileira? Sobre o desejo de ser moderno, Melo (2008, p.189) afirma que “[...] a influência e o impacto de novas invenções é uma das características marcantes do rápido conjunto de mudanças em curso no decorrer do século XIX, notadamente na Europa e nos Estados Unidos, um processo que não demorou a ter reflexos em outros países, inclusive no Brasil”. “No Brasil, suas influências também se fizeram sentir, porém de forma muito particular, intrínseca ao modo como o pensamento moderno infiltrou-se nas fronteiras do Império lusitano e dentro delas foi reelaborado” (BUBLITZ, 2006, p.15).

O processo de modernização ao estilo europeu não se encaixaria na estrutura socioeconômica brasileira, na transição de colônia de exploração portuguesa para Estado Independente. Florestan Fernandes (1975) argumenta que a transplantação do modelo de civilização ocidental “europeizante” sofreria alterações inerentes à conjuntura histórica do Brasil, que de fato se libertou de Portugal, mas tornou-se dependente da Inglaterra. Nações como o Brasil, após a sua independência política, continuaram reféns do poderio econômico de outros países e dos

mesmos grandes proprietários de terras do período colonial. Esta conjuntura constituída pela elite agrária, detentora das decisões políticas, influenciava na incorporação de elementos modernizantes importados da Europa, pois as decisões estariam normalmente ao seu julgo.

Como afirma Fernandes (1975, p.152), os países que não comandaram o seu processo civilizatório, como Brasil, ficaram subordinados “[...] a um crescimento sociocultural controlado de fora e em função de interesses nacionais estrangeiros, por vezes incompatíveis ou em conflito com os seus próprios interesses nacionais”. Sem maturação interna, o Brasil adentrou a modernidade no século XIX de modo desordenado, atendendo a interesses estrangeiros, sem evoluir para a dita política liberal europeia e submetendo-se à mesma elite agrária no comando.

A formação de um Estado nacional independente desenrolou-se sem que se processasse alterações anteriores ou concomitantes na organização da economia e da sociedade. Portanto, ela se deu sem que o regime de castas e estamentos sofresse qualquer crise, pois ele constituiu a base econômica e social da transformação dos “senhores rurais” numa aristocracia agrária (FERNANDES, 1975, p.10).

Pode-se dizer que no Brasil da primeira metade do século XIX, a escravidão ainda era um fato relevante que perdurava na estrutura socioeconômica. Apesar de já ser um país independente, à elite agrária tradicional, mais interessava a manutenção dos privilégios coloniais do que profundas mudanças na estrutura social. Seria trabalhoso colocar o Brasil na direção do progresso e da civilização ocidental. Era a velha ordem social tradicional escravocrata contra o moderno, republicano e favorável à política de imigrantes (BUBLITZ, 2006). O desafio era “[t]ransformar o conceito de trabalho, que durante mais de trezentos anos no Brasil era visto como degradante e destinado apenas aos escravos e pobres, era uma estratégia imprescindível para uma nação que se pretendia civilizada” (LIMA, 2013, p.27).

Enfim, fazer um “país civilizado” e industrializado, como indicou Fernandes (1974), dever-se-ia respeitar os mecanismos econômicos, culturais e as condições histórico-sociais de existência alcançadas pelas pretensas sociedades capitalistas. Para isso, pessoas que defendiam a concepção urbana e industrial deveriam lutar contra o “antigo regime” dos senhores rurais brasileiros, desenvolvidos enquanto Colônia e consolidados após a Independência. Por mais que almejassem e defendessem a modernização, um aspecto que enfraquecia o arrojo dos sujeitos progressistas era que, as vezes,

essas pessoas estavam presas, por parentesco ou materialmente, à estrutura existente de poder; insurgiam-se ainda assim contra ela por se identificarem moralmente com o cosmo urbano, no qual se representava o regime de trabalho escravo como a principal causa da estagnação econômica, intelectual e política do país (FERNANDES, 1974, p.65).

Sobre este mesmo período, segundo Darcy Ribeiro (1995), havia na população brasileira, na transição do modo de vida pré-Revolução Industrial para o padrão moderno, um veemente desejo de transformação renovadora de todas as classes, inclusive as mais inferiores. Porém, este processo modernizador foi ditado lentamente pelas classes dominantes, principalmente a dos grandes fazendeiros, que não queriam abdicar de seus privilégios perante os menos favorecidos.

A resistência às forças inovadoras da Revolução Industrial e a causa fundamental de sua lentidão não se encontram, portanto, no povo ou no caráter arcaico de sua cultura, mas na resistência das classes dominantes. Particularmente nos seus interesses e privilégios, fundados numa ordenação estrutural arcaica e num modo infeliz de articulação com a economia mundial, que atuam como fator de atraso, mas são defendidos com todas as suas forças contra qualquer mudança. Esse é o caso da propriedade fundiária, incompatível com a participação autônoma das massas rurais nas formas modernas de vida e incapaz de ampliar as oportunidades de trabalho adequadamente remuneradas oferecidas à população (RIBEIRO, 1995, p.250).

Ainda que dificultados pelas classes dominantes, sabe-se que a ideia da modernidade estava conectada ao avanço tecnológico, à civilidade, à velocidade, à ciência, e em que medida ela mudaria a forma de viver das pessoas. As melhorias das condições de sobrevivência (luz elétrica, medicina e condições sanitárias) e, também, novas formas de diversão (cinema e esportes modernos, por exemplos), eram mais notadas nas cidades. Não obstante, segundo Melo (2016), mesmo originalmente anteriores, cinema e esporte são fenômenos típicos da modernidade, portanto, reconfiguraram o cenário urbano:

A configuração das duas linguagens [cinema e esporte] no decorrer dos séculos XIX e XX deve ser compreendida no âmbito do crescimento das cidades enquanto arenas de circulação de mercadorias e da consequente construção de uma cultura eminentemente urbana, onde se destacavam as vivências públicas de lazer (MELO, 2016, p.109-110).

Esse cenário de progresso inverteu, ao tempo permitido, a lógica do mundo rural e atrasado para um mundo urbano e moderno. Em se tratando de Brasil, tais evidências seriam observadas primeiramente nos maiores centros urbanos como Rio de Janeiro, capital da nação, e São Paulo, principal polo econômico e industrial.

Nessas cidades (Rio de Janeiro e São Paulo) cresce o “desejo de ser moderno”, de ajustar e inserir o país na grande onda mundial do final do século XIX. Industrialização, reformas urbanas, preocupações com a higiene e com a saúde, estabelecimento de novos hábitos, controle e perseguição de “costumes ultrapassados”, importação de produtos: essas são propostas que se encontram nos discursos e nas práticas de alguns daqueles que detêm o poder de designar os rumos da sociedade brasileira (MELO, 2008, p.191).

Durante o século XIX, a cidade do Rio de Janeiro passou por intervenções econômicas, urbanas e culturais que a alçaram a um novo tempo. O estímulo dado pela família real portuguesa a partir da sua chegada em 1808, desenvolvendo os serviços e o comércio local, a transformaria numa referência nacional, inclusive para os esportes modernos: “Dada sua posição política e simbólica, o Rio de Janeiro tornou-se, durante muitos anos, uma caixa de ressonância, disseminando pelo país as ideias e símbolos relacionados à modernidade, inclusive aquilo que se refere à prática esportiva” (MELO, 2010, p.21).

Os símbolos da modernidade que se desenvolviam no Rio de Janeiro e reverberavam pelo país, como disse Melo, podiam ser sentidos na sertaneja Montes Claros do início do século XX. Essa influência pode ser sentida em propagandas da *Gazeta do Norte* (FIG. 7; FIG. 8) que veiculavam o comércio de produtos da última moda importados de cidades mais desenvolvidas, como as capitais Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Figura 7 - Propaganda da moda importada do Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

Sapataria Jahu'

Ao pessoal elegante

GENEZIO ALVES SOBRINHO, seu proprietário, acaba de chegar da capital da República, trazendo um bello sortimento de pelles da ultima moda.

Executa os mais artistico figurinos da actualidade pelos mesmos systemas das melhores fabricas do Rio e Bello Horizonte.

Fabrica calçados para homem. pelo systema Goodyear.

Artigos baratos, solidos e elegantes, só na "Sapataria Jahú"

Rua Coração de Jesus
Montes Claros - Minas

Fonte: Gazeta do Norte (MG). 10 de março de 1928, p.7.

Figura 8 - Propaganda da moda trazida de outras cidades para Montes Claros.

Sapataria "Ribeiro"

— DE —

José Ribeiro de Castro

Rua Quinze de Novembro, 166

Fabrica de calçados que rivalsam com os melhores do Rio, Belo-Horizonte, Bata e outras praças

Montes Claros - N. Minas

Fonte: O Operário (MG). 20 de agosto de 1932, p.3.

Em São Paulo, de pequena cidade precária no final do século XIX, seria influenciada decisivamente pela sua posição de entreposto de escoamento e comércio da pujante cultura cafeeira da Província/Estado que a transformaria num dos locais de recepção e disseminação da cultura europeia moderna no Brasil. “A riqueza gerada pela cafeicultura possibilitou à cidade uma nova experiência urbana, redefinidora de suas bases, não apenas econômicas, mas políticas, sociais, culturais e demográficas” (FRANZINI, 2010, p.51). Um novo *modus vivendi*, possibilitado por esse processo de modernização, permitiria à elite paulistana adotar esportes e divertimentos importados.

O ser moderno ensejava disciplinamento social da população, novos padrões de conduta e comportamento “[...] nos momentos de trabalho ou diversão, nos espaços públicos ou privados. Almejava-se, inserir novas formas de organização familiar, de trabalho, lazer e dos costumes” (LIMA, 2013, p.26). Para o mundo, o modelo a ser seguido era o de Paris. No Brasil, o Rio de Janeiro passava a ser referência de modernização urbana para as outras cidades. Enfim, nos anos iniciais do século XX, como afirma Melo (2010, p.73), “o esporte já se constituía em uma das

principais práticas de lazer para todos os estratos da população. O Rio de Janeiro já era uma cidade *sportiva*”.

Apesar de a ideia da modernidade se disseminar pelo país, cada cidade concebeu estas transformações a partir das suas características e condicionantes próprias.

Os discursos sobre o que seria uma cidade progressista e civilizada se espalhavam por todo o país. No entanto, é preciso considerar as maneiras como as diversas realidades urbanas foram se apropriando desse discurso, pois o modo como as cidades se formaram e se estruturaram no decorrer de suas histórias, bem como o modo como seus habitantes foram se apropriando e conferindo sentido aos seus espaços, sempre apresentaram diferenças marcantes que, por sua vez, foram responsáveis pelas modificações nos modelos adotados (RIBEIRO, 2008, p.193).

Parte nesse processo, Minas Gerais, ainda como província, teve seu território ocupado no final do século XVII, e no decorrer do século posterior várias vilas foram erigidas em diversas áreas da Capitania. As povoações eram fundadas para exploração de ouro, principalmente, e outras para agricultura e criação de gado para abastecimento da população. Minas Gerais sempre foi diversa, apesar de precárias e isoladas, havia uma “civilização urbana”: era a das “minas” de ouro e pedras preciosas (como exemplos Villa Rica, atual Ouro Preto e Tijuco, atual Diamantina); era a das “gerais” e, também, era a dos “sertões”. Apesar das aglomerações urbanas, a característica rural era marcante no Estado (PAULA, 2000).

Com aspecto predominantemente rural, fazia sentido falar em modernidade na Minas Gerais dos séculos XVIII e XIX? Segundo João Antônio de Paula, sim:

A realidade de Minas Gerais era marcada pela modernidade como um conjunto de instituições – as cidades, o Estado, o mercado, um sistema cultural – que resultaram em significativa alteração com relação ao quadro até então prevalecente, típico da época medieval, e caracterizado pela ruralização, pela fragmentação do poder político, pelo localismo, pela hegemonia absoluta da religiosidade, pela estratificação rígida da estrutura social, pela ampla presença das relações de dependência pessoal (PAULA, 2000, p.22).

Relembrando, havemos de conjecturar que as transformações advindas da modernidade obedeceram a ritmos próprios de cada localidade. Como exemplo, a própria construção da atual capital do estado mineiro, Belo Horizonte (1894 a 1897), segundo Rodrigues (2010), simboliza o intuito de romper com o que era considerado atrasado, representado por Ouro Preto e pelo antigo

regime monárquico, para o progressista e moderno, pleiteado pelos republicanos. Na nova capital seriam construídos locais de divertimento para a elite (teatros, clubes e parques), enquanto as outras camadas sociais continuavam nas festas religiosas e nos bares.

“Uma nova e bela cidade requeria, também, novos e belos corpos. A organização social, cultural e material anterior teria de ser negada, pois os corpos de seus antigos moradores não condiziam com a racionalidade desejada para a cidade” (RODRIGUES, 2010, p.103). Entretanto, o moderno projetado e o tradicional praticado haveriam de conviver, pois a mudança abrupta não se consumaria, devido, possivelmente, a diversos fatores intervenientes, como veremos a seguir.

“Minas Gerais são muitas”⁹⁸, sua localização geográfica e diversidade climática a caracteriza diversa e receptora de influências das mais diferentes regiões do país. Sendo assim, especificando as cidades localizadas ao norte do Estado, podemos inferir, o tempo no processo de modernização tem sido maior. As intemperes climáticas que assolavam e assolam a região, são alguns dos aspectos que conferem aspecto sertanejo⁹⁹ ao seu povo, ademais, o fato de estarem mais distantes dos grandes centros da época, a exiguidade de acesso, os interesses políticos tradicionais sempre presentes, possivelmente e entre outros, podem ter sido obstáculos para o progresso e a civilização pretendidos.

⁹⁸ A expressão é atribuída ao escritor mineiro João Guimarães Rosa quando, em agosto de 1957, publicou poema na revista “O Cruzeiro” que demonstra toda a amplitude geográfica, histórica, econômica e social do vasto estado de Minas Gerais.

⁹⁹ Sobre o aspecto do brasileiro sertanejo e, por analogia, do norte-mineiro, como afirma Darcy Ribeiro, algumas características são marcas indeléveis e definidoras. Para este antropólogo, a população sertaneja é “[...] marcada por sua especialização ao pastoreio, por sua dispersão espacial e por traços característicos identificáveis no modo de vida, na organização da família, na estruturação do poder, na vestimenta típica, nos folguedos estacionais, na dieta, na culinária, na visão de mundo e numa religiosidade propensa ao messianismo” (RIBEIRO, 1995, p.339).

Os avanços promovidos pela modernidade, e que eram sentidos pela sociedade, podiam ser notados nas páginas da *Gazeta do Norte*. Como exemplos dessa mudança no status social proporcionada pelas novas melhorias, em Montes Claros, na década de 1920, estar localizado próximo à estação ferroviária, contar com eletricidade, instalação de esgotamento sanitário e serviço de deslocamento com automóvel eram motivos de propaganda destacada para hotéis, fato que simbolizavam a vontade de atualização com o que havia de mais moderno (FIG. 9; FIG. 10).

Figura 9 - Propaganda do *Hotel Ruy Barbosa*, anunciando possíveis aspectos modernos, como a luz elétrica.



Fonte: *Gazeta do Norte* (MG). Quarta-feira, 20 de janeiro de 1926, p.3.

Figura 10 - Propaganda do *Hotel Montes Claros*, anunciando possíveis aspectos modernos, como instalação sanitária.



Fonte: *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 11 de agosto de 1928, p.4.

Se levarmos em consideração a divisão antagônica sociocultural brasileira, representada pelo binômio “litoral” *versus* “interior”, encontrada em Fernandes (1974), observaremos que no “litoral” vigoraram as cidades que por muito tempo foram consideradas civilizadas, pois eram “[...] pontos de condensação, de irradiação e de difusão de novos padrões de comportamento e de outro tipo de vida” para o interior do país (FERNANDES, 1974, p.123).

A diferença de mentalidade entre os dois universos é descrita tanto do interior quanto do exterior. Imediatamente perceptíveis para um olhar do Sul, esta diferença passa por uma valorização da cidade e da civilização, em detrimento do sertão e do estado de incultura que este representa. De um ponto de vista social, a cidade representa o espaço da educação e do refinamento, enquanto o sertão representa o do analfabetismo e da rusticidade (DEBS, 2010, p.239).

A partir desta fórmula, a região Norte do estado de Minas Gerais está contida no “interior” incivilizado, incrustada num sertão fronteiriço, limítrofe entre a realidade inclemente e decadente do sertanejo de aparência física marcada pelas vicissitudes das condições climáticas do local, descrito por Euclides da Cunha em *Os sertões*¹⁰⁰, e o sertão das inquietudes dos personagens Riobaldo e Diadorim, em *Grande sertão: veredas*¹⁰¹, do mineiro João Guimarães Rosa, que mais se preocupava com as descrições psicológicas ou morais às físicas do sertanejo (DEBS, 2010) .

Convimos, então, que as cidades do “interior”, como Montes Claros, deveriam acompanhar o progresso propalado pela civilização (litoral). Porém, tais cidades sertanejas não se desenvolveram uniformemente. Sobre esse processo, Sylvie Debs (2010, p.238) diz que no início do século XX, “[...] a ruptura entre esses dois universos foi obstáculo à realização da “unidade nacional”, podendo um brasileiro do Sul dificilmente se reconhecer em um universo que lhe parecia arcaico e medieval”.

O desprezo (ou preocupação) pelo sertão, pelo interior distante do Rio de Janeiro, São Paulo e outras poucas cidades, está explícito no célebre discurso sobre a saúde do brasileiro de origem sertaneja, pronunciado pelo médico Miguel Pereira em 1916 a convite de seus alunos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro recepcionando o professor e diretor Aloysio de Castro, recém chegado da Argentina, quando comparou o Brasil a um imenso hospital (SÁ, 2009, p.334). Segundo o eminente professor,

[...] fora do Rio ou de S. Paulo, capitães mais ou menos saneadas, e de algumas outras cidades em que a previdência superintende a hygiene, o Brasil é ainda um imenso hospital. [...] Parte, e parte ponderável, dessa brava gente não se levantaria; inválidos,

¹⁰⁰ *Os sertões* foi escrito por Euclides da Cunha e narra a Guerra de Canudos no interior da Bahia (1896 – 1897). Foi lançado em 1902 pela editora Laemmert, do Rio de Janeiro.

¹⁰¹ *Grande sertão: veredas* foi escrito por João Guimarães Rosa. Sua história se passa no “sertão-mundo”, narrada por personagens jagunços circulando entre Minas Gerais e Bahia. Foi lançado em 1956 pela José Olímpio Editora, do Rio de Janeiro.

exangues, esgotados pela ankylostomiase e pela malária; estropiados e arrazados pela moléstia de Chagas; corroídos pela syphilis e pela lepra; devastados pelo alcoolismo; chupados pela fome, ignorantes, abandonados, sem ideal e sem letras ou não poderiam estes tristes deslembados se erguer da sua modorra ao appello tonitroante de triombeta guerreira, resoando de quebrada em quebrada ou quando, como espectros, se levantassem, não poderiam compreender porque a Pátria, que lhes negou a esmola do alfabeto, lhes pede agora a vida e nas mãos lhes punha, antes do livro redemptor, a arma defensiva. A não ser que fosse para que, na primeira arrancada mais facilmente lh'a arrebatasse o inimigo... Não carrego as cores ao quadro. É isso sem exagero a nossa população do interior. Uma legião de doentes e de imprestáveis¹⁰².

O teor das palavras de Miguel Pereira dizia sobre um brasileiro doente, um povo que, devido a sua fragilidade corporal, não se ergueria para defender a sua pátria (SÁ, 2009). O pronunciamento negativo acerca dos caboclos do sertão repercutiria nos jornais posteriores: o *Correio da Manhã* declarou o discurso *Desolador, mas verdadeiro*¹⁰³; na *Gazeta de Notícias* a constatação: *É triste, imensamente triste, mas em grande parte verdadeiro o que disse o Sr. Miguel Pereira, quando afirmou a impossibilidade pathologica de levantar os caboclos dos nossos sertões e fazel-os lutar organizados e disciplinados*¹⁰⁴; Em *O Paiz*, observamos: *É preciso não exagerar muito o merecimento das declarações atribuídas ao illustre Dr. Miguel Pereira, a respeito do estado sanitario do interior do paiz*¹⁰⁵.

Interessante notar que, à época, dois deputados federais mineiros saíram em “defesa” do sertanejo revelado por Miguel Pereira. Um deles é o norte-mineiro Camilo Prates¹⁰⁶, que protestou publicamente contra a fala do médico sobre a salubridade do sertanejo¹⁰⁷ e discursou na câmara dos deputados discordando do conteúdo alegado por Miguel Pereira¹⁰⁸; o outro, Sebastião

¹⁰² Jornal do Commercio (RJ). Quarta-feira, 11 de outubro de 1916, p.4.

¹⁰³ Correio da Manhã (RJ). Segunda-feira, 16 de outubro de 1916, p.1.

¹⁰⁴ Gazeta de Notícias (RJ). Sábado, 14 de outubro de 1916, p.2.

¹⁰⁵ O Paiz (RJ). Domingo, 29 de outubro de 1916, p.1.

¹⁰⁶ “Camillo Philinto Prates nasceu em 1859 em Grão-Mogol, próximo a Montes Claros. [...] Após fazer o curso de Humanidades em Ouro Preto, Camillo Prates se fixou em Montes Claros como professor, logo se tornou Deputado Provincial da 24ª a 27ª legislaturas (1882-1889). Com a proclamação da República e graças à influência de seu cunhado Gonçalves Chaves Júnior, foi nomeado presidente da Intendência do município de Montes Claros. Na composição da intendência pode-se notar a forte presença da parentela, pois dos seus seis membros, quatro eram pessoas que estavam diretamente ligadas à família. Camillo Prates consegue ocupar ainda outros cargos, Deputado Estadual Constituinte (1891-1895), Deputado Estadual (1895-1899), Senador Estadual (1889-1907) e Deputado Federal (1903-1905/1909-1934)” (FIGUEIREDO, 2008, p.4).

¹⁰⁷ Jornal do Brasil (RJ). Sexta-feira, 27 de outubro de 1916, p.6.

¹⁰⁸ Num trecho do discurso do deputado norte-mineiro Camilo Prates em defesa do sertanejo, proferido em sessão da câmara do dia 25 outubro de 1916, “Continua a discordar do professor Miguel Pereira, porque não pôde se convencer de que seja uma raça depauperada, esqueletica e incapaz, essa mesma a quem devemos os episodios épicos que nos

Mascarenhas, mais enfático em sua defesa da saúde do caboclo, argumentou dizendo: *Ha grande injustiça em se avançar que a população do interior esteja enfraquecida e que só a da capital seja robusta, graças ao remo e ao “foot-ball”*¹⁰⁹, e que a Guerra do Paraguai foi [...] *feita e sustentada durante cinco annos pelos nossos caboclos do sertão mais do que pelos rapazes abastados das grandes cidades, affeitos aos sports*¹¹⁰.

Polêmicas à parte, a divisão entre um suposto Brasil civilizado e o outro inculto parecia ser evidente no início do século XX e, além da separação entre litoral e sertão, o deputado Sebastião Mascarenhas indicou o aspecto esportivo como distintivo da mocidade abastada das zonas urbanas, prática ainda iniciante nas regiões interioranas e rurais. Nesse critério sugerido pelo deputado, como veremos, na sertaneja Montes Claros os esportes modernos se desenvolveram no início do século XX, representado pela fundação da primeira equipe de futebol da cidade, em 1916, justamente no ano do polêmico discurso do professor Miguel Pereira no Rio de Janeiro.

Considerando Montes Claros como um entreposto entre o sertão euclidiano e o sertão de Guimarães Rosa, devemos perceber o contexto de formação da identidade sociocultural da região sendo influenciado, num viés territorial, pelo nordeste brasileiro de um lado e/ou pela região central de Minas Gerais pelo outro. Ao final, segundo Lessa e Costa (2009, p.128), independente da região influenciadora, “[t]anto o sertanejo de Euclides quanto o de Guimarães estão condicionados ao meio, vivem imersos nele”. Os sertões, de acordo com os mesmos autores, eram detentores “[...] de exemplares raciais, caboclos e sertanejos, já adaptados às intemperes do meio, que, no entanto, necessitavam ser saneados, civilizados”.

Tencionando assumir uma vertente de formação identitária norte-mineira, adotaremos a concepção defendida pelo historiador Laurindo Mékie Pereira. Apesar de admitir múltiplos fatores no processo, este autor recorre principalmente ao critério social para subsidiar o

illuminam a historia, essa que operou a retirada da Laguna e que, como bem narra Euclides da cunha, hontem incompletamente citado na Camara, teve na guerra de Canudos, na representação de cinco ou seis jagunços que se achavam num reducto, fibra para fazer face, reduzir e matar, milhares de nossos soldados! Na Bahia, annualmente, não dez ou vinte, mas centenas de brasileiros, na colheita do café, percorrem 600 leguas a pé! Esses homens, positivamente, não podem pertencer a uma raça enfesada e doentia” (A Noite (RJ). Quinta-feira, 26 de outubro de 1916, p.3).

¹⁰⁹ O Paiz (RJ). Sexta-feira, 20 de outubro de 1916, p.4.

¹¹⁰ O Paiz (RJ). Terça-feira, 24 de outubro de 1916, p.1.

entendimento formador desta identidade como primordialmente mineira e não baiano/nordestina para a cidade de Montes Claros.

Em vertente distinta da de Laurindo Mékie Pereira, mas não menos interessante, o antropólogo João Batista de Almeida Costa (2009, p.129) defende

[...] que em termos político-administrativos o Norte de Minas pertence a Minas Gerais, mas em termos simbólicos ele não existe para Minas Gerais. Em termos de identidade, não há reconhecimento de que o norte-mineiro seja mineiro, pois ele é chamado de baiano, baiano cansado ou baiano. Ao ser assim classificado, é enfatizado para o nortemineiro que ele não é parte de Minas Gerais, que não compartilha da mesma identidade mineira e é colocado para fora de Minas Gerais.

Segundo Costa (2003), na formação identitária norte-mineira, aspectos como o sotaque, a culinária, o clima e a vegetação, além da mestiçagem entre índios, negros, paulistas, nordestinos e mineiros criaram um modo de vida diferente da Minas Gerais do centro, elitistas e assemelhados aos portugueses.

No entendimento de Pereira (2009), o que vigora em Montes Claros trata-se da identidade mineira, compartilhada pelas elites regionais ao longo da sua história, especialmente a partir de meados do século XIX, notadamente a partir do ano de 1831/32, quando se tornou autônoma politicamente. “Por outro lado, não há indicações de qualquer parceria política com os baiano e/ou nordestinos” (PEREIRA, 2007, p.168). A partir desse entendimento, ainda que no tempo e espaço que lhes conviessem, os componentes da elite montes-clarense produziram diversos impulsos modernizantes.

A cidade de Montes Claros, geograficamente, localiza-se no Norte de Minas Gerais, distante por via terrestre a 418 quilômetros da capital Belo Horizonte. É considerada uma das mais importantes do estado, sendo o principal centro urbano da região Norte de Minas (CARVALHO, 2010, p.38). Atualmente, segundo o IBGE¹¹¹, compreende uma população estimada em 398.288 habitantes e ao longo do tempo tornou-se referência regional, pois desde o “[...] final do século XIX, a cidade de Montes Claros já era considerada o principal centro urbano e comercial da região norte mineira” (LOPES, 2000, p.61).

¹¹¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=314330>>. Acesso em 25 set. 2016.

Sobre a evolução da população montes-clarense desde o século XIX, é possível que haja equívocos nos recenseamentos ou imprecisões nas estimativas sobre a quantidade de moradores. Nota-se tal fato na quantidade de informações divergentes e inexistência de um método confiável de contagem. Porém, ainda que passível de falhas, os números podem ser acessados em algumas fontes. O *Anuario do Estado de Minas Geraes*, de 1913, por exemplo, cita o município de Montes Claros com 61.565 habitantes pelo recenseamento geral de 1900. À época, o seu território abrangia cinco distritos: Montes Claros (sede), Brejo das Almas (atual cidade de Francisco Sá), Morrinhos (atual distrito de Miralta), Juramento e Bela Vista (atual cidade de Mirabela).

No transcorrer de 100 anos, a zona rural ainda concentrava a maior parte da população, porém, Montes Claros passou de 40 mil para 170 mil habitantes, um movimento de polarização característico da modernidade. Tal trajetória demográfica auxilia no entendimento do cenário social da localidade como principal cidade da região, no período anterior e nos anos investigados por este trabalho. Não é simplesmente o avanço da população montes-clarense, é o que isso pode significar. Para Oliveira (2000, p.49), em Montes Claros,

[a] crescente urbanização implica em maior diferenciação social, rompendo o binômio proprietário de terras/trabalhador rural que polarizou a organização social até então. Esta diferenciação provoca novas formas de organização de interesses, principalmente em relação à elite, mas que também emergem de outros segmentos sociais.

Observando a cronologia da progressão do número de habitantes de Montes Claros, e levando em consideração incorporações e desmembramentos de outras cidades do seu município, estão expostos no quadro 2, números sobre a sua população a partir da segunda metade do século XIX até 1960:

Quadro 2: Progressão da população de Montes Claros, de 1872 a 1970.

Ano	Referência	População do município
1872	“[...] Primeiro recenseamento oficial realizado no Brasil e único do Império, comparece o município de Montes Claros com uma população total de 40.217 habitantes, sendo a população livre de 36.171 almas e a escrava de 4.046” (VIANNA, 1964, p.653).	10.001 habitantes no distrito de Montes Claros: 8.721, população livre e 1.280, escrava.
1884	População de 42.000 habitantes (PAULA, 1957, p.43).	
1890 ¹¹²	Recenseamento da República, procedido a 31 de dezembro de 1890. Município de Montes Claros com 61.555 habitantes (POPULAÇÃO DE MINAS-GERAES..., 1898) ¹¹³ .	Montes Claros e Extrema com 14.646 habitantes.
1900 ¹¹⁴	“No terceiro recenseamento verificado no Brasil, segundo no regime republicano, o município de Montes Claros comparece com 54.356 habitantes” (VIANNA, 1964, p.655).	
1916	População de 50.000 habitantes (PAULA, 1957, p.43).	
1920 ¹¹⁵	“No recenseamento oficial, realizado êste ano em todo o Brasil, o município de Montes Claros comparece com 68.502 habitantes [...]” (VIANNA, 1964, p.655).	O distrito de Montes Claros tem 24.960 habitantes.
1940 ¹¹⁶	“No recenseamento realizado este ano no Brasil, o município de Montes Claros comparece com uma população total de 61.532 habitantes, dos quais 30.327 homens e 31.205 mulheres” (VIANNA, 1964, p.656).	Em Montes Claros são 29.082 habitantes. 13.833 homens e 15.249 mulheres.
1945	“De acordo com o recenseamento realizado, por estimativa, a população do município de Montes Claros, atinge a cifra de 61.532 habitantes, sendo 15.316 das zonas urbanas e 46.216 da rural” (VIANNA, 1964, p.657).	Em Montes Claros são 29.082 habitantes. 13.768 da zona urbana e 15.314 da rural.
1950	“No recenseamento realizado em todo o Brasil, o município de Montes Claros é registrado com uma população de 64.817 habitantes” (VIANNA, 1964, p.658).	Sendo 33.070 habitantes no distrito da sede, Montes Claros.
1950	População de 80.000 habitantes (PAULA, 1957, p.43).	
1960 ¹¹⁷	“No recenseamento geral, o município de Montes Claros apresenta-se com uma população total de 132.502 habitantes [...]” (VIANNA, 1964, p.658).	No distrito de Montes Claros são 68.275 habitantes, sendo 40.454 na zona urbana e 27.730 na zona rural.

¹¹² A Lei n.3276 (Província de Minas Gerais, 30/10/1884), elevou o arraial da Conceição do Jequitaiá à categoria de cidade, atual Bocaiúva. O decreto estadual n.299 de 26/12/1890 criou a vila de Contendas, desmembrando de Montes Claros, sendo elevada à cidade em 1894 de acordo com o decreto n.634 de 30/06/1893.

¹¹³ Sobre a fragilidade e importância do recenseamento de 1890, segue análise do artigo da *Revista do Arquivo Mineiro*: “Muito imperfeito embora, por deficiência de dados completos e seguros para alicerçarem-lhe as conclusões, esse trabalho é, ainda assim, de utilidade indiscutível. Si não ministra algarismos definitivos para demonstrações rigorosamente exactas, como fôra para desejar-se, fornece entretanto elementos para estimativas mais ou menos aproximadas da realidade e assim por certo incomparavelmente superiores às avaliações conjecturaes, susceptíveis de grandes erros, com todas as suas funestas consequencias praticas” (POPULAÇÃO DE MINAS-GERAES..., 1898).

¹¹⁴ O decreto estadual n.299 de 26/12/1890 criou a vila de Contendas, atual Brasília de Minas, desmembrando de Montes Claros, sendo elevada à cidade em 1894 de acordo com o decreto n.634 de 30/06/1893.

¹¹⁵ A Lei n.556 (Província de Minas Gerais, 30/08/1911), desmembrou de Montes Claros os distritos de Coração de Jesus, Extrema e Jequitaiá, para formarem o município da Vila de Inconfidência.

¹¹⁶ A Lei n.843 (Minas Gerais, 07/09/1923), elevou Brejo das Almas, atual Francisco Sá, à cidade, desmembrando seu território de Montes Claros e Grão Mogol. Coração de Jesus tornou-se cidade pela Lei Estadual n.893, de 10/09/1925, desmembrando-se de Montes Claros.

¹¹⁷ As cidades de Juramento e Mirabela foram desmembradas de Montes Claros e elevadas à cidade, respectivamente, em 1953 (Lei Estadual n.1039) e 1962 (Lei Estadual n.2764).

Sobre a estrutura política local, formada ainda no século XIX monarquista, Porto (2005, p.1) diz que os fazendeiros, “juntamente com médicos, advogados e outros profissionais liberais, serão personagens marcantes nessa trajetória, [...]”. “Tais grupos acabaram estruturando historicamente determinadas práticas políticas que vão acabar configurando e modelando a cultura política local ao longo de todo o século XX”. A cidade esteve sujeitada às políticas coronelistas independente da filiação partidária ou da atividade profissional do provável líder “salvador”. As características que vão refletir a cultura política de Montes Claros serão a violência, o personalismo e o paternalismo.

Como dito anteriormente, muitos políticos tinham formação acadêmica e, a despeito da manutenção do poder, mesmo assim, foram responsáveis pela introdução de práticas diferenciadas das tradicionais na região. Fosse no período monarquista ou republicano, em Montes Claros vigorou uma política devotada às elites. Ainda que houvesse sempre dois grupos disputando o poder, na essência, diferiam-se muito pouco. Como afirma Pereira (2002), independentemente dos partidos, da família ou da filosofia política, fazendeiros e bacharéis agiam em sintonia, pois um se adequava ao outro na faina de se manter no domínio:

A construção da política como algo distante da população era feita [...] reunindo dois conjuntos de imagens do político ideal: a ênfase na tradição, nas virtudes inatas para o exercício da liderança; e a valorização do homem culto, técnico, acadêmico. Essas imagens misturam-se, mesclam-se, sendo quase impossível encontrá-las isoladas em uma liderança, mesmo porque os líderes “novos”, “intelectuais”, estavam umbilicalmente ligados aos “velhos coronéis” (PEREIRA, 2002, p.111-112).

A elite da região Norte de Minas Gerais tem origem e intimidade com os latifúndios agropecuários. Apesar de a região ser marcada historicamente pela pobreza do seu povo, de estar compreendida no semiárido brasileiro e de sofrer com os períodos de estiagem característicos da região nordeste, há uma elite dominante que impôs/impõe as suas vontades sobre os menos amparados. Identificamos que os grandes fazendeiros, em função dos seus interesses, mandavam os seus filhos para centros mais adiantados para estudarem, como Ouro Preto, Rio de Janeiro e, adentrando o século XX, também Belo Horizonte. Ao retornarem formados, muitos entravam para a política. Traziam, não só os conhecimentos bacharelescos da medicina, direito, engenharia ou farmácia, como eram também portadores de novos costumes que em sua terra natal, talvez, não se

tivesse acesso. “Os felizes mineiros que conseguiam instruir-se numa terra de analfabetos gozavam de enaltecido status social. Os graus profissionais eram praticamente um pré-requisito da carreira política da elite” (WIRTH, 1982, p.206).

Notamos que nos anos 1940 e 50 já não era novidade a existência do bacharel líder. Alguns desses personagens intelectualizados, demonstrados por Pereira (2002), fizeram parte da rotina política e cultural de Montes Claros de meados do século XX. Numa atitude aparentemente contraditória, ao mesmo tempo que eram depositários de ideias progressistas, também representavam a elite tradicional.

A valorização do “conhecimento científico” e da formação acadêmica das lideranças esteve presentes nas campanhas de médicos – Alfeu de Quadros, prefeito de 1947 a 1951, Hermes de Paula em 1950; advogado – Geraldo Athayde em 1958; e engenheiro – Simeão Ribeiro em 1947, 1951 e 1958 (PEREIRA, 2002, p.112).

Desta forma, para se entender a fundação e o desenvolvimento econômico da cidade, observamos que a sua origem e desenvolvimento “[...] se definem em torno do abastecimento interno, tendo como função o fornecimento de produtos agropecuários para a região e outras partes do país” (OLIVEIRA, 2000, p.28). Através desse tipo de comércio se desenvolveu aos olhos de grandes fazendeiros que se instalaram e se perpetuaram na região.

Por estar localizada numa região fronteira entre o centro minerador (região de Diamantina), o Norte e o Nordeste brasileiro, “[...] a sua economia consolidou-se ainda pelos reflexos da atividade comercial, originada a partir da atividade mineradora, porém tendo como suporte a agricultura de subsistência e a pecuária extensiva, até o século XIX (SANTOS, 2009, p.3).

Neste processo de constituição, para entendê-lo, notamos ser possível acessar um significativo número de trabalhos históricos que de alguma forma tematizam o princípio da ocupação da região norte mineira pelo homem branco descendente de europeus, principalmente portugueses e espanhóis, muitas vezes descritos como civilizados.

Ressaltamos, porém, que nestes trabalhos há ampla utilização da obra de Urbino de Sousa Vianna, publicada em 1916, intitulada *Monographia do Municipio de Montes Claros: breves apontamentos históricos, geográficos e descritivos*, como fonte primária para a escrita dos textos

que narram e analisam a história da região. Invariavelmente, seja texto científico ou memorialístico, os dados montes-clarenses descritos e apontados por Urbino Vianna tornaram-se uma das principais fontes informativas para pesquisas nos últimos 100 anos.

Nota-se, também, que outros trabalhos serviram de base para a construção e registro da história da cidade. Entre eles, acessamos a *Chorographia mineira (Municipio de Montes Claros)*, que possivelmente foi o primeiro texto organizado e publicado sobre Montes Claros, escrito e publicado por Antônio Augusto Velloso¹¹⁸ no jornal de sua propriedade e primeiro da cidade, o *Correio do Norte*, no final da década de 1880, e republicado pela *Revista do Archivo Publico Mineiro*, no ano de 1897¹¹⁹. Outras informações são encontradas nos quatro volumes das *Ephemerides Mineiras (1664 – 1897)*, redigidas por José Pedro Xavier da Veiga e publicadas pela Imprensa Oficial do Estado em 1897, e nas cinco edições do *Anuario de Minas Gerais*, de 1906 a 1913, organizadas por Nelson Coelho de Senna e também divulgadas pela Imprensa Oficial mineira.

2.2 As circunstâncias da formação de Montes Claros

Como informam diversos autores (entre acadêmicos e memorialistas), a origem de Montes Claros, assim como da maioria das cidades mais antigas do Norte de Minas, está ligada ao movimento das Bandeiras, formada por homens que adentraram o vasto território sul americano em busca de riquezas. No século XVII, bandeirantes como Fernão Dias Paes Leme (Governador

¹¹⁸ Um dos personagens mais proeminentes da Montes Claros da segunda metade do século XIX, nasceu Antônio Augusto Velloso ainda na vila de Montes Claros de Formigas, em 31 de outubro de 1856. Em 1870 estudou em Diamantina para posteriormente formar em Humanidades no Rio de Janeiro. Foi professor e deputado provincial mineiro durante o Império. Proclamada a República, elegeu-se Senador para, em seguida, aceitar e desempenhar o cargo de Juiz de Direito em Diamantina e Ouro Preto, respectivamente, por 15 anos. Promovido a Desembargador, faleceria em 1924 ainda em suas funções (MAMELUQUE, 2010).

¹¹⁹ Antônio Augusto Velloso esclarece as circunstâncias da publicação da dissertação sobre Montes Claros no final do século XIX: “Escripta há cerca de doze anos, a seguinte monografia então foi publicada no *Correio do Norte*, periodico que se editava em Montes-Claros, sob a redação e de propriedade do autor, que ora atendendo ao desejo manifestado pelo digno Director do Archivo Publico Mineiro, acaba de revel-a, em ordem a adaptar, quanto possível, esta simples noticia às condições actuais do município de que trata, e que por varias alterações tem passado ultimamente, a fim de ser a mesma inserta nesta importante *Revista*, si por ventura alguma contribuição poder oferecer para a chorografia de Minas, cujo interessante assumpto, sobre ser um dos principaes da mesma publicação, há também sido objeto de valiosos trabalhos sob a inspiração do ilustrado Redactor, tão competente quanto solicito na direção que tem dado à Repartição a seu cargo (VELLOSO, 1897, p.561).

das Esmeraldas), Matias Cardoso, sucessor de Fernão Dias, e Manoel de Borba Gato foram alguns dos que penetraram a região e fincaram seus nomes por diversas localidades a procura de pedras preciosas e fundando povoações. Da comitiva de Fernão Dias fez parte Antônio Gonçalves Figueira, fundador das fazendas Jaíba, Olhos d'Água e Montes Claros no início do século XVIII. A Fazenda Montes Claros seria o embrião da homônima cidade (BRITO, 2006; COSTA, 2014; COTRIM, 2002; COTRIM, 2014; PAULA, 1957; SILVA, 2012; VIANNA, 1964; VIANNA, 1916; VELOSO, 2008; SILVEIRA; PEREIRA, 2007). “Antônio Gonçalves Figueira, favorecendo o comércio com amplas vias de comunicações, lançou as bases sólidas do nosso município, merecendo sem favor o título de fundador da cidade de Montes Claros” (PAULA, 1957, p.7).

Sobre o movimento das “bandeiras” no Norte de Minas, é importante atentarmos para o cuidado recomendado pelo eminente escritor montes-clarense Simeão Ribeiro Pires. Segundo ele, as informações que subsidiam o conhecimento histórico da época são originadas da memória do seu povo, como disse ele: uma “tradição oral”. Na comitiva de Fernão Dias faltou um escrivão para as anotações diárias, descobertas, feitos e itinerários. Sendo assim, é possível que haja equívocos nos escritos posteriores, perpetuando prováveis erros históricos (PIRES, 1979). O alerta do citado autor montes-clarense é respeitável, mas não diminui a importância da oralidade no relato dos fatos históricos de geração para geração, sendo estes, indícios plausíveis de utilidade para a história.

A respeito da justificativa da localidade para fundação de Montes Claros, por Antônio Gonçalves Figueira, e arrazoando a tradição oral da região, Simeão Ribeiro Pires defende que Figueira revelava “[...] um conhecimento amplo da região na felicidade da escolha, pela fertilidade do solo, salubridade, fatos notados por certo, desde o primitivo pouso de roças da bandeira de Fernão Dias Pais” (PIRES, 1979, p.79).

No ano de 1769, o segundo proprietário da Fazenda Montes Claros, o alferes José Lopes de Carvalho, requereu licença para construção de uma capela (VIANNA, 1916). Segundo Cotrim (2002), a doação das terras para construção da igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição e São José, feita pelo alferes, e a construção de uma intendência em 1831, foram acontecimentos fundamentais para a emancipação política da localidade. Deste modo, o Decreto Imperial de 13 de

outubro de 1831¹²⁰, página 134, sancionou a Resolução da Assembleia Geral Legislativa da Província de Minas Gerais que erigiu à Vila a povoação de Formigas¹²¹ e ordenou a criação de uma Câmara Municipal, com a mesma autoridade e atribuições da do termo que fez parte, além de dois juízes ordinários e um de órfãos. Segundo Hermes de Paula (1957, p.15), teria dito o vigário local a época: “Agora, sim, somos senhores de nossos narizes”, momentos antes da missa em ação de graças assistida pelos vereadores eleitos, pelas autoridades e pelo povo.

“Um ano e três dias depois, exatamente na data de 16 de outubro de 1832, era instalado festivamente o município de Montes Claros de Formigas, com Câmara Municipal, Cadeia Pública e o nefasto Pelourinho que imputava respeito e medo” (COTRIM, 2011, p.16). O próximo passo seria desmembrar a capela de Nossa Senhora da Conceição e São José da Freguesia de Santo Antônio de Itacambira (VIANNA, 1916). Tal fato seria confirmado pelo Decreto de 14 de julho de 1832, quando a vila foi elevada à freguesia, pertencendo à comarca do Serro Frio e tendo como filial o curato de Bomfim de Macaúbas (atual cidade de Bocaiuva), publicado no jornal *O Universal*¹²², do dia 19 de setembro de 1832.

Após 25 anos, o jornal *Correio Oficial de Minas*¹²³, publicou a Lei do Governo Provincial nº 802, elevando à categoria de cidade a Vila de Montes Claros de Formigas com a denominação de Cidade de Montes Claros.

LEI Nº 802 – DE 3 DE JULHO DE 1857.

Carta de Lei que eleva á categoria de Cidade a Villa de Montes Claros de Formigas.

Art. 1º Fica elevada á categoria de Cidade a Villa de Montes Claros de Formigas com a denominação de Cidade de Montes Claros.

Art. 2º São revogadas as disposições em contrario.

Publicada a 27 de Julho de 1857.

Sobre a transformação da vila em cidade, é importante ouvirmos Hermes de Paula (1957). O escritor local alega que o fato não foi revestido de importância, que pouco ou nada

¹²⁰ Encontramos o Decreto Imperial de 18 de outubro de 1831 publicado nos jornais *O Universal* e *Astro de Minas*, Seção *Artigo D’Officio*, da cidade de Ouro Preto, à época, capital da Província de Minas Gerais, nas edições dos dias 23 e 31 de janeiro de 1832, respectivamente.

¹²¹ Segundo Hermes de Paula (1957), a vila ficaria conhecida como Montes Claros de Formigas.

¹²² *O Universal* (MG). Quarta-feira, 19 de setembro de 1832, p.2.

¹²³ *Correio Oficial de Minas* (MG). Segunda-feira, 27 de julho de 1857, p.1.

mudou, nenhum discurso foi proferido, apenas a lei foi promulgada. Lembra que apenas a banda de música¹²⁴ da cidade desfilou festejando o fato que rapidamente foi esquecido.

Não encontramos registros, em nossas buscas, nada que demonstrasse o regozijo da população pelo acontecimento. Nada de oficial, a não ser o texto da lei; mesmo a tradição oral pouco transmitiu até nossos dias. Sabe-se apenas que a banda Euterpe Montesclarensis, fundada no ano anterior, saiu à rua pela primeira vez no dia em que festejou o fato. Poucos benefícios a transição nos trouxe, pois a nossa vila já desfrutava praticamente de todas as regalias de cidade – era independente em política e administração; era cabeça de Comarca, com juiz de direito e Municipal; possuía cartórios etc.etc. Daí o fato de ter se apagado tão rapidamente da memória dos montes-clarenses (PAULA, 1957, p.17).

Ainda ilustrando a elevação da vila à cidade, e o que de fato isso implicou para Montes Claros, Laurindo Mékie Pereira é categórico sobre a quase irrelevância da passagem:

Em 03 de julho de 1857, Montes Claros recebeu o título de “cidade”. O que isso significou em termos concretos? Praticamente nada. Não ocorreu qualquer modificação jurídica, política, ou administrativa em virtude deste título. A única mudança foi no nome que passou de “Montes Claros de Formigas” para apenas “Montes Claros”, por causa da homônima cidade de Formigas (PEREIRA; OLIVEIRA, 2003, p.2).

Se não houve significativas demonstrações de festividades na recém-criada cidade de Montes Claros, a mesma coisa não pode ser dita sobre as discussões que antecederam a promulgação da lei, na Assembleia Legislativa Provincial em Ouro Preto. Foi possível apurar argumentos favoráveis e contrários à elevação da vila para cidade. As falas dão informações importantes sobre a localidade, seus pontos fortes e as suas precariedades em contendas acaloradas, protagonizadas pelos deputados prós e contra o projeto de lei.

No *Correio Oficial de Minas*¹²⁵, encontramos a transcrição da sessão ordinária da Assembleia Legislativa Provincial, em Ouro Preto, do dia nove de junho de 1857, que discutiu a pretensa ascensão de Montes Claros. O deputado autor da proposta de elevação à categoria de

¹²⁴ A banda de música *Euterpe Montesclarensis* saiu à rua pela primeira vez em 1857, por ocasião dos festejos da elevação da Vila de Montes Claros de Formigas à cidade de Montes Claros. Teve duração de mais um século, sempre mantida por elementos da família Teixeira, descendentes diretos de Dona Eva Bárbara Teixeira de Carvalho, fundadora da banda. Seu primeiro regente foi Mestre Risério Alves Passos, vindo de Diamantina (VIANNA, 1972; PAULA, 1982).

¹²⁵ *Correio Oficial de Minas* (MG). Segunda-feira, 13 de julho de 1857, p.2-3.

cidade é identificado como Sr. Figueiredo¹²⁶. Entre os vários motivos alegados para que a vila se tornasse cidade, alguns são expostos a seguir. Foi enfatizado o seu comércio pujante e a construção da sua igreja matriz, os seus edifícios, a beleza das suas casas e a sua agricultura e pecuária:

Sr. Presidente, quando tive a honra de apresentar a minha emenda ao projeto, que se discute, elevando á cathogoria de cidade a Villa de Montes Claros de Formigas, fiz nessa occasião uma exacta exposição do Estado d'aquella Villa: demonstrei a importância do seo pessoal, de sua riqueza, suas relações commerciaes, seos recursos, agricultura etc.

A igreja que serve de matriz em Montes Claros foi construída com grandes proporções, tendo um comprimento e altura demasiado em relação a largura, mas esta obra não se concluiu. Em 1851, se não me falha a memoria, esta assembléa consignou-lhe uma quantia, e depois desse anno outra, com que deo-se-lhe grande impulso, accrescentando-se-lhe pelos lados duas ordens de tribunas, e construindo-se as torres; demaneira que actualmente só resta, segundo as informações que tenho, para ultimar a obra o acampamento e alguma outra parte menos importante.

[...] em 1840 já aquella vila prosperava muito: seo commercio com a Diamantina, Grão Mogol, Minas Novas e Januaria, desenvolvia-se em grande escala: sua agricultura e criação de gado augmentava-se: tudo emfim concorria-se para o seu engrandecimento. Dessa epocha para cá muito mais se tem melhorado aquella povoação sempre crescente; excellentes casas se tem construído e continuarão a construir-se.

Tem-se dito que só se deve elevar a cathogoria de cidade aquellas villas, que por sua belleza, por seos edificios por usa antiguidade etc. mereção esse titulo e eu asseguro que esta se acha revestida de todos os requisitos necessários.

Como sabido, os esforços do Dr. Figueiredo não foram em vão, a vila de Montes Claros de Formigas tornou-se cidade de Montes Claros, e assim se efetivaria.

Na política local, Oliveira (2000, p.31) diz que “[n]os primeiros cem anos de administração (1831-1930), Montes Claros, como o resto do país, tem sua organização política polarizada entre conservadores e liberais, cuja diferenciação não é exatamente de natureza ideológica”. Não se notava diferença significativa entre os grupos políticos, ambos compunham a elite local, oriundos do comércio e da pecuária. Ainda que não tenha havido período hegemônico de um dos grupos, as disputas renhidas pelo poder refletiam negativamente para a cidade, pois o boicote a uma boa ideia do grupo opositor era praxe na esfera política sertaneja.

¹²⁶ Não foi possível afirmar, mas presumimos, pelo período da legislatura, pelos nomes e locais de nascimento dos deputados provinciais mineiros de 1857, que o deputado em questão seja Vicente José de Figueiredo, nascido e vinculado politicamente ao município do Serro, uma das mais importantes cidades da época e sede da comarca que Montes Claros havia se desmembrado em 1832. Vicente José de Figueiredo foi Deputado Provincial entre 1850 e 1857. (Fonte: Blog Guia do Serro. Disponível em: <<http://www.serro.mg.gov.br/images/serranosilustres.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2016).

Progredir neste cenário de disputas não era fácil. Mesmo assim, ao final do século XIX, em descrição de Antônio Augusto Velloso (1897, p.591), Montes Claros apresentava feições de uma cidade que se desenvolvia, pois continha aspectos que a caracterizava possuidora de futuro de riqueza e progressista:

[...] com cerca de cinco mil habitantes, população culta e laboriosa, grande centro agrícola e pastoril, activo commercio; com escola normal, estação telegraphica, imprensa, fabrica de tecidos à pequena distancia - é uma das mais importantes do Norte do Estado, por sua prosperidade actual e elementos de futura riqueza e progresso”.

Ao passo que sua população aumentava e sua importância regional se ampliava, mais aspectos “modernos” poderiam se desenvolver ou se instalar na cidade. Em 16 de novembro de 1897, a inauguração do primeiro Mercado Municipal (ALMEIDA, 2011) estimulou a vinda de comerciantes de outras localidades a fim de negociarem seus produtos e, além de maior circulação de pessoas e dinheiro, a cidade passava a concentrar outros serviços essenciais, como saúde¹²⁷, comunicação¹²⁸ e educação.

O ano de 1903 seria marcado pela chegada da congregação de padres Premonstratenses, que, além das obrigações religiosas, seriam responsáveis pela fundação de vários elementos pouco conhecidos na sociedade montes-clarense. “A marcante vida comunitária dos premonstratenses em Montes Claros proporcionou a atuação destes religiosos em diversos aspectos da vida social local” (SILVA; SILVA; CALEIRO, 2014, p.260). Entre os novos hábitos influenciados pelos padres, constam: educação, artes, imprensa, saúde, ciências e até o recente futebol:

Os padres Premonstratenses, que além de trabalhos religiosos, promoveram uma revolução social. Fundaram colégios; o Grêmio Literário Montes Alverne; o Clube Dramático São Genesco; introduziram o futebol (1905); criaram o jornal *A Verdade*; viabilizaram a chegada de irmãs de caridade para a Santa Casa de Misericórdia; instalaram um observatório de meteorologia; criaram um museu de História Natural (PAULA, 1982, p.20).

¹²⁷ Fica pronto o prédio da Santa Casa de Caridade, criada pelo governo provincial pelo decreto nº 1.776 de 21 de setembro de 1871 (PAULA, 1957).

¹²⁸ No sobrado de número 18 no antigo largo da Matriz, foi inaugurado o Telégrafo no dia 27 de outubro de 1892 (VIANNA, 1972).

Acreditamos que haja uma interação nestes aspectos que convergiam para influenciar nos hábitos das pessoas, e essa conjunção de acontecimentos seria, o que supomos, oriundos da modernidade. Quanto mais cidadãos se alfabetizavam, mais leitores havia para os jornais e, em consequência disso, mais informações eram disseminadas, influenciando os hábitos rotineiros. Assim, o número de pessoas alfabetizadas era um aspecto importante na afinidade da imprensa com a cidade, pois, quanto mais pessoas soubessem ler, maior seria o seu alcance. Essa relação, destrinchada pelo recenseamento de 1950, e publicada pelo jornal *Tribuna da Imprensa*¹²⁹, revela que em Montes Claros, [...] *quanto ao nível de instrução geral (pessoas presentes de 10 anos e mais): Sabem lêr e escrever, 14.329; não sabem lêr e escrever, 33.702; sem declaração, 112, Total: 48.143. Assim, 30% das pessoas presentes de 10 e mais eram alfabetizadas.*

Fronteira no processo de alfabetização, foi a criação da Escola Normal de Montes Claros “[...] pelo art.97 do regul. N.84, de 21 de Março de 1879, em virtude da auctorisação contida no §8 do art.3 da lei da antiga província, sob n.2.476, de 9 de Novembro de 1878 (VELLOSO, 1897, p.590). A Escola Normal, segundo Paula (1957) não era oficial, vivia às custas das mensalidades pagas pelos alunos e recebia a ambos os sexos. Antes de ser extinta em 1905 e retornar em 1915, teve como diretores nomes influentes da elite política local, como Antônio Gonçalves Chaves, Carlos Versiani e o Padre Augusto Prudêncio.

Como vanguardista de divertimentos modernos, a Escola Normal de Montes Claros é tida como uma introdutora do voleibol na cidade, por volta de 1923. O jogo praticado naquela época era bem diferente do atual, pois “não havia número limitado de jogadores e era considerado ponto perdido quando a bola (que podia ser agarrada) caísse no chão” (PAULA, 1957, p.238). Num entendimento mais amplo, a escola moderna brasileira, principalmente no pós-república, deveria romper com a antiga escola doméstica, “[...] para a escola graduada, concebida e implementada no âmbito de uma preocupação societária cada vez mais aguda com o processo de formação de massas”, baseada “[...] largamente na apologia da ciência, do progresso, da racionalidade e da civilização” (OLIVEIRA, 2006, p.4).

¹²⁹ Tribuna da Imprensa (RJ). Quarta-feira, 4 de julho de 1957, suplemento, p.2.

Diante dos novos preceitos para a educação no Brasil, Linhales (2006) diz que na consolidação da escola na sociedade moderna foi-lhe atribuída novas práticas que não ficariam circunscritas ao seu interior, entre elas a socialização do esporte moderno como meio disciplinador.

Se a “escolarização do esporte” consiste no movimento por meio do qual a escola incorpora os valores, os códigos e a institucionalidade esportiva, estamos referindo-nos a uma variedade de práticas que, antes não incluídas na escola, passam então a caracterizá-la. Nesse movimento, produzem novos formatos nos tempos e nos espaços escolares, na estruturação dos saberes e dos currículos, na formação docente e ainda na organização institucional do Estado (LINHALES, 2006, p.99).

No cenário escolar de Montes Claros, nos primeiros anos do século XX, averiguamos que os sacerdotes premonstratenses estimularam a instalação do Colégio Imaculada Conceição, no dia 5 de setembro de 1907, pelas irmãs do Coração de Nossa Senhora (VIANNA, 1972) e, ainda, que até a criação do Grupo Escolar Gonçalves Chaves em 5 janeiro de 1909, pelo decreto 2352/1906, só existiam escolas isoladas e particulares; ela seria a primeira escola da cidade constituída para representar os ideais republicanos de educação. Seus primeiros diretores foram os professores José Rodrigues Prates e Carlos Catão Prates (AGUIAR, 2007; PAULA, 1957).

Além da escola, diversos outros acontecimentos ditos modernos influenciariam diretamente o desenvolvimento de novas atividades, entre elas os divertimentos. Do que adiantaria ter conhecimento do cinema na capital se não houvesse a energia elétrica em Montes Claros? Como funcionar dignamente uma escola ou um clube social sem água canalizada? No turbilhão de acontecimentos na pequena cidade do início do século XX,

[...] notava-se uma intensificação dos estímulos nervosos na cidade, não obstante os automóveis e a ferrovia terem chegado, respectivamente, em 1920 e 1926. O comércio entre os municípios vizinhos, o telégrafo e a instalação do telefone, a inauguração da luz elétrica, a circulação de pessoas e mercadorias pela cidade, as construções e alinhamentos de ruas, os instrumentos óticos, tais como o Cosmorama e o cinematógrafo, e os sonoros, como o fonógrafo e o gramofone, intensificaram a vida urbana da pacata cidade [...] (CARVALHO, 2016, p.57).

A título de exemplo, se no lombo do cavalo poder-se-ia levar dias para se chegar a um destino, o advento do caminhão e do trem de ferro abreviaria, em muito, esse tempo. Nesta região, segundo Veloso (2008), com estradas praticamente inexistentes, o meio de transporte mais comum

era o cavalo, o primeiro caminhão chegou à cidade em 1920¹³⁰ e a estrada de ferro em 1926. A instalação da energia elétrica foi inaugurada por iniciativa do Cel. Francisco Ribeiro dos Santos, gerada na usina hidrelétrica instalada no rio Cedro e o serviço de abastecimento de água potável foi inaugurado pelo governador Benedito Valadares em 1938 (PAULA, 1957). Outros fatos marcantes na história da cidade até a década de 1950, que de alguma forma denotaram progresso e desenvolvimento, podem ser notados no quadro 3 a seguir.

Quadro 3: Fatos de destaque na história do desenvolvimento de Montes Claros.

1910	A Diocese de Montes Claros, criada em 10 de dezembro de 1910, inicialmente ficou sob a administração de Dom Joaquim Silvério de Souza (GUEDES, 2007, p.106), foi instalada oficialmente em 8 de outubro de 1911 (PAULA, 1982, p.58).
1917	Inauguração da luz elétrica em 20 janeiro de 1917 (BRITO, 2006).
1938	No primeiro dia do ano houve uma corrida de bicicleta, saindo vencedor Vicente Veloso (PAULA, 1957, p.293). Na Praça da Matriz, foi implantado o Telefone urbano no dia 15 de fevereiro (VIANNA, 1972).
1944	O governador Benedito Valadares volta à cidade para inaugurar a Central Hidro-Elétrica de Santa Marta, de maior porte e mais confiável do que a do Cedro (PAULA, 1957).
1944	Inauguração oficial do Montes Claros Tênis Clube pelo governador Benedito Valadares (já funcionava desde 1941), também conhecido como Praça de Esportes Minas Gerais (PAULA, 1957).
1956	Na Praça da Matriz, foi implantado o Telefone interurbano no dia 30 de junho (VIANNA, 1972).

Após a instalação da luz elétrica em 1917, ainda precária e inconstante, segundo Brito (2006), notou-se euforia na chegada de mais benefícios para a cidade. Entre eles, “[...] possibilitou, no mesmo ano, a criação do Cine Ideal” (RODRIGUES, 2011, p.21), equipamento de divertimento que demandava eletricidade para o funcionamento do projetor e tinha suas sessões nos períodos em que as pessoas estivessem livres das obrigações, estabelecendo uma nova dinâmica de uso do espaço urbano propiciado pelo advento da luz elétrica e em horários noturnos.

As pessoas normalmente ansiavam por melhorias nos padrões de qualidade de vida, porém, as benesses vinham a passos lentos e atingia prioritariamente um grupo de cidadãos da elite local. O que notamos e que, em geral, em Montes Claros a esperança se arrefecia e era sistematicamente adiada. A promessa do que poderia acontecer se um dia houvesse ligação

¹³⁰ “– O “Bicho Caminhão” chegou... É uma cousa horrorosa... Nunca vi... É fim do mundo!...” Gritou o porteiro do Grupo Escolar Gonçalves Chaves no dia 10 de dezembro 1920 (PAULA, 1957, p.27).

ferroviária era um dos aspectos modernos que alimentava a esperança de dias melhores por vir. Essa novela teria longa duração.

No primeiro quartel do século XX, um personagem da política brasileira teria destacada atuação na implementação de políticas beneficiárias ao povo sertanejo em geral. Francisco Sá, um político mineiro-cearense, seria idolatrado em Montes Claros como o responsável pela chegada da estrada de ferro em 1926, símbolo do almejado progresso de que muito se falava.

Francisco Sá (1862 - 1936) nascido na fazenda Brejo de Santo André, zona rural de Grão Mogol, Norte de Minas Gerais, estudou no seminário de Diamantina e diplomou-se Engenheiro pela Escola de Minas de Ouro Preto. Apesar de mineiro de nascimento, sua trajetória política foi ligada ao estado do Ceará, onde casou-se com Olga Acioly, filha líder político Antônio Pinto Nogueira Acioly. Foi Secretário de Estado, Deputado Provincial e Senador por mandatos diversos representando o Ceará (CARLOS, 2008).

Regressando a Minas Gerais, por ocasião da deposição política do sogro do governo do Ceará, seria deputado, secretário de Agricultura, Comércio e Obras Públicas no mandato do Governador Bias Fortes (1894-1898) e articulador da construção de diversas estradas de ferro no Estado. De volta à política cearense, foi nomeado primeiro titular do Ministério da Viação e Obras Públicas no governo do presidente Nilo Peçanha em 1909, quando foi responsável pela infraestrutura de transportes e comunicações do país. Em seguida, reeleito Senador pelo Ceará, assumiria pela segunda vez o ministério da Viação e Obras Públicas do Presidente Artur Bernardes (1922-1926). Atuou renegociando contratos de concessão de exploração mineral e do transporte no Brasil, criou um fundo especial de financiamento de obras e expansão da malha férrea. Através desse fundo, entre inúmeras obras, seria construída e inaugurada pelo próprio Francisco Sá, o ramal da linha de centro da Estrada de Ferro Central do Brasil ligando Currálinho a Montes Claros em 1926. Com a ascensão de Getúlio Vargas em 1930, teve seu mandato de Senador interrompido, momento em que se retiraria da política, falecendo em abril de 1936 (CACHAPUZ, 2016).

2.3 O divertimento importado: o *rendez-vous diletanti* de uma sociedade *chic* e adorável¹³¹

As transformações das práticas de diversões em inúmeras cidades brasileiras no início do século XX se constituem como desdobramento do pensamento moderno, modificando o padrão de comportamento social até então vigente, notadamente tradicional e permeado por valores conservadores. Neste sentido, é importante lembrar que:

O termo Modernidade surge como uma forma geral e ampla, caracterizado pelas mudanças ocorridas a partir do século XVII na Europa, produzindo várias “revoluções”: das mentalidades, dos conceitos de espaço e tempo, nas formas de conceber Estado e religião, nas literaturas, nos conceitos de corpo, no uso do tempo livre assim como do trabalho, na organização social, nas mudanças das novas formas dos meios de produção, no sistema de comunicação e transporte (LISBOA; CUNHA JUNIOR, 2009, p.57).

“A nítida influência de um estilo de vida europeu, moderno, estava na constituição de novos códigos sociais, que pretendiam forjar uma cultura calcada na urbanização, no consumo e na exposição pública” (SILVA; SOUZA NETO, 2010, p.2). Havia intencionalidade de se romper com o aspecto rural dominante até então e transformar o espaço urbano num tempo e espaço de práticas de lazer, demarcando o período de trabalho e o tempo livre. Nesta tentativa de se alcançar um padrão burguês, o esporte e o lazer se tornam peças fundamentalmente necessárias para o convencimento dos sujeitos sociais que ainda resistiam à instauração desta nova ordem (SOUZA NETO *et al.*, 2011).

Mesmo que a experiência de certas atividades vistas como modernas tenham chegado ao Norte de Minas Gerais alguns anos mais tarde do que em cidades como Belo Horizonte e Juiz de Fora, elas também representaram nessa região o desejo de pertencimento de um novo mundo que estava em permanente construção. Além disso, trabalhamos a presunção de que as práticas de diversão foram um dos meios de preparar a população para a vida moderna, além de serem elementos da própria modernidade.

¹³¹ Os dizeres “o *rendez-voz diletanti* de uma sociedade *chic* e adorável”, foi uma expressão cunhada pelo jornal Gazeta do Norte em 1918. Representa o intento e a ansiedade por novidades como a prática de atividades modernas, como os esportes, para a juventude da cidade a época. Eram novas práticas, como o futebol e o tênis, em contraposição aos hábitos tradicionais da cidade de conotação religiosa, como veremos no decorrer do texto.

A partir desse entendimento, Sevcenko (1992) afirma que, com a divulgação dos ideais da modernidade, ficar em casa ou descansar nos dias de folga tornar-se-iam atitudes sem sentido, pois, os novos hábitos propalados estimulavam as pessoas a se exercitarem publicamente, algo marcante para os divertimentos ditos modernos. Segundo Silva (2013), tal cenário foi notado em Montes Claros quando iniciou-se as práticas esportivas, especialmente o futebol: “[...] praticar e assistir futebol, [...] passou paulatinamente a compor o cotidiano da cidade, configurando-se como uma das principais vivências de diversão do município” (SILVA, 2013, p.3).

Antecedendo o período pretendido pelo trabalho, a *Gazeta do Norte*, nas primeiras décadas do século XX, em 1919, já expressava o clamor do norte mineiro por divertimentos:

Fala-se constantemente em falta de diversões nesta cidade. É realmente uma lacuna lastimável na vida da sociedade de Montes Claros. Ha dias, então, nos quaes a nossa terra é de uma insipidez sem nome: nos santificados e feriados, quando se fecham as casas de commercio. Pode-se, então, fazer cessar tal estado de cousas; basta que appareçam algumas pessoas de boa vontade e de iniciativa, para dar movimento á população e facilitar pontos de encontro onde a gente se divirta. Seria de se elogiar a empreza que nos raeabrisse o salão de cinematographo; mereceria applausos e amparo o grupo de amadores que nos desse, aos menos, de semana em semana, um espectáculo theatral de peças leves, modernas, instructivas e moraes [...] ¹³².

O discurso sobre a falta de divertimentos modernos trazido pela *Gazeta do Norte*, revela a existência de novos hábitos de diversão no início do século XX, e este comportamento continuaria a ser notado nas fontes acessadas a partir de 1926. A partir delas, observamos o aparecimento de práticas tidas como modernas como voleibol e basquetebol, além de uma nítida ampliação de outras já existentes, como futebol e cinema.

Em um outro ponto relevante, ressaltamos que em uma cidade com expressiva população de negros e mestiços, a herança cultural africana era muitas vezes vista como símbolo do atraso. A convivência do que era moderno com os festejos tradicionais, possivelmente, tenderia a negação dos hábitos que possuíam ancestralidade africana. No que diz respeito a práticas de diversão, essa herança tradicional de cunho religioso se materializava principalmente na festa dos

¹³² *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 07 de junho de 1919, p.1.

catopês, caboclinhos, marujadas, cavalhadas e bumba meu boi, culminadas nas habituais Festas de Agosto¹³³.

O que supomos ser um conflito entre o tradicional e o moderno, podemos observar explícito no texto da *Gazeta do Norte*, no ano de 1926:

As velhas tradições, rôtas de traça, escondidas nas aguas-furtadas do espirito da gente têm o mesmo encanto sempre novo dos velhos livros das bibliothecas esquecidas. [...] Velhas tradições! São historias que a Mãe-Preta escreveu nas nossas almas e que a gente nunca mais esquece... Outr'ora havia muito mais brilho e galhardia nas festas de agosto. Festas puramente populares achavam entretanto acolhida entre os homens de destaque na cidade, em tempos que não havia o *snobismo* pedante de hoje. [...] Pois essa gente que vem de fora anda saturada de civilização e de mocinhas que fallam francez, essa gente quer ver coisas locais que desconhece, quer conhecer a velha alma do povo sertanejo. [...] As marujadas, o caboclinhos, as cavalhadas são, nos tres dias de agosto, reviviscencia de lendas, de costumes, um metachronismo pittoresco que vale ser conservado pela lembrança que nos traz dos tempos da nossa formação ethnologica, no formidavel caldeamento das nossas três raças mães. [...] Enchem de vida a cidade, nesses três dias de folguedos, divertindo o populacho e os moradores dos povoados adjacentes, que aqui affluem em grande numero, em suas roupas domingueiras. Essas festas sobre serem interessantes, na sua simplicidade, trazem a grande vantagem de divertir o povo, fazendo olvidar nesses dias miserias e penurias¹³⁴.

Os trechos transcritos demonstram o ambiente de convivência das velhas com as novas tradições, e tais vivências eram antagonicas. O autor do texto relembra dos tempos que as festas [...] populares achavam entretanto acolhida entre os homens de destaque na cidade, em tempos que não havia o 'snobismo' pedante de hoje. Se por um lado, o texto se aborrece com a civilidade esnobe, afirmando que a [...] gente que vem de fora anda saturada de civilização e de mocinhas que fallam francez, por outro, o mesmo texto confirma a existência de um modo de vida educado e civilizado de acordo com certa percepção da realidade social. O jornal deixou claro que nas festas tradicionais de agosto, em tempos passados, atingiam todas as classes sociais da cidade, porém, em 1926 isso já não existia: as festas tradicionais cumpriam o papel de divertir [...] o populacho e os moradores dos povoados adjacentes, que aqui affluem em grande numero, em suas roupas

¹³³ Segundo Hermes de Paula (1957, p.138), "Há mais de cem anos que nos dias 16, 17 e 18 de agosto se realizam em Montes Claros festas religiosas em homenagem a nossa Senhora do Rosário, são Benedito e Divino Espírito Santo respectivamente. Além das práticas puramente religiosas, tais como missas, bênçãos e levantamento de mastros, realizam-se também as marujadas, cabocladadas ou caboclinhos, catopês ou dançantes, cavalhadas e bumba meu boi".

¹³⁴ *Gazeta do Norte* (MG). Quarta-feira, 4 de agosto de 1926, p.1.

domingueiras. Por fim, as festas, [...] na sua simplicidade, trazem a grande vantagem de divertir o povo, fazendo olvidar nesses dias misérias e penurias.

No entendimento de Victor Andrade de Melo, sobre este período específico de mudanças sociais para hábitos ditos modernos na configuração de um “novo mundo”, pode-se depreender que [...] “enquanto uma cidade estava sendo “morta” para que outra renascesse, preparava-se o terreno para a “sociedade do consumo”, onde o lazer e a diversão ganhariam ainda mais importância” (MELO, 2006b, p.2). Na primeira metade do século XX, nos hábitos de vida da cidade de Montes Claros-MG, notar-se-ia um momento diferenciado até então. Os festejos tradicionais, marcados pelo viés católico, conviveriam com práticas de diversões ditas modernas e sem apelo religioso aparente. Alguns elementos desta fase de mudanças são apontados por Silva (2012, p.175):

Futebol, cinema, teatro e Festas de Agosto integram o rol de vivências que preenchiam parte da vida do montesclarenses no início do período republicano. Em meio ao cenário em que despontavam novas práticas de diversão, permaneciam no cotidiano da população costumes enraizados na cultura local, como as Festas de Agosto, e possivelmente outras vivências que não são destacadas nas fontes utilizadas. De qualquer forma, é importante salientar o espaço proeminente que vivências modernas de diversão (instrumentos educativos) passaram a ocupar no cotidiano da cidade.

Esse processo fazia emergir, também, uma nova possibilidade de distinção social, de pertencimento de classe. No entanto, ser distintivo exigia o domínio dos códigos destas experiências modernas de divertimento. Jogar futebol, bem como saber assistir a uma partida, via apropriação das regras do jogo, ir ao cinema (e não agir como um “caipira assustado”) e outras ações demarcavam o território daqueles que se adequavam à nova realidade social¹³⁵.

Sobre futebol e cinema no Brasil, destacamos o que diz Maurício Murad (2010), pois, se originalmente são marcas da elite, com o tempo se popularizariam:

¹³⁵ Na França, o cinema (1895) e os esportes (1896: organização dos primeiros Jogos Olímpicos modernos por Pierre de Coubertin), originalmente e numa mesma época, compuseram, juntamente com outros hábitos sociais, a formação de uma nascente cultura urbana. Apesar do futebol ter se caracterizado no século XVIII, o cinema e os esportes, “mesmo possuindo raízes anteriores, são fenômenos típicos da modernidade, se organizando no âmbito de uma série de mudanças culturais, sociais e econômicas observáveis desde o fim do século XIX e consolidadas na transição e no decorrer do século XX” (MELO, 2006a, p.56). Notaremos que, tanto o futebol quanto as projeções cinematográficas transporiam o oceano Atlântico e chegariam no Brasil, primeiramente nas grandes cidades e aportaria em Montes Claros nas primeiras décadas do século XX.

Cinema e futebol chegaram ao Brasil pelas mãos (e pés) da elite endinheirada e com a ajuda de imigrantes, os quais já marcavam sua presença em nossa história e, na conjuntura referida, constituíam política de governo, como incentivo ao ingresso de mão-de-obra especializada, para fazer frente às novas necessidades do país. Isto nas primeiras épocas. Logo depois, tanto o futebol como o cinema passaram por um processo de popularização, cada um a seu jeito e a seu modo, mas ambos atingindo, em cheio, o gosto do brasileiro (MURAD, 2010, p.196).

Neste contexto de novas formas de diversões modernas, investigamos questões relacionadas à história social de Montes Claros após a chegada dos trilhos em 1926 até o ano de 1957, sob o prisma das práticas de diversão, terreno demarcado por este estudo. As histórias dessas vivências na região permitiriam o reconhecimento de fatos que se revelaram para além da prática em si.

Neste período (1926 – 1957), pretendendo aqui demonstrar o quão significativo foi o advento das práticas modernas de divertimento, um dos maiores exemplos da caracterização do esporte moderno na cidade, foi a construção da Praça de Esportes – Montes Claros Tênis Clube – inaugurada em 1941. A Praça¹³⁶, que foi idealizada para o jovem esportista que quisesse praticar uma modalidade, habitou o imaginário de muitos montes-clarenses, sem necessariamente ter uma ligação esportiva. Ela foi motivo de orgulho, tal como descreveram os memorialistas Ruth Tupinambá Graça e Haroldo Lívio de Oliveira:

A Praça de Esportes tinha vida, tinha alegria e orgulho dos seus campeões. Eu era jovem e frequentadora e posso neste momento dizer o foi a Praça os momentos felizes da sua existência e que muitos desconhecem. [...] Em 1941 ela surgiu bela e majestosa conquistando todos os corações. Este acontecimento marcou época em nossa cidade (GRAÇA, 2012, p.145).

Era a sala de visitas da cidade. Toda a beleza e suavidade de nossa urbes se resumia neste logradouro de ar puro, paisagem verde e céu azul de anil. Quem não fosse sócio da praça, estaria fora da história e da geografia da cidade. Era um pedaço do paraíso transportado para cá e plantado na várzea, um jardim de delícias da juventude (OLIVEIRA, 2013, p.104).

¹³⁶ A Praça de Esportes ainda será tratada em outro capítulo, no decorrer desta tese.

Pela indicação dos memorialistas anteriores, a abertura da Praça de Esportes em 1941, além de ser um dos marcos da incorporação de divertimentos modernos em Montes Claros, era local de convivência pública da mocidade, promotora de novos hábitos sociais.

Obviamente, a convivência entre o tradicional e o moderno não existia sem tensões. Nessa questão, entendemos que o moderno provocava mudanças de hábitos e costumes, constituindo um projeto civilizatório, e este processo não se dava tão passivamente. Vejamos, então, o estranhamento da seção religiosa, numa edição da *Gazeta do Norte* de 1929, frente a postura [...] *perniciosa desse modernismo sem brio* que, segundo o texto, se abatia sobre as mulheres da época, que desafiavam o padrão social feminino vigente e escandalizava os princípios proclamados pela igreja.

Modernismo

A influencia perniciosa desse modernismo sem brio vae sendo a causa da corrupção dos povos. Está em evidencia o nú, e a mulher moderna, desvirtuada da sua sublime missão do lar, só aspira atrair as vistas do mundo. Mas, que é que o nú poderá ensinar de elevado e bom á massa popular, ante a qual se expõe por toda a parte e até onde deveria respeitar – a casa de Deus?! Á estação da missa, domingo passado, na Capella do Palacio Archiepiscopal, ouviu-se a voz áurea, auctorizada, do venerando, sabio virtuoso Metropolita, reclamando com toda razão, essa exhibição burlesca de «canelas», braços e collos de fora, nas funções religiosas, como para mostrar a «toilettes» no rigor da moda. Que lição moral poderá dar uma mãe de família, uma professora, de cabelinho «á la homme» expondo as linhas dos seus contornos aos olhos dos seus filhinhos, á vista de seus alunos? Que de nobre, que de moralidade poderá haver nesse espectáculo de exhibições indiscretas e ridículas de pernas ou «cabómtas»?... Esses vestidinhos excessivamente curtos não transformam as mocinhas de hoje em verdadeiras bonifrates? O nú não habilita, não moraliza; pelo contrário, o nú degrada, corrompe e escandaliza. Por ventura quererão as mães e filhas modernas convencer-nos de que agradam a Deus e respeitam os templos com sua nudez?¹³⁷

É possível supor que a trajetória de inserção de novos hábitos desencadeava discordâncias entre o recato religioso, necessário na postura de assistência às missas, e a jovialidade, notadamente da elite, que assumia costumes diferentes, trazidos de outras cidades. Frequentar a igreja, tanto podia denotar a circunspeção sagrada do rito religioso de salvação da alma, como podia ser o cenário da exposição do corpo profanado, alinhado à última moda importada. “O futebol, por exemplo, expoente de uma sociedade que desejava modernizar-se, foi

¹³⁷ *Gazeta do Norte* (MG). Terça-feira, 26 de março de 1929, p.1.

utilizado como ferramenta pedagógica por um grupo que baseava suas ações na manutenção da tradição, os missionários premonstratenses” (SILVA, 2012, p.181).

Sobre a “saída da missa” nos anos 1930, Hermes de Paula (1982, p.53-54) a descreve para além do sacral: “a igreja era onde **acontecia**¹³⁸, inclusive a missa das dez horas de domingo, que constituía um verdadeiro desfile de modas”. A Praça Doutor Chaves (Praça da Matriz) tornava-se a passarela de exposições da moda, um registro social elitista, principalmente na saída da missa aos domingos.

Numa *Gazeta do Norte*¹³⁹ de 1933, deparamos com uma descrição graciosa e galanteadora de Jair de Oliveira (editor do jornal sob a alcunha João da Rua Quinze), narrando em duplo-sentido (tradicional religioso e o moderno), os motivos da afluência das pessoas à Praça da Matriz: *cheia de gente, cheia de fé ou cheia de graça, rezar a missa ou animar a praça ... (?)*:

Manhã de sol doirada e surpreendente
A praça, poenta, está cheia de gente
que vae cheia de fé ou cheia de graça,
Rezar a missa ou animar a praça ...

Primeiro vem aquella professora
de cabelos ondedados que o sol doura
vai para igreja, quem devia estar
há muito tempo exposta n’um altar!

Vem outra de sapato verde. Ensaia
um passo miudinho. – Olha jandaia
se me promettes não me fazer mal,
eu tenho n’alma um Jaboticabal ...

Vem outra. Que sublime moreninha!
Bom dia, senhorita Vassourinha!
Também fui lixo, um dia, em seu caminho
Viu meu coração, leve como arminho
entrou, varreu, e após varrer, saíu,
deixando-o eternamente assim vazio ...

E aquella esguia, de amarello, traz
No pensamento a história de um rapaz
cujo destino foi cruel. Então
veste de desespero, por paixão ...

¹³⁸ O destaque em negrito na palavra “acontecia” foi dado pelo próprio Hermes de Paula. Possivelmente objetivando enfatizar o momento da saída da missa como um verdadeiro desfile de modas.

¹³⁹ *Gazeta do Norte* (MG). Terça-feira, 16 de maio de 1933, p.4.

Aquella, não há quem possa descrever-lhe
o perfil: é a nossa bathin girl ...
Rindo com outras, elegante e fina
conta esses passados na piscina ...

E vendo-as tão puras e tão belas
eu penso então com infinito amargo
Min'alma bem podia ser um Largo
da Matriz, que coubesse a todas ellas ...

Inferimos, havia recorrente tensão na coexistência entre o novo e o tradicional em Montes Claros, acentuada pelas maiores possibilidades e velocidade de informações que a modernidade promovia. Energia elétrica, telégrafo, imprensa, educação e transporte facilitados abreviava o tempo de chegada do conhecimento e influenciava nos hábitos da população que tinha acesso a eles, primordialmente, mas não somente, os sujeitos da elite local. A “modernidade, para além de implicar em uma séria mudança de hábitos, causou mudanças em outro elemento da cultura vigente: a sensação do tempo, usualmente atrelada ao espaço” (MACHADO, 2007, p.26).

Este movimento se deu nas mais diversas cidades brasileiras. Levando-se em conta a dimensão geográfica do país, e outros aspectos peculiares a cada região, podemos entender que o ritmo de penetração desta pretensa modernidade foi bastante variável. Desta forma, o ideário moderno pode ter chegado ao sertão mineiro com relativo atraso, principalmente quando comparado a outras cidades de Minas Gerais, como a região de Ouro Preto, a nova capital Belo Horizonte, fundada em 1897, e cidades da zona da mata mineira, que recebiam forte influência da Capital do país, à época, o Rio de Janeiro.

Mesmo sendo percebida como uma cidade de forte importância e influência no Norte de Minas Gerais, Montes Claros só vai se apropriar da experiência de práticas pertencentes à lógica da modernidade, provavelmente, mais tardiamente. Sendo uma localidade marcada por uma aguda cultura rural, com raízes historicamente solidificadas em princípios conservadores, era esperado que o binômio tradição/modernidade gerasse uma oposição mais sistemática a este novo modelo civilizador. No dizer de Figueiredo (2010, p.161) “[...] uma abertura à diversificação econômica só se tornou efetiva após a chegada à região da Rede Ferroviária Central do Brasil, em 1926. Até lá, a base da sustentação do poder tradicional, sobretudo o latifúndio, se mantiveram praticamente intactos”.

Os trilhos para o sul do país de fato conduziram a cidade a uma nova dinâmica de acessibilidade ao mundo “civilizado”. O transporte ferroviário movimentou mercadorias e pessoas, e com elas os sentimentos e a cultura da sua gente. Apesar de sertaneja e pequena, a cidade saíria do isolamento de antes, após o advento da estrada de ferro, tal como afirma a memória de quem testemunhou o período:

Na década de 30, Montes Claros era uma cidadezinha modesta, plantada no sertão mineiro e longe de tudo. Era servida pela “Estrada de Ferro Central do Brasil” (EFCB), meio de transporte que ligava a nossa comunidade aos grandes centros e às localidades por onde passavam os seus trilhos. As outras partes da região, ligadas com estradas precárias, eram servidas pelas tropas de burros e carros-de-bois (DURÃES, 2010, p.61).

Na primeira metade do século XX, a região Norte de Minas ainda possuía rotina política pautada no “coronelismo”, importante marca da cidade no início do século XX (WIRTH, 1982), aspecto que representava o maior ponto de choque com a chegada da chamada sociedade moderna. Nesse sentido, Porto (2005, p.6) conclui:

Ao mesmo tempo em que o campo político condiciona o *habitus*, esse também atua sobre o campo. Uma verdadeira relação de duplo efeito, pois se as precárias condições de saúde, miséria e exclusão em uma pequena cidade sertaneja, podem ser entendidas como um elemento favorecedor da proliferação desse tipo de capital político, por outro lado, uma parcela expressiva da população resulta permanecer em uma condição de verdadeira clientela daqueles que (...) conseguem preencher algumas demandas populares.

A aquisição de novos hábitos sociais pelos seus leitores do início do século XX foi, também, projeto da imprensa local. Contudo, tal fato não aconteceria abruptamente, além dos dogmas religiosos presentes na forma de portar e agir socialmente, o jornal traria a novidade ou mesmo demonstraria fatos de uma sociedade inculta e possivelmente arredia ao desenvolvimento de novos costumes pela juventude. Enfim, na convivência do tradicional com o moderno, emergia gerações de montes-clarenses mais conectados com o exterior, algo dificultado antes do aparecimento da estrada de ferro, principalmente.

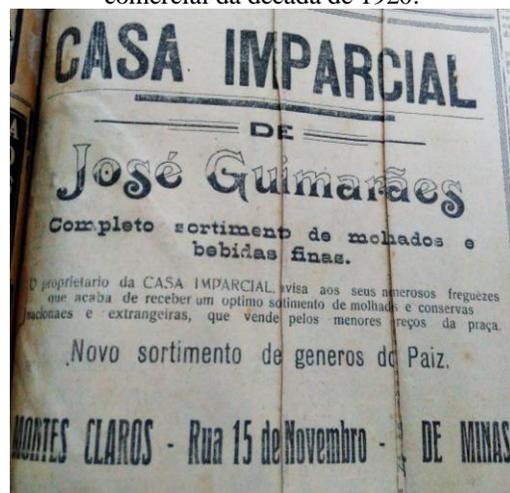
Uma das mudanças mais sensíveis no decorrer do século XX talvez tenha sido o aumento de sortimentos importados no comércio e a transformação da figura do caixeiro viajante em comerciantes assentados nas praças das cidades. Isso se deu porque, como afirma Juvenal Durães (2011, p.57), após a estrada de ferro “[...] as referidas compras chegavam à estação ferroviária de Monte Claros nos vagões cargueiro”. Posteriormente a ferrovia, alguns desses viajantes fundaram “casas” comerciais em Montes Claros, pois os produtos já não precisavam viajar no “lombo” das tropas até o cliente longínquo. O “cometa”, acostumado à longas viagens, e que trazia um pouco de civilidade aos isolados, ao seu tempo, se fixou atrás de um balcão de vendas. Ao invés de ir ao cliente, o cliente passou a ir até ele. Nessa época, muitos comércios se desenvolveram e anunciaram com frequência seus produtos modernos (FIG. 11; FIG. 12) na *Gazeta do Norte*:

Figura 11 - *Casa Minerva*, estabelecimento comercial da década de 1920.



Fonte: *Gazeta do Norte* (MG). Quarta-feira, 7 de julho de 1926, p.2.

Figura 12 - *Casa Imparcial*, estabelecimento comercial da década de 1920.



Fonte: *Gazeta do Norte* (MG). Quarta-feira, 7 de julho de 1926, p.3.

A primeira grande loja da cidade, no começo do século XX, foi a Casa Cocó, de propriedade de Joaquim Rabelo Júnior. Inovadora, a Casa Cocó utilizava da imprensa e do espaço do cinema local para anunciar os seus produtos modernos e exclusivos, essa prática obrigava os antigos comerciantes a se modernizarem para concorrerem com o novo estabelecimento comercial (SILVA, 2012).

Numa nova conformação comercial possibilitada pelas viagens de trem, como seria a rotina de um ex-caixeiro ao se fixar numa cidade? Para retratar essa dinâmica, numa *Gazeta do Norte* de 1930, observamos o reflexo desse embate do “antes” com o “atual”. Na crônica, o agora comerciante, reclama acintosamente da Montes Claros triste, da semana extenuante e ignóbil nos negócios, e demonstra toda impaciência com os “*capiáus*” irritantes. O comerciante irritadiço, ao mesmo tempo, já era conhecedor dos piqueniques como prática social, frequentava bares, apreciava as moças no *footing* da rua Quinze e reclamava do cinema pulguento, projetador de filmes mambembes. O tom explícito de reprovação das possibilidades de diversão no domingo, expressava a postura diferenciada de um comerciante (ex-caixeiro viajante), conhecedor de novas formas de passar o tempo num dia de folga:

Domingo triste duma cidade triste - Extremunhado de uma semana de paralytia commercial, como bom caixeiro que se habituou ao regime “das 7 ás 9” accódo aos domingos ás 6 da manhã. Antes de abrir os olhos e fitar o telhado do meu quarto sem forro, onte três ou quatro goteiras projectam sobre mim pequeninos pharoletes, fico reconstituindo mentalmente as scenas da semama: - Faz menos? – Não senhor ... – cinco mil reis por duas? – não senhor ... Nem um menosinho? – Vá lá ... Que hei de fazer nesse enervante domingo, para aproveitar minha suspirada folga, apos seis dias de balcão ferreo e de “capiáus” irritantes? O Zé Curiò terá organizado um piquenique? .. E se eu fosse passear na horta dos bulgaros?.. Mas, nem o Curiò organizou piquenique nem passeio a horta, pois o caminho dos Bois está intransitável... Saio para a rua. Os bars estão fechados de manhã. Vou a casa de um amigo. Foi para o Brejo das Almas... Decididamente estou caipora. Só me resta deitar novamente e esperar a noite. Talvez melhore. Acórdo as cinco. Janto e saio. Perambulo pelas ruas desertas e tenho que engraxar duas vezes os sapatos, para passar o tempo. E o “footing” da rua Quinze? Vou para a rua Quinze. Nem uma moça. Ninguem. Talvez estejam no cinema. Vou para o cinema. Mas quem suporta o cinema? Uma fita mambembe que faz mal aos nervos e um exercito de pulgas que põe a plateia em dansas de São Guido. Qual. Antes de dormir e aguardar os seis dias de costas no balcão a espera dos capoeiras. JOÃO SIMPLICIO¹⁴⁰

Na mesma *Gazeta do Norte*, edição de uma semana após, encontramos outra exposição da dura rotina do comerciante montes-clarense, porém consciente daquela conjuntura social. Este, além de concordar com o colega João Simplício, alega o corpo *bisonho, flacido, sonolento*, definhado pela rotina sedentária, causado por uma cidade que se dizia grande, mas *sem diversões para o corpo e para o espirito, sem recreações de espécie alguma*. O autor da crônica

¹⁴⁰ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 29 de março de 1930, p.4.

(possivelmente Maciste Alpino tratava-se de uma alcunha) constata o tempo exaustivo do trabalho do comerciário e a necessidade de novas formas de uso do tempo livre: *Ah! Se o commercio se fechasse mais cedo!.. Poderíamos ter a nossa agremiação social e sportiva, a nossa biblioteca.* Pessimista, o jeito era concordar *com o desenxabido footing da rua 15 e com as pulgas vorazes e as fitas mambembes do Cine local aos domingos.* O antigo caixeiro viajante, com sua postura crítica, parecia estar à frente do restante da sociedade, pelo menos em relação à aquisição de novos costumes urbanos, como esporte, *footing* e cinema.

Enquanto o pau vai e vem...

- Meu caro João Simplicio.

Lendo sua ultima chronica para a <Gazeta> eu, que também milito no commercio e tenho os osso pèrros, os músculos flácidos e o espirito embotado pela vida inerte, que levamos todos nos desta classe, venho trazer-lhe, nestas linhas desataviados o meu applauso pelo seu brilhante escripto. Realmente, é digno de lastima, o modo desassociativo, insociavel e falho de iniciativas que se nota no seio de nossa classe caixeiral. Causa-nos tristeza ver a nossa cidade, considerada uma das grandes do Estado, sem uma associação de Empregados no Commercio quando quase todos os pequenos lugares hoje já as possuem. Sem diversões para o corpo e para o espirito, sem recreações de espécie alguma, o empregado do commercio em Montes Claros, constitue um typo aparte do natural, bisonho, flacido, sonolento. Agarrados ao balcão, do clarear do dia ao recolhimento da população para o somno, vamos nos tornando uma espécie de gente que a cidade não vê e que não vê a cidade ao menos. Ah! Se o commercio se fechasse mais cedo!.. Poderíamos ter a nossa agremiação social e sportiva, a nossa bibliotheca... Mas, fallar nisso, por enquanto, è um mytho. Actualmente a nossa cidade é a “terra que Deus esqueceu”. Teremos melhores dias? Enquanto os esperamos, é nos conformarmos, como bem o disse em sua chronica, com o desenxabibo *footing* da rua 15 e com as pulgas vorazes e as fitas mambembes do Cine local aos domingos.

Do collega e amigo.

MACISTE ALPINO¹⁴¹

As duas falas em sequência trazidas na *Gazeta do Norte*, em boa medida, refletem o que era viver em Montes Claros na década de 1930. Os dois comerciantes/cronistas demonstram a intenção de um estilo de vida que, para eles, a cidade não oferecia. Notamos no texto, a existência de uma “artificialização” do tempo que a jornada de trabalho no comércio já impunha; identificamos que existia o tempo do trabalho obrigatório e o tempo do não trabalho; ambos demarcam a rotina cansativa que enfrentavam e a falta do que se fazer no tempo de folga.

¹⁴¹ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 5 de abril de 1930, p.4.

A carência de possibilidades de divertimento adequado, alegado pelos dois habitantes locais em questão, anuncia uma ruptura com o tradicional e a busca por hábitos modernos. Segundo Silva (2012, p.189) “[a] adoção ou a rejeição de certas práticas, símbolos do progresso ou do atraso, revelava o que correspondia ou não às expectativas do processo de modernização da sociedade [...]”.

Ao se ter o trabalho como referência, os comerciantes de Montes Claros expuseram a cultura antagonista do tempo do trabalho e tempo para o divertimento, bem observados nas suas falas. Nesta nova forma de se viver, imposta pelo capitalismo, Oliveira (2004, p.26) diz que:

Ao institucionalizar o tempo de trabalho, também se institucionaliza o tempo de não trabalho, ou seja, aquele no qual o trabalhador estaria, hipoteticamente, disponível para realizar outras atividades diferentes daquelas em que ele trabalha. Desta forma, se destila um tipo de organização social na qual o trabalho é a principal referência de tempo usada pelo indivíduo na orientação de sua vida: tudo gira em torno do trabalho e dos intervalos de tempo entre o exercício do mesmo.

As aspirações dos dois cidadãos montes-clarenses são caracteristicamente diversões modernas, denotando a intenção de manterem hábitos diferentes aos praticados normalmente e, assim, criticam veementemente a insipiência local de aspectos sabidamente modernos, como a frequência a bares, o *footing*, piqueniques, o cinema e a agremiação social e esportiva. Enfim, aparentemente, a cidade não oferecia o que desejavam os comerciantes “civilizados”, mas a postura crítica nas duas crônicas indicava a necessidade de novas formas de utilização do tempo livre das obrigações do trabalho que as relações sociais já aspiravam: um *modus vivendi* possibilitado pelo moderno, mas vivendo sob as amarras do tradicional.

CAPÍTULO III

3 O FUTEBOL EM MONTES CLAROS: um fidalgo elemento de distinção social

A partir deste capítulo, discorreremos sobre a tese da prática dos divertimentos modernos em Montes Claros, ampliando sua abrangência, sendo praticado e consumido em diversos locais da cidade e, em função disso, as modificações e permanências, e até tensões, ajudaram a explicar a sociedade da época. Devido o volume de informações, iniciamos com o futebol que, apesar de fidalgo e instituído anteriormente a 1926, seria influenciado pelo advento do trem. O meio de transporte facilitado mobilizaria mais adeptos, sendo uma das causas da sua popularização exponencial constatado no período. Finalmente, destacamos a intencionalidade da narrativa textual encorada no protagonismo das fontes jornalísticas acessadas, porém, sempre que possível, cruzamos as informações com memorialistas e documentos científicos que trataram do tema, a fim de discorrer sobre a história dos divertimentos ditos modernos em Montes Claros.

3.1 FOOT-BALL: origens e desenvolvimento na urbe que se transformava

“[A]credita-se que o futebol é fruto das transformações sociais, políticas e econômicas que desencadearam o que se convencionou denominar de *modernidade* e, nesta perspectiva, seu berço seria a Inglaterra do século XIX” (SOUTTO MAYOR; SOUZA NETO, 2016, p.34). No Brasil do início do século XX, alguns esportes, mas especialmente o futebol, eram praticados como forma de distinção de classe social. Contudo, se originalmente era praticado pela elite, com o tempo iria ser assumido pelas classes mais populares.

Em Montes Claros, o primeiro registro da prática, ou intenção, do futebol em suas terras é creditado aos padres premonstratenses, que em 1905 organizaram uma partida na atual Praça da Matriz.

Assim como ocorreu em Montes Claros, a inserção inicial do futebol pode ser atribuída à ação de religiosos em várias localidades. Sobretudo nos colégios, como ferramenta pedagógica, o futebol, desde o período imperial brasileiro, já estava presente pela

iniciativa de jesuítas e religiosos de outras ordens (SILVA; SILVA; CALEIRO, 2014, p.261).

Este viril e desastrado momento, protagonizado pelos alunos do colégio São Norberto, está registrado em crônica do colaborador da *Gazeta do Norte*, Luiz Onofre Lafetá, republicada por Hermes de Paula (1979):

Ainda como se fosse hoje, me recorro da primeira tarde de futebol em Montes Claros. Devia ter sido lá pelos anos de 1905. À falta de local apropriado, jogou-se no largo da Matriz e a idéia fora lançada pelos padres premonstratenses, naquela época aqui chegados. Quero crer que, apesar de anunciada a novidade, ninguém da gente sisuda de então, se arredou de seus confortos para assistir o desenrolar do jogo. O que me lembro bem é do desenlace. Colocada a bola ao largo e ao apito do treinador, a rapaziada neófito e destraquejada daquele tempo entrou furiosamente a desenvolver coices desordenados, à direita e à esquerda, obrigando a bola a bater-se rijamente nas janelas das casas, quebrando os vidros com estardalhaço e aos protestos dos proprietários. E foi assim que o incipiente time dos rapazes do S. Norberto não passou daquela tarde em que tão fragorosamente as vidraças se quebraram (PAULA, 1979, p.267).

Figura 13 - *America Foot-ball Club*, fundado em 1917. Entre o atletas estão os irmãos Ari e Jair de Oliveira, herdeiros do jornal *Gazeta do Norte*.



Fonte: Revista Montes Claros, v.1, n.1, p.22, ago./1940.

Segundo Souza Neto e Silva (2012), numa Montes Claros ainda arraigada em querelas políticas até no nascedouro âmbito esportivo, a referência ao surgimento da primeira equipe se dá

em 12 de outubro de 1916, com a criação do Mineiro *Foot-Ball Club* e a segunda em fevereiro de 1917, o América *Foot-Ball Club* (FIG. 13).

Sobre a criação do primeiro time em 1916, Hermes de Paula (1957, p.236-237) cita o momento como distintivo da juventude da cidade ao afirmar que [...] *fizeram parte todos os jovens de Montes Claros*. Ainda que fosse uma cidade pequena, assegurar a presença de “todos os jovens” indica que, talvez, estivessem naquele momento os jovens que se interessavam pelo esporte, no caso o futebol, representando uma parcela elitizada da sociedade. Porém, o nascimento da segunda equipe se daria por desavenças políticas entre representantes da primeira; esta cisão no futebol local passaria a representar os dois lados da elite política de Montes Claros¹⁴², sendo o Mineiro *Foot-Ball Club* representante do Partido da Rua de Cima, grupo político comandado pelos irmãos médicos João José Alves¹⁴³ e Honorato Alves, e o América *Foot-Ball Club*, defensor da bandeira do Partido da Rua de Baixo, coligação partidária liderada por Camilo Prates (SILVA, 2012).

Quando em Montes Claros o futebol representava uma experiência nova e embrionária, com a presença de apenas dois times, em Belo Horizonte um sem-número de equipes já possibilitava a promoção de campeonatos e partidas com considerável assistência, além de uma cultura esportiva já relativamente consolidada: uma mesma prática em ambas as cidades distanciadas por mais de uma década. Sobre esse espaço temporal entre Montes Claros e Belo Horizonte, Dias (2013, p.35) argumentou que “[...] o florescimento de esportes ocorreu e ocorre ainda em ambientes pouco ou nada urbanizados, nos quais não se identifica com facilidade, ou de forma alguma, traços de uma experiência que possa ser chamada propriamente de urbana”. Na mesma direção, Gilmar Mascarenhas de Jesús (1998) contribui para este debate, propondo que:

Se examinarmos a introdução do futebol como um *processo* e não como um conjunto de fatos isolados, poderemos notar a supremacia das cidades maiores ou mais modernas.

¹⁴² “A vida política de Montes Claros por muitas décadas esteve sob o domínio das tradicionais famílias Prates e Alves que se revezavam, com certa frequência, no poder local representando seus interesses e suas ideologias em âmbito municipal, estadual e federal. Essa situação de revezamento de poder era uma prática comum na política brasileira, não sendo uma situação política peculiar somente na cidade de Montes Claros, no norte de Minas Gerais. Desde o período imperial, cidade de Montes Claros convivia com essa situação, fortalecendo este comportamento de personalismo e individualidade” (BRITO, 2002, p.102).

¹⁴³ Médico, político e fazendeiro, o Dr. João Alves foi médico da Santa Casa de Misericórdia desde o início do século XX e exerceu diversos cargos da área da saúde local. Na política, foi agente executivo destacado e considerado uma figura central do progresso da cidade (REYS, 1927).

Nestas, a consolidação desta inovação far-se-á de forma mais efetiva e antecipada, por conter tais cidades os ingredientes necessários para a incorporação plena da modernidade.

No século XIX e início do XX, o esporte era visto como elemento de distinção social. “Acreditava-se que o futebol afirmaria novos valores e sensibilidades culturais europeizados, ligados à civilização e modernidade, em um sistemático esforço de consolidação de uma nova classe e cultura de classe no recente cenário republicano” (SANTOS, 2009, p.2). Porém, aos poucos, essa ideia de distinção foi se afastando das práticas esportivas.

No seu trajeto histórico no Brasil, o futebol pode ser apontado como o esporte que mais rapidamente se popularizou, deixando aos poucos, de ser sinal de superioridade ou de pertencimento a um determinado grupo social. Em Montes Claros, “[...] o futebol, visto como moderno e fidalgo, sobretudo se fosse praticado à maneira inglesa, representava o ideal de comportamento a ser assumido pela sociedade em formação” (SILVA, 2012, p.188). O esporte bretão rapidamente faria parte da diversão da elite que modernizava-se procurando uma nova forma de viver o cotidiano social, com novos valores e atitudes, dando ares de pertencimento a um novo tempo.

Neste jovem cenário de vivências modernas, o futebol teria lugar central no Norte de Minas. Contrariamente a outras cidades que já haviam experimentado aspectos da modernidade, “[...] em Montes Claros as primeiras experiências neste sentido ocorrem mesmo no interior do universo futebolístico. Mas, independente da forma, o conteúdo esportivo estava eivado de sentidos e intencionalidades (SOUZA NETO; SILVA, 2012, p.22).

3.2 O *Montesclaros Sport Club*

Entre os anos de 1924 e 1927 existiu apenas uma agremiação futebolística na cidade, o *Montesclaros Sport Club*¹⁴⁴. Apesar de ter intensa atividade, os seus jogos eram basicamente entre os seus associados e dificilmente encontravam-se com equipes de outras localidades (SILVA; CARDOSO; SILVA, 2012).

¹⁴⁴ “Fundou-se nesta cidade uma associação para a pratica dos sports terrestres, sob a denominação de ‘Montesclaros Sport Club’” [...] (Gazeta do Norte. Sábado, 26 de julho de 1924, p.1).

Pudemos observar no jornal *Gazeta do Norte*, durante o ano de 1926, 18 notícias relacionadas a futebol. Todas tinham relação com o *Montesclaros Sport Club* e, na maioria das vezes, se limitavam a convocações para os jogos internos, breves relatos das partidas dos próprios associados ou chamadas nominais para os treinos.

Em função da falta de adversários, as equipes formadas pelos associados do clube eram nomeadas, aparentemente, em função de cada encontro ou campeonatos internos, não havendo equipes prefixadas. *Team A* e *B*, calção branco e calção preto, verde e amarelo, são algumas denominações para os times dos sócios se divertirem.

Ainda assim, além da própria prática esportiva, notamos a existência de aspectos constituintes de uma prática moderna, como o hábito da assistência aos jogos e o uso de expressões inglesas, próprias do futebol. O futebol ainda era notadamente de elite no ano da chegada dos trilhos ferroviários, em 1926, e existir uma só equipe de futebol na cidade ensejava desenvolver artimanhas para se promover uma partida, que quase sempre eram jogadas entre os próprios sócios. A primeira do ano de 1926 foi disputada entre os sócios nascidos fora da cidade contra os nascidos nela.

Realizar-se-à amanhã, no campo do «Montesclaros S. Clube» um attrahente jogo, que certamente levará áquela praça de esportes grande assistencia. Disputarão um “match” amistoso um team composto por jogadores de fõra, socios do “Montesclaros” e outro de jogadores aqui nascidos [...] ¹⁴⁵.

Além dos jogos internos, o *Montesclaros Sport Club* disputou uma partida contra o 15º Regimento de Cavalaria, oriundo do Rio de Janeiro e de passagem por Montes Claros, no mês de maio. Nesse evento, o jornal expôs a significativa afluência de pessoas ao local da partida e destacou a presença de pessoas da elite local:

[...] Mais de duas mil pessoas assistiram ao prelio, tocando por gentileza a Euterpe Montesclarensense. O que Montes Claros tem de selecto e representativo compareceu – o sr. Presidente da Municipalidade, altas autoridades da Justiça, brilhantes ornamentos da sociedade [...] ¹⁴⁶.

¹⁴⁵ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 16 de janeiro de 1926, p.1.

¹⁴⁶ *Gazeta do Norte* (MG). Quarta-feira, 12 de maio de 1956, p.1.

O *Montesclaros Sport Club* promovia eventos beneficentes que envolvia diversos setores e pessoas. Além de amador, o futebol naquele ano ainda continha aspectos de uma elite supostamente preocupada com problemas sociais. No mês de maio de 1926 o clube promoveu um festival em benefício do asilo da cidade:

Conforme publicamos em o nosso último numero, tera lugar amanhã, pelas 15 horas, no campo do Montes Claros Sport Club um attrahente festival em benefício do Asylo São Vicente desta cidade [...] ¹⁴⁷.

Neste festival, houve mobilização para que as pessoas comparecessem por uma causa justa, onde a assistência pagaria ingresso ao preço que quisesse. Foi disputada uma partida de futebol e um “cabo de guerra” entre associados do clube e os policiais da cidade e, além disso, fizeram parte do programa: “corrida de 100 metros”, “corrida de sacos” e uma partida voleibol com alunas da Escola Normal. Para chamar a atenção da sociedade, personagens importantes da cidade foram convidados para apadrinhar as provas de corridas.

Teve muito encanto e grande entusiasmo a tarde desportiva de domingo ultimo, organizada pela directoria Sportiva do “Montes Claros Sport Clube” e tenente Octavio Diniz, da policia de Minas, em benefício do asylo São Vicente, desta cidade ¹⁴⁸.

O ano de 1926 não parecia ser para o futebol. Na segunda metade do ano, nenhum jogo foi notado na *Gazeta do Norte* e apenas dois convites para treinos foram encontrados. A inauguração da estação ferroviária, que aconteceria no mês de setembro, constituía-se numa esperança de modificação no modo de vida da cidade, pois o trem aproximaria Montes Claros do sul e, supostamente, a tiraria do isolamento. No mês de julho, o jornal exporia o seu apelo pelo esporte que havia desaparecido, mas que tinha na estrada ferro a esperança de dias mais movimentados.

Quando teremos as tardes vibrantes dos jogos de antigamente? O sport em Montes Claros atravessa presentemente um profundo periodo de desanimo [...]. Quem assistiu as tardes

¹⁴⁷ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 22 de maio de 1926, p.1.

¹⁴⁸ *Gazeta do Norte* (MG). Quarta-feira, 26 de maio de 1926, p.1.

magnificas dos domingos de jogos officiaes, com a praça de sports da rua Pedro II repleta do que de mais representativo possui a nossa sociedade [...]. Em nossa cidade será inaugurada, ainda este anno a estação da estrada de ferro [...]. Por essa ocasião, espera-se que pessoas de todos os recantos do Estado nos visitem, trazendo-nos o concurso da sua alegria ao nosso grande dia de entusiasmo [...]. E entre os numeros de ruidosas festas a serem realizadas é preciso que conste um “match” de “foot-ball”. Que os nossos “sportmen” ponham á margem do desinteresse [...] e sacudam a apathia periodica que os invade [...]¹⁴⁹.

Os trechos extraídos do jornal dão a noção da apatia que acreditavam estar em 1926. Se em algumas cidades brasileiras o futebol já tinha alguma estrutura de funcionamento, com equipes e campeonatos organizados, em Montes Claros ainda era elementar e de conotação elitista. A esperança se dava na futura chegada da estrada de ferro que proporcionaria a vinda de visitantes e com eles entusiasmo, festas e um “match” de “foot-ball”, como apelou o jornal.

Como dito antes, o fato de a estação ferroviária ter sido inaugurada em setembro de 1926 não refletiu no movimento futebolístico da cidade de imediato. Porém, o ano posterior, 1927, em quantidade de notas na *Gazeta do Norte*, seria diferente. Observamos 34 edições do jornal com alguma notícia do futebol local. A maioria contemplando a ações do *Montesclaros Sport Club*, mas algumas características mereceram considerações a seguir.

De início, dois acontecimentos chamaram a atenção: o primeiro seria a inauguração de outro campo de jogo na cidade: *Deve realizar-se no domingo proximo no novo campo do “Prado Oswaldo Cruz”, a partida inicial do “torneio interno” do “Montesclaros”*¹⁵⁰, e o segundo seria o aparecimento de mais uma equipe de associados no *Montesclaros Sport Clube*, para o seu torneio interno: *Realisa-se amanhã a prova inicial do torneio interno do “MontesClaros” tomando parte da mesma os quadros “Verde”, “Branco” e “Vermelho”*. No mês de novembro a notícia do desfecho do campeonato interno:

O “Branco” venceu galhardamente o campeonato de 1927. Com a ultimas victorias sobre os seus contendores, firmou-se brilhantemente o campeão de foot-ball no campeonato interno do “Montesclaros Sport” o valente “team” Branco daquela corporação desportiva. Em segundo lugar foi classificado o forte conjuncto “Vermelho”, estando o “Verde” em ultimo logar no quadro¹⁵¹.

¹⁴⁹ Gazeta do Norte (MG). Quarta-feira, 7 de julho de 1926, p.7.

¹⁵⁰ Gazeta do Norte (MG). Quarta-feira, 25 de maio de 1927, p.1.

¹⁵¹ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 28 de maio de 1927, p.1.

Para quebrar a monotonia do futebol polarizado no *Montesclaros Sport Club*, nasceu em 1927 o *Commercial Foot-Ball Club* que, como o nome já indica, era formado por rapazes empregados do comércio. Provavelmente inauguraram o futebol mais popular em Montes Claros, pois os seus dirigentes não eram mais os patrões.

Foot-ball - A nossa cidade vai contar, brevemente, com mais um clube do apreciado esporte do foot-ball, em seu meio. Diversos rapazes empregados no commercio desta praça resolveram fundar o “Comercial Foot-Ball Clube” e para isso, reúnem-se, amanhã no Cine-Theatro Montes Claros, ás duas horas, afim de elegerem a sua primeira directoria¹⁵².

Para finalizar 1927, identificamos os primeiros sinais da influência da estrada de ferro no futebol de Montes Claros. Neste ano, o *Montesclaros Sport Club* realizou duas viagens esportivas, sendo uma para Corinto e outra para Curvelo. Em ambas, utilizaram dos trens de passageiros da Central do Brasil para se deslocarem. A partir de então, a estrada de ferro transportaria mais do que utensílios e notícias entre o sul e o norte, ela possibilitaria a expansão de novas formas de divertimentos que estavam isolados pela posição geográfica da cidade.

Os primeiros entendimentos para uma excursão para a até então vila de Corinto, distante cerca de 200 quilômetros ao sul, iniciaram-se em 1926: no mês de junho deste ano ficou combinado [...] *nos dias 14 de julho e 7 de setembro para, respectivamente, naquela vila e nesta cidade, realizarem-se encontros de foot-ball ente as esquadras do Guarany Sport Club e o Montesclaros Sport Club*. O jornal previa ser [...] *o maior acontecimento Sportivo que já se verificou no Norte do Estado*¹⁵³ [...]. Mais de um ano após, o *Montesclaros* embarcaria para Corinto, porém, não para enfrentar o *Guarany*, mas o *Tupy Sport Club*.

Apesar do pouco tempo de criação do município de Corinto¹⁵⁴, na vila já existiam pelo menos duas equipes de futebol, o *Guarany* e o *Tupy*. Tal fato pode ter sido influenciado em função

¹⁵² Gazeta do Norte (MG). Quarta-feira, 30 de julho de 1927, p.1.

¹⁵³ Gazeta do Norte (MG). Quarta-feira, 2 de junho de 1926, p.1.

¹⁵⁴ A Vila de Corinto foi criada pela Lei Estadual nº 843, de 7 de setembro de 1923. Instalada em 20-VI-1924 ou 20-VII-1924 (Fonte:< <http://cidades.ibge.gov.br>>. Acesso em: 17 mar. 2017).

de a localidade compor um importante entroncamento ferroviário do Estado¹⁵⁵. A partir dela a estrada de ferro ramificava-se nos quatro sentidos cardinais: para o sul – Belo Horizonte, para o norte – Montes Claros, para o oeste – Várzea da Palma e para o leste – Diamantina. Inferimos que, enquanto esteve ativa, a estação ferroviária de Corinto constituiu-se numa das mais movimentadas da região e por ela circulava muita gente e convergiam novos costumes, sendo assim, um ponto privilegiado para inserção de atividades ditas modernas, como o futebol.

Em agosto de 1927, no embarque do *Montesclaros* para Corinto, onde enfrentariam o *Tupy Sport Club*, notamos na *Gazeta do Norte*: *Á gare da Central compareceu grande numero de amigos e «Torcedores» do «Montesclaros Esporte», para assistir o embarque da embaixada*¹⁵⁶. Chegando ao destino, a equipe foi [...] *recebida festivamente pela população daquela villa, achando-se repleta a gare da Central, onde tocava a banda de musica local*. O time montesclareense perdeu a partida por três a zero e a [...] *torcida foi violenta e intensissima*¹⁵⁷.

Na segunda excursão do ano ao sul, o *Montesclaros* embarcaria em outubro para Curvelo: *partiu hoje pelo trem do horario para aquella cidade um team do Montesclaros Sport [...] para enfrentar o combinado “Diamante”, formado por jogadores da cidade de Curvelo e de Corinto, [...] sendo a renda do jogo revertida em beneficio das obras do Hospital Immaculado Conceição daquela cidade*¹⁵⁸. *Os nossos perderam para o combinado Curvello-Coryntho*¹⁵⁹.

Apesar de o jornal deixar distinguido o aspecto da cordialidade fidalga, quando se realizavam estes tipos de excursão esportiva, transparecendo o amadorismo e o cavalheirismo necessário para o encontro de equipes formadas pela elite da juventude de cada localidade, a afluência de torcedores e o aspecto competitivo latente instituíam aparência de competição acirrada

¹⁵⁵ “A estação de *Corinto* foi inaugurada em 1906 com o nome de *Curralinho*. Na época, ponta de linha da *Linha do Centro*, acabou sendo mais tarde o ponto de partida para o prolongamento da linha para *Pirapora*, depois *ramal de Pirapora*, e para o *ramal de Diamantina*, além de dali ter partido o trecho para *Montes Claros*, incorporado mais tarde à *Linha do Centro*. Em 1923, a estação tomou o nome atual, quando foi elevada a município, tendo sido a mudança de nome motivada por cacófono do nome original, segundo *Max Vasconcellos*. A cidade cresceu por ser um entroncamento de três linhas e também por possuir uma oficina da Central, depois da RFFSA, atividade que se mantém até hoje” (Disponível em: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/efcb_mg_linhacentro/corinto.htm>. Acesso em: 17 mar. 2017).

¹⁵⁶ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 27 de agosto de 1927, p.1.

¹⁵⁷ *Gazeta do Norte* (MG). Quarta-feira, 31 de agosto de 1927, p.1.

¹⁵⁸ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 15 de outubro de 1927, p.1.

¹⁵⁹ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 27 de outubro de 1927, p.1.

e de apelo popular ao evento, pois, ao mesmo tempo que se visitava amistosamente, ninguém queria sair derrotado.

No processo de massificação do futebol no Brasil, de elite para popular, podemos dizer que “[s]urgiu como um esporte civilizado e utilizado pelas elites, que se associaram e formaram clubes no qual ao longo da sua popularização nas próprias camadas sociais elevadas, chegou a população mais pobre. De forma que esta passou a praticar o esporte e fundar seus próprios clubes” (FLÓRIO; MELO, 2015, p.5). Processo semelhante ao de Montes Claros, porém, tudo indica que num período posterior ao acontecido noutras cidades brasileiras de referência.

O contorno amador existente no *Montesclaros* não se coadunava com o futebol de cidades maiores. O aspecto elitista, apesar de ainda haver em diversas equipes do país, em Montes Claros se assemelhava ao início do futebol no Brasil, quando os primeiros clubes começaram a adotar o futebol, formando equipes elitistas. Em São Paulo, entre 1896 e 1900, surgiram o São Paulo Athletic, Mackenzie, Internacional, Germânia e Paulistano, todos, claro, com bom pedigree; No Rio de Janeiro, o tradicional Fluminense, em 1902; os estados da Bahia, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, na mesma época, seguiriam a mesma premissa exclusivista (GUTERMAN, 2009).

Se em nível nacional, segundo Sevcenko (1998), principalmente nas décadas de 1920 e 1930, desencadeou-se, uma febre esportiva motivada pelas supostas benesses física e morais advindas dela, em Montes Claros, o movimento esportivo no final dos anos 1920 não era tão aparente, e, se o futebol nessa época já se postava como a atividade mais praticada e admirada pela população, em Montes Claros ainda circulava nas rodas da elite e só posteriormente seria reinventada pelas classes menos favorecidas.

Há anos a sociedade elitizada já pratica o futebol, mas a prática havia de ser restrita a eles. É possível supor que nem todos cidadãos estavam aptos a circular no ambiente esportivo, fosse para jogar ou assistir, sendo assim, outros locais menos fidalgos, como as ruas, tornaram-se palcos populares e presumível da sua prática, o que provocava reação dos defensores das leis da moral e bons costumes. Ou seja, em Montes Claros, se para a elite o futebol era aprazível e de bom gosto, às camadas mais populares exigia-se o rigor da lei proibitiva, como a publicada a seguir em 1928:

O snr. 1º Tenente Joaquim Marcellino, delegado especial e de capturas, desta Comarca de Montes Claros, na forma da lei, etc. Manda saber a todos quantos o presente edital virem

ou delle noticias tiverem que fica expressamente prohibido o jogo de foot ball nas ruas da cidade, de acordo com o regulamento da Policia de costumes, em vigor. E para que chegue ao conhecimento de todos, mandou lavrar o presente edital que será publicado pela imprensa. Eu, José da Silva Braga, escrivão, o escrevi. Montes Claros, 18 de maio de 1928. Delegado Especial de Capturas, 1º Tenente Joaquim Marcellino¹⁶⁰

Interessante que o mesmo jornal que divulgava ações esportivas, destacadamente do futebol, impunha o limite entre o futebol da elite e o dos populares. A lei restritiva encontrou ecos de concordância na *Gazeta do Norte*, pois na edição posterior à lei o jornal constatou que a [...] *medida vinha se impondo com urgencia, pois vae se tornando um verdadeiro martyrio para os habitantes da cidade esses jogos na via publica, erguendo nuvens de pó e damnificando os predios*. Por fim, a nota exigiu o cumprimento da lei contra os que jogassem futebol nas ruas: *À policia de costumes cumpre agora executar com energia essa medida, reprimindo esse inqualificavel abuso*¹⁶¹. Logicamente o futebol se popularizou, mas não sem antes ser questionado e combatido.

Marcos Guterman (2009, p.50) sustenta uma premissa que não se aplica em Montes Claros: “[...] a ruptura do futebol, de esporte de elite para esporte de massa, de esporte amador para esporte profissional, se daria mais concretamente nos anos 1920, quando a Primeira República já dava sinais de desgaste em razão de seu desprezo atávico por tudo o que cheirasse a povo”. Em Montes Claros, na política, ainda vigorava o “coronelismo” como artifício de manutenção do poder e, no futebol, reinavam as figuras da elite na sua prática e o amadorismo seguia como marca principal.

Como mais um símbolo da facilitação proporcionada pela viagem ferroviária no futebol montes-clarense, a partir de 1926, notamos que, em comparação a outros tempos e espaços, as excursões às localidades vizinhas de Corinto e Curvelo, via Central do Brasil e relatadas na *Gazeta do Norte*, refletiam os costumes ainda elitistas e amadores que compunham o futebol local da época. No eixo Rio-São Paulo, por exemplo, capitais irradiadoras no Brasil, sobre o esporte bretão no século XX, “[...] seja na platéia ou no gramado, o futebol dos grandes clubes do Rio de Janeiro [...] e de São Paulo [...] consolida-se como moda elegante ao longo já da primeira década do século” (WISNIK, 2008, p.200). Em Montes Claros, a dinâmica dos amistosos da década de 1920 seguiam

¹⁶⁰ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 26 de maio de 1928, p.5.

¹⁶¹ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 2 de junho de 1928, p.1.

os scripts dos tempos fundantes do futebol brasileiro, ou seja, do início do século XX, onde os eventos eram constituídos de pompas e circunstâncias aristocráticas, à moda inglesa.

Nessa conjectura de influências modernas, inferimos que a ligação ferroviária com Belo Horizonte ampliaria o contato com a capital do Estado, e nesse processo, haveria uma maior influência do centro para o interior. Relativo ao futebol, ao analisarmos os achados de Souza Neto (2010), o que acontecera em Belo Horizonte, em alguma medida se refletiria em cidades como Montes Claros. Nos primeiros anos do futebol na Capital, “[o] esporte se constituiu no propício espaço para o desenvolvimento de novas condutas, a apropriação de novos hábitos, inspirados em uma realidade vivenciada nas principais cidades europeias” (SOUZA NETO, 2010, p.23), características notadas nos anos vinte na “capital” do Norte de Minas.

Tal fato correlato às excursões dos amadores de Montes Claros, porém acontecido em tempos e espaços distantes mais de 20 anos, pode ser notado na descrição de Mário Filho (1964), em sua obra *O Negro no Futebol Brasileiro*, sobre a primeira excursão futebolística do Rio de Janeiro à São Paulo, organizada por Oscar Cox em 1901, precedendo a fundação do Fluminense F. C.:

Para entrar no Fluminense o jogador tinha de viver a mesma vida de um Oscar Cox, de um Félix Frias, de um Horácio da Costa Santos, de um Waterman, de um Fancis Walter, de um Etchegaray, todos homens feitos, chefes de firmas, empregados de categoria de grandes casas, filhos de papai rico, educados na Europa, habituados a gastar. Era uma vida pesada. Quem não tivesse boa renda, boa mesada, bom ordenado, não aguentava o repuxo. Em que Oscar Cox, autor da idéia que ia preceder a fundação do Fluminense, tentou convencer a Central do Brasil. Foi lá, disse que se tratava de uma embaixada esportiva, a primeira que saía do Rio, rumo a São Paulo, e não arranhou nada, a Central do Brasil não fez o desconto de um real. Jogador de futebol era um passageiro como outro qualquer. Resultado: todos os integrantes daquela equipe sem nome foram obrigados a meter a mão no bolso. Na volta fizeram as contas: cento e trinta mil réis a cota de cada um, dinheiro como quê naquela época de libra qual ao par. Em São Paulo, além da diária do hotel, ninguém pagou nada. Comprava-se um maço de cigarros, uma caixa de fósforos, já estava pago. Um paulista, às vezes não era paulista, era inglês, alemão, fizera um sinal: pago. Tudo pago. Aquela hospitalidade, porém, tinha trôco. Os cariocas foram a São Paulo, os paulistas vieram ao Rio. E chegou, depressa, a vez dos cariocas fazerem o mesmo. Andando atrás dos paulistas para pagar as despesas. Acabada a temporada, felizmente rápida, dois, três dia no máximo, senão não havia dinheiro que chegasse, somava-se tudo, fazia-se o rateio, as despesas eram divididas. E depois do jôgo tinha sempre uma comemoração. Geralmente no restaurante Café Cantante Guarda Velha, que era ali na rua Senador Dantas. Os vencedores confraternizavam com os vencidos (RODRIGUES FILHO, 1964, p.10-11).

Para concluir os primeiros anos de futebol, após a inauguração da estação da Estrada de Ferro Central do Brasil em Montes Claros, observamos mais um hiato de pouquíssimas atividades futebolísticas na cidade. Se o ano de 1927 findava com atividades internas do *Montesclaros* e excursões às cidades vizinhas de Corinto e Curvelo, o ano de 1928 seria melancólico ao ponto de a *Gazeta do Norte*, no mês de outubro, denotar saudosismo de uma época em que vigorava *um entusiasmo sadio [...] por esse genero de sport*: o futebol:

O futibol nas ruas - Houve uma epoca em que um entusiasmo sadio se notou por esse genero de sport, havendo atè mais de um club, regularmente organizado. Mas, como tudo passa essa epoca tambem passou, deixando apenas, nas ruas, o abuso de uma molecagem, sem ocupação¹⁶².

O apelo da *Gazeta do Norte* não foi exagero. O futebol local só seria noticiado novamente em fevereiro de 1929, quando a lacuna esportiva seria preenchida pela fundação de uma nova equipe de futebol, substituindo o antigo *Montesclaros Sport Club*:

Montesclaros Foot-ball Club - Um grupo de rapazes amantes do sport bretão, pretende reorganisar em nosso meio o club de foot-ball que tanta alegria e entusiasmo já emprestou á nossa terra. É digna de aplausos a iniciativa desse pugilo de jovens, concorrendo para que a cidade saia do marasmo em que se encontra, reorganizando as divertidas pugnas que tanto fulgor e entusiasmo cavam ás nossas tardes domingueiras¹⁶³.

3.3 Ari de Oliveira: um *sportsman* de Montes Claros

Para marcar este curto período de análise das fontes sobre o futebol em Montes Claros (1926/27/28), merece atenção um personagem singular da sociedade para o desenvolvimento do futebol, Ari de Oliveira.

O proprietário do jornal *Gazeta do Norte*, Dr. José Thomaz de Oliveira e seus filhos herdeiros, de direito e de função no jornal, Ari de Oliveira e Jair de Oliveira foram apresentados no primeiro capítulo desta tese. Além das suas funções na *Gazeta do Norte*, primeiro como gerente e depois como gerente-redator, Ari foi figura constante nos primórdios da história do futebol

¹⁶² *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 27 de outubro de 1928, p.1.

¹⁶³ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 9 de fevereiro de 1929, p.1.

montes-clarense e notabilizou-se pela postura de um *sportsman*. À época, o *sportsman* era um tipo de personagem fundamental no desenvolvimento de uma vivência moderna, no caso de Ari de Oliveira, o futebol.

Sobre o *sportman* na história do futebol, podemos inferi-lo como um promotor de um novo hábito, e sobre esta atividade dita moderna, podemos dizer que

[o] campo de futebol era a representatividade de uma simbologia anteposta pelas elites. Nesse espaço predeterminado por um grupo, a heterogeneidade não quis ser percebida entre um determinado grupo de praticantes da pelota, os *sportsmen*. É como se eles tivessem fechado os olhos para as diversificadas formas da praxe do futebol e de seus praticantes. É claro que não credito nisso de forma vil e rígida, aparentando que os *sportsmen* eram sujeitos que predeterminavam sempre suas ações sociais e tinham controle total de sua cultura. Eles não podiam perceber tudo isso como nós o fazemos. Esse era o grande entrave da percepção que os *sportsmen* tinham da sociedade em que viviam. A memória que eles deixaram escrita é a percepção deles do seu mundo. A divisão social existe[nte] no discurso é muito forte, tanto que eles não permitiam as classes subalternas participarem da construção dessa história. Porém, ao mesmo tempo, a segregação social não é tão rija, pois eles não impediam a participação de sujeitos de outras classes e de homens negros na formação do futebol (PINTO, 2007, p.1).

Acreditamos que Ari de Oliveira se encaixe na característica de um *sportman* montes-clarense, pois suas ações se pautaram no desenvolvimento e na prática propriamente dita do futebol nesta cidade, atuando nas pioneiras equipes do *Mineiro Sport Club*, *America Sport Club* e *Montesclaros Sport Club*, por 10 anos identificados nas páginas dos jornais.

Apesar de não fazer parte da fundação da primeira equipe, em 1916, o *Mineiro Foot-Ball Club* em 1916, anunciada pelo jornal *Montes Claros*¹⁶⁴, porque sua família ainda não havia retornado à Montes Claros, chegou a fazer parte da equipe precursora. Porém, foi um dos responsáveis pela cisão no *Mineiro* que resultou na fundação da segunda equipe de futebol de Montes Claros, o *America Foot-Ball Club*, em fevereiro de 1917¹⁶⁵.

Os embates entre o *Mineiro* e o *America*, por anos, animaram e compuseram as páginas dos jornais *Montes Claros* e *Gazeta do Norte*. Como já discurremos, as equipes representavam um dos dois lados políticos da cidade, assim como os próprios jornais. Do lado político liderado pela família Alves, estavam o *Mineiro Foot-Ball Club* e o jornal *Montes Claros*; e do lado da família

¹⁶⁴ Montes Claros (MG). Quinta-feira, 12 de outubro de 1916, p.1.

¹⁶⁵ Montes Claros (MG). Quinta-feira, 15 de fevereiro de 1917, p.2.

dos Prates, o *America Foot-Ball Club* e a *Gazeta do Norte*. Obviamente, Ari de Oliveira, militou ladeando a *Gazeta do Norte* do seu pai e, sistematicamente em vários momentos, tanto Ari quanto o seu irmão Jair de Oliveira figuram como atletas do *America*, ademais, desempenharam as funções de capitão da equipe (Ari) e secretário do clube (Jair).

Desta forma, podemos concluir que os jovens herdeiros da *Gazeta do Norte*, ao retornarem dos seus estudos no Rio de Janeiro e Recife, estiveram à frente da organização e efetivação de uma das duas equipes da cidade, possivelmente difundindo o que acessaram nos dois centros adiantados onde residiram e estudaram na infância e adolescência.

Com a extinção dos algozes esportivos/políticos, a cidade viveu um hiato de insignificância futebolística, se comparado aos tempos de *Mineiro* e *America*. A fundação do *Montesclaros Sport Club* em 1924, inaugurou outro período do futebol local e, mais uma vez, observamos destaque para Ari e Jair de Oliveira, notadamente Ari. Na fundação do *Montesclaros*, Ari desempenhou a função de *Director-sportivo* e Jair a de secretário da equipe, além de futebolistas.

Entre as inúmeras convocações para os treinos durante o ano, Ari de Oliveira marcou o gol mais importante do ano de 1924, quando o *Montesclaros* recebeu o *Bocayuva Sport Club*, originária da homônima cidade, para uma partida amistosa que “parou” a cidade. O evento pretendia demonstrar a civilidade e a nobreza que o futebol pregava, assim [...] *foram programadas visitas e passeios de automóvel, pela cidade, em companhia de rapazes do nosso clube e senhoritas da nossa melhor sociedade*. Entretanto, após o gol marcado por Ari de Oliveira, segundo o jornal, *a assistencia portou-se inconvenientemente invadindo por duas vezes, o campo, pelo que merece a nossa mais áspera censura*¹⁶⁶. Este jogo transitou entre o elitismo, que no clube existia, e o popular, formado pelas pessoas pouco afeitas à educação para o torcer, que assistiram ao jogo e provavelmente vibravam demasiadamente com as jogadas de Ari de Oliveira.

Para demonstrar a posição diferenciada de Ari de Oliveira e a liderança que este exercia sobre os demais, transcrevemos o lance que resultou no pênalti a favor do *Montesclaros*, com sua atuação decisiva perante a marcação do árbitro da partida:

¹⁶⁶ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 6 de dezembro de 1924, p.2.

Os nossos voltam a atacar e quando, na área perigosa, Henriques quer passar por Paixão, este lhe aplica um calço pelas costas; o juiz apita falta maxima, porem, quer que o pontapé livre seja batido do canto da área, de onde a penalidade foi cometido. O nosso capitão faz-lhe ver o engano e ele manda a bola para a marca da maxima penalidade. Ary aproxima-se da esfera. O juiz apita. A's 6,10, cinco minutos antes de terminar a partida, a bola vaza o arco bocayuvense. A assistencia delira, invadindo novamente o campo, só recuando devido aos esforços dos dirigentes do "montesclaros"¹⁶⁷.

As atuações de Ari de Oliveira, dentro e fora do campo, o alçava a uma posição de destaque no cenário esportivo local e sua presença seria sentida durante toda a existência do *Montesclaros Sport Club*. No jogo mais importante de 1926, esteve entre os vencidos pela equipe do 15º Regimento de Cavalaria em Montes Claros¹⁶⁸; nas excursões para Corinto e Curvelo, em agosto e outubro de 1927, Ari foi um dos jogadores e negociadores dos encontros. Por fim, em edição do dia 31 de dezembro de 1927, a *Gazeta do Norte* anunciaria um jogo entre sócios do *Montesclaros*, entre os *Velhos*, equipe onde se encontrava Ari de Oliveira, e os *Moços*.

Certo é que, após este último jogo, a *Gazeta do Norte* só noticiaria novamente o futebol local em fevereiro de 1929, quando surgiu o *Montesclaros Foot-ball Club*. Nesse interim, o nome de Ari de Oliveira não mais constaria em qualquer convocação para o futebol de Montes Claros e, profissionalmente, assumiria em julho de 1928 a função de *redactor-gerente* da *Gazeta do Norte*.

Não é possível afirmar, mas aos 28 anos de idade parecia ter acabado o envolvimento direto de Ari de Oliveira com o futebol montes-clarense, esporte que certamente vivenciou na *Associação Athletica do Collegio Paula Freitas* nos tempos em que estudou no Rio de Janeiro, na primeira década do século, acumulando a experiência necessária para replicar o aprendido em Montes Claros, sempre amparado pela *Gazeta do Norte*.

3.4 O futebol é bretão, mas a garotada mal educada e indisciplinada invade o campo

A diretoria da nova equipe foi aclamada no mês de março de 1929 e teve apoio explícito da *Gazeta do Norte*. Tendo como presidente Antônio Teixeira de Carvalho (futuro prefeito da

¹⁶⁷ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 6 de dezembro de 1924, p.2.

¹⁶⁸ *Gazeta do Norte* (MG). Quarta-feira, 12 de maio de 1926, p.1.

cidade), reafirmava o vínculo do poder público com o esporte, ao utilizar o espaço do Prado para a prática, e lembrava o entusiasmo que os jogos traziam para o meio:

Communicaram-nos ainda que a praça de sports do club no Prado Oswaldo Cruz, gentilmente cedida pela Camara Municipal desta cidade está passando por varios melhoramentos á cargo do sr. Alberto P. Lima, devendo os jogos ter inicio em breve. Folgamos em registros a iniciativa desse conjuncto de “sportmen” trabalhando para dar a nossa cidade as tardes de animação e entusiasmo que se registravam com os jogos em nosso meio. Que o seu entusiasmo não se arrefeça e que se torne numa brilhante realidade o ressurgimento do sport em Montes Claros¹⁶⁹.

A inauguração das atividades do novo *Montesclaros F. Club* no mês de abril [...] *obteve o maior sucesso, sendo todos os numeros applaudidos pela grande assistencia que ali compareceu*¹⁷⁰.

A rotina semanal do futebol foi retomada. Notamos jogos em quase todos os finais de semana até o mês de junho de 1929. O *Montesclaros F. Club* organizou sistematicamente jogos entre as equipes *Vermelha* e *Branca*, e entre as equipes infantis *Verde* e *Amarella*. As partidas seguiam o esquema de anos anteriores e eram disputadas no Prado Oswaldo Cruz.

O segundo semestre de 1929 não demonstrou maiores interesses esportivos. Além da promoção de um festival pelo *Montesclaros F. Club* e dois jogos amistosos no mês de novembro, mereceu destaque o nascimento do *Athletico Sport Club*, *fundado para a pratica dos desportos em nossa cidade*¹⁷¹ e inaugurado com uma partida amistosa contra um combinado do *Montesclaros*.

Como indicado, de início, o *Athletico Sport Club* almejava a prática de outras modalidades esportivas, além do futebol. A ideia parecia fazer sentido, pois a nova diretoria do *Montesclaros*, empossada em janeiro de 1930, pretendia [...] *reorganisa-lo convenientemente, introduzindo jogos e outros divertimentos*¹⁷². Porém, o futebol continuaria monopolizando as poucas notícias esportivas da *Gazeta do Norte*.

O desenxabido futebol do ano de 1930, limitou-se a treinos internos e uma partida entre o *Athletico* e o *Montesclaros* que, segundo o jornal, *[h]á muito os afficcionados do foot-ball*

¹⁶⁹ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 9 de março de 1929, p.1.

¹⁷⁰ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 13 de abril de 1929, p.1.

¹⁷¹ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 30 de novembro de 1929, p.4.

¹⁷² Gazeta do Norte (MG). Sábado, 28 de dezembro de 1929, p.4.

*montesclarenses não assistiam a uma partida brilhante e movimentada como a de domingo ultimo, realizada no campo do primeiro no Prado Oswaldo Cruz*¹⁷³.

Enfim, apesar da aparente insignificância, interessou-nos a coluna *Sports* da *Gazeta do Norte*, de maio de 1930, quando, ao anunciar o funcionamento do campeonato de futebol interno do *Montesclaros Foot-ball Club* e a contratação de um responsável pelos treinos do clube, indicou a existência de aspectos pertencentes à prática de esportes como componente de uma sociedade moderna.

Os jogos para a decisão do campeonato serão feitos aos domingos, terminando este no ultimo domingo de Dezembro do corrente anno, podendo-se, no entretanto, marcar jogos para os dias santos, desde que haja falhas nos domingos para jogos com outros clubs, observando-se para o campeonato 30 jogos officiaes. Segundo comunicação que nos foi feita pela secretaria do “Montesclaros F.C.”, esta sociedade desportiva acaba de adquerir um optimo elemento, com a nomeação do sr. Alberto Lima para Director Sportivo. Como boa technica para treinar a tropa, dispondo de energia e muita sympathia dentro do Club, o sr. Lima muito fará em beneficio da pratica de esportes em nossa cidade, contribuindo assim para o desenvolvimento phisico de nossos rapazes¹⁷⁴.

A partir do jornal, notamos uma estruturação de um calendário específico para o futebol nos finais de semana, ao ponto de poderem ser utilizados os “dias santos” para os jogos. Além da organização moderna, o advento de alguém que se responsabilizasse pela prática de esportes e desenvolvimento físico dos desportistas, apesar da conotação militarizada no trato com a juventude esportiva, faziam com que estes dois aspectos – calendário próprio e um técnico oficial – atingissem critérios para a constituição do fenômeno esportivo no interior de uma sociedade moderna, sendo: a entidade esportiva (os clubes), calendário próprio e independente de outros tempos sociais ou rituais, corpo técnico especializado e um mercado ao seu redor, indicados por Melo (2007; 2010). O movimento modernizante na Montes Claros dos anos 1930 acontecia ao passo que o futebol ganhava contornos profissionais.

Na *Gazeta do Norte* dos anos subsequentes (1931/32 e 33), não encontramos em sua coluna esportiva mudanças significativas na rotina do futebol montes-clarenses. Ao contrário de alguns momentos eufóricos de anos anteriores, ao apurarmos as informações desses anos, nos

¹⁷³ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 18 de janeiro de 1930, p.3.

¹⁷⁴ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 17 de maio de 1930, p.4.

deparamos com apenas 10 notícias sobre o futebol na cidade e, nelas, poucas são as diferenças na dinâmica dos acontecimentos, onde o amadorismo ainda preponderava e o futebol ainda tinha aspecto distinto.

Neste período, um dos destaques ficam por conta de duas excursões às localidades vizinhas de Brejo das Almas (atual cidade de Francisco Sá) pelo *Montesclaros*, para [...] *uma assistência calculada em mais de mil pessoas*¹⁷⁵; e Bocaiuva, pelo time *Jayme Rebello*¹⁷⁶: *Esse jogo teve o typo característico do jogo-amistoso; não houve brutalidade, que serve de assumpto aos inimigos do futebol nem a aplicação de truques com a mão. [...] A torcida se portou com educação. [...] Á partida foram muitas pessoas á estação, enchendo-a*¹⁷⁷. Em ambos eventos, o aspecto elitista ainda é evidente: ao mesmo tempo que se descrevia o jogo propriamente dito no jornal, se anunciava a presença de elementos da alta sociedade local, em prestígio ao acontecimento.

O futebol montes-clarense dos anos iniciais da década de 1930 não era animador, poucos apontamentos na *Gazeta do Norte* e o aparecimento de mais três equipes (*Jayme Rebello*, *Guarany* e *Gymnasio*) formavam o ambiente esportivo. Neste cenário, na *Gazeta do Norte*, alguém sob a alcunha de *SPORTMAN* escreveu sobre a atmosfera local relativa ao futebol, em outubro de 1931, expressando a organização do futebol em duas equipes, na esperança de *não ir por agua abaixo esse são entusiasmo esportivo*, como de outras vezes:

É digno de registro o movimento animador que vem desenvolvendo os rapazes montesclarenses para dar vida, aqui, ao apreciado esporte bretão. Para isso nada se precisa além da boa vontade dos nossos rapazes e seria motivo de reparo, si não houvesse um clube esportivo, bem organizado em nossa cidade. Desde os pequeninos aos grandes centros o futebol é aceito com carinho e entusiasmo, o que não acontecia aqui, cremos que, por falta exclusivamente de esforço da nossa gente. Agora, entretanto, temos em organização dous clubes, fortes e decididos a enfrentarem-se na primeira oportunidade.

O “Montesclaros” composto por optimos elementos, acha-se confiante de victoria no primeiro encontro que tiver com o “Guarany”. E o “Guarany” julga difícil sofrer uma derrota, de forma que, só mesmo uma refrega porá ás claras a situação desses conjunctos. [...] Ha annos nao assistiamos partidas animadas nesta cidade, dado ao pouco entusiasmo que dominava os nossos rapazes. Ultimamente, porém, os sportmen montesclarenses

¹⁷⁵ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 26 de setembro de 1931, p.1.

¹⁷⁶ Não encontramos menção à fundação da equipe do *Jayme Rebello* na *Gazeta do Norte*.

¹⁷⁷ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 2 de janeiro de 1932, p.1.

promoveram varias partidas amistosas com a valorosa esquadra do “Brejo das Almas F. Clube” da villa do mesmo nome, correndo essas, para crescer a animação e desenvolver o animo dos nossos rapazes. Oxalá que esse entusiasmo não se arrefeça. E eu como sincero amigo dos esportes, estarei alerta no cumprimento do meu dever – concorrer para não ir por agua abaixo esse são entusiasmo esportivo¹⁷⁸.

“A década de 1930 reserva o aparecimento de vários times, extrapolando a situação que perdurava até então, onde apenas uma equipe (*Montes Claros Football Club*) ocupava o cotidiano esportivo da cidade” (ALVES; SILVA; SOUZA NETO, 2013, p.5). Tal situação seria nítida no decorrer dos anos trinta. Para se perceber este movimento, somente no ano de 1934 foram encontradas 20 passagens sobre o futebol de Montes Claros na *Gazeta do Norte*, o dobro de notícias nos três anos anteriores somados.

Se Nicolau Sevcenko (1992) diz que nos anos 1920 o Brasil começou a adquirir uma atitude esportiva e inúmeros clubes de futebol foram fundados, em Montes Claros esse fenômeno só ficou aparente a partir de 1933. O comum, até então, eram as subdivisões do *Montesclaros F. Club*, que normalmente nominava as equipes compostas por associados em *Branca*, *Verde* e *Vermelha*¹⁷⁹ ou homenageava figuras importantes da sociedade, designando às equipes os nomes de *Jayme Rebello*, *Jair Oliveira*, *José Diniz Maia* e *Raul Corrêa*¹⁸⁰.

Porém, de 1933 em diante, notamos na *Gazeta do Norte* a indicação de jogos de várias equipes alheias ao *Montesclaros F. Club*, grifadas a seguir:

Encontrar-se-ão amanhã domingo no campo do prado Oswaldo Cruz, as equipes do “**Guarany Foot-ball Clube**” e “**Gymnasio**”¹⁸¹.

[...] mais um importante encontro entre os já conhecidos quadros do Guarany e o dos **Estudantes Montesclarenses**¹⁸².

[...] acaba de ser fundado nesta cidade, o “**Club Athletico Montesclarensense**” entidade destinada a incrementar o sport em Montes Claros principalmente o foot-ball¹⁸³.

¹⁷⁸ *Gazeta do Norte* (MG). Quarta-feira, 7 de outubro de 1931, p.1.

¹⁷⁹ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 26 de setembro de 1931, p.1.

¹⁸⁰ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 14 de novembro de 1931, p.4.

¹⁸¹ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 13 de maio de 1933, p.2.

¹⁸² *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 9 de junho de 1934, p.4.

¹⁸³ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 30 de junho de 1934, p.2.

[...] no campo do Club Athletico Montesclarensense um renhido encontro entre os primeiros quadros desse club e do **Independente**¹⁸⁴.

Enfrentar-se-ão amanhã, no campo do **Gymnasio** as fortes equipes «Verde» e «Vermelha» do club do estabelecimento¹⁸⁵.

Realisar-se amanhã na praça de sports do atlético uma renhida pugna entre as equipes do **“Futurista S. Club”** e o **“Operário Foot Ball Club”** desta cidade¹⁸⁶.

Realisou-se na terça-feira ultima, em Granjas Reunidas, a anunciada partida de foot ball entre o team daquella localidade e o quadro da **Associação Athletica Commercial**, desta cidade¹⁸⁷.

Foi fundada nesta cidade, por elemento de dois ou três clubs, um novo club de foot ball, que recebeu o nome de **União Montesclarensense S. C.**¹⁸⁸.

Nessa profusão de novos times, mereceram destaque da *Gazeta do Norte* os dois encontros do *Montesclaros* contra o *Guarany*, em setembro de 1936, finalizados com duas vitórias do *Guarany*. No primeiro jogo a *Gazeta do Norte* ainda evidenciou, de início, a fidalguia de [...] *uma assistencia bastante numerosa de cavalheiros e senhoritas, qua applaudiram delirantemente as suas côres predilectas* e, ao final, indignou-se com [...] *a garotada mal educada e indisciplinada [que] invade o campo, embaraçando as vezes os próprios jogadores*¹⁸⁹. O futebol considerado nobre e civilizado convivia, pelo menos para a *Gazeta do Norte*, o paradoxo da atividade distintiva convivendo com o popular e de entusiasmo exagerado.

O posicionamento da *Gazeta do Norte* sustentava um futebol popular, mas que, ao mesmo tempo que o número de adeptos aumentasse, deveriam os jogadores e assistência manterem uma postura condizente com a primazia elitista do esporte bretão. Nesse entendimento, o jornal, ao final da descrição do segundo jogo entre *Montesclaros* e *Guarany*, mais uma vez apelou contra a conduta indisciplinada da assistência e dos jogadores e contra a omissão dos capitães das equipes.

Terminando, fazemos um apello aos referidos «capitains» dos diversos quadros no sentido de procurarem manter uma certa autoridade sobre os seus capitaneados quando nas pugnas officiaes. Do contrario, os seus “teams” agirão como um exercito sem bandeira, sem

¹⁸⁴ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 15 de junho de 1935, p.1.

¹⁸⁵ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 27 de abril de 1935, p.4.

¹⁸⁶ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 25 de abril de 1936, p.4.

¹⁸⁷ *Gazeta do Norte* (MG). Segunda-feira, 2 de novembro de 1936, p.2.

¹⁸⁸ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 4 de março de 1939, p.1.

¹⁸⁹ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 23 de setembro de 1936, p.3.

direção e sem disciplina, o que não pode absolutamente prevalecer, sob pena de serem lançados na mais vergonhosa anarquia¹⁹⁰.

Nesse íntere, a *Gazeta do Norte*, maior representante da imprensa da cidade, se firmava como um veículo representante dos *sportmen* locais. Se por ela conseguimos observar efervescências e arrefecimentos do futebol, também notamos as reivindicações por melhores campos de jogos e educação da assistência. Esse tipo de postura da imprensa, pautado no futebol, segundo Souza Neto (2010) foi notado também em Belo Horizonte, mas em anos anteriores ao de Montes Claros, caracterizando uma prática que se consumava, onde eventos da modernidade obedeciam a ritmos próprios de cada região.

Havia uma disputa estabelecida entre o futebol que se popularizava e o futebol que ainda se fazia fidalgo, aproximado às camadas elitizadas. Exemplicando esse cenário, a *Gazeta do Norte* se lançou numa campanha intitulada *A decadência do nosso foot-ball* em meados de 1936, que se dizia em pról do esporte, provocando o saudosismo de um futebol de anos anteriores, apontando as causas da decadência à época; os motivos do desânimo; a violência e a deseducação da torcida. Enfim, são pelo menos quatro crônicas de severo teor em denunciando a conjuntura do esporte que, supostamente, tantos apelos positivos continha:

O foot-ball em Montes Claros tem «caveira de burro», alguém já disse. E é a maior das verdades, afirmamos. Montes Claros, cidade civilizada, populosa, não possui um bom «team» de foot-ball, sequer. Onde estão os actuaes foot-ballers montesclarenses, da fibra sportiva de Ary, Henriques, Jair, Ferranti, Atalíba, Sady, Maurício e Costicha, para não se falar em Horta, Juquita, Salgado e muitos outros? Nesta cidade os clubs de foot-ball nascem e morrem quase que diariamente¹⁹¹.

O foot-ball em Montes Claros atravessa, presentemente, um período de grande desanimo, mostrando assim estar em franca decadencia o sport em nossa terra. [...] É um flagrante contraste com a animação que se via nas tardes desportivas de alguns annos atraz. O campo de foot-ball ficava repleto do que Montes Claros possui de mais representativo na sua sociedade, quando representantes de todas as camadas sociaes assistiam enthusiamados os lances emocionantes dos jogos [...]. [...] Resta agora que os verdadeiros desportistas de Montes Claros, amparem as nossas instituições sportivas, não deixando que fracassem [...]¹⁹².

¹⁹⁰ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 30 de setembro de 1936, p.3.

¹⁹¹ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 02 de maio de 1936, p.1.

¹⁹² *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 09 de maio de 1936, p.4.

No Brasil se pratica o melhor foot-ball do mundo; em Montes Claros o pior do Brasil. [...] Outra cousa que muito contribue para que impere o maior desanimo nossos campos são os torcedores exaltados e sem educação. [...] Agora, por exemplo, temos tres clubs de foot-ball que como já dissemos, juntos não valem por um só. [...] Necessario se torna que aquelles que de facto se interessam pelo sport em nossa terra, não deixem acabar o restinho que ainda possuímos de sportistas que fomos, nos tempos do velho Montes Claros Sport Club¹⁹³.

Hoje, infelizmente, quando devíamos estar colocados, no terreno dos *sports*, em igualdade de condições às demais cidades do Estado, vemos acabar pouco a pouco, o restinho de um povo sportista que fomos. [...] Oxalá não seja fogo de palha a animação que vemos nestes ultimos dias o entusiasmo de vencer dos que se acham possuídos de nosso sportistas [...]

¹⁹⁴.

Apesar do pífio movimento do futebol em 1938, observado apenas pela excursão da A. A. Comercial para a cidade de Fortaleza (atual Pedra Azul)¹⁹⁵, podemos afirmar que na *Gazeta do Norte*, após mais de dez anos de funcionamento da ligação férrea de Montes Claros para o sul, o futebol ainda era marcado por oscilações na periodicidade, mas começava a se consolidar como um evento que movimentava significativamente o final de semana da cidade, constituindo um novo hábito do povo. Cenário corroborado com Alves; Souza Neto e Silva (2013, p.6-7), quando concluíram que nos anos trinta “[...] o futebol se potencializa nas terras sertanejas. Maior organicidade, mais clubes, mais torcedores, enfim, um universo próprio construído a partir do ousado desejo que jovens da elite tiveram anos antes; este era o cenário que o futebol apresentava em Montes Claros”.

Para caracterizar mais um período da história do futebol em Montes Claros, asseguramos os anos 1930 como singulares, tal o incremento observado nesse esporte na cidade. Com tantos clubes fundados, urgia construir-se um estádio de futebol adequado, pois até o momento os campos eram um inconveniente à prática que tanto se desenvolvia. Assim, caberia ao *União Esporte Club* a inauguração do Estádio Francisco José Guimarães (o nome seria adotado nos anos posteriores) na rua Dr. Veloso, no segundo semestre de 1940¹⁹⁶.

Esse movimento havia acontecido semelhantemente em Belo Horizonte. Nesta cidade, ao passo que o futebol se instituía, notou-se “[a] premente necessidade de adequar a sua estrutura

¹⁹³ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 16 de maio de 1936, p.6.

¹⁹⁴ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 23 de maio de 1936, p.4.

¹⁹⁵ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 8 de outubro de 1938, p.1.

¹⁹⁶ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 3 de agosto de 1940, p.3.

esportiva (no caso, futebolística) ao nível de “adiantamento” vislumbrado especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo [...]” (SOUTTO MAYOR; SOUZA NETO; SILVA, p.146-147, 2018). Sem embargos, o futebol de Montes Claros crescia aos moldes exigentes da modernidade e seu exemplo mais próximo era a cidade de Belo Horizonte, que, cronologicamente havia passado pelo mesmo estágio de desenvolvimento em décadas anteriores, quando também solicitava a construção de um estádio adequado às necessidades dos seus clubes:

O futebol, porém, se enraiza à partir dos anos 1910, e reivindica um espaço mais adequado para o desenvolvimento de sua prática na cidade. O ocioso Prado se torna então o palco do futebol em Belo Horizonte, até o início dos anos 1920. Um projeto de modernidade que não vingou acaba atendendo um outro projeto de modernidade em franco crescimento. O estádio permite, neste caso, a cobrança de ingressos (o mercado do espetáculo começa a se configurar), a presença restritiva da população, o controle da experiência, além de se adequar a um espaço-sede em consonância com as exigências do moderno (SOUZA NETO, 2017, p.226).

A precisão de um estádio condizente para Montes Claros movimentava a *Gazeta do Norte*, que não media esforços em promovê-la. Da lista de donativos, anunciando o valor doado por cada um dos benfeitores da construção,¹⁹⁷ à notícia de que [...] *cerca de 60 trabalhadores empunhando pás, enxadas, picarêtas e carroças funcionam diariamente no serviço de terraplenagem*¹⁹⁸, tudo era motivo para chamar a atenção para a inauguração do Estádio do *União*.

A construção de estádios de futebol no Brasil obedeceu a peculiaridades inerentes ao período dos seus projetos. Em função disso, Valério e Almeida (2016) identificou seis momentos na história do futebol brasileiro que marcaram a concepção dos seus estádios. Dentre os seis, entendemos que o primeiro estádio de Montes Claros se adequada, proporcionalmente, à terceira, quando diz que “[c]om a popularização e democratização do futebol no Brasil a partir dos anos 20 e 30 do último século são construídas praças futebolísticas com capacidade muito superior das dos estádios que existiam até aquele momento” (VALÉRIO; ALMEIDA, 2016, p.112).

Em função da inauguração do estádio no início de 1941, os amistosos disputados pelo *União Sport Club* seriam a notícia mais comum nas páginas esportivas da *Gazeta do Norte* naquele

¹⁹⁷ *Gazeta do Norte* (MG). Terça-feira, 17 de setembro de 1940, p.3.

¹⁹⁸ *Idem*.

ano. Foram notadas visitas futebolísticas das cidades de Buenópolis¹⁹⁹, Corinto²⁰⁰, Curvelo²⁰¹, e de Belo Horizonte²⁰². Todas as viagens das embaixadas esportivas foram realizadas via estrada de ferro.

No campo do *União*, a cidade promoveria o primeiro campeonato de futebol amador em 1942, quando sagrou-se campeão o *Construção Atlético Clube* e vice-campeão o *Esporte Clube Padre Osmar* (equipe precursora da Associação Desportiva Ateneu)²⁰³. Com poucas equipes e um só campo de jogo, o campeonato montes-clarense refletia o desenvolvimento do futebol, evento similar ao de Belo Horizonte quando, em 1915, a Liga Mineira de Esportes Atlético organizou o primeiro campeonato da cidade, contando com a participação de apenas cinco equipes: o Atlético, América, Yale, Higiênicos e Cristóvão Colombo (COUTO, 2003), num inequívoco distanciamento temporal, causado pela emersão natural dos ingredientes para a consolidação do esporte moderno.

Contudo, claramente é o campeonato de 1943 que começou a constituir-se de aspectos singulares ao futebol mais organizado, associado ao entusiasmo e interesse da imprensa: *Está de parabens a Liga Montesclarenses de Foot-ball, pelo brilhantismo de que se revestiu a inauguração da temporada de 1943*²⁰⁴, que teria a participação de seis equipes: 1- *Construção A. C.* (equipe composta pelos ferroviários construtores da estrada de ferro), 2- *A. A. Vera Cruz*, 3- *União E. C.* (equipe da União Operária e Patriótica de Montes Claros), 4- *Comercial F. C.* (time baseado na classe dos comerciários), 5- *S. C. Montes Claros*, e 6- *Vila Nova A. C.*

Nesta nova conjuntura organizacional, o campo do *União* seria testemunha do nascimento do primeiro clássico batizado pela *Gazeta do Norte* e, a partir do jornal, seriam percebidas feições condizentes com os campeonatos de futebol de localidades mais adiantadas, como Belo Horizonte. Naquela cidade, tais aspectos profissionais já existiam. Não obstante, para os dois maiores clubes de Minas Gerais, no seu encontro de número 29, acontecido a três de abril de 1934, “[...] notamos a primeira utilização da expressão *CLÁSSICO* para a contenda. À época,

¹⁹⁹ Gazeta do Norte (MG). Quarta-feira, 02 de abril de 1941, p.4.

²⁰⁰ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 12 de julho de 1941, p.3.

²⁰¹ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 02 de agosto de 1941, p.3.

²⁰² Gazeta do Norte (MG). Sábado, 09 de agosto de 1941, p.2.

²⁰³ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 13 de março de 1943, p.3.

²⁰⁴ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 16 de junho de 1943, p.3.

tal designação era utilizada com a devida moderação, só empregada para jogos de reputação significativa” (ALVES, 2013, p.62).

Ao compararmos a atuação da imprensa da Capital, no que dizia respeito aos prêmios dos times locais, com o futebol montes-clarense, observamos as mesmas características e expectativas pelos jogos nas colunas esportivas da *Gazeta do Norte*.

O Construção A. C. reconhecendo o valor e a fibra do seu próximo adversário, o União E. C., **traçou um programa especial de treinamento para os seus atletas**, ao qual denominou «Quinzena Unionista». Todos lá trabalham com os olhos fixos no pomposo título de «Campeões Invictos»... O valoroso União A. C., depositário das esperanças dos torcedores de todos os demais clubes que desejam a queda do atual líder invicto, está tomando sérias providências para o jogo do dia 22. Miguel Madi e Alfredo Dias, conseguiram o **reforço de dois ótimos elementos** dos quais dizem maravilhas²⁰⁵ (grifos nossos).

UNIÃO x CONSTRUÇÃO – O mundo esportivo local afluirá em massa ao campo do União, na tarde de hoje, para assistir ao **grande clássico da cidade**. União e Construção, clubes possuidores de bons quadros e que contam com grandes torcidas, medirão forças numa peleja que poderá decidir o campeonato²⁰⁶ (grifos nossos).

Conforme noticiamos, o campo do União E. C. apanhou domingo transato **uma numerosa assistência**, que torceu com desusado entusiasmo e **acentuado nervosismo**. [...] Havia até quem apostasse em como a partida não terminaria sem o chamado «sururú»²⁰⁷ (grifos nossos).

Na capital do Estado, em 1927, ou seja, bem antes da euforia da *Gazeta do Norte* para o citado “clássico” montes-clarense em 1943, o jornal belorizontino promovia jogos importantes com entusiasmo, como o encontro do Atlético Mineiro com o Palestra Itália (atual Cruzeiro Esporte Clube): “No *Minas Geraes*, observamos a expectativa para o encontro: “[...] o glorioso alvi-negro terá, domingo, um dos seus mais importantes encontros”; vencer o Palestra valeria a conquista do primeiro bicampeonato atletico” (ALVES, 2013, p.97). Nessa perspectiva, afirmamos que o campeonato montes-clarense de 1943 continha a sua própria ansiedade, rivalidade e torcidas, aspectos similares ao campeonato de Belo Horizonte, numa evidente semelhança/influência da imprensa esportiva da cidade grande para com a do interior.

²⁰⁵ *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 15 de agosto de 1943, p.3.

²⁰⁶ *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 22 de agosto de 1943, p.3.

²⁰⁷ *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 29 de agosto de 1943, p.3.

Na história do futebol brasileiro do início do século XX, segundo Gilmar Mascarenhas (2012), encontramos características advindas do período da monarquia, onde diversas regiões do país maninham-se isoladas entre si. Em função desta característica, o futebol adquiriu características próprias de cada localidade e proporcionou o aparecimento dos clássicos regionais e pertencimentos clubísticos diversos. Sobre os primórdios do futebol no Brasil, percebemos que

tal situação propiciou o surgimento de rivalidades locais (os chamados “clássicos”). Ao mesmo tempo, as principais cidades seguiam mantendo relativo isolamento entre si, de forma que os principais confrontos futebolísticos se davam no nível intra-urbano, e não interurbano, como se pode notar comumente no caso europeu. Desta forma, as identidades clubísticas se construíram no contexto das rivalidades intralocais, e não entre cidades ou regiões. No Brasil, em suma, o território ainda não integrado determinou um processo de adoção do futebol multipolarizado e de forte base local, de forma que transcorreram muitas décadas até que fosse possível a realização de um campeonato de alcance nacional (MASCARENHAS, 2012, p.73).

Importa ressaltar sobre a história do futebol montes-clarense que, o *União E. C.*, equipe proprietária do estádio, sagrar-se-ia campeã dos campeonatos de 1943 e 1944, e o seu presidente (também presidente da *Liga Montesclarensense de Futebol*) anunciaria a filiação da liga local à Federação Mineira de Futebol em 1944. O entusiasmo que reinava no futebol montes-clarense era justificado, segundo o próprio presidente Miguel Mardi, *[p]elas circunstancias materiais que facilitam as atividades dos clubes. Assim, conta a cidade com a sua magnífica praça de esportes, que possui um magnífico campo de futebol, agora inteiramente gramado*²⁰⁸.

União E. Clube – Vem proporcionando aos afeiçoados do futebol todos os domingos, com seu onze bem orientado e disciplinado, o União Esporte clube, oferecendo ótimos jogos que satisfazem plenamente ao público, o que faz com que seja mantido o seu cartaz. É atualmente o bi-campeão da cidade no futebol e constitui o baluarte do esporte em nossa terra²⁰⁹.

Finalmente, o futebol de Montes Claros preenchia critérios importantes para a constituição do fenômeno esportivo no interior da sociedade moderna. Observava-se na conjuntura local, como indicado por Melo (2007), uma organização clubística, gerenciada por federações,

²⁰⁸ Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 02 de março de 1944, p.3.

²⁰⁹ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 15 de outubro de 1944, p.5.

confederações e outras entidades representativas e a estruturação de um calendário próprio, com relativa autonomia em relação a outros tempos sociais.

Os anos finais da década de 1940 seguiriam o escripto do início. A *Gazeta do Norte* manteria a atenção aos períodos do ano de arrefecimento do movimento futebolístico e o *União E. C.* continuaria a ser o time mais organizado e vitorioso, claramente influenciado pelo seu campo, único da cidade: *Montes Claros possui um ótimo campo, com perspectiva de grandes melhoras; sua mocidade contribui bastante no salutar esporte; o ingresso cobrado é irrisório e acessível a todas as bolsas (gratuito ao elemento feminino); apenas falta público...*²¹⁰.

O FUTEBOL EM 1945 – Nada de novo no front futebolístico da cidade. Parece mesmo que se respira um atmosfera pesada. Já é tempo de se ter realizado o campeonato de 1945. O UNIÃO, ainda não se manifestou a respeito e ele continua sendo o maioral da cidade. [...] E, enquanto isso os muros do campo do União estão ruindo abandonados e a opinião esportiva lamentando, com razão essa falta de atividade e cuidado. Haverá ou não futebol este ano²¹¹?

Até hoje não se falou nada sobre a realização do Campeonato de futebol da cidade, o que aliaz compete a liga providenciar, entretanto, parece que os clubes já estão procurando *amarrar* os jogadores para a temporada deste ano²¹².

O soerguimento do nosso futebol – Realizou-se quinta-feira ultima, 20 do corrente, na residencia do sr. dr. Hermes de Paula, presidente da Liga Montesclarensense de Futebol, a primeira reunião desta entidade, tendo comparecido representantes dos clubes locais. Foram discutidas as possibilidades para o soerguimento deste esporte em nosso cidade e ficou resolvido que terá inicio dia 6 de maio o Campeonato Municipal de Futebol, participando deste 4 clubes locais²¹³.

O *União* é o clube mais festejado, *lider da cidade e detentor do titulo maximo*²¹⁴. Tem estádio, torcida e joga contra equipes de fora. Estes aspectos relevantes são observados na *Gazeta do Norte* em 1946 e 47:

E, como vinha dizendo, assistimos no presente ano, um verdadeiro desfile de grandes clubes, da capital e das cidades visinhas, que vieram deixar em Montes Claros, a sua invencibilidade, e o seu cartaz. Portanto atendendo a inúmeros pedidos de Esportistas

²¹⁰ *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 05 de agosto de 1945, p.3.

²¹¹ *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 25 de fevereiro de 1945, p.4.

²¹² *Gazeta do Norte* (MG). Quinta-feira, 13 de janeiro de 1946, p.3.

²¹³ *Gazeta do Norte* (MG). Quinta-feira, 03 de maio de 1945, p.3.

²¹⁴ *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 22 de junho de 1947, p.3.

desta cidade, tenho o prazer de dar ao Presidente do União, sr. Hermes Pimenta, o título de «Marechal das vitórias Esportivas»²¹⁵.

Constituiu magnifico espetaculo a abertura da temporada oficial de 1947, promovida pela Liga Montesclarensense de Futebol. [...] a assistencia, incalculavel multidão que encheu literalmente o Estadio, prorrompeu em aclamações²¹⁶.

Insistimos na tese de que o futebol em Montes Claros, ao longo da primeira metade do século XX, tem história semelhante à de cidades maiores, principalmente Belo Horizonte, porém, desenrolada em tempos diferentes. Se na cidade norte-mineira a organização dos primeiros campeonatos de futebol se deu nos 1940, na Capital do Estado há muitos anos já havia campeonato profissional. Não obstante, na Capital, a transição de amador para profissional teve seu ápice nos anos 1920 e os jogos dos principais times da época: Clube Atlético Mineiro, América Futebol Clube e Cruzeiro Esporte Clube, “inundavam” de notícias as páginas esportivas dos periódicos (COUTO, 2003; SOUZA NETO, 2010; ALVES, 2013). Em Belo Horizonte, o advento do profissionalismo em 1933 promoveu o incremento do número de torcedores e, além disso, possibilitou a introdução de jogadores oriundos de classes sociais populares (RIBEIRO, 2007). Nesse processo, equipes da Capital se destacaram, passando a ser referência para o interior do Estado.

Em nível nacional, o futebol foi introduzido no Brasil no final do século XIX e início do século XX. Tomando como base o eixo Rio-São Paulo, popularizou-se já no final da década de 1910 e início da década de 1920. “Os anos de 1930 assinalariam a consolidação definitiva do futebol no Brasil, com o advento do profissionalismo e o ingresso maciço de jogadores oriundos das classes populares nos grandes clubes” (HOLLANDA, 2003, p.16).

Em Montes Claros não seria diferente, o futebol de Belo Horizonte exercia influência sobre a cidade norte-mineira, porém, na *Gazeta do Norte* o futebol tinha peculiaridades inerentes ao aspecto interno, ou seja, o principal periódico local, enfocava o futebol municipal, destacando os eventos da cidade, em detrimento do futebol externo.

Promover o futebol local constituía-se numa rotina para a *Gazeta do Norte*. Essa postura possibilitou publicidade necessária para a visita do primeiro time profissional para jogar

²¹⁵ *Gazeta do Norte* (MG). Quinta-feira, 17 de outubro de 1946, p.2.

²¹⁶ *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 15 de junho de 1947, p.2.

contra os montes-clarenses. A campanha do jornal em 1947, intitulada *O Atlético Mineiro virá a M. Claros*, tencionava gerar mais entusiasmo no futebol da cidade, e não porque os atleticanos tivessem significativo número de torcedores na cidade. Embora fosse uma equipe respeitada e de sucesso na Capital, o Atlético Mineiro serviria para alavancar o futebol do interior, lotando o estádio e fomentando um evento esportivo de sucesso:

O Atlético Mineiro virá a M. Claros – Uma notícia alvissareira para os fans do grande esporte bretão, é certamente esta, anunciando a vinda dos quadros do glorioso Atlético Mineiro, de Belo Horizonte, á nossa cidade, afim de disputar algumas partidas com nossos clubes e selecionado local. Deste fato depreende-se o movimento vizando o soerguimento do futebol em Montes Claros, está sendo coroado melhor êxito²¹⁷.

ENTUSIASMO – Comentando o ambiente de expectativa que reina em Montes Claros pela visita do campeão mineiro de 46, adiantou-se que nunca se viu ali ansiedade igual. Na cidade e vizinhanças, o acontecimento é comentado com entusiasmo, esperando-se que seja assinalado, nas bilheterias do principal estadio monteclarenses autentico record de renda, pois serão cobrado ingressos á razão de 10 cruzeiros, preço único. [...] Levaremos a Montes Claros os demais gremios filiados á divisão principal da FMF²¹⁸.

Despertou o mais vivo interesse e entusiasmo em nossos meios esportivos e sociaes, a noticia que veiculamos em nosso ultimo numero, da vinda do quadro do Atlético mineiro a cidade, afim de disputar um jogo com um selecionado local e possivelmente com o Ferroviario. Os clube monteclarenses vem tomando as providencias necessarias para que a estadia dos rapazes da embaixada visitante seja a mais agradável possível, estando para isso, incluindo no programa um esplendido churrasco na fazenda do sr. Juventino Gomes, um dos entusiastas do esporte em nosso meio e um baile no Clube dos Bancarios. Também a recepção no aeroporto local será festiva, devendo ali comparecerem os representantes dos Clubes Locaes, autoridades e pessoas gradas. A vendagem de ingressos para o jgo tem sido intensa, tudo fazendo prevêr que a vinda do Atlético constitua verdadeiro sucesso esportivo para a nossa cidade²¹⁹.

Apesar da expectativa pela vinda do Atlético Mineiro, a excursão para o Norte de Minas foi adiada, todavia, os amistosos deste time com os interioranos não aconteceriam. Caberia ao Cruzeiro Esporte Clube desembarcar na cidade, substituindo o Atlético. A também prestigiada equipe do Cruzeiro movimentaria o ambiente esportivo da mesma forma e traria a Montes Claros uma equipe alternativa, tendo como destaque o veterano Alcides, atacante de sucesso desde os tempos em que se denominava *Palestra Italia*:

²¹⁷ Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 10 de julho de 1947, p.3.

²¹⁸ Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 13 de agosto de 1947, p.3.

²¹⁹ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 17 de agosto de 1947, p.3.

A vinda do Atlético ficou adiada para Setembro vindouro – Em virtude de compromisso do Atlético Mineiro com a Portuguesa Desportos de São Paulo para dia 4 de Setembro, foi adiado por aquele Clube a visita a esta cidade para 21 de Setembro. Jogará no dia 31 do corrente em M. Claros o tri-campeão Cruzeiro, time de profissionais de B. Horizonte²²⁰.

Conforme foi amplamente divulgada, não foi possível defrontarem-se nesta cidade por motivo de força maior, o Atlético F. C. da Capital Mineira com o selecionado local. No entanto, ante as démarches dos diretores da Liga Montesclarensense, corou-nos com sua visita o valoroso quadro extra do Cruzeiro, numa demonstração de simpatia e carinho pelo esporte no interior do Estado. Pelo trem da carreira, sábado 30, às 16,45, chega a estação local, a embaixada cruzeirense, comandada pelo veterano Alcides. Na gare, além dos representantes, dos nossos clubes que apresentavam aos visitantes os cumprimentos de chegada, uma compacta multidão, recebeu festivamente os rapazes de Alcides²²¹.

O Estádio Francisco José Guimarães, conhecido campo do *União E. C.*, situado a rua Dr. Veloso, na década de quarenta, era o destino único dos eventos futebolísticos de Montes Claros. Por ser murado e ter algumas arquibancadas, tornou-se o estádio da cidade, pois propiciou os primeiros campeonatos amadores e testemunhou o protagonismo do *União* nesse princípio. Porém, é possível inferir que este mesmo fato, de ser o único e ser controlado por uma das equipes, desembocaria nas primeiras campanhas pela construção de um estádio público e comum a todos.

O início dos imbróglis seria durante a temporada de 1948 que, como de costume, principiou-se com um apelo da *Gazeta do Norte: Depois de um ano de inatividade, voltaram a se movimentar os meios esportivos de Montes Claros*²²², iniciando-se o campeonato da cidade ainda no mês de julho. Como sabido, a *Liga Montesclarensense de Futebol* era filiada à Federação Mineira de Futebol, e esta associação, ao mesmo tempo que impunha legitimidade e autoridade ao campeonato da cidade, também onerava financeiramente as equipes e, em função disso, a *Liga* era acusada de *entraves decorrentes da má política esportiva*²²³. O campeonato seria abalado pela revolta das equipes que utilizavam o estádio do *União*, ao recusarem utilizá-lo, em função das taxas consideradas abusivas.

²²⁰ Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 28 de agosto de 1947, p.1.

²²¹ Gazeta do Norte (MG). Quarta-feira, 03 de setembro de 1947, p.1.

²²² Gazeta do Norte (MG). Segunda-feira, 10 de junho de 1948, p.3.

²²³ Gazeta do Norte (MG). Terça-feira, 22 de julho de 1948, p.3.

Hoje, já tarde, deverá chegar ao seu ponto crítico, o caso do Campo do União Esporte Clube. Segundo apuramos, os clubes que vinham disputando o Campeonato naquele estádio resolveram terminar a temporada no campo do Floresta F. C. Mas como havia um contrato assinado pelos presidentes dos Clubes e pelo presidente da Liga, (coisa absurda, porque nunca vimos uma Liga ficar subordinada a um clube) o presidente do União Esporte irá, conforme ficamos sabendo, acionar, civilmente, por «lucros cessantes» os signatários do mencionado contrato. Ouvimos dizer que hoje, á hora marcada para os jogos, a diretoria da U. E. C. acompanhada de testemunhas previamente convidadas, irá testemunhar o não comparecimento dos contratantes ao campo do U. E. C., para ser dado início à uma ação judicial contra os mesmos. Bonito! Se não tivéssemos compromisso de comparecer ao campo do Floresta F. C., iríamos á testemunhaçãõ desses cidadãos que se vão meter numa embrulhada dos diabos por causa de um futebol em família que já está a merecer as vistas dos poderes publicos. Não nos interessa se a Diretoria do U. E. C. tem razão ou esteja levando a coisa muito a sério demais. Sabemos apenas de uma coisa: O campeonato continuará e o União Esporte Clube sairá perdendo na questão, porque, questões pessoais em futebol sempre teminam na policia. E a policia em futebol, só faz uma coisa: dissolver o «sururú». A presidência do União E. C. quer é «sururú», por isso, deixamos à policia o seguinte aviso: O dia em que o União Esporte Clube for fazer a «arrecadação» dos lucros cessados, que esteja de prontidão para dissolver o «sururú»²²⁴.

O texto irônico da *Gazeta do Norte*, indicando que o final do campeonato ficaria por conta da polícia, dissolvendo o *sururu* causado pelo *União E. C.*, seria rechaçado pela diretoria do *União* e obrigaria o jornal a publicar um pedido de desculpas ao seu presidente²²⁵. Porém, o jornal mantinha sua crítica: *Chegará ao fim o Campeonato? [...] Depois que surgiram as encrencas de recursos deferidos extraregularmente, os casos de campo e os «diss-que-me-disse», estamos para dizer que o Campeonato está agonizante*²²⁶. Por fim, o campeonato de 1948 continuou, [...] *sagrando-se campeão Invicto o E. C. João Rebelo e Vice-Campeão o Juventus F. C.*²²⁷.

Importa frisar que o futebol montes-clarense estabelecia sua dinâmica. Ainda que fosse amador, continha aspectos profissionais ao cobrar ingressos, impor vínculo dos atletas com as equipes, filiação dos clubes à *Liga*, obediência aos estatutos da Federação Mineira de Futebol e regularidade de disputa do seu campeonato. Nesse panorama de consolidação, a *Gazeta do Norte* observava a necessidade de um estádio de maiores dimensões do que o Francisco José Guimarães. E, possivelmente, instigado pelas confusões extra-campo envolvendo o *União E. C.* em 1948, o

²²⁴ *Gazeta do Norte* (MG). Terça-feira, 01 de agosto de 1948, p.3.

²²⁵ *Gazeta do Norte* (MG). Quinta-feira, 05 de agosto de 1948, p.3.

²²⁶ *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 08 de agosto de 1948, p.3.

²²⁷ *Gazeta do Norte* (MG). Quinta-feria, 16 de setembro de 1948, p.3.

jornal cobraria pela municipalização do estádio, retirando o controle do clube sobre o equipamento, numa flagrante afronta à administração particular do estádio:

Apêlo aos nosso vereadores – Um campo para todos os Clubes! A causa principal da nossa desorganização desportiva está na falta de campos de futebol. Preenchendo, em parte, os requisitos impostos pelos regulamentos do futebol, temos o «Estádio Francisco José Guimarães», que poderia servir de incentivo dos Clubes que não têm campo. Para isso bastava um acordo dos clubes, inclusive o União Esporte clube, detentor *de fato* do referido campo, e do Azilo São Vicente de Paulo, proprietário, com os poderes de transformar aquela praça num Estádio Municipal, já que não há um terreno adequado, mais no centro da cidade, que se preste para o fim desejado. A solução, nêsse caso, caberia à Prefeitura que teria de desapropriar o terreno, uma vez que aquela área não pode ser vendida a terceiros, segundo consta na escritura de doação, em poder do Azilo. E a desapropriação, para beneficiar melhor ao Azilo, poderia dar direito a que este tivesse uma subvenção tirada das rendas do próprio Estádio para o qual teriam que contribuir, todos os Clubes da Cidade²²⁸ (grifo nosso).

Outra possibilidade levantada pela *Gazeta do Norte* considerava um estádio construído por um clube esportivo. Neste particular, caberia ao *E. C. João Rebelo* empreender o seu próprio projeto de estádio, inaugurado em 1954, mas idealizado desde os anos quarenta. Em 1948, a campanha do jornal se entusiasmava com [...] *os movimentos de mais um grupo de esportista que se empenha de alma e copro á luta pela construção de um grande e confortavel Estadio:*

Há anos que os montesclarenses almejam um Estadio onde as disputas futebolísticas possam ser assistidas por uma consideravel assistencia. Este sonho, no entanto, devido ao preço exorbitante de terrenos em local dentro da urbanidade, nunca pode ser concretizado. Por mais esforços que os aficionados desprendessem sempre as iniciativas mais louváveis neste sentido, redundavam em absoluto tracasso. [...] E o futebol, o esporte prejudicado no interior – principalmente no norte do Estado – ia trilhando por caminhos imprevisíveis, cada vez enfraquecendo mais. **Mas para cada doença há um remédio e esse mal tão grande para os esportistas há tambem de ser solucionado. Estamos a espera, ansiosos, dos acontecimentos e seguindo de perto os movimentos de mais um grupo de esportista que se empenha de alma e copro á luta pela construção de um grande e confortavel Estadio. Trata-se do E. C. João Rebelo** e proporcionar, consequentemente, a Montes Claros o enseje de assistir disputas de real valôr, entre os clubes locais e de fora. [...] Resta-nos portanto não decepcionar o grupo entusiasmado e ajuda-lo a erguer o Estadio que será mais um marco de progresso e de anseio do povo em levantar mais alto o padrão eugenico e o nome desta grande Princeza do Sertão²²⁹ (grifo nosso).

²²⁸ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 29 de agosto de 1948, p.3.

²²⁹ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 07 de novembro de 1948, p.3.

Para a *Gazeta do Norte*, o novo estádio deveria ser diferente do modesto e único da cidade, o Francisco José Guimarães. Por isso [...] *que um grupo de pessoas da sociedade local resolveu chamar a si a tarefa patriótica de dotar a cidade de um moderno estadio:*

Um estádio para Montes Claros – [...] Falta-nos, entretanto, um campo de futebol. Mas um campo de futebol que preencha as nossas necessidade reais. Não chegaremos ao ponto de dizer que não temos nenhum. Temos, sim. Mas não resolve a situação angustiada dos nossos amadores. Reconhecemos os esforços dos dirigentes do União, que dotaram a cidade do Estádio Francisco José Guimarães, modesto é verdade, mas que vem servindo. Mas um campo fechado apenas pe muito pouco para os seis clubes locais. **E a existencia de um campo fechado apenas tem trazido a prejudicial política clubista que vem embaraçando o nosso futebol, impedindo-o de subir mais ainda. Foi considerando tudo isso que um grupo de pessoas da sociedade local resolveu chamar a si a tarefa patriótica de dotar a cidade de um moderno estadio. Será um obra suntuosa, condizente com o progresso de Montes Claros.** [...] E é por isto que iniciando a nossa campanha para obtenção de fundos para a construção de tão arrojado empreendimento, estamos certos da vitória da nossa iniciativa por que, sendo uma obra grandiosa e da qual Montes Claros levará a maior vantagem, há de encontrar o apoio indispensavel na bondade dos montesclarenses²³⁰ (grifos nossos).

Os apelos não surtiriam efeito imediato, o Estádio Francisco José Guimarães continuaria nos anos seguintes sendo o palco principal do futebol de Montes Claros. Os jogos dos campeonatos de 1949, 50, 51, 52 e 53 seriam disputados unicamente no campo do *União E. C.* Cabe destacar nesse ínterim, o estabelecimento do *Esporte Clube João Rebelo* (antigo Esporte Clube Padre e futura Associação Desportiva Ateneu) e da *Associação Atlética Cassimiro de Abreu* como os maiores rivais da década de 1950.

Para demonstrar tal cenário, em 1954, a *Gazeta do Norte*, em edição especial do dia 1º de janeiro, narrando uma retrospectiva da cidade referente ao ano de 1953, apresenta as duas maiores forças do futebol da cidade: *E. C. João Rebelo* (FIG. 14) e *A. A. Cassimiro de Abreu* (FIG. 15). A reportagem de página inteira, trazia fotos das duas equipes no Estádio Francisco José Guimarães na final do campeonato de 1953, algo raro até então:

No ultimo campeonato de futebol realizado em Montes Claros, sagrou-se Campeão pela terceira vez consecutiva o esquadrão do S. C. JOÃO REBELO. O valoroso clube citadino, gloria do esporte local, vai, no ano que se inicia, inaugurar uma confortavel Praça de Esportes, que por certo marcará o advento de uma faze de indiscutivel progresso para o

²³⁰ *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 28 de novembro de 1948, p.3.

esporte bretão em nossa cidade. Na foto o esquadrão “broca” tri-campeão montesclarensense²³¹.

Figura 14 – Atletas do *E. C. João Rebelo*, tricampeões da cidade em 1951, 52 e 53.



Fonte: Gazeta do Norte (MG). 1º de janeiro de 1954, p.33.

A A. A. CASSIMIRO DE ABREU, antiga A. A. Vera Cruz, colocou-se em segundo lugar no campeonato da cidade. Clube famoso pela disciplina e fibra de seus atletas, constitui sempre uma atração em nossos gramados. «GAZETA DO NORTE», registrou este flagrante do excelente quadro do S. C. CASSIMIRO DE ABREU, antes de um importante prélio em disputa do título máximo²³².

Figura 15 – Atletas da *A. A. Cassimiro de Abreu*, vice-campeões de 1953.



Fonte: Gazeta do Norte (MG). Sexta-feira, 1º de janeiro de 1954, p.33.

²³¹ Gazeta do Norte (MG). Sexta-feira, 1º de janeiro de 1954, p.33.

²³² Idem.

No mesmo ano, 1954, entraria em atividade o segundo estádio da cidade, construído com o objetivo de dotar a cidade de um equipamento à sua altura e progresso: [...] *o Estádio João Rebelo é uma obra que vem contribuir para o progresso e embelezamento de nossa cidade:*

Realizar-se-ão nos dias 1 e 2 de maio próximo brilhantes solenidades esportivas com que será inaugurado o magnífico Estádio da A. E. Ateneu (ex-Esporte Clube João Rebelo) nesta cidade. Empreendimento de grande envergadura onde se reflete o espírito de iniciativa e operosidade dos dirigentes daquela entidade esportiva, o Estádio João Rebelo é uma obra que vem contribuir para o progresso e embelezamento de nossa cidade. Aos entusiastas dirigente do querido Clube esportivo, enviamos nossos parabéns pela imponente obra que vem de realizar. [...] Às 15 horas – Encontro A. D. Ateneu X Fluminense Foot-ball Clube, do Rio, vice-campeão carioca de 1953²³³.

Tem despertado o maior interesse e entusiasmo nos nossos meios esportivos estando o público em geral empolgado com a exibição em nossa cancha, pela primeira vez, de um Clube carioca. [...] Diversas caravanas dos municípios circunvizinhos têm chegado à cidade, sendo de se esperar uma renda recorde no estádio João Rebelo que ficará completamente lotado²³⁴.

Com a inauguração do Estádio João Rebelo, de propriedade da A. D. Ateneu, ativou-se os brios do seu maior rival, a A. A. Cassimiro de Abreu, pela construção do seu próprio estádio. Logo após as festividades do novo estádio do Ateneu, seria constituída uma nova direção no Cassimiro e, entre seus objetivos, constava a *[o]rganização para a venda de quotas da associação. Estas quotas que são de Cr\$4.000,00, pagas em mensalidades de Cr\$200,00, tem tido grande aceitação e dentro em breve estará levantado o capital para a construção do Estádio*²³⁵. Ao final do ano, o presidente do Cassimiro anunciaria os encaminhamentos pela construção do estádio no bairro Santo Expedito:

[...] tenho a grata satisfação de comunicar aos senhores sócios que acabamos de receber a escritura do nosso futuro Estádio no Bairro S. Expedito. A compra foi efetuada em mão do dr. Abelardo Camara e o pagamento já está feito. A importância que de agora em diante formos recebendo, dos senhores sócios quotistas, será depositada em Banco, para, ao atingir uma quantia maior, darmos início a construção dos muros e demais dependências do Estádio. Devemos salientar que o referido terreno já está com o serviço de terraplanagem completo e o campo já está sendo utilizado para treinos. A Diretoria deseja

²³³ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 25 de abril de 1954, p.4.

²³⁴ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 1º de maio de 1954, p.1.

²³⁵ Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 10 de junho de 1954, p.4.

continuar contando com o valioso apôio de todos os sócios e do povo de Montes Claros, para que possa levar avante mais esta realização em prol do esporte em nossa terra²³⁶.

O alegado estádio do *Cassimiro* no bairro Santo Expedito não seria concluído. Segundo trabalho de Mendes (2010), que tematiza a história deste clube, em função de doações mais vantajosas, o projeto seria adiado e o almejado estádio ficaria pronto na década seguinte. Para o *Cassimiro*, “[a] passagem para a década de 1960, marcada pelo processo de construção de um estádio próprio, se configura também como um período caracterizado pela consolidação do clube como uma importante referência social da cidade” (MENDES, 2010, p.22).

Especificamente no campo de jogo, 1954 testemunhou a instituição do “clássico” *Ateneu X Cassimiro*. Segundo a *Gazeta do Norte*, as equipes se enfrentaram três vezes na temporada, com o *Cassimiro* terminando sempre vencedor. Em um dos jogos, notou-se uma [...] partida digna de ser vista por qualquer publico, brindando os frequentadores de nossos campos com um espetáculo inedito, dada a grandeza da atuação dos dois quadros, que de uma maneira maiúscula confirmam suas credenciais de grandes adversarios de campo²³⁷. Por fim, a *Gazeta do Norte* narra a segunda vitória do *Cassimiro* sobre o *Ateneu* no mesmo campeonato, terceiro “clássico” do ano de 1954:

Vitoria que valeu ao «MAIS QUERIDO» o ambicionado titulo de CAMPEÃO da cidade. **O segundo «Classico» dos ano teve por palco o gramado encharcado do Estadio João Rebelo**, motivado pelas ultimas chuvas, e mesmo assim, Alve-aniz e Alve-negros brindaram o publico com uma movimentada partida cheia de lances rapidos e driblings desconcertantes proprios do bom futebol, onde se destacou a equipe do Cassimiro²³⁸ (grifo nosso).

Interessante notar que o estabelecimento da rivalidade entre *Ateneu* e *Cassimiro* instituía “ares” de futebol de cidade grande. Em 1955, ambos são considerados como os “grandes” clubes da cidade, prestígio verificado na *Gazeta do Norte*:

²³⁶ *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 19 de dezembro de 1954, p.1.

²³⁷ *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 05 de setembro de 1954, p.2.

²³⁸ *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 05 de dezembro de 1954, p.1.

O público esportivo estaria mais contente se o campeonato da cidade se iniciasse, isso ninguém pode negar. **Com o campeonato, entretanto, parecem não concordar os «grandes clubes».** O Ateneu talvez não queira perder o concurso de jogadores, filiados a outras agremiações, porem, servindo as suas côres. O Cassimiro, por ooutro lado, talvez não queira entrar no certamen, julgando-se tecnicamente fraco para disputa-lo. E enquanto o interesse de um e a vaidade de outro impoem ao esporte uma situação irregular, o público, insatisfeito, vai aos campos para ver os «Fila Bóias», pois não há mais nada²³⁹ (grifo nosso).

Naquele ano, chama a atenção o número de jogos amistosos do *Ateneu* e do *Cassimiro* contra equipes de outras cidades. Foram verificadas partidas em Montes Claros contra as seguintes equipes das seguintes cidades: Brasília de Minas (Brasília F. C.)²⁴⁰; Vespasiano²⁴¹; Buenópolis²⁴²; Barão de Cocais (Metalusina)²⁴³; Bocaiuva (Vera Cruz)²⁴⁴; Corinto²⁴⁵; Curvelo (pelo menos duas vezes)²⁴⁶; Várzea da Palma²⁴⁷, Belo Horizonte (Corpo de Bombeiros²⁴⁸ e Independentes²⁴⁹); Sete Lagoas (Cotuba)²⁵⁰; Pará de Minas (Paraense)²⁵¹ e os profissionais do Cruzeiro E. C.²⁵². Via de regra, confirmando a polarização dos “grandes”, em sua maioria, os amistosos em Montes Claros eram disputados em dois jogos: um contra o *Ateneu* e outro contra o *Cassimiro*.

Para demonstrar o destaque dado aos dois times maiores, em outra edição, o jornal levanta questão relativa à possibilidade de não virem mais árbitros da Federação Mineira de Futebol para dirigirem os jogos entre *Ateneu* e *Cassimiro*: *Que fariam os responsáveis pelas agremiações desta cidade, sem um dêsses homens da FMF à frente de um encontro entre os dois grandes – ATENEU X CASSIMIRO? São incalculáveis os prejuízos advindos dessa perda irreparável*²⁵³. O receio da *Gazeta do Norte* confirma a impressão que os jogos entres os “grandes” montes-clarenses

²³⁹ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 10 de julho de 1955, p.4.

²⁴⁰ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 16 de janeiro de 1955, p.1.

²⁴¹ Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 31 de março de 1955, p.1.

²⁴² Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 31 de março de 1955, p.1.

²⁴³ Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 14 de abril de 1955, p.4.

²⁴⁴ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 12 de junho de 1955, p.4.

²⁴⁵ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 12 de junho de 1955, p.4.

²⁴⁶ Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 16 de junho de 1955, p.1 e Quinta-feira, 07 de julho de 1955, p.4.

²⁴⁷ Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 07 de julho de 1955, p.4.

²⁴⁸ Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 11 de agosto de 1955, p.4.

²⁴⁹ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 21 de agosto de 1955, p.2.

²⁵⁰ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 11 de setembro de 1955, p.2.

²⁵¹ Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 03 de novembro de 1955, p.4.

²⁵² Gazeta do Norte (MG). Domingo, 09 de outubro de 1955, p.4.

²⁵³ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 24 de julho de 1955, p.4.

adquirira status diferenciado em sua atmosfera, ou seja, o futebol local habitava o imaginário do pertencimento clubístico da mesma forma que acontecera em cidades maiores do país, como Belo Horizonte com Atlético Mineiro e Cruzeiro. Porém, com o passar do tempo não se sustentaria, tendo a torcida assumido o “gosto” pelos grandes clubes nacionais.

Havemos de salientar que *Ateneu* e *Cassimiro* eram representações da elite montesclareense, já que em seus quadros sociais e diretorias havia personalidades das diversas classes sociais privilegiadas, como os médicos/políticos Dr. João Valle Maurício e Dr. Geraldo Correa Machado, presidentes do *Cassimiro*²⁵⁴ e *Ateneu*²⁵⁵, respectivamente. Estas pessoas, entre outras, simbolicamente, são as mesmas fundadoras das duas primeiras equipes da história do futebol em Montes Claros, *Mineiro Sport Club* (1916) e *America Sport Club* (1917), que transferiram para o campo do prado Oswaldo Cruz as contendas políticas do “Partido de Cima” contra o “Partido de Baixo”, nos primórdios do futebol local²⁵⁶. Assim, inferimos que as disputas políticas em 1955 poderiam ser menores no campo de futebol, mas as rixas futebolísticas estavam ampliadas, configurando-se noutro “campo de batalhas”.

Certo é que, em meados dos anos cinquenta, *Ateneu* e *Cassimiro* se “desgarravam” dos demais times da cidade e, em função da notoriedade que adquiriram, disputar o campeonato municipal começava a não fazer sentido, [...] *já que as partidas amistosas são mais rendosas*:

Quando tudo indicava o início do Torneio, chega à Liga um memorando assinado pelo Cassemiro, União e Ateneu, desistindo do campeonato. Cumpre-nos ressaltar que o Ateneu cedeu apenas à solicitações que lhe foram feitas para que concordasse com a drástica decisão, apesar desta coincidir com os seus interesses financeiros, já que as partidas amistosas são mais rendosas. Lamentamos apenas ver o nosso esporte subordinado aos interesses particulares de certos Clubes que bombardeiam o campeonato para a morte do esporte da cidade²⁵⁷.

Observamos na *Gazeta do Norte* que o movimento esperado para o Estádio João Rebelo de fato aconteceu. Nele, a cidade pode assistir os embates do *Ateneu* e do *Cassimiro* em amistosos

²⁵⁴ *Gazeta do Norte* (MG). Sexta-feira, 31 de janeiro de 1954, p.1. (Publicação da nova diretoria eleita do clube)

²⁵⁵ *Gazeta do Norte* (MG). Sexta-feira, 9 de janeiro de 1955, p.4. (Publicação da nova diretoria eleita do clube)

²⁵⁶ Sobre o “Partido de Cima” e “Partido de Baixo”, tratamos em outros momentos da tese, como na Introdução e Capítulo I.

²⁵⁷ *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 16 de outubro de 1955, p.4.

movimentados contra equipes, como Democrata (Sete Lagoas)²⁵⁸; Sete de Setembro (Belo Horizonte)²⁵⁹; Maria Amália (Curvelo)²⁶⁰; Asas (Belo Horizonte)²⁶¹; Democrata (Sete Lagoas)²⁶² e Vitória (Ilhéus-BA)²⁶³. No pacote da excursão visitante continha sempre um jogo contra o *Ateneu* e outro contra o *Cassimiro*, numa flagrante finalidade de obtenção de lucros com a venda de ingressos.

Em vista da postura gananciosa da direção do Estádio João Rebelo, a cidade veria pela primeira vez uma greve de torcida, acontecida em protesto contra os preços dos ingressos para assistirem ao jogo. A atitude extrema do público pode ser explicada em função de uma resolução do clube que assegurava, desde 1954, [...] *ao socio proprietario o direito de ingresso gratuito, juntamente a um membro de sua familia, a todos os jogos realizados no Estadio do Clube, facultando aos seus demais dependentes, o pagamento de apenas metade do ingresso em vigor*²⁶⁴. Como dito antes, os amistosos eram lucrativos, mas isso não aconteceria sem resistência dos que pagavam para assisti-los:

GREVE DA TORCIDA CASSEMIRENSE – Não concordando com o ingresso de Cr\$50,00 cobrado pelos organizadores da temporada alguns mentores alví-anis se postaram à frente das bilheterias do portão n.º 2 para convencer os torcedores a não entrar, o que foi conseguido, tendo grande número de aficionados assistido a partida de uma elevação (môrro da Pitimba) em sinal de protesto²⁶⁵.

Em reação aos grevistas, [...] *a diretoria do Ateneu mandou colocar uma extensa faixa visando obstar a visão do «môrro da pitimba»*²⁶⁶. Enfim, assistir a uma partida de futebol em quase nada lembrava os tempos do Prado nos anos vinte, o que vigorava nos anos cinquenta caracterizava-se num negócio, onde os clubes ofereciam um produto – futebol – a ser consumido num espaço adequado – estádio – por pessoas que pudessem pagar por ele.

²⁵⁸ Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 08 de março de 1956, p.1.

²⁵⁹ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 06 de maio de 1956, p.1.

²⁶⁰ Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 13 de dezembro de 1956, p.2.

²⁶¹ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 27 de janeiro de 1957, p.2.

²⁶² Gazeta do Norte (MG). Quinta, 07 de março de 1957, p.2.

²⁶³ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 19 de maio de 1957, p.1.

²⁶⁴ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 15 de agosto de 1954, p.3.

²⁶⁵ Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 31 de janeiro de 1957, p.3.

²⁶⁶ Idem.

Esse movimento do futebol local, ao longo do tempo e nos espaços permitidos, é análogo às transformações ocorridas em Belo Horizonte, a partir do entendimento da história dos estádios da Capital (SOUZA NETO, 2017). As relações do futebol com a modernidade em Montes Claros, assim como em outras localidades, nos levaram a concordar com Mascarenhas (2005), quando argumenta que

[...] a história social do futebol se inscreve na história do lugar e com ele dialoga intensamente. Sua espacialidade mutante se insere e participa da lógica mais geral que anima e organiza o lugar. Por trás de todo este imenso movimento anônimo de atores que se associam com finalidade de praticar ou assistir o futebol, esta poderosa e extensa teia de significados, há certamente uma geografia a ser desvelada. E paisagens sendo elaboradas, re-elaboradas e re-signifi cadas (MASCARENHAS, 2005, p.68).

Em Montes Claros, a investigação nos permitiu aproximar a história do futebol na lógica sertaneja, no ritmo ditado pela modernidade. Entre a chegada da estrada de ferro e as festas do Centenário, 1926 e 1957, o futebol se estabeleceu como diversão espetacularizada, associado à elite local, todavia com contornos populares, além de trazer supostamente no seu bojo, o progresso.

CAPÍTULO IV

4 O CINEMA EM MONTES CLAROS: relações entre "modernidade" e experiência cultural no sertão

Pretendemos aqui, não discutir os primórdios do cinema em Montes Claros, mas as possíveis mudanças na dinâmica deste elemento moderno numa cidade que aos poucos se constituía de novos aspectos que aludiam um suposto progresso na primeira metade do século XX. Nesse entendimento, concordamos com Schvarzaman (2005, p.154) quando diz que o hábito de ir ao cinema [...] “revela formas de freqüentação e distinção social, fruição estética, imaginações sobre a diversão e a cultura. Sua organização, ainda que tenha por base modelos estrangeiros, toma em cada local aspectos próprios que revelam amálgamas culturais e sociais”. Para além da projeção na tela, “[o] cinema configura-se como importante na formação do espaço urbano, pois que articula em torno de si não apenas os filmes exibidos, mas todo um sistema de encontros, empatias, movimentos, alteridades e experiências (SAURA, 2016, p.211)”.

Por isso, nos interessaram as possíveis modificações sofridas no cinema local e o que isso influenciou no hábito de divertimento do povo, fundamentalmente após a implantação da estação da Estrada de Ferro Central do Brasil em setembro de 1926, pois, a partir do advento da ferrovia “a capacidade de deslocamento em alta velocidade possibilitou uma nova compreensão do espaço vivido, agora muito menos restrito” (CARVALHO, 2000, p.175).

Apesar do apelo que existia pela expansão da malha ferroviária pelo país, a reboque da ideia do advento do progresso e civilidade, pode-se afirmar que os cinemas se desenvolveram mais rápido do que a construção das estradas de ferro, caso de Montes Claros. Ou seja, ainda que interiorana, Montes Claros também ansiou pelo progresso que locomotiva traria, contudo, “[o] projeto ferroviário desde o início se funda com a promessa de progresso, mas por muito tempo não se concretiza, constituindo-se uma “utopia”” (MAIA, 2016, p.4).

Mesmo que a sentença de Maia (2016) tenha sido excessiva, de fato, o tal progresso montes-clarense diversas vezes esteve vinculado a um evento político, sendo o mais marcante a

“epopeia” da ligação ferroviária da cidade aos centros mais desenvolvidos. Implica conjecturar que a estrada férrea chegaria em Montes Claros, não porque era uma localidade inóspita e completamente isolada, mas, justamente pelo fato de haver uma demanda reprimida por mais e melhor transporte de cargas e pessoas.

Ambos, trem e cinema, como veremos a seguir, são ícones da modernidade, e Montes Claros não esteve alheia aos desdobramentos promovidos por ela na primeira metade do século XX. Sendo assim, quais as mudanças promovidas pelo transporte ferroviário na rotina do cinema local?

4.1 O cinema a partir de 1926: *Em sessão chic, dedicada á alta sociedade montesclareense!*

“No início do século XX, a ferrovia, assim como o cinema, teve grande influência na nova constituição social e nas mudanças que aconteciam no modo de vida dos indivíduos, tanto os que moravam nas grandes cidades, quanto os que ainda habitavam o interior” (DELPHIM; RIBEIRO, 2015, p.1). A afirmação anterior dá o tom da intimidade histórica do trem com o cinema: ambos são ícones da modernidade e se relacionaram num mesmo espaço e tempo, possibilitando novas sensações em relação às distâncias geográficas (trem) e diversas experiências visuais na tela (cinema).

O que tanto trem como cinema apresentam de inequivocamente moderno na relação entre espaço e tempo do meio social e histórico em que surgiram, portanto, é essa ruptura com uma tecnologia onde o espaço parece reinar soberano sobre o tempo, condição que se torna mais tênue com o avanço tecnológico, que não mais permite que a distância geográfica seja percebida com a mesma precisão dos meios de transporte pré-industriais. Da mesma forma o cinema, através da montagem, possibilitará a experiência da visualização de espaços físicos diversos em questão de segundos, ou até mesmo simultaneamente (CARVALHO, 2000, p.175).

O geógrafo David Harvey, ao debater a experiência do espaço e do tempo na modernidade, afirma que: "Se as experiências espaciais e temporais são veículos primários da codificação e reprodução de relações sociais, uma mudança no modo de representação daquelas quase certamente gera algum tipo de modificação nestas" (HARVEY, 2008, p.225).

Não por acaso, o curta metragem mais conhecido dos irmãos Limière é *L'arrivée d'un train en gare à la Ciotat* (A Chegada do Trem à Estação Ciotat, tradução nossa),²⁶⁷ de 1895, explora “a locomotiva, a bela máquina, rival do cinema pelo status de maior invenção da Revolução Industrial” (CARVALHO, M., 2012, p.91). Assim como o cinema, “[...] o trem, mais do que um importante meio de transporte e de trabalho, foi um agente do progresso que se apresentava cada vez mais atuante na sociedade daquele período” (DELPHIM; RIBEIRO, 2015, p.1).

Inicialmente, havemos de perceber as exposições cinematográficas como mais um produto tecnológico da modernidade europeia. Neste cenário, segundo Hansen (2004), assim como outros vários inventos promovidos pela modernidade,

[...] o cinema figura como parte da violenta reestruturação da percepção e da interação humana promovida pelos modos de produção e pelo intercâmbio industrial-capitalista; enfim, pela tecnologia moderna, como os trens, a fotografia, a luz elétrica, o telégrafo e o telefone, e pela construção em larga escala de logradouros urbanos povoados por multidões anônimas e prostitutas, bem como por *flâneurs* não tão anônimos assim. Da mesma forma, o cinema surge como parte de uma cultura emergente do consumo e do espetáculo, que varia de exposições mundiais e lojas de departamentos até as mais sinistras atrações do melodrama, da fantasmagoria, dos museus de cera e dos necrotérios, uma cultura marcada por uma proliferação em ritmo veloz – e, por consequência, também marcada por uma efemeridade e obsolescência aceleradas – de sensações, tendências e estilos (HANSEN, 2004, p.406).

Na trajetória histórica do cinema em Montes Claros, encontramos um processo de interiorização tardia, se levado em consideração os outros centros urbanos mais adiantados do Estado. As primeiras projeções em Minas Gerais aconteceram em Juiz de Fora, 1897, e em Belo Horizonte, 1898. Em Montes Claros, o primeiro registro comprovado de uma exibição data do ano de 1909, ou seja, mais de dez anos após as primeiras (CARVALHO, 2006).

Ter cinema ensejava outros fatores para o seu funcionamento. Não era fácil manter as sessões atualizadas, pois as vias de tráfego de pessoas eram precárias e dificultavam a importação das fitas. Por isso, a chegada dos trilhos da estrada de ferro, um dos aspectos que comporiam a urbanização do município, modificaria muita coisa, inclusive a dinâmica do cinema de Montes

²⁶⁷ “Trem e cinema já surgem juntos na primeira exibição cinematográfica, promovida pelos irmão Lumière. Do programa de 4 ou 5 filmes curtos, o que entraria definitivamente para a história do cinema seria *A Chegada do Trem à Estação Ciotat* (1895), sendo sua fama vinculada ao suposto efeito aterrorizante que teria provocado na plateia a imagem de um trem que se aproximava da tela” (CARVALHO, 2000, p.178).

Claros. A partir dela, a busca das latas com as fitas dos filmes do cinema local, trazidas via trem-de-ferro até a estação de Corinto, “ponta dos trilhos” distante mais de 200 quilômetros ao sul, por si só, simbolicamente, já produziria um enredo para um filme de aventuras, cujo final culminaria com mais uma sessão com a assistência encantada.

Esse sentimento produzido pelo ambiente da “sétima arte”, pôde ser notado em Montes Claros nas crônicas do memorialista Nelson Vianna. Este autor nos elucidou, num dos seus contos, uma questão de contexto: Antes do advento da estrada de ferro, como chegavam as fitas do cinema montes-clarense? Para se ter ideia, Vianna (1956) descreveu a epopeia das viagens para se buscar as latas com as fitas do cinema em anos anteriores a 1926, “protagonizada” pelo personagem real “João de Chichico”; de automóvel, cavalo ou mesmo a pé:

Vinham essas cintas até a ponta dos trilhos e eram lá procuradas por um portador especial, enviado pela Empresa. Foi então que apareceu por aqui o maior apreciador de cinema daqueles tempos: João Cândido, mais conhecido por João de Chichico, ainda nos seus verdes anos de rapazinho e de boêmio incorrigível. Logo que ele tinha notícia da chegada das fitas na estação final do prolongamento, saía a qualquer hora do dia ou da noite para busca-las. E viajava de carona em qualquer dos automóveis que naquele tempo faziam percurso diário daqui à ponta dos trilhos – do Joaquim Blandino, do Cândido Gomes, do Pedro Souto ou do Waldomiro de Almeida – ou a cavalo, ou ainda, na falta deste, mesmo a pé. Mas era o portador mais seguro, de maior confiança, enfim, o “tal”, que dava de fato conta do recado. A bilheteria só se abria e começava a vender ingressos, quando houvesse certeza de que o João já havia chegado com a “encomenda” à pensão dos alfaiates, onde os celulóides permaneciam até o começo da sessão (VIANNA, 1956, p.55-56).

Obviamente, toda esta conjuntura era determinada pela construção singular de uma dinâmica social. Aspectos políticos, econômicos e culturais formatavam um padrão de comportamento social que demarcava cada uma das cidades. De uma forma geral, com a chegada da “ponta dos trilhos” em 1926, conjecturamos, houve uma reformatação da dinâmica social montes-clarense e, relativo ao cinema, por exemplo, o personagem real, “João de Chichico”, apresentado por Nelson Vianna, seria substituído pela locomotiva, uma máquina mais forte e mais veloz do que o homem ou outro tipo de máquina ou animal, e que quase tudo podia levar ou trazer do sul percorrendo o trajeto de Montes Claros à Belo Horizonte em pouco mais de 10 horas. Bem diferente de se percorrer a cavalo ou a pé.

Segundo Carvalho (2012), os anos vinte são singulares para Montes Claros, pois a cidade sofreu modificações estruturais que ainda não havia passado, introduzindo aspectos modernos ao seu plano urbano e isso se aplicava ao cinema, também:

A construção do prédio do cinema vinha ao encontro de um anseio pela renovação estética da cidade, por uma continuidade da “revolução architectonica” em curso no município, pois, a partir da instalação da estação ferroviária, em 1926, por exemplo, foram criadas 38 novas ruas, duas praças, duas avenidas e várias travessas (CARVALHO, M. V., 2012, p.41).

Para marcar 1926, ano inicial da imersão às fontes deste trabalho, nos valem de fragmentos de um texto memorialístico de Palmyra Santos Oliveira (2008, p.145-148), quando, ainda criança, testemunhou o funcionamento e as características do único cinema da cidade a época, o *Cine-theatro Montes Claros*²⁶⁸, a partir de lembranças íntimas que refletem aquela década.

Ocorre-me contar agora o motivo pelo qual meu pai comprou o **único cinema da cidade**. Penso que foi em **1926**. O meu irmão José Gomes de Oliveira, ná época com uns 10 anos, foi barrado na porta do cine Montes Claros por ser, então, menor de idade. Chegou em casa muito triste, contou ao meu pai, Manoel Gomes de Oliveira, o ocorrido e este prometeu comprar o cinema. Convidou o meu padrinho Aristides Lucrécio de Oliveira para ser seu sócio e ambos compraram o cinema. A firma chamava-se “Gomes e Lucrécio”. [...] Na ocasião, **o cinema era mudo** e havia pessoas que tocavam instrumentos: o piano era com Dulce Sarmiento, o violão com Asclepíades Pinto, o bandolim tocado por Ducho. Nas cenas de tiroteio, lembro-me que tocavam depressa e nas cenas românticas, lentamente. O filme do qual ainda me lembro o nome é “O sol da meia-noite”, com Laura Laplante (não sei a grafia) – o mocinho da época era Tomix (idem). Sei também que o meu irmão saía com Evandro Câmara, nosso vizinho, para distribuir os “programas” como eles falavam. Lembro-me também que certa noite, no cinema, distribuíram brindes, caixas de pó de arroz “Reny”. [...] O meu padrinho Aristides Lucrécio que era primo do meu pai, faleceu de repente e a parte dele foi adquirida pelo Sr. João Ferreira Paculdino. A firma passou a chamar-se: “Gomes e Ferreira”. Depois, meu pai queria mudar-se para Presidente Bernardes-SP onde morava o seu primo Joãozinho do Sr. Crisauto e vendeu sua parte para a então viúva do seu ex-sócio e a firma deles passou a ser conhecida por “Viúva Paculdino e Filhos” (grifos nossos).

As “memórias” de dona Palmyra Oliveira dão o tom do cinema dos anos 1920. E como suas lembranças íntimas se passaram em 1926, ano inicial da análise das fontes deste trabalho,

²⁶⁸ Segundo Reys (1927), em 1927, o Cine-Theatro Montes Claros tinha [...] 350 poltronas afóra 200 geraes e que [promovia] *programma novo diariamente, com as melhores fitas*.

seguiremos ladeando-a no intuito de construir o contexto social daquele cinema, a partir, principalmente, do jornal *Gazeta do Norte*.

Já explicamos que o ano de 1926 é o nosso marco primeiro devido a inauguração da estação da Estrada de Ferro Central do Brasil e conseqüente advento do fluxo de passageiros rumo ao sul e vice-versa. Porém, neste ano também surgiu o *Cine-Theatro Montes Claros*, uma empresa que perduraria por anos e faria parte da rotina de diversões da cidade, pretendendo ser [...] *uma casa confortavel para a realização de epectaculos cinematographicos e teatraes*. Antes dele, funcionava o *Cine-Renascença*.

A firma Luiz Guedes & Comp. proprietaria do Cine-Renascença, desta cidade, tendo em vista o crescente crescimento que se verifica em nosso meio, resolveu constituir uma sociedade anonyma que deverá denominar-se «Empreza Cine-Theatral Montes-clarense». Essa empreza cuidará da remodelação do cinema local, tornando-o uma casa confortavel para a realização de epectaculos cinematographicos e teatrais. Que seja uma realidade essa iniciativa que grandemente virá contribuir para nosso adeantamento, dotando a nossa cidade de um estabelecimento diversional á altura do seu progresso²⁶⁹.

O novo cinema passou por reformas durante o primeiro semestre de 1926, tempo em que, paralelamente, funcionou o *Cine-Mignon*. *Essa elegante casa de diversões da praça dr. Chaves*²⁷⁰, [...] *apesar de pequena a sala das projecções, o proprietario do Mignon procurou dotal-a de conforto, introduzindo ali bons melhoramentos*²⁷¹. Aparentemente, o *Cine-Mignon* teve vida enquanto o *Cine-Theatro Montes Claros* se constituía, reaparecendo o *Montes Claros* no mês de junho de 1926:

Acham-se quasi terminadas as obras de remodelação do nosso cine local que agora passa a denominar-se Cine Theatro Montes Claros e pertencerá á firma Dias, Figueiredo & Comp. A sua reabertura será a 15 do corrente, havendo justa ansiedade por esse acontecimento, por parte de nossa população, ha mezes privada dessa diversão. Os novos proprietarios pretendem apresentar fitas capazes de satisfazer a nossa platèa, firmando contracto com reputadas fabricas²⁷².

Com um bello progresso reabre-se hoje o nosso cinema, agora pertencente afirma Dias, Figueiredo & Cia., sob a denominação de Cine-Theatro Montes Claros.

²⁶⁹ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 9 de janeiro de 1926, p.1.

²⁷⁰ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 27 de março de 1926, p.1.

²⁷¹ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 13 de março de 1926, p.1.

²⁷² *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 5 de junho de 1926, p.1.

[...] As entradas custarão 2\$000 para cadeiras; 1\$500 para geral e 1\$000 para creanças, sendo o selo a cargo do publico²⁷³.

*Em sessão chic, dedicada á alta sociedade montesclarenses*²⁷⁴ [...]! O *Cine-Theatro Montes Claros*, desde a sua inauguração deixava explícito em seus anúncios na *Gazeta do Norte* a intenção de dedicar os seus filmes principais aos montes-clarenses da elite, porém, não é possível afirmar se na frequência ao cinema o público era majoritariamente oriundo das classes mais abastadas ou era só uma estratégia de propaganda. Sobre o cinema brasileiro da década de 1920 é importante observar o que diz Sheila Schvarzman (2005, p.155):

[...] o cinema que se pregava constituir no Brasil nos anos 20 era avesso ao caráter popular, tanto nas imagens como na freqüentação, procurando incentivar os aspectos artísticos da concepção fílmica, o conforto e a opulência nas salas. Na direção inversa dos americanos que massificavam a atividade para torná-la cada vez mais rendosa e viável, os jovens de classe média que imaginavam um cinema para o Brasil pensavam-no como uma atividade artística dignificante para o país, e a sua freqüência, uma forma de diferenciação e distinção social.

Estranhamente o cinema local interromperia suas sessões justamente logo após a inauguração da estação ferroviária, no dia 1º de setembro. Assim, no exato período que elegemos para iniciar a análise das fontes do trabalho, 1926, não existia nenhuma sala de cinema em funcionamento em Montes Claros. E esta falta foi sentida e protestada pela *Gazeta do Norte*, que questionou diversos fatos, principalmente sobre as melhorias que a estrada de ferro trouxera para o cinema.

O Cine Theatro Montes Claros, unico meio de diversão com que contava o nosso povo, a duas semanas suspendeu suas sessões. Quando a estrada de ferro encontrava-se distante daqui, na estação de Bocayuva, Cattoni, etc, raramente ficava a nossa cidade sem as sessões cinematographicas durante largo espaço de tempo como esse. Teria tido a empreza prejuizo? É certo que não, quasi podemos afirmar. Porque então o novo cinema, tão bem iniciado, suspendeu as suas sessões? O carroto de fitas, cortado pela metade. O aluguel das mesmas com a diferença de quasi dois dias. O salão de espectaculos com a lotação dobrada... A idéa do prejuizo, portanto, completamente afastada nesse caso. Lamentamos unicamente que, com elementos capazes, como os contamos em nosso meio, seja necessaria a intervenção de capitaes de fóra para conseguirmos aqui uma casa

²⁷³ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 16 de junho de 1926, p.1.

²⁷⁴ *Gazeta do Norte* (MG). Quarta-feira, 23 de junho de 1926, p.1.

cinematographica, o que fatalmente se dará ante a indiferença dos nossos capitalistas por tão rendosa industria²⁷⁵.

O apelo da *Gazeta do Norte* não surtiria efeito imediato. Mesmo argumentando que o cinema era um negócio rentável, notadamente após a agilidade proporcionada pela estrada de ferro, o *Cine-Theatro Montes Claros* só retornaria no mês de dezembro, estreando um programa em oito partes, [...] *iniciado com projecção do film apanhado nesta cidade por ocasião das festas de inauguração do trafego da Central do Brasil e visita que nos fez o nosso grande amigo dr. Francisco Sá, com a reportagem completa das festividades*²⁷⁶.

Finalmente, lembrando dona Palmyra Oliveira, no retorno do *Cine-Theatro Montes Claros*, notamos o surgimento da firma *Gomes & Lucrecio*, do seu pai e padrinho, respectivamente (FIG. 16), como proprietária do cinema, anunciando [...] *um film de grande valor artistico repleto de emoção e sentimento, tendo como interprete principal a querida e linda atriz da scena muda 'yankee' Bessie Love*²⁷⁷.

A partir de 1927, o *Cine-Theatro Montes Claros*, [...] *concorrido centro de diversões*²⁷⁸ [...], enquanto existiu, anunciou sistematicamente em praticamente todas as edições da *Gazeta do Norte* por anos em seguida. Nestes anúncios não notaríamos mais explícito o oferecimento das sessões aos montes-clarenses chiques e à alta sociedade. Aparentemente, o comércio das diversões local não selecionava mais os seus consumidores, pois a assistência aumentava.

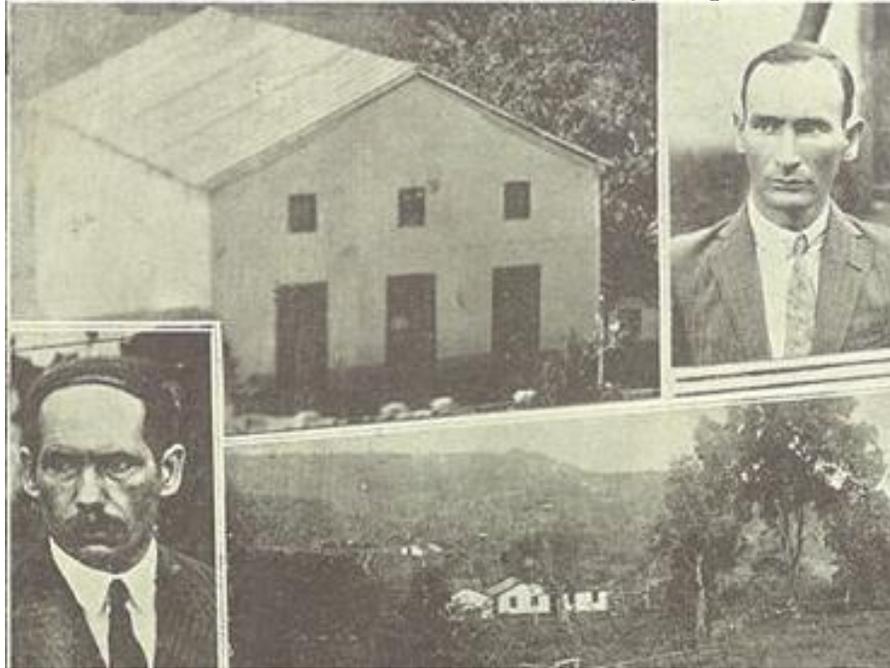
²⁷⁵ *Gazeta do Norte* (MG). Quarta-feira, 6 de outubro de 1926, p.1.

²⁷⁶ *Gazeta do Norte* (MG). Quarta-feira, 1º de dezembro de 1926, p.1.

²⁷⁷ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 4 de dezembro de 1926, p.1.

²⁷⁸ *Gazeta do Norte* (MG). Quarta-feira, 5 de janeiro de 1927, p.1.

Figura 16 - Fotos dos proprietários do Cine-Theatro Montes Claros, Manoel Gomes de Oliveira e Aristides Lucrécio de Oliveira e do local que abrigava o cinema.



Fonte: Álbum de Montes Claros (REYS, 1927).

“O cinema nasceu na Europa e cresceu nos Estados Unidos. De lá suas produções se estenderam ao resto do mundo” (BAÉZ; TUDELA, 2012, p.97, tradução nossa). As fitas exibidas no cinema de Montes Claros eram normalmente de origem norte-americana, adquiridas de empresas multinacionais como a *Fox*, *Paramount*, *Universal* e *Metro Goldwyn Mayer*. Ao serem anunciados no jornal alguns filmes eram divulgados como películas [...] *de maior sucesso quando exibidos em todas as capitães*²⁷⁹[...], ou que tinham [...] *conquistado o maior sucesso nos lugares onde vem sendo exibidos*²⁸⁰.

Jailson Carvalho (2016, p.144) informa que “[a] partir da década de 1920, o cinema parece ter alcançado maior espaço na vida dos cidadãos montes-clarenses. Nesse período, o fluxo regular de películas, em nível nacional, havia se estabilizado”. A variedade de filmes era notória, assim como a quantidade de sessões distribuídas pelos dias da semana, principalmente nos sábados e domingos. O número de fitas diferentes impressiona, porém, ao averiguarmos o ano de

²⁷⁹ Gazeta do Norte (MG). Quarta-feira, 19 de janeiro de 1927, p.1.

²⁸⁰ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 29 de janeiro de 1927, p.1.

lançamento em seu país produtor, veremos que o cinema montes-clarense exibia filmes com significativo atraso.

Apesar de encontrarmos anúncios como o a seguir, de fato, não averiguamos se o cinema mantinha uma programação atualizada. Normalmente, até que o filme fosse exibido em Montes Claros, passar-se-iam meses e até anos:

A empresa do Cine Montes Claros, segundo nos veio comunicar o seu gerente, fará por estes dias, um contracto com a “Universal” a fim de serem projectadas em nossa tela os melhores *films* novos da conceituada fabrica. É uma medida que alegrará certamente os habituaes da concorrida casa de diversões²⁸¹.

Para efeito de comparação, dentre os muitos filmes projetados pelo *Cine-Theatro Montes Claros*, em 1927, constatamos que a maioria havia sido filmado em anos bem anteriores. Para isso, apuramos em jornais do Rio de Janeiro o período em que alguns dos mesmos filmes foram anunciados na Capital do país. Como exemplos (QUADRO 4), identificamos os filmes, com o ano de em que foram produzidos e o ano que foram exibidos no Rio de Janeiro.

Quadro 4: Alguns dos filmes exibidos no *Cine-Theatro Montes Claros* em 1927, ano de produção e ano de exibição no Rio de Janeiro.

Filme	Ano de produção	Anúncio de exibição em jornais do Rio de Janeiro (destaque para o ano)
<i>Fantomas</i>	1913	Gazeta de Notícias (RJ). Quinta-feira, 26 de março de 1914 , p.10.
<i>Thermidor</i>	1917	Correio da Manhã (RJ). Sexta-feira, 3 de maio de 1918 , p.10.
<i>Conde de Monte Christo</i>	1918	O Paiz (RJ). Segunda-feira, 1º de julho de 1918 , p.5.
<i>Império da lei</i>	1919	O Paiz (RJ). Quarta-feira, 10 de dezembro de 1919 , p.4.
<i>Destemido diabólico</i>	1920	Correio da Manhã (RJ). Quarta-feira, 22 de setembro de 1920 , p.4.
<i>Dan, o grande</i>	1923	O Jornal (RJ). Terça-feira, 26 de fevereiro de 1924 , p.9.
<i>Romeu e Julieta</i>	1924	Correio da Manhã (RJ). Quarta-feira, 30 de setembro de 1925 , p.7.
<i>Coração intrépido</i>	1925	Gazeta de Notícias (RJ). Sexta-feira, 18 de junho de 1926 , p.8.
<i>Bandoleiro por sport</i>	1926	Correio da Manhã (RJ). Sexta-feira, 16 de abril de 1926 , p.7.
<i>Amor e deshonra</i>	1926	Jornal do Brasil (RJ). Sábado, 7 de agosto de 1926 , p.30.

Logicamente o cinema da Capital Federal estava muito mais adiantado, por isso os filmes eram exibidos bem antes do cinema montes-clarense. Ainda assim, inferimos que esse lapso

²⁸¹ Gazeta do Norte (MG). Quarta-feira, 9 de março de 1927, p.1.

temporal evidenciava um tipo de atraso regulamentar para que o hábito dito moderno, como o de frequentar o cinema, aportasse em Montes Claros, se comparados com centros mais desenvolvidos.

A rotina semanal do cinema local funcionou inalterada por meses, sendo quebrada a normalidade quando a *Gazeta do Norte* denunciou o mau estado do seu projetor, em junho de 1928. Além dos filmes desatualizados, os frequentadores conviviam com equipamentos precários que influenciavam no desenrolar das sessões, fazendo adentrar a madrugada.

Á nossa redacção tem chegado varios e constantes pedidos para reclamarmos sobre o mau estado em que se encontra o projector do cinema. De facto as ultimas sessões do Cine Montes Claros tem sido um martyrio para os que ali vão em busca de um prazer. A machina estraçalha as fitas, causando geraes aborrecimentos. Ainda a ultima sessão terminou quasi á uma hora da madrugada em virtude dos enormes intervallos obrigados pelos concertos do aparelho durante a projecção. Ahi fica a reclamação²⁸².

Apesar do apelo na *Gazeta do Norte*, as providências só seriam tomadas no ano posterior, quando a nova firma gerenciadora do *Cine-Theatro Montes Claros* anunciou as obras de modernização do estabelecimento, como um novo forro e a iluminação interna proporcionada por um gerador externo.

Cunprindo a promessa que fez ao publico, a empreza local está realizando as obras que tornarão aquelle centro diversonal numa casa confortavel e compativel com o nosso adiantamento. Assim, ja estão bastante adeantadas as obras do fôrro que está sendo feito de madeira, de agradável aspecto. A iluminação e projecção serão melhoradas igualmente, tendo para isto feito a empreza installar um motor contiguo ao cinema e que fornecerà luz para o mesmo. Segundo nos communicou o chefe da conceituada firma J. Paculdino & Filho, serão também iniciadas, em breve, as obras para o salão de espera e bar²⁸³.

A adoção de medidas de melhoramentos estruturais e a introdução de [...] *duas sessões semanalmente, em matinée, ás quintas-feiras e domingos, dedicadas á creançada de Montes Claros*²⁸⁴ [...], eram adequações necessárias para manter algum status de centro moderno de diversão e atender as crianças com filmes indicados para menores idades. Contudo, alguns destes filmes não agradavam e a sociedade reagia via *Gazeta do Norte*.

²⁸² *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 2 de junho de 1928, p.1.

²⁸³ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 3 de agosto de 1929, p.2.

²⁸⁴ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 10 de agosto de 1929, p.1.

Varias pessoas, tem nos procurado pedindo-nos interceder junto a Empreza do cine local, no sentido de ser reformada a orientação seguida até agora na distribuição dos films para as matinées. Nessas sessões quase que exclusivamente frequentada por creanças, vêm sendo projectados films bastante condemnados pela censura, o que constitue um perigo para a educação e formação do character da petizada que ali vae²⁸⁵.

Além das reclamações alegadas no jornal, o cinema sofria as pressões normais do mercado cinematográfico para tentar manter-se atualizado. Para se ter uma ideia, enquanto os filmes mudos eram ainda um sucesso, o [...] *cinema falado, o maior assombro da época atual, a descoberta que revolucionou o mundo e que constitue, no momento, em Nova York, a novidade de maior sensação já è [era] uma realidade na Capital paulista*²⁸⁶. Dotar o cinema de Montes Claros das inovações do “mundo cinematográfico” constituía-se um desafio.

Enfim, conjecturamos que qualquer processo de mudança causa estranhamentos, e isso não seria diferente na transição do “cinema mudo” para o “cinema falado”. Se a *Gazeta do Norte* noticiou que a cidade de [...] S. Paulo é [era] *a terceira cidade do mundo a conhecer essa grande conquista da sciencia, applicada a cinematographia* [...] em 1929, nos Estados Unidos, que são os inventores do “cinema falado”, também houve questionamentos, como podemos observar na reportagem intitulada *Os films devem falar?* da revista *Cinearte*²⁸⁷, especializada em cinema:

O cinema falado tem causado ultimamente em Hollywood uma verdadeira tempestade de discussões. A grande maioria do pessoal que vive da Nova Arte, dos pobres “extras” aos productores millionarios, olham o novo invento quasi com tanto receio como os filhos da California o fazem com os terremotos. [...] Mas eu duvido muito de que ainda venhamos a ter films falados no sentido em que se deve tomar o Cinema falado, isto é, com os artistas representando e dizendo os seus papeis. Póde ser que vejamos um ou outro nestas condições. Mas nunca passará dahi. [...] Os films falados modificariam por completo a arte cinematographica. E não para melhor. [...] O cinema falado tem o seu logar como a photographia colorida – mas não acredito que os films falados jamais substituam o drama silencioso. [...] para muita gente, a maior atração de um salão de exhibições reside justamente no silencio, quieto e confortavel, que reina; ora, é isto que os advogados do Cinema falado pretendem destruir. [...] Venham os films falados e coloridos, e nós retrocedemos até o teatro. [...] Os films falados nunca farão perigar o drama silencioso.

²⁸⁵ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 25 de janeiro de 1930, p.1.

²⁸⁶ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 20 de abril de 1929, p.1.

²⁸⁷ A revista *Cinearte* existiu entre 1926 a 1942. “Suas matérias versam sobre filmes, fofocas de Hollywood, salas de exibição, informações técnicas, detalhes de produções, legislação, crítica cinematográfica, além das campanhas que abraçava, como a pela isenção dos impostos para o filme virgem, pela implantação da censura federal e pela criação do cinema educativo” (LUCAS, 2005, p.67).

[...] O cinema falado jamais vencerá o cinema patomimico. [...] O cinema falado tem um campo vastissimo nos círculos da educação; na minha opinião nunca dominará no campo artistico, nem, tampouco, conseguirá resistir por muito tempo como simples diversão²⁸⁸.

Nos fragmentos colhidos nas opiniões publicadas na revista *Cinearte* há nítida resistência à nova forma de se “fazer” cinema. O novo invento, que sincronizava som às imagens, parecia não ser unanimidade e, segundo os entrevistados, não teria futuro promissor nas salas dos cinemas. Entretanto, o “cinema falado” em poucos anos estaria em evidência nas mais distantes localidades. No Brasil, a cidade de São Paulo inaugurou o seu em abril de 1929, uma [...] *completa novidade em materia de cinematographia na América do Sul*²⁸⁹; no Rio de Janeiro, dois meses após o de São Paulo, inauguraria o “cinema falado” no *Palacio Theatro*, com a presença do Presidente da República²⁹⁰; e em Montes Claros, os primeiros filmes sonoros seriam exibidos no *Cine Montes Claros* em 1931, como símbolo de diversão e civilidade.

O cinema falado que é hoje imprescindível nos centros diversionais de toda cidade adeantada e culta vem inaugurar para os frequentadores montesclarenses momentos de esplendido prazer com a projecção dos lindissimos films sonóros que proporcionam hoje deliciosas horas de diversão as platéas de todo mundo civilizado²⁹¹.

Terà lugar hoje, às 20 horas, a inauguração do cinema fallado, em Montes Claros. A empreza do Cine Montes Claros, introduzindo em nosso meio o cinema fallado e sincronizado traz á platéa montesclarensense um divertimento que constitue uma das conquistas maiores do seculo e que é, por excellencia a diversão predilecta das sociedades cultas e civilizadas²⁹².

“Ao adentrar a década de 1930, a adesão de expressivo número de moradores do município de Montes Claros ao novo divertimento – o cinema – tornou-se incontestes” (CARVALHO, J., 2012, p.34). Ao mesmo tempo que se popularizava, o cinema em Montes Claros parecia não satisfazer aos clientes mais exigentes, como *Maria Celia*, em reclamação via *Gazeta do Norte* sobre o divertimento em questão, em agosto de 1930:

²⁸⁸ Revista Cinearte. 20 de julho de 1927, p.12/34.

²⁸⁹ O Jornal (RJ). Domingo, 14 de abril de 1929, p.2.

²⁹⁰ O Paiz (RJ). Sexta-feira, 21 de junho de 1929, p.2.

²⁹¹ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 23 de maio de 1931, p.1.

²⁹² Gazeta do Norte (MG). Sábado, 6 de junho de 1931, p.1.

Hoje temos as fitas mediocres do cinema, em programmas mal organizados, que decepcionam a alma e irritam os nervos. Entretanto é preciso que esse indiferentismo se dissipe que se corrija essa falta de amôr a cultura do espirito, que reajamos contra essa chlorose que nos estiola para que Montes Claros nada fique a dever a suas irmãs mais cultas e civilisadas²⁹³.

“No alvorecer da década de 1930, a situação do cinema brasileiro era aparentemente boa. A década de 1920 tinha sido animadora, particularmente os últimos anos. Quando chega 1930, reina um otimismo como nunca o cinema brasileiro conhecera igual” (SOUZA, C., 2007, p.33). Em Montes Claros, nos primeiros anos da década de trinta, além do advento dos filmes sonoros e aumento da afluência ao cinema, são observadas na *Gazeta do Norte* programações com mais sessões e numerosa lista de filmes, quase todos norte-americanos.

Nessa época, os proprietários do *Cine Montes Claros*, a partir do jornal, propagavam a ideia de um cinema moderno e que proporcionava [...] *aos seus habitantes films de 1ª linha, satisfazendo amplamente o gosto de nossa platéa*²⁹⁴ [...] com as produções mais atuais. Porém, ainda assim, cobravam maior presença de frequentadores às sessões, pois, do contrário, seriam obrigados a suspender o funcionamento:

A empreza do Cine Montes Claros continua a proporcionar a platéa montesclarenses momentos de indizível prazer espiritual, pois são fitas de primeira linha e escolhidas dentre o que de mais sucesso vem sendo exhibido nas grandes capitaes do mundo. Entretanto é de se lamentar que a nossa culta população não tenha compreendido ainda, devidamente, o grande esforço que os operosos irmãos Paculdino vem desenvolvendo para bem servir-a, pois as ultimas sessões de cinema tem sido bem escassas de frequentadores. Os programmas que a empreza vem nos offerecendo tem sido os melhores possiveis, sendo de destacar-se que o nosso cinema tem exhibido grandes produções mesmo antes do da capital e de qualquer cidade mineira, como aconteceu com os grandes films «Sem novidade no front» e «Luzes da cidade». É necessario portanto, que seja compreendido e correspondido esse esforço, com uma frequencia numerosa ao cinema, a fim de que a empreza não seja obrigada a privar-nos das esplendidas noites que nos vem proporcionando²⁹⁵.

Muitos filmes eram de mais de três anos antes, no entanto foi possível notar que o tempo entre o ano de produção do filme nos Estados Unidos e a exibição em Montes Claros já era

²⁹³ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 16 de agosto de 1930, p.1.

²⁹⁴ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 3 de setembro de 1932, p.1.

²⁹⁵ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 24 de outubro de 1931, p.1.

menor, se comparado com anos vinte. A título de exemplo, vários filmes exibidos no *Cine Montes Claros* no ano de 1931 haviam sido lançados em 1929, 1930 e 1931, tais como *Broadway Scandls* (1929), *Asas do Coração* (1929), *Os evadidos* (1929), *Amor audaz* (1930), *Águias modernas* (1930), *Adorado impostor* (1930), *O inimigo silencioso* (1930) e *Canção do berço* (1930, falado em português). Além de antigos sucessos de público do cinema mudo, como *Aventuras de Tarzan* (1921), *O phantasma da opera* (1925) e *Luzes da cidade* (1926).

Afirmando a importância do cinema no desenvolvimento da cultura e da civilização brasileira, o jornal montes-clarense *O Operario*²⁹⁶, em 1933, traz em reportagem de capa assinada por José Firmo, intitulada *O cinema e a civilização*²⁹⁷, exposição sobre o valor do cinema e o poder deste de educar. Segundo Firmo, os *bons films* poderiam [...] *influir nas ações e na vida dos expéctadores*. Além disso, haveria [...] *a contribuição do cinema á cultura em geral, á ampliação dos conhecimentos geográficos, á belesa e á arte*. A partir do poder educativo do cinema [...] *sem que ao menos se aperceba, o garoto vai adquirindo noções exatas da vida, conhecimentos preliminares utilíssimos á sua formação*.

No artigo de José Firmo, afora educar uma criança, o cinema civiliza um povo inculto, coisa que os países mais desenvolvidos já faziam. *Entre nós, apesar da mistura, da raridade dos verdadeiros e autênticos bons films, o cinema tem sido profundamente benefico, instruindo e civilizando as massas, desbravando o caminho á compreensão de témas mais altos e belos, pois o [...] cinema é um fator de progresso, de civilização e de cultura, reconhecidos por todos os grandes povos do mundo. Os seus serviços á humanidade são inestimáveis*. O cinema tem essa capacidade porque ele [...] *instrue pela visão, sem que a pessoa que se procura divertir suspeite siquer que està no mais util dos gabinetes, decifrando problemas e equações complicadas*. Enfim, a conclusão do autor: *Não creio que exista mais quem obscureça o papel considerável que o cinema está exercendo na civilização, na cultura e na beleza*.

²⁹⁶ O Operário (MG). Sábado, 30 de setembro de 1933, p.1.

²⁹⁷ O texto intitulado *O cinema e a civilização*, assinado por José Firmo, no jornal montes-clarense *O Operario*, é possivelmente encomendado, pois existe em muitas reportagens deste jornal a indicação de procedência da *U.B.I-Rio*, que supomos ser um órgão de imprensa do Rio de Janeiro que distribuía ou vendia crônicas e demais textos jornalísticos para periódicos interessados.

Nos primeiros anos da década de trinta as notícias do *Cine Montes Claros* na *Gazeta do Norte* passaram a ser maiores (FIG. 17) e descritivas. Normalmente aos sábados, na primeira página do jornal, além das informações sobre as sessões com os dias e horários dos filmes, traziam os nomes dos atores e as sinopses das melhores atrações da programação semanal.

Figura 17 - Capa do *Cine Montes Claros* na *Gazeta do Norte*, divulgando o filme *O meu boi morreu* (1932).



Fonte: *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 15 de dezembro de 1934, p.1.

O mercado consumidor do cinema aumentava e conseqüentemente ganhava mais espaço no jornal (ou o contrário), certo é que, o hábito de se frequentar o cinema instituía-se na esteira do desenvolvimento da cidade e na influência sobre as pessoas, principalmente sobre os jovens, tal como seria notado na *Gazeta do Norte* em anos mais tarde, 1948:

Não há coisa que os nossos jovens, dos dois sexos, desejam tanto como parecerem-se com os astros da tla. Imitam-lhes as toiles, as atitudes, os hábitos, as preferências, a boca feita a baton, o cachimbo, os modos esportivos, o corte das calças, os chicklets e a tirinha de bigode em baixo do nariz²⁹⁸.

Os almejados progresso e civilidade, traços da suposta modernidade, caminhavam juntos ao cinema, uma máquina, que trazia do estrangeiro para a sociedade "elegante" da longínqua Montes Claros, filmes icnicos como *Bem-Hur* (1925), *Mickey Mouse* (1928), "*The man in possession*" (1931) e *Dracula* (1931), e com eles atores como Ramón Navarro e Greta Garbo se popularizavam:

²⁹⁸ *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 14 de novembro de 1948, p.1.

[...] “O galã da Noite”, uma alta comedia elegantissima, fina, cujo titulo original è “*The Man in Possession*” e de que são interpretes, tambem, Irene Purcell, Charlotte Greenwood, a mamãe pernilonga, a velhóta Beryl Mercer, o velhóte C. Aubrey Smith, etc²⁹⁹. [...] (grifo nosso)

[...] “FEITO SOB MEDIDA”. É interessante e opportunissima a historia dessa gozadissima pellicula, onde Willian Haines e Dorothy Jordan se mostram artistas em todos os detalhes, por mais insignificantes que sejam³⁰⁰. [...]

[...] «**Bem-Hur**», o maior espetaculo de todos os tempos! A expressão maxima da boa cinematographia, a maior gloria de **Ramon Navarro**, apparecerá no sabbado e domingo 18 e 19 deste Cine M. Claros³⁰¹. [...] (grifos nossos)

[...] A empreza do cine Montes Claros, reserva para o publico montesclarensense na próxima quinta-feira uma surpresa sensacional; a exhibição do formidavel film “**Dracula**” que obterá certamente estrondoso successo³⁰². [...] (grifo nosso)

[...] “O JARDIM DO PECADO” Naquelle typo atrahente, alto, symphathico, de grandes e expressivos olhos negros, disfarçava-se, admiravelmente o bandido por todos temido, gatuno famigerado, autor de tantas proezas, que se chamava Harrington Hunt³⁰³. [...]

[...] **Greta Garbo**, fascinadora como sempre, sedutora commo ella sò, linda como nunca reaparecerá surprehendente produção «Suzan Leicox» um trabalho admiravel de longo polego³⁰⁴. [...] (grifo nosso)

[...] – Para a proxima quinta-feira, a empreza do Cine Montes Claros reserva uma bella novidade para os seus habituaes; - a projecção de interessantissimos complementos Camondongo **Michey**. Gato Estopim, symphonias singulares, etc³⁰⁵. [...] (grifo nosso)

Baéz e Tudela (2012, p.98, tradução nossa) concluem: “O cinema trouxe novos comportamentos e influenciou a progressiva secularização do lazer. Os atores e atrizes mais famosos se tornaram modelo a ser imitado: penteados, roupas e até mesmo relações pessoais foram afetadas pela invenção”. Ainda sobre a representação e os significados do cinema nas primeiras décadas do século XX para a vida real, Rodriguez (2008, p.28) diz que

²⁹⁹ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 30 de abril de 1932, p.1.

³⁰⁰ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 31 de maio de 1932, p.1.

³⁰¹ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 11 de junho de 1932, p.1.

³⁰² Gazeta do Norte (MG). Sábado, 5 de novembro de 1932, p.1.

³⁰³ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 14 de fevereiro de 1933, p.1.

³⁰⁴ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 16 de setembro de 1933, p.1.

³⁰⁵ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 13 de janeiro de 1934, p.1.

[...] nas décadas em que os grandes astros e estrelas do cinema eram fumantes inveterados, o consumo de cigarros satisfazia não somente uma vontade fisiológica. No Brasil, por exemplo, ao comprar os cigarros Hollywood, o fumante comprava, também, a idéia do sucesso e do estrelato. Nesse sentido, ocorre a partir desse consumo uma produção de subjetividade que atribui uma significação sobre os valores relativos ao sucesso. Fuma-se por que se quer ser reconhecido partilhando do mesmo “bom gosto” das celebridades do cinema.

Em outro aspecto da época, e considerando que os costumes das estrelas do cinema e o que eles propagavam influenciavam o mundo moderno, o hábito de fumar era tido como algo chique e elegante, costume reservado às pessoas civilizadas. Porém, por mais que o tabagismo sugerisse um sinal de modernidade, uma reportagem da *Gazeta do Norte* atribuiu à produção da fumaça de cigarros no *Cine Montes Claros* como um hábito desprezível, que incomodava as mulheres, constituindo-se uma falta de educação e cavalheirismo, além de ser um risco eminente de incêndio. O jornal assumiu um discurso que se assemelha aos mais atuais, quando o fumar passou a ser um depreciador da saúde das pessoas.

Uma das coisas que mais depõem contra a civilização de nossa cidade é o systema extravagante que possuem certos cavalheiros de fumarem nas sessões do cinema. Cavalheiros ha, que deixam, parece que propositalmente, para accender o seu cigarro em plena sessão quando o salão está á cunha, e com a maior naturalidade deste mundo soltam baforadas de fumo no rosto das senhoras visinhas, incomodando-as visivelmente. Entretanto, a primeira preocupação da Empreza Paculdino foi installar no predio uma saleta apropriada para o «fumoir» e collocar em cada porta lateral uma setta apontando a sahida, justamente para não privar os fumantes do prazer do seu cigarrinho delicioso... Porém, mais vale um gosto... E elles, preferem incomodar os visinhos dos que se levantarem um momento para tão pequenina cousa. Mas essa falta de respeito é que não póde continuar, não só por constituir ausencia de bom tom como um cavalheiro que se preza, como tambem para evitar que de um momento para o outro o cinema seja colhido por um incendio, uma vez que a fumaça obriga o operador a dar uma gradação muito forte ao projector a fim de conseguir a luz necessaria para desenrolar a pellicula³⁰⁶.

Num dado momento da história, os atores do cinema e o cigarro estiveram muito próximo, pois “[...] o hábito do tabagismo coloca o fumante numa condição *in*, já que ele se apresenta desfrutando do mesmo prazer das pessoas que alcançaram o êxito e que representam o sucesso” (RODRIGUEZ, 2008, p.28). Entretanto, como o cinema era o novo, o moderno e

³⁰⁶ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 1º de janeiro de 1934, p.4.

civilizado, apesar do apelo contrário da *Gazeta do Norte*, seus filmes estrangeiros influenciavam o *modus vivendi* de quem o frequentava, e Montes Claros não fugiria a regra.

O *Cine Montes Montes*, único estabelecimento do seu ramo na cidade, por se tratar de um comércio, procurava manter o vínculo do frequentador a sua sala. Anúncios como: *A empresa do Cine Montes Claros chama a atenção dos seus distintos habitues para os melhoramentos por que acabam de passar os seus aparelhos sonoros*³⁰⁷, em meados dos anos trinta, ratifica a impressão de que, mesmo exclusivo da cidade, o *Cine Montes Claros* se movimentava para manter o seu funcionamento. Em síntese, a empresa tinha como referência os cinemas dos grandes centros, e em função disso criava uma atmosfera de modernidade, supostamente mantendo o mesmo nível das suas instalações com as salas das capitais:

A empresa do Cine Montes Claros, em sua constante preocupação de bem servir os seus distintos habitues, acaba de introduzir ali excellentes melhoramentos como sejam: aperfeiçoamentos do seu aparelho sonoro que actualmente rivaliza com os das grandes capitais e confecção de optimo palco em artisticas columnas, imitação cimento armado. É pensamento da Empresa melhorar também as condições de iluminação e ventilação da sala de espetáculos³⁰⁸.

Após anos de monopólio, o *Cine Montes Claros* se depararia com um concorrente ambicioso, o *Cine Theatro Metropole*: anunciado e construído durante o ano de 1937 e inaugurado no princípio de 1938. A *Gazeta do Norte* veiculou todas as fases da nova casa de diversões da cidade. Da ideia, construção, concurso do nome e anúncio dos filmes, tudo foi motivo para a campanha publicitária.

Mais um cinema para Montes Claros – Deverá ser iniciada, por estes dias, a construção de um novo cinema em nossa cidade, de propriedade do sr. Benedicto Gomes, conceituado commerciante nesta praça. A nova casa de diversões, que será situada á rua Semeão Ribeiro, medirá 15 metros de frente por 34 de fundo e terá uma magestosa fachada de 2 pavimentos, com uma bela entrada que tambem servirá de sala de espera. O salão de projecções, em cimento armado, obedecerá as mais modernas exigencias architectonicas e terá lotação para 1.100 lugares, devendo ser inaugurado com 600 poltronas. O seu systema de ventilação será dos mais perfeitos e o aparelho modernissimo, com 2 projectores silenciosos. Terá força e luz proprias. O projecto do novo cinema já se encontra em poder do sr. Francisco Guimarães, conceituado constructor em nosso meio. Esse importante empreendimento é uma das grandes realizações que, neste anno, serão levadas

³⁰⁷ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 26 de janeiro de 1935, p.4.

³⁰⁸ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 02 de março de 1935, p.2.

a efeito em nossa cidade e que certamente virá contribuir grandemente para o nosso progresso³⁰⁹.

Observamos que o prédio do novo cinema, além de abrigar a empresa cinematográfica, comporia a paisagem arquitetônica moderna que a cidade aspirava propalar em suas edificações. Assim, ao indicar que o construtor do edifício seria Francisco José Guimarães, por si só, já impunha respeito ao empreendimento, porque o citado empreiteiro era o maior responsável pela renovação estética da cidade, e que supostamente estava impregnada de uma [...] *secular feição de máo gosto, de cidade antiga*:

NOVO CINEMA – O que será a nova casa de diversões a ser inaugurada em breve – Dentre as novas construções com que a renovação architectonica de M. Claros vem arrancar á cidade, sua feia e secular feição de máo gosto, de cidade antiga, devemos ressaltar o grande cinema que o sr. Benedicto Gomes. [...] - Montes Claros já necessitava de outro cinema. Com seu movimento extraordinario crescendo dia a dia, a cidade já comporta, perfeitamente, outra caza de diversões. Foi a razão que me levou a dotar Montes Claros de um novo cinema. A sua construção está ajustada com o constructor Francisco Guimarães, nome demais conhecido na cidade, pelas obras notaveis que tem dado ao renovamento esthetico de Montes Claros. [...] Será um predio moderno, com todas as exigencias de hygiene e da arte moderna. Bem ventilado, com duas sahidas lateraes e uma central para rua Semeão Ribeiro, alem de outra sahida pela rua Dr. Velloso, facilitará enormemente a sahida dos espectadores pois que, o salão de projecções completamente lotado, pode ser esvasiado em cinco minutos. O cinema terá luz propria e o aparelho projector, posso garantir, será dos melhores. Outra coisa que faço questão de ser optimo é o mobiliário. O cinema, apesar de comportar uma lotação muito maior, será inaugurado e funcionará, provisoriamente, apenas 600 poltronas. Já fiz a encomenda das mesmas, que deverá chegar até meados de agosto, as demais, isto é, as outras 400 para completar a lotação serão encomendadas em princípios do proximo anno. Alem de tudo, terá um palco com dimensões suficientes para que companhias, possam dar aqui alguns espectaculos. Essa falta Montes Claros ha muito vem sentindo. Outa cousa que tambem ia me esquecendo: pretendemos dar sessões diarias. Já estou em condições com algumas distribuidoras de films e pretendo entrar em entendimentos com outras, para exhibição de seus films aqui. Mais uma novidade: quero tambem que os montesclarenses vejam films nacionais e, para isso, não medirei esforços. Como sabemos o cinema brasileiro entrou numa phase de progresso assombroso e vem dando aos seus fans optimos films³¹⁰.

³⁰⁹ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 20 de fevereiro de 1937, p.1.

³¹⁰ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 29 de maio de 1937, p.2.

Para o jornal, o apelo por uma Montes Claros moderna obrigatoriamente passava pelo aspecto arquitetônico, por isso que exibia as construções que contribuíam para [...] *dar um novo aspecto modernizado e bonito que vae arrancando à urbs a feia e secular feição de mão gosto e má esthetica*³¹¹. Para a tal renovação, quem contribuía destacadamente para a expansão moderna era o [...] *constructor Francisco José Guimarães, que vem acompanhando ha longos annos o progresso da cidade*³¹², responsável pelas principais edificações ditas modernas (FIG. 18; FIG. 19).

Figura 18 - Aspecto de uma construção moderna, enfatizada pela *Gazeta do Norte* em 1937.



Fonte: *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 02 de janeiro de 1937, p.3.

Figura 19 - Aspecto de uma construção moderna, enfatizada pela *Gazeta do Norte* em 1937.



Fonte: *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 02 de janeiro de 1937, p.4.

³¹¹ Idem.

³¹² *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 02 de janeiro de 1937, p.3.

Ser moderno, para o jornal, estava impresso no perfil das novas edificações da cidade, entre elas, o prédio do cinema também significaria desenvolvimento, pois era capaz de instituir novos hábitos que o modo de vida moderno impunha, através dos códigos de posturas sociais inerentes à frequência das sessões fílmicas. Assim como outras cidades brasileiras, Montes Claros também passou por crescimento significativo com o advento da modernidade na primeira metade do século XX. Nesse entendimento, o prédio do novo cinema, segundo Carvalho (2016, p.193), “[...] vinha ao encontro de um anseio pela renovação estética da cidade, por uma continuidade da “revolução architectonica” em curso no município, pois, a partir da instalação da estação ferroviária, [...] foram criadas 38 novas ruas, duas praças, duas avenidas e várias travessas”.

O *Cine Metrópole* recebeu este nome via concurso organizado pela *Gazeta do Norte*, e para estimular a participação do público: [...] *á pessoa que concorrer com um nome e este for o escolhido para ser dado ao cinema, receberá nesta redacção, um cartão que lhe dará ingresso durante deis mezes á casa de diversões do sr. Benedicto Gomes, a inaugurar-se brevemente*³¹³:

Cine Metropole – A Empreza proprietaria do «Cine Metropole» nome escolhido para a nova casa de diversões que inaugurará em breve, congratula-se com o publico montesclarensense pelo nome suggestivo e exacto adoptado pelo jury composto de brilhantes membros do set intellectual de nosso meio, e que corresponde verdadeiramente ao nivel artistico e cultural da metropole do Norte. A Empreza do Cine Metropole, envaidecida com as expressões carinhosas de applausos á sua iniciativa tem a satisfação de communicar ao publico que, dentre breves dias offerecerá aos seus futuros habitues a sua primeira programação, composta de finissimos trabalhos da moderna cinematographia e distribuídos pelas mais prestigiosas fabricas estrangeiras e nacionaes, bem como a apresentação, inédita em nosso meio, de peças theatraes, pelo que está em entendimento com applaudidas companhias do theatro ligeiro nacional. Assim, não poupando sacrificio para proporcionar ao publico montesclarensense, momentos de elevado prazer espirital, só concedido ás platéas das grandes metrópoles, a empreza da nova casa de diversões da metropole do norte envidará os seus melhores esforços para corresponder á sympathia e acolhida que desde o inicio da idéa lhe vem sendo dispensados. Por estes breves dias o «Cine Metropole» realisarâ a festa de sua cumieira, para o qual conta com o prazer da presença de todos os seus destintos amigos e do publico montesclarensense. A Empreza³¹⁴.

Há poucos dias da inauguração, que deveria acontecer no final de 1937, a mesma tecnologia de ponta que o novo cinema anunciara possuir, seria a causa do seu adiamento, uma vez

³¹³ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 05 de junho de 1937, p.2.

³¹⁴ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 10 de julho de 1937, p.3.

que os técnicos responsáveis pela instalação dos equipamentos não puderam embarcar do Rio de Janeiro para Montes Claros:

Cine Metropole – AO PUBLICO – Avisamos ao distincto publico desta cidade que fica transferida para os primeiros dias de janeiro a inauguração do Cine Metropole, por motivos constantes do telegramma que acabamos de receber e que é o seguinte: «Benedicto gomes – Montes Claros. Ausencia de technicos e motivo doença grave de um dos socios impedem embarque immediato a fim de montar aparelhos. Pedimos grande fineza transferir estréia motivo acima explicado Cineton». Montes Claros³¹⁵.

Montes Claros ganharia o seu segundo cinema em janeiro de 1938: *Com a inauguração do Cine Theatro Metropole, [...] fica a nossa cidade com mais uma optima casa de diversões e que muito virá concorrer certamente para o progresso artistico e cultural do nosso povo*³¹⁶. Com o incremento de mais uma casa de diversões a *Gazeta do Norte* atualizaria a sua página de anúncio das sessões, agora contando com dois concorrentes: *Cine Montes Claros* e *Cine Metropole*.

A disputa comercial entre ambos refletir-se-ia na *Gazeta do Norte*. A sobrevida de cada um advinha dos consumidores dos seus produtos e, possivelmente, quem oferecesse o melhor, sobressairia. Em função disso é que os anúncios, além de maiores, passaram a contar com imagens de astros do cinema estrangeiro e sinopses dos filmes programados. Porém, o mais marcante são os apelos das empresas dos cinemas para a “novidade”, fosse na contratação de firmas distribuidoras ou demonstração de estrutura adequada ao frequentador:

Cine Theatro Metropole – Já era de se esperar ... As produções grandiosas da programação da METRO para o “Metropole”. [...] Ora, presentemente, só o “Metropole” a magestosa casa da Rua Semião Ribeiro possui, com as suas 500 confortáveis poltronas, uma lotação capaz de atender [...] ³¹⁷.

Cine Montes Claros – Uma noticia auspiciosa e sensacional para o publico montesclarensense – A Empreza do Cine Montes Claros, não poupando sacrificios para proporcionar aos seus frequentadores o prazer de assistir as mais sensacionais e legitimas expressões da arte cinematographica, acaba de firmar contracto com as principais fabricas productoras³¹⁸.

³¹⁵ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 25 de dezembro de 1937, p.3.

³¹⁶ *Gazeta do Norte* (MG). Quarta-feira, 08 de janeiro de 1938, p.1.

³¹⁷ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 23 de abril de 1938, p.1.

³¹⁸ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 30 de abril de 1938, p.1.

Os controladores do *Cine Montes Claros*, numa reação à concorrência, anunciaram no mesmo ano diversas modificações em sua infra-estrutura, adquirindo, segundo o jornal, *duas machinas projectoras Klang-film Europa a mais perfeita realisação em projecção e som, havendo em Minas até agora somente duas: - a do Cine Brasil em Bello Horisonte e em Juiz de Fora*:

Assim, serão introduzidos no salão de projecções, varias modificações que já foram iniciadas, com a supressão das colunas que apoiavam as galerias que serão substituídas por elegantes balcões de cimento armado e um pavimento superior que darão ao cinema uma capacidade de cerca de 900 lugares. A parte mais importante, porem, será a substituição dos actuaes projectores por modernissimos aparelhos que são a ultima novidade na industria cinematographica. Para isso, já foram adquiridas duas machinas projectoras Klang-film Europa a mais perfeita realisação em projecção e som, havendo em Minas até agora somente duas: - a do Cine Brasil em Bello Horisonte e em Juiz de Fora³¹⁹.

A rotina dos cinemas dava a entender que a convivência entre eles não era tão simples, uma vez que, há períodos em que deixam de anunciar, por estar em reformas ou mesmo paralisados. Em pouco tempo, entre idas e vindas, em 1940 o *Cine Metropole*, justamente o mais novo dos dois, foi incorporado pela empresa do *Cine Montes Claros*, que após reforma do prédio, determinou: *Enquanto no Cine Metropole serão exibidos films diversos, no Cine Montes Claros a empresa fará exhibir somente super-produções*.

A empresa Viúva Pauldino & Cia. Ltd., proprietaria do Cine Montes Claros, como já é do conhecimento de todos, acaba de arrendar por cinco anos o Cine Metropole, desta cidade. A iniciativa da empresa, agora detentora dos nossos dois cinemas, veio trazer para os montesclarenses a certeza da melhoria daquela casa de diversão e de que, de agora em diante poderão assistir maior numero de estreias. [...] Enquanto no Cine Metropole serão exibidos films diversos, no Cine Montes Claros a empresa fará exhibir somente super-produções³²⁰.

Completamente reconstruido, obedecendo agora á técnica de construção exigida para casas de diversões desse genero, o Cine Metropole tornou se uma casa de diversão á altura do progresso da cidade. [...] o Cine Metropole apresenta agora um conjunto belo e moderno, oferecendo todo conforto aos seus inumeros frequentadores³²¹.

³¹⁹ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 04 de junho de 1938, p.3.

³²⁰ Gazeta do Norte (MG). Terça-feira, 25 de junho de 1940, p.4.

³²¹ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 19 de outubro de 1940, p.3.

Cumpre-nos frisar que, segundo o memorialista Hermes de Paula (1957), o *Cine Metropole* foi inaugurado em 1931, dado que as fontes refutaram, pois, tal evento se passaria em janeiro de 1938. O mesmo autor, assim como a *Gazeta do Norte*, indica que “[m]ais tarde esse cinema foi vendido para os proprietários do Cine Montes Claros – viúva Paculdino & Filho – e passou a se denominar Cine São Luiz” (PAULA, 1957, p.216). Como narrado anteriormente, segundo o jornal, em 1940 o *Metropole* foi de fato arrendado e incorporado pela empresa do *Cine Montes Claros*, mas a denominação *São Luiz* só seria observada em anos posteriores.

4.2 Majestoso ou um arrabalde: cinema para todas as classes

A frequência aos cinemas em funcionamento e o fato de pertencerem a uma mesma administração, evidenciou o comércio do lazer pelas telas ser um ótimo negócio. A empresa controladora do *Cine Montes Claros* e *Cine Metropole*, em pouco tempo, projetaria mais um cinema, o *Cine Ipiranga*. Dessa vez, um cinema fora dos padrões elitizados do centro da cidade, com objetivos específicos para atender ao “[...] bairro Morrinho, que, de fato, havia se tornado um bairro populoso, sobretudo em decorrência da estação ferroviária” (CARVALHO, 2016, p.202):

CINE IPIRANGA – A Empreza Viuva Paculdino & Filhos, vae construir mais uma casa de diversões em nossa cidade. Dada a grande afluencia de frequentadores da parte sul da cidade, nos seus cinemas centrais, fará edificar em breve o Cine Ipiranga, que será localizado no Bairro Morrinho, à avenida Melo Viana, logo após a travessia da linha ferrea. Nesse cinema, serão exibidos excelentes programas, devendo a construção ser iniciada por estes dias³²².

Em tempos de fartura de cinemas, popularizar o acesso levantaria outra discussão: Frequentar o cinema não requeria um tipo de educação própria para o seu uso? Havemos de observar que reclamações sobre a deseducação do montes-clarense não eram raras na *Gazeta do Norte*, pois notamos algumas reclamações expostas ao longo do tempo. Será que na cidade sertaneja, acostumada à cultura roceira, o sujeito se comportaria como um *gentleman*?

³²² *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 29 de agosto de 1943, p.4.

Em crônica intitulada *O abuso continua*, de outubro de 1939, o autor/leitor denuncia a “[...] falta de modos de certos frequentadores dos cinemas da cidade, que fazem barulho insuportável no recinto dessas casas de diversões, quando assistem aos filmes que ali são exibidos. [...] E é uma vergonha...”³²³. Em outras oportunidades, as reclamações públicas diziam respeito à falta de educação dos frequentadores no momento da entrada em sessões disputadas e às suas vestimentas que, segundo a crônica, eram inapropriadas e fétidas:

Nos dias de exibição dos grandes filmes nos cinemas da cidade, torna-se um problema a conquista de um lugar onde o espectador possa, calmamente, assistir o espetáculo. Aglomerando-se á porta, travam-se ás vezes verdadeiros duelos para a ocupação dos primeiros lugares, levando sempre desvantagens as senhoras e crianças, pois não é pequeno o numero de marmanjos mal educados que, sem a menor consideração, rompem a poder de empurrões, a multidão³²⁴.

Acontece, porem, que ao obtermos o disputados lugar muitas vezes acompanhados da familia, ou de distinta senhora, surge um individuo sem paletó, com a roupa breada de oleo, cal ou outras sujeiras, com os pes em tamancos sebentos ou com os dedos á amostra pelos buracos dos sapatos nauseabundos, o qual sem cerimoniaismente assenta ao nosso lado³²⁵.

Desse panorama social originaria-se o projeto do *Cine Ipiranga*, pretendendo explorar um novo nicho de mercado. Cabe-nos frisar que, o advento deste cinema não se daria sem algum tipo de tensão social, pois, a própria *Gazeta do Norte* publicaria carta de um leitor na semana após o anúncio da construção do *Cine Ipiranga*, questionando-o. Para ele, era preciso investir num cinema central, moderno, amplo e confortável. Na cidade que se dizia progressista, o leitor verificava [...] *a inadiável necessidade da construção – não de um pequeno arrabalde - mas de uma ampla, confortavel e moderna casa de diversões no centro da cidade:*

Para construção de um grande cinema em Montes Claros – Li, no ultimo numero do seu conceituado jornal, a noticia de que vae ser construido em breve mais um cinema na cidade, no aprasivel bairro do Morrinho. [...] Nota-se aqui uma verdadeira corrida para as sessões cinematograficas. Ainda ontem, a população compareceu em massa às 6 horas da tarde, para assistir a sessão das 8, ávida de passar o resto do domingo de uma maneira agradável. E os dois cinemas foram insuficientes para acolher a multidão. Junte-se ao desconforto dos que não conseguiram lugar, os empurrões, os atropelos e a ginastica dos

³²³ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 21 de outubro de 1939, p.2.

³²⁴ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 06 de setembro de 1941, p.1.

³²⁵ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 12 de setembro de 1943, p.1.

que puderam obter melhor colocação e verifica-se a inadiável necessidade da construção – não de um pequeno arrabalde – mas de uma ampla, confortável e moderna casa de diversões no centro da cidade que, dia a dia se firma no conceito de uma das mais progressistas e ricas da terra mineira. Os operosos proprietários dos cinemas montesclarenses vem servindo ao público com excelentes programações, mas as casas de espetáculos que possuímos estão ainda em estado primário de modernização e conforto³²⁶.

Ao designar o empreendimento do *Cine Ipiranga* como um *pequeno arrabalde*, desmerecendo flagrantemente o projeto do cinema no bairro, observamos que o reclamante tinha nesse tipo de diversão uma ideia elitizada. Sobre a crítica publicada, Carvalho (2016, p.204) inferiu: “Parece-nos acertado que a condição atribuída ao cinema – deve ter um destino “elevado e nobre” –, concomitante a um desejo de distinção”, objetivos que o *Cine Ipiranga* não conseguiria atingir. Havíamos de supor que os proprietários do cinema responderiam às objeções do leitor insatisfeito, como de fato ocorreu na próxima edição da *Gazeta do Norte*.

Os esclarecimentos da empresa *Viúva Paculdino & Cia Ltda.* foram pautados em mea-culpa, uma vez que assumiram a necessidade do sugerido cinema do leitor: *Tanto assim que já temos projetado a construção de um grande cinema, dotado de todo o conforto moderno, segundo projeto e plano expostos em vitrine de uma de nossas casas comerciais*³²⁷. Mas, também alegaram não poder investir no tal grande cinema, pois a conjuntura internacional³²⁸ não viabilizava o desenvolvimento do projeto: *Entretanto, o agravamento da situação internacional obstou, ou melhor, retardou a realização de nossos planos, pois as dificuldades para fornecimento de material de construção e de máquinas, têm crescido enormemente*³²⁹.

Em seguida, contrária às alegações feitas pelo leitor na *Gazeta do Norte*, que reclamou da grosseria dos cinéfilos montes-clarenses por uma melhor localização em sessões disputadas, causada pela inadequação do cinema, a empresa proprietária ponderou: *Como toda a população de Montes Claros, lamentamos ser impossível, no momento, a realização do empreendimento de dotar nossa cidade de um cinema que satisfizesse o gosto apurado de nossa culta população*³³⁰. Por fim,

³²⁶ *Gazeta do Norte* (MG). Quinta-feira, 02 de setembro de 1943, p.1.

³²⁷ *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 05 de setembro de 1943, p.1.

³²⁸ O citado agravamento da conjuntura internacional é, muito possivelmente, referente aos desdobramentos econômicos da Segunda Grande Guerra, que influenciou o comércio globalmente.

³²⁹ *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 05 de setembro de 1943, p.1.

³³⁰ *Idem*.

em função das próprias dificuldades, a empresa justificou o novo cinema, projetado para a população proletária [...] residente em bairros longiquos e que, por isto mesmo, sente dificuldades para vir ao centro da cidade, somente á cata de diversões para as canseiras do trabalho e agruras da vida³³¹.

A ideia de um grande cinema central e moderno não cessaria. A *Gazeta do Norte* seria propagadora do empreendimento que viria logo em seguida, capaz de absorver os desejos reclamados por uma casa de diversões supostamente a altura da cidade. Em 1944 seriam inaugurados o popular *Cine Ipiranga* e o central *Cine Cel. Ribeiro*.

CINE IPIRANGA – Essa nova casa de diversões da cidade, situada no bairro Morrinhos e construída especialmente para o operariado montesclarensense, reflete bem o interesse da firma Viúva Paculdino e Cia Ltda. que tem á sua frente o sr. José Paculdino Ferreira Filho, espirito dinâmico e progressista, em melhorar, cada vês mais, a cidade, dotando-a de mais uma casa de diversões, tão necessária a uma cidade moderna e grande como Montes Claros³³².

O *Cine Ipiranga*, declaradamente, foi construído para a classe operária da cidade, por isso, “[o] desejo da firma Viúva Paculdino & Filhos estabelecia que os moradores da zona sul da cidade, sobretudo do bairro Morrinho, não afluíssem aos cinemas centrais e, para tal fim, o *Cine Ipiranga* deveria se tornar um cinema popular” (CARVALHO, 2016, p.212). Diferentemente, o futuro *Cine Cel. Ribeiro* objetivava atender outros grupos urbanos.

Como era de se supor, a concepção do *Cine Cel. Ribeiro*³³³ previa grande número de frequentadores e, para recebê-los, localizar-se-ia numa das praças centrais da cidade – praça Cel. Ribeiro. Desde a sua fase de testes, procurou demonstrar seus predicados modernos, como na sessão experimental em setembro de 1944. Nela, a plateia presente [...] teve ensejo de aquilatar quão aperfeiçoados são os aparelhos do novo cinema, que representam o que de mais moderno

³³¹ Idem.

³³² *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 20 de agosto de 1944, p.1.

³³³ O nome do *Cine Cel. Ribeiro* foi escolhido via concurso organizado pela rádio da cidade: “CINE TEATRO CORONEL RIBEIRO – Realizou-se no domingo ultimo o concurso para escolha do nome do novo e majestoso Cine Teatro que está sendo concluído á praça cel. Ribeiro nesta cidade e promovido pela ZYD 7 Radio Sociedade Norte de Minas. [...] O nome do Cel. Ribeiro dado á nova casa de diversões, foi recebido com vivas demonstrações de simpatia e aplauso pela enorme assistencia que enchia literalmente o salão de projeções do cinema” (*Gazeta do Norte* (MG). Quinta-feira, 14 de setembro de 1944, p.1.).

*existe na industria cinematografica, tanto em sua parte sonora como em nitidez de sua projeção*³³⁴.

O discurso do moderno estava mais uma vez associado a implantação de um equipamento de lazer na cidade. Esse tipo de propaganda não era novidade e nem sempre condizia com a verdade, mas o advento de mais um cinema, supostamente, enquadrava-se ao progresso notado em Montes Claros há décadas.

O *Cine Cel. Ribeiro* foi inaugurado em dezembro de 1944. Descrevendo o empreendimento, a *Gazeta do Norte* informou: *O Cine Cel. Ribeiro, num magnifico espaço de 21 metros de largura, têm lotação para 1.200 espectadores, em modernissimas poltronas de imbuia do Parana. Os seus projetores no valor de Cr\$200.000,00, são do tipo mais moderno e foram fornecidos por Bygton & Cia*³³⁵. Por fim, pretendendo ser uma [...] *moderna e confortavel casa de espetaculos, que vem de ser dotada a cidade, sob a direção do sr. Mario Lunardi Machado e de Propriedade da firma Machado & Cia*³³⁶, constituiria-se, daí em diante, numa das casas de diversões mais concorridas da cidade.

Em discurso proferido no evento de entrega do novo cinema, diferentemente do *Cine Ipiranga*, confirmamos a intenção de dotar a casa para o uso das classes mais abastadas da cidade:

Em nome do sr. Mario Lunardi Machado, entrego, hoje, ao uso da fina e nobre sociedade montesclarensense o «Cine-Teatro Cel. Ribeiro. Ao povo de Montes Claros ele cede o conjunto, que aí está, com o objetivo único de proporcionar-lhe confortavel plateia. [...] Espera êle que desfruteis nesta casa os mais aprazíveis momentos de lazer, no repouso tranquilo e alegre do corpo e do espirito, após as labutas diárias

³³⁷.

Sobre o *Cine Cel. Ribeiro*, afirmamos que já nascera “grande”, visto a quantidade e qualidade dos seus anúncios na *Gazeta do Norte*. Em 1945, em comemoração ao seu primeiro aniversário, inaugurou o seu *Cine Bar*, com “[...] *magnificas instalações anexas em que os habitués da popular casa de espetaculos encontrarão em completo sortimento de bomboniére, doces, refrescos, sorvetes, café, cigarros etc.*”³³⁸. Em 1946, além da programação fílmica anunciada para o restante do ano, chamou a atenção o uso de toda a página da *Gazeta do Norte* e a impressão

³³⁴ *Gazeta do Norte* (MG). Quinta-feira, 07 de setembro de 1944, p.4.

³³⁵ *Gazeta do Norte* (MG). Quinta-feira, 30 de novembro de 1944, p.1.

³³⁶ *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 03 de dezembro de 1944, p.1.

³³⁷ *Gazeta do Norte* (MG). Quinta-feira, 14 de dezembro de 1944, p.1.

³³⁸ *Gazeta do Norte* (MG). Quinta-feira, 16 de dezembro de 1945, p.1.

Personagem fundamental na consecução do *Cine Cel. Ribeiro*, o Coronel Philomeno Ribeiro, seu proprietário, articulou as suas ideias de conservação do prestígio político com a construção do cinema no centro da cidade, situação observada nas páginas da *Gazeta do Norte*. Podemos afirmar que a representação de progresso envolto no funcionamento da casa de diversão moderna, possibilitou ao político cidadão a manutenção do seu poder local. Nesse cenário, é importante notar as observações de Carvalho (2016, p.201):

Cabe frisar, ainda, alguns traços coronelísticos que motivaram a construção do Cine Coronel Ribeiro. Assim, o poder econômico, a consecução dos melhoramentos urbanos com o objetivo de conservar a liderança, a neutralização das resistências dos opositores, e a continuidade do mando político na cidade fizeram parte da estrutura coronelística, na qual o Cel. Philomeno Ribeiro teve um importante papel, e este fato incentivou a fundação do Cine Coronel, aliado a que o cinema era uma indústria lucrativa, e a exibição de filmes, no Brasil, oferecia grandes oportunidades aos exibidores de fitas importadas naquele período.

A partir dos estudos de Oliveira (2000) e Pereira (2002), podemos, então, inferir que o *Cine Cel. Ribeiro* compôs um cenário complexo de consolidação e manutenção do prestígio de um “coronel moderno” no panorama político montes-clarense. Ou seja, em Montes Claros, os “coronéis modernos” acabavam por comungar dos mesmos fins dos “coronéis tradicionais”, pois ambos criavam/criam artifícios para a manutenção do poderio político e econômico de uma localidade.

Os anos finais da década de 1940, até o ano de 1951, tiveram rotinas de anúncios dos cinemas sem quaisquer manifestações dissonantes nas páginas da *Gazeta do Norte*. A tranquilidade só foi quebrada em 1948, quando, mais uma vez surgiram apelos pela construção de um cinema na cidade. Interessante notar que as reclamações do leitor diziam respeito a aspectos já levantados anteriormente, como estruturas inadequadas, projetores obsoletos, administradores amadores, entre outros. Parecia que nunca houvera um cinema apropriado em Montes Claros, como se os esforços anteriores tivessem sido meros engodos. *O que o povo quer e espera, é um cinema mais um cinema de fato:*

Um cinema para a cidade – Já passaram ao terreno da realidade as cogitações para construção de prédio e montagem de um cinema moderno para a cidade. De ha muito a população local vem se ressentindo de tão salutar melhoramento, sempre adiado em virtude de incipientes iniciativa por parte de elementos pouco adestrados no assunto,

verdadeiros amadores que desconheciam a real finalidade do cinema como veículo de comunicação, educação e cultura. Todas as iniciativas aqui tentadas no sentido de ser a cidade servida por cinema, tiveram sempre o mesmo epílogo, instalação de um aparelho antiquado em um velho pardieiro, pesados bancos de madeira, verdadeiros mata burros, e, por fim, o fiasco, descontentamento dos habituais, subséquentes fechamento da espelunca. Já passou e vai distante (tomem nota) o tempo em que se engodava uma população com simulacros de realizações úteis, mas que realmente não iam além de experiências para fins especulativos. O que o povo quer e espera, é um cinema mais um cinema de fato, construção de tijolos e cimento, mobiliário e aparelhamento apropriado digno da assistência de todos e cuja primeira sessão valha uma salva de palmas e não assobios e patinhadas³⁴⁰.

Em outra crônica do mesmo ano, 1948, o colaborador expõe um cenário mais preocupante sobre o hábito de frequentar cinemas em Montes Claros. Suas palavras anunciam a deseducação do povo que comparece ao recinto, desde as crianças *maltrapilhas* e pedintes nas portas do cinema ao preconceito latente contra os frequentadores. Para ele, o [...] *que constrange e recomenda pessimamente, é a falta de seleção dos frequentadores*. Enfim, ainda que ponderemos o contexto histórico, no que tange aos comportamentos sociais da época, estava claro que a popularização do cinema era algo que incomodava uma parcela da sociedade. Talvez por isso, os ataques tenham sido tão contundentes:

O cinema, foi em todos os tempos em Montes Claros, uma diversão obrigatória e martirizante. Obrigatória, pela absoluta falta de outros lazeres que ajudassem a empurrar o resto de um domingo tedioso e enervante. Cheio de martírios pelo desconforto absoluto que desde os seus primórdios, desfrutaram os seus frequentadores. Chega um pobre cristão á porta de um cinema e vê-se logo assediado por uma malta de moleques que o assaltam para «inteirar» a entrada, sujões, maltrapilhos e impertinentes, refestelado na cadeira, após penetrar empurrado e apertado como bois, na seringa de um curral, espera mais de meia hora, pois tem que ir cedo para não acabar no «galinheiro»... [...] Outro aspecto dos cinemas, que constrange e recomenda pessimamente, é a falta de seleção dos frequentadores, mesmo nas sessões domingueiras. Ha dias, uma senhora, ricamente trajada, vio o lugar a seu lado, ocupado por um ajudante de caminhão, maltrapilho e sujo de óleo e o que é pior, com um odor nauseabundo e insuportavel. Não podendo mudar de lugar, pois o cinema estava cheio, teve de retirar se ao começar a sessão. Em materia de máu cheiro então, são uma lastima os cinemas em certos dias³⁴¹.

³⁴⁰ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 15 de fevereiro de 1948, p.4.

³⁴¹ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 26 de setembro de 1948, p.2.

Apesar das reclamações incisivas em 1948, nenhum outro cinema surgiu, e por diversas vezes funcionaram quatro cinemas simultaneamente: *São Luiz, Montes Claros, Ipiranga e Cel. Ribeiro*.

Cumpre-nos salientar que, a partir da edição da *Gazeta do Norte* de 11 de novembro de 1951, o *Cine Cel. Ribeiro* informaria que estaria fechado por alguns dias para reformas. Tal situação perduraria até outubro do próximo ano, porém, observamos que o fechamento do *Cel. Ribeiro* se deu por motivo de força maior, pois o prédio havia sido interditado pelo poder público, até que as reformas permitissem a sua reabertura:

Conforme o laudo da comissão de engenheiros, abaixo transcrito, será brevemente reaberto o Cine Cel. Ribeiro, o maior e mais espaçoso Cine-teatro desta cidade. [...] Constatando que as reformas ultimamente realizadas no referido prédio concorriam com as exigências do código de Posturas Municipais e oferecem perfeitas condições de segurança e estabilidade, opinam que esse Governo Municipal pode levantar a interdição anteriormente a ele imposta, permitindo funcionamento imediato dessa Casa de Diversões³⁴².

Aparentemente, o ressurgimento do *Cine Cel. Ribeiro* inaugurou um período de protagonismo desse cinema. Seu monopólio seria notado a partir do segundo semestre de 1953, quando a coluna “Cinema”, na *Gazeta do Norte*, deixou de existir, passando a seção a ser denominada “Cine Cel. Ribeiro”, numa clara alusão à sua exclusividade.

Sobre a sua propriedade, também cabe um alinhamento histórico, o memorialista Hermes de Paula (1957, p.216) anuncia que “[e]m 1954 o Dr. Mário Ribeiro da Silveira adquiriu o Cine. Cel. Ribeiro, que sofreu substanciais reformas, incluindo nova e moderna aparelhagem de cinemascopo, inaugurado em julho de 1955”. Contudo, desde 1953 encontramos fontes indicando o citado Dr. Mário Ribeiro da Silveira como administrador do *Cine. Cel. Ribeiro*.

Em consonância com as informações de Hermes de Paula (1957), a *Gazeta do Norte* informou sobre as reformas e melhoramentos do *Cine Cel. Ribeiro* em fevereiro de 1955 e, além disso, anunciou a construção do novo *Cine Nova Olinda*, situado à avenida Ovídio de Abreu e de propriedade da mesma empresa do *Cel. Ribeiro*. Segundo o jornal, o *Cel. Ribeiro* investiria num

³⁴² *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 26 de outubro de 1952, p.1.

Cinemascope e, dessa forma, *Montes Claros seria uma das primeiras cidades do interior do Brasil a possuí-lo*:

O Cine. Cel. Ribeiro, no desejo constante de bem servir aos seus frequentadores, vem introduzindo naquela ampla casa diversional, importantes melhoramentos como os ultimamente realizados com a pintura e reforma completa do seu salão de projeções, organização de confortavel sala de espera e radical reforma de seu aparelhamento sonoro. Agora, o Dr. Mario Ribeiro, dinámico proprietario da frequentada casa de diversões, vae inaugurar dois importantes melhoramentos para o Cel. Ribeiro ou sejam, moderno sistema de ar condicionado, ultima palavra de instalação G.E. [...] Outro melhoramento, de grande importancia para a nossa cidade, por ser Montes Claros uma das primeiras cidades do interior do Brasil a possuí-lo é a inauguração, a 15 de março proximo, do Cinemascópe [...] Estão de parabens a nossa população e o incansavel proprietario do Cel. Ribeiro que sabe atender aos justos reclamos de nossa platéa, para a qual inauguraré brevemente moderno cinema á Avenida Ovidio de Abreu³⁴³.

Os *Cine. Cel. Ribeiro* e o *Cine. Nova Olinda*, por serem do mesmo proprietário, anunciariam suas programações conjuntamente na *Gazeta do Norte*, entretanto, claramente cumpririam papeis comerciais diferentes. Enquanto o primeiro, mais central na cidade, se gabava das suas instalações majestosas e da ostentação de oferecer ar refrigerado para a plateia, o segundo era mais afastado e geograficamente associado à popular região da estação ferroviária. Por fim, para caracterizar o tipo de consumidores de ambos, como constam nos anúncios, se no *Cel. Ribeiro* o preço do ingresso custava *Cr\$10,00*, no *Nova Olinda* custava *Cr\$5,00*.

Outra questão importante, diz respeito ao uso da tecnologia do *Cinemascope* pelo *Cine. Cel. Ribeiro*. A saber, ao longo da história do cinema montes-clarense, observamos que, quando eram anunciados investimentos ou melhoramentos em alguma casa de diversão, via de regra, em pouco tempo, algum colaborador da *Gazeta do Norte* criticava e até mesmo desmerecia o acontecido, normalmente suplicando por um “novo cinema” na cidade. Tais declarações negativas, levaram-nos a conjecturar que, ainda que fossem considerados os avanços nos cinemas, possivelmente havia exageros nos anúncios do jornal, ou seja, o que era inédito e moderno em Montes Claros, em outras cidades mais adiantadas já não eram incomuns. Contudo, o advento do

³⁴³ *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 27 de fevereiro de 1955, p.1.

Cinemascope é um dado significativo no tocante à simultaneidade do uso dessa tecnologia em Montes Claros e outras cidades maiores.

Quando a *Gazeta do Norte* informou em 1955, que o *Cinemascope* [t]rata-se de um empreendimento de vulto, constituindo um notável melhoramento e atestado de progresso de nossa cidade³⁴⁴, poderíamos supor o mesmo cenário de antes: o de ser um artigo moderno para Montes Claros, mas antigo (ou mesmo obsoleto) quando comparado à Belo Horizonte, por exemplo. Entretanto, quando observamos que esse formato foi introduzido nos Estados Unidos no final do ano de 1953 e adotado e generalizado por *Hollywood* em 1954 (CARREGA, 2013), concordamos que inaugurar o *Cinemascope* em meados de 1955, em Montes Claros, constituía-se num fato quase de vanguarda ao que se passava no universo do cinema noutras localidades, se considerado o reduzido espaço de tempo entre os acontecimentos.

Assim, quando a *Gazeta do Norte* assegurou que a administração do *Cine. Cel. Ribeiro* [...] não tem poupado esforços no sentido de proporcionar aos habitués uma casa de diversões á altura dos grandes centros civilizados, sendo de notar-se que depois de Belo Horizontes, é Montes Claros a primeira a instalar o *Cinemascope*³⁴⁵, podemos concluir, foi algo que alçou este cinema, e por consequência a cidade, a um patamar de modernidade compatível ao cinema da Capital do Estado. Enfim, os reflexos da modernidade, da “cidade grande” para o interior inculto e sertanejo, com o passar dos anos, encurtava-se, possibilitados e facilitados pelo desenvolvimento dos meios de comunicação e a oportunidade de negócios.

Naquele momento, a cidade se preparava para as festas do centenário de elevação à cidade que aconteceriam em meados de 1957³⁴⁶. Em relação aos cinemas, observamos o monopólio das casas de divesão do Dr. Mário Ribeiro da Silveira: os cines *Cel. Ribeiro* e *Nova Olinda*. Ambos compuseram as seções das programações fílmicas de Montes Claros até semanas antes do mês de julho de 57, momento em que ressurgiu o *Cine São Luiz* (FIG. 21) nas páginas da *Gazeta do Norte*. O *São Luiz*, aparentemente, reapareceu em função da oportunidade de movimentação e euforia que

³⁴⁴ *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 12 de junho de 1955, p.1.

³⁴⁵ *Idem*.

³⁴⁶ As festas do centenário foram tratadas em outros capítulos da tese.

a expectativa das festas promovera. Por ser um comércio que necessitava de consumidores, o momento era propício.

Figura 21 - Anúncio de retorno do *Cine São Luiz* à *Gazeta do Norte* às vésperas do centenário de Montes Claros.



Fonte: *Gazeta do Norte* (MG). Quarta-feira, 03 de julho de 1957, p.2.

Em todo o período pesquisado, percebemos como evidente a correlação entre o desenvolvimento da experiência do cinema na cidade de Montes Claros-MG, notadamente no que tange a aspectos como acesso, quantidade e diversidade de filmes, qualidade dos equipamentos, bem como sua permanente manutenção com a chegada do trem de ferro, no ano de 1926. O advento da modernidade permitiu, não sem resistências e tensões, a apropriação de um conjunto de valores e práticas que se distinguiam das vigentes no ordenamento social até então. O lazer, enquanto uma vivência distintiva, passava a ocupar lugar central no novo modo de pertencimento do cenário citadino, marcado pela urbanidade e pelo *smartismo*³⁴⁷, forjando desta forma identidades

³⁴⁷ As expressões *Smartismo* ou *smarts* referem-se às pessoas que, “[...] na passagem do século XIX para o XX, se dedicavam a construção de uma aparência pessoal ligada a símbolos da modernidade, tanto no vestuário como nos gestos e nos comportamentos, eram chamados de *smarts*. O adjetivo não era exclusividade do sexo masculino, embora na maior parte das vezes fosse aplicado ao comportamento e aparência dos cavalheiros que davam atenção especial à moda. *Smart* também poderia se referir a um grupo de pessoas, a certas expressões (geralmente estrangeiras), assim como certos ambientes. Para ser *smart* não bastava ser elegante, era preciso ser moderno, parecer moderno, estar investido dos símbolos da modernidade” (SOUZA NETO, 2010, p.23).

demarcadas no contexto social local (ir ao cinema representava, além de um hábito de divertimento, um destaque).

É notória, assim, a consideração de que o trem de ferro - ele próprio já uma marca da modernidade - acelerava as relações e alavancava também outras práticas atreladas ao *ethos* modernista. É possível traçarmos uma analogia, guardada as devidas proporções anacrônicas, que o estabelecimento do trem de ferro na cidade tenha contribuído para proporcionado uma espécie de “renascença local”, com o incremento de um novo mundo que se descortinava a partir dele (com destaque aqui para o cinema e suas representações simbólicas e sociais).

CAPÍTULO V

5 OUTROS DIVERTIMENTOS MODERNOS NA CIDADE

Inaugurada a ligação ferroviária de Montes Claros em 1926, no tocante aos chamados divertimentos modernos, destacavam-se na cidade o cinema e o futebol (temas tratados anteriormente). Para além das citadas, de algumas práticas já se tinha conhecimento, como voleibol, e outras seriam incrementadas ao longo dos anos.

Buscamos identificar e discutir quais aspectos influenciaram, ou mesmo possibilitaram, demonstrações, aulas, treinos e/ou jogos de voleibol, basquetebol, natação, ginástica, ciclismo, entre outros. Para isto, consideramos os entendimentos de Dias (2018b, p.17), ao argumentar que: “O conhecimento sobre a história de regiões cultural, econômica ou politicamente periféricas, afinal, não pode ser apenas uma suposição deduzida do que se sabe sobre a história dos centros hegemônicos. Fosse assim, sequer o estudo histórico dos esportes no Brasil seria necessário”.

5.1 *Volley-ball, Basket-ball*: os esportes americanos surgem no cenário social

Na segunda metade da década de 1920, nas poucas informações encontradas nas fontes jornalísticas acessadas, para além do futebol, notamos que pelo menos três eventos esportivos aconteceram no Prado Oswaldo Cruz, campo do *Montesclaros Sport Club*, espaço cedido pela Câmara Municipal. Os chamados festivais esportivos ocorreram em maio de 1926, em benefício do asilo São Vicente, dezembro de 1927 e outubro de 1929. Tais eventos não carregavam explicitamente vínculos com políticos ou constituíam-se em ações de órgãos públicos, apresentavam, pois, características peculiares, como o anunciado pelo jornal de 1929: *Promovido e organizado por elementos de nosso meio, terá lugar amanhã, na praça de sports do Montesclaros*

*F. Club, no Prado Oswaldo Cruz, um atrahente festival sportivo*³⁴⁸. Cabe destacar que o Instituto Norte Mineiro de Educação e o Ginásio

No festival esportivo filantrópico de maio de 1926, anunciado na seção *Sport* da *Gazeta do Norte*, o apelo pela caridade é o mote principal. A festividade em questão foi “[...] organizada pela directoria Sportiva do “Montes Claros Sport Clube” e tenente Octavio Diniz, da policia de Minas, em benefício do asylo São Vicente, desta cidade³⁴⁹. De característica amadora, a entidade esportiva dirigida por elementos distintos da sociedade local, mobilizou atividades da mocidade – moderna – em benefício do asilo.

A programação do festival foi dividida em duas partes e para sensibilizar o público houve mobilização para que as pessoas comparecessem por uma causa justa, onde a assistência pagaria ingresso ao preço que quisesse. Foi disputada uma partida de futebol e um “cabo de guerra” entre associados do clube e os policiais da cidade e, além disso, fizeram parte do programa “corrida de 100 metros”, “corrida de sacos” e uma partida de voleibol entre alunas da Escola Normal.

Para chamar a atenção da sociedade, personagens importantes da cidade foram convidados para “apadrinharem” as provas de corridas e jogos. Especificamente, o voleibol, que “[...] teve seu início na Escola Normal, em 1923 mais ou menos”, (PAULA, 1957, p.238), constituía-se numa das atrações do festival. A prática do voleibol era exclusiva para as moças escola: O “*Match de “volley-ball” entre as alumnas da Escola Normal Mello Vianna – Protectores: Drs. M. Mauricio, Antonio Teixeira, Plinio Ribeiro e Ferreira Machado*³⁵⁰”.

O referido jogo de voleibol, introduzido há poucos anos na cidade, seria lembrado no próximo número da *Gazeta do Norte*, chamando a atenção para o gênero particular feminino, mas distintivo na sociedade e, supostamente organizado, pois, a alusão a uma comissão protetora do voleibol apontava o interesse pelo novo esporte na cidade:

Um dos numeros de maior entusiasmo e grande interesse foi o jogo de “volley-ball” disputado pelos “teams” Verde e Amarello da Escola Normal Mello Vianna”. [...] A comissão protectora do jogo de “volley-ball” entre as alumnas da Escola Normal, ofereceu ao “team” Amarello, vencedor da interessante pugna de domingo, um sarau dansante que teve grande encanto e brilhantismo. Esse festival, ao qual compareceram

³⁴⁸ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 26 de outubro de 1929, p.1.

³⁴⁹ *Gazeta do Norte* (MG). Quarta-feira, 26 de maio de 1926, p.1.

³⁵⁰ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 22 de maio de 1926, p.1.

numerosos rapazes e senhoritas da nossa sociedade, realizou-se na residencia da familia S. Caldeira, tendo tocado durante as dansas excelente orchestra”³⁵¹.

Ao final da década de 1920 coube ao Grupo Escolar Gonçalves Chaves, durante as solenidades cívicas do “dia das mães” de 1928, a primeira demonstração de ginástica coletiva na cidade: *Os numeros de gymnastica executados na praça dr. Chaves, deixaram a melhor impressão, sendo um bello spectaculo, inedito em nosso meio. Diversos numeros de gymnastica por todos os alunos*³⁵². O ineditismo da apresentação seria prenúncio da institucionalização da Educação Física no contexto escolar que estava por vir, no período do governo de Getúlio Vargas (1930-1945), “[...] onde se deveria buscar a melhoria da complexidade atlética, com exercícios de resistência, força, longas corridas, ginástica localizada, a formação atlético-esportiva” (RENK; COSTA; BUENO, 2017, p.4474).

Objetivando disciplinar e moldar o corpo do “novo” brasileiro, Vargas tinha na escola um local privilegiado para o desenvolvimento eugênico e higiênico, a fim de moldar o cidadão ordeiro, imbuído de civismo e bem preparado fisicamente (GHIRALDELLI JUNIOR, 1994). Por isso que, a partir da década de 1930, o jornal noticiaria cada vez mais as atividades esportivas nas escolas da cidade, num nítido esforço de educar o corpo da mocidade montes-clarense, direcionando-o “[...] para o ideal do civismo, da moral, da boa performance do físico e do sentimento patriótico. Estes elementos eram tidos como preponderantes para o discurso oficial ligado ao Brasil “forte e saudável”. A juventude brasileira deveria estar preparada para este novo cenário” (SILVA, 2007, p.173).

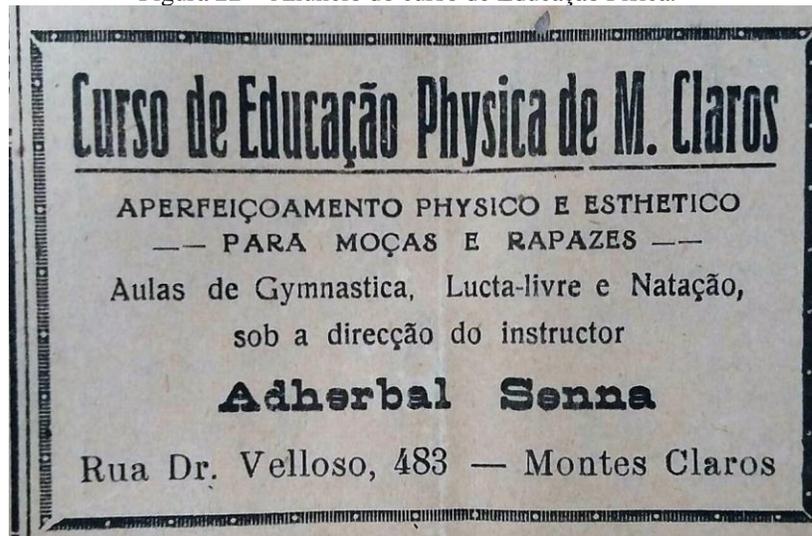
Adentrando a década de 1930, observaremos uma profusão de novos hábitos ditos modernos em Montes Claros, associados a uma nova cultura corporal de movimento. Cuidar do corpo entrava na moda. Nesses termos que a *Gazeta do Norte* anunciava a fundação de um estabelecimento privado de atividades físicas (FIG. 22), algo inédito até então, e que se integrava aos preceitos em voga a época para a forja de um “novo” brasileiro:

³⁵¹ Gazeta do Norte (MG). Quarta-feira, 26 de maio de 1926, p.1.

³⁵² Gazeta do Norte (MG). Sábado, 5 de maio de 1928, p.1.

Publicamos hoje uma noticia auspiciosa para a nossa mocidade: - a fundação, nesta cidade, do Curso de Educação Physica Montes Claros, destinado a cultivar o aperfeiçoamento physico e esthetico dos moços e moças montesclarenses. A gymnastica, hoje em dia, é complemento indispensavel á educação da mocidade. E os modernos methods eugenicos, postos em pratica nos grandes centros vão apresentando os mais belos resultados, concorrendo para a pureza physica da raça, realizando o grande milagre proclamado “mens sana in corpore sano.” A fim de que pudessemos informar aos nossos leitores o que é a novel sociedade esportiva, achamos oportuno ouvir o seu instructor o distincto academico Adherbal Senna, recém-chegado da capital da Republica, e fervoroso cultor dos esportes, tendo conseguido destacada posição na aquatica carioca. O principal objectivo do Curso de Educação é introduzir entre os nossos rapazes e moças o prazer dos modernos esportes, onde se encontram em primeiro plano a natação, a gymnastica, a lucta livre, etc. É pensamento da direcção organizar oportunamente , festas mensais que constarão de demonstrações de gymnastica por rapazes e moças, competições de lucta livre, canto e dansas e campeonato de natação. Como vê, cocluiu o jovem sportman, temos um programa de acção que espero realizar integralmente, dado o entusiasmo e a bôa vontade com que foi recebido o Curso de Educação pela mocidade montesclarenses³⁵³.

Figura 22 - Anúncio do curso de Educação Física.



Fonte: Gazeta do Norte (MG). Sábado, 01 de setembro de 1934, p.1.

O curso trazia características singulares, pois o Brasil idealizado via política de Vargas, diferentemente da velha república, incentivava a prática de Educação Física e Esportes, pois a nação necessitava de jovens fortes e disciplinados (MAZZONI, 1945). As aulas de *Adherbal Senna* em Montes Claros se encaixavam nesse cenário, prometendo *cultivar o aperfeiçoamento physico e esthetico dos moços e moças montesclarenses* através da *gymnastica e modernos methods eugenicos para a pureza physica da raça*.

³⁵³ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 01 de setembro de 1934, p.1.

A construção desse imaginário corporal nas páginas da *Gazeta do Norte* se propagava no incentivo às práticas esportivas, normalmente endereçado aos jovens. No caso das mulheres, desenvolveu-se na Era Vargas o entendimento de que a educação física, através da ginástica (FIG. 23) ou do esporte, por exemplos, deveria criar uma cidadã para as tarefas do lar e para a maternidade, atribuindo-lhe papéis específicos em função do gênero (GOELLNER, 2003).

Figura 23 - Apresentação de *gymnastica* das alunas da Escola Normal (data incerta).



Fonte: Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=184606278370812&set=a.181939998637440&type=3&theater>>.

Acesso em: 24 set. 2018.

Esse tipo de campanha em prol do papel social da mulher pode ser observado nas reportagens da *Gazeta do Norte*, em 1933 e 1934. Na primeira, é salientado que a mulher moderna deveria, a priori, ser uma reprodutora, e para isso faria uso da ginástica; e na segunda, uma nota sobre a prática do voleibol na cidade por um [...] *grupo de entusiastas senhorinhas da nossa fina sociedade*. Em tempo, o voleibol não se constituía numa novidade, mas a nota do jornal indica sua irregularidade, pois são desejados o progresso e a introdução na sociedade do [...] *preferido sport feminino*:

Depois, é preciso, distinguir: uma mulher esbelta não é sempre uma mulher magra; uma mulher gorda não é sempre uma mulher robusta. A venus moderna, - que não é a parisiense, que não será a italiana, - a venus moderna norte-americana è forte, è solida, tem musculos elasticos, e não è enxundiosa. Matronas obesas poder ser anemicas, flacidas, preguiçosas, mas reproductoras³⁵⁴.

Acha-se em treino constante no campo da Escola Normal, um grupo de entusiastas senhorinhas da nossa fina sociedade que esforçadamente praticam o Voley, estando assim de acordo com a educação da mulher moderna. Os nossos votos são que as nossas conterraneas muito progridam, entroduzindo na nossa sociedade o preferido sport feminino³⁵⁵.

Importa notar que, mesmo o jornal indicando o voleibol como uma prática feminina, no mesmo ano são mencionadas três disputas de jogos de voleibol entre alunas da Escola Normal versus um time de homens. Os dois primeiros são contra uma equipe de *Estudantes* da própria escola, e o último seria contra alunos do Ginásio Municipal. Por fim, consta que [...] *a primeira partida terminou com a victoria das moças pelo score de 3x2 e não se conformando com a derrota os Estudantes pediram revanche*³⁵⁶.

Podemos afirmar que as práticas esportivas, na primeira metade do século XX, já estavam arraigadas no contexto social brasileiro, porém, esse processo não foi coeso, pois, como observado antes, é preciso observar as particulares de cada região. Dantas Júnior (2007, p.3) nos informa que a incorporação dos esportes nas escolas “[...] seguiu ritmos distintos, de acordo com as características geográficas e institucionais que co-habitam o país, possibilitando inferir que o esporte "escolarizou-se" desde sua chegada ao país”.

Dois anos após, em 1936, notaríamos o voleibol com a participação não só de escolares, o esporte se entranhava em outros locais da cidade. Fundada naquele ano, a equipe da *Associação Athletica Atheneu* disputaria duas partidas contra o time da Escola Normal. Cabe notar que, no primeiro jogo anunciado pela *Gazeta do Norte*³⁵⁷, todos os atletas da partida são homens, descaracterizando a suposta particularidade feminina do esporte, alegada anos antes. No segundo

³⁵⁴ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 08 de abril de 1933, p.1.

³⁵⁵ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 09 de junho de 1934, p.2.

³⁵⁶ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 30 de junho de 1934, p.2.

³⁵⁷ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 31 de outubro de 1936, p.2.

jogo, pela escalação trazida no jornal, notamos que a equipe da escola era formada por homens e mulheres, enquanto o *Atheneu* continha só homens:

No campo da Escola Normal, a anunciada partida volley ball entre os six da A.A. Atheneu e da Escola. A partida, cheia de lances empolgantes, terminou com a victoria do Atheneu, que venceu com grande dificuldade o seu leal adversario. Os teams enraram em campo, assim constituidos: ATHENEU: Jair, Quincas, Velloso, Alcides, Gomes e Peres. ESCOLA: Olivia, Zezé, Josephina, Marcello, Paz e Nune³⁵⁸.

No mesmo jornal que propagava a ideia da mulher “moderna”, forte e preparada para ser mãe, também notamos resistência à postura de submissão por gênero. Ao mesmo tempo que denunciava [...] *a extravagante invenção de andar sem meias, como nas praias de banho, a pretexto de estarem em dia com as novas criações, convencidas de figurarem como verdadeiros expoentes à “dernier-cri”*³⁵⁹, em edições muito próximas, também publicava crônicas escritas por uma integrante da *Liga Pró-feminismo* de Montes Claros, intitulada *A nova organização social e a mulher*, de 1934, onde evocava a revolução feminista, porque a mulher era [...] *quase sempre relegada a um plano inferior*, porém, tinha [...] *elevados predicados* e a conquista do direito de votar seria [...] *o primeiro passo para o advento de uma grande renovação social*.

Ao lado do homem, a mulher, martyr de todos os tempos, sonhou e sofreu como companheira inseparavel quase sempre relegada a um plano inferior... [...] Estudando a personalidade masculina sob ponto de vista da moral privada e social, concluiremos fatalmente que o espirito feminino dispõe de muito mais elevados predicados para a direcção e controle das grandes emprezas humanitarias. [...] A mulher eleitora no Brasil é o primeiro passo para o advento de uma grande renovação social³⁶⁰.

Dias após o artigo feminista de *Djenane Brandão* para a *Gazeta do Norte* seria contra argumentado por *Helio Cyano*. A resposta trazia justificava num contexto incontestemente biológico, onde a superioridade masculina se percebia nas dimensões anatômicas do cérebro e que o ideal de uma mulher perfeita era a nobre missão de ser mãe:

³⁵⁸ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 14 de novembro de 1936, p.4.

³⁵⁹ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 05 de maio de 1934, p.1.

³⁶⁰ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 09 de junho de 1934, p.1.

Os cérebros das mulheres pesam 100 grammas menos que os cérebros dos homens. O homem, sendo dotado de maiores recursos de adaptação ao meio é consequentemente superior á sua companheira. A mulher, Djenane, veiu ao mundo não para governar, mas para uma missão mais nobre: - Ser Mãe! Ser mãe deve ser o ideal de uma mulher perfeita³⁶¹!

A contenda terminaria, pelo menos nas páginas da *Gazeta do Norte*, com o apelo de *Djenane Brandão* às mulheres: *É necessario, patricias, que as nossas actividades não se restrinjam ao ambiente do lar domestico, onde, durante seculos e seculos, nos mantiveram como escravas e prisioneiras... precisamos agir diretamente em todos os sectores do trabalho humano*³⁶². O jornal parecia cumprir o papel de instigar a opinião pública, ainda que o aspecto tradicionalista fosse mais aparente.

Para marcar a década de trinta, quase dez anos após a chegada da ferrovia, ainda que historiadores sustentem que o alarde produzido pelos supostos avanços advindos pela ligação com sul tenham sido desproporcionais às expectativas, o trem de ferro ajudou a impulsionar o ideário moderno montes-clarenses. Para subsidiar uma discussão, apresentamos trecho da crônica de *Olyntho da Silveira*, intitulada *Montes Claros, metropole do norte*, cujo teor demonstra a hipotética pujança local, só possível a reboque dos trilhos da ferrovia:

Montes Claros, que teve o seu desenvolvimento estacionado por muito tempo, de dez annos a esta parte vem ampliando cada vez mais a esfera do seu progresso. E para tal, a Estrada de Ferro deve ser colocada em primeiro plano, pois que, incontestavelmente, sem ela, pouco teria a cidade progredido. E não só Montes Claros, como toda a região norte-mineira e sul-bahiana, se beneficiaram com a vinda dos trilhos áquella cidade, obra de grande esforço do inolvidavel Francisco Sá³⁶³.

Associar o progresso da cidade à estrada de ferro não se constituía numa novidade e, no bojo desse processo, observamos o surgimento e desenvolvimento de elementos modernos, como alguns esportes e a ginástica. Contudo, considerando o aspecto sertanejo que a região carregava, não só geográfica como socialmente e politicamente falando, havemos de considerar o que defende o historiador Cleber Dias (2018b) em sua obra *Esportes nos confins da civilização*:

³⁶¹ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 16 de junho de 1934, p.1.

³⁶² *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 30 de junho de 1934, p.1.

³⁶³ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 31 de agosto de 1935, p.1.

Goiás e Mato Grosso, c. 1866-1936. Nela, o autor questiona e desconstrói o entendimento estanque de que no século XX cidades/regiões rurais e descoladas de um grande centro urbano refletia inevitavelmente suas práticas esportivas.

Enfim, Dias (2018b) relativiza o processo ao afirmar que: ser rural e interiorana imprimia uma demanda própria para, entre outras coisas, o desenvolvimento de divertimentos modernos em locais diferentes. O isolamento não era intransponível, ressaltando-se as devidas proporções:

Ao longo da primeira metade do século 20, portanto, regiões às vezes distantes do que se supõe o centro irradiador de um ideário de progresso e modernidade, pouco ou nada urbanizadas, inteiramente rurais e às vezes, ausentes mesmo de quaisquer vestígios de industrialização, conheceram também uma sociabilidade ligada aos esportes. É questionável, portanto, a equação teórica, tomada já quase como pressuposto, de que haveria uma homologia estrutural inevitável entre esportes e urbanização – a menos que admitíssemos que um vilarejo brasileiro qualquer, em meados da década de 1920 e 1930, com cinco mil e pouco habitantes, ou menos, ocupados quase sempre em trabalhos rurais, muitas vezes sem remuneração em dinheiro, dispersos por territórios às vezes extensos, pudesse ser visto como uma “cidade” onde se experimentava o frenesi de uma vida urbana. Em sentido contrário, é questionável também imagens de atraso e isolamento, que tão caracteristicamente marcam as representações sobre regiões do interior rural brasileiro, que se mantiveram interligados entre si, bem como articulados a outras regiões mais populosas e economicamente mais dinâmicas, além de terem conhecido e praticado com entusiasmo práticas esportivas (DIAS, 2018b, p.33).

Para discutir um cenário de introdução de um esporte moderno em Montes Claros, ressaltamos o advento do basquetebol. Prática originada nos Estados Unidos no final do século XIX, se disseminou para várias partes do mundo durante o século XX, carregando a sua ligação com os jovens da burguesia que se estabelecia como elite, como afirmou Bourdieu (1990) ao analisar os esportes como elemento das sociedades modernas.

Entretanto, cabe lembrar que o ritmo dessa difusão do basquetebol não foi uniforme. Para este entendimento, importa observar o alerta feito por Dias (2018b, p.35), para o autor, “[e]m geral, tenta-se demonstrar que um processo de modernização também esteve em curso nessas regiões, tal e qual nas maiores cidades do país, reservada, quando muito, apenas as devidas proporções”. As primeiras notícias sobre a prática do basquetebol em Montes Claros datam do ano

de 1937, cabendo analisar um certo “atraso” regulamentar para que o dito esporte se estabelecesse na cidade.

Ressaltamos que, em nível mundial, a partir dos Estados Unidos, a atuação da Associação Cristã de Moços (ACM), “[...] demonstrou ter sido primordial para o basquetebol, não apenas porque foi em seu interior que o jogo foi inventado, mas principalmente porque a difusão e sucesso da modalidade foi facilitada pela adesão da prática em suas filiais” (HIRATA; STAREPRAVO, 2016, p.12). Em Montes Claros, coube à *Associação Athletica Atheneu* os primeiros movimentos organizados do basquetebol, originados por representantes da elite local, com o apoio da imprensa da época:

Visando incentivar entre os nossos moços a pratica do «Basket-ball», sport movimentado e emocionante, a «ASSOCIAÇÃO ATHENEU», fez iniciar em 24 do preterito, o seu 1º Torneio Interno, ao qual concorrem os *teams* seguintes: «GAZETA NORTE», «O OPERARIO» e «O BRASIL», tendo como madrinhas respectivamente, as senhorinhas Walkyria Teixeira, Lourdes Oliveira e Yeda Mauricio. O successo obtido pelas duas primeiras partidas, faz nos considerar já victoriosa essa louvavel iniciativa do« ATHENEU», que merece o apoio integral da nossa imprensa e do nosso povo³⁶⁴.

A *Associação Athletica Atheneu* e a *Associação Municipal de Estudos e Atletismo (AMEA)* foram agremiações montes-clarenses fundadas na década de trinta que em seus objetivos assemelhavam-se à já reconhecida Associação Cristã de Moços (ACM), entidade norte-americana que desde a década de 1920 “[...] dispunha de grande prestígio no Brasil, pois contribuía com o processo de formação do homem brasileiro” (MAZO; SILVA; FROSI, 2012, p.170) e também tinha por finalidade promover o desenvolvimento físico e intelectual através das práticas corporais, mas principalmente incentivando o basquetebol e o voleibol, esportes originários dos Estados Unidos. “Os esportes estavam presentes no espaço do associativismo esportivo, para além do seu objetivo final, o da prática em si, mas como instrumento para se chegar a objetivos externos, como representações de modernidade, de identidade etnocultural e de distinção” (SILVA; MAZO, 2015, p.386).

³⁶⁴ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 06 de novembro de 1937, p.4.

Nesse contexto de associativismos esportivos que surgiu o basquetebol em Montes Claros: *O Ateneu, que foi a primeira sociedade esportiva local a praticar o basket-ball e que possui um dos mais fortes conjuntos de basket em todo o Norte de Minas, promoverà brevemente, segundo nos informaram, um torneio, não só de bola ao cesto como também de wolley-ball*³⁶⁵. Podemos inferir que, tanto o basquetebol quanto o voleibol, se ampliavam num ambiente de mudanças de hábitos sociais, inerentes àquele contexto esportivo, mas também higiênico e eugênico. O *Atheneu*, organizada em agosto de 1936, era [...] *uma associação esportiva que tinha por fim aumentar o surto de esportes já praticados e incrementar outros não conhecidos, assim como tratar de melhores conhecimentos social, cultural e esportivo*³⁶⁶ (FIG. 24).

Figura 24 - O “five” do Ateneu era o campeão de bola ao cesto, desta cidade, e também o melhor e mais homogêneo de todo o Norte do Estado.



Fonte: Revista Montes Claros, n.2, novembro de 1940, p.36.

Ambos, *Atheneu* e a *AMEA*, estavam imbuídos de preceitos semelhantes, de desenvolvimento físico e intelectual em prol do progresso da cidade. Segundo Hermes de Paula

³⁶⁵ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 04 de março de 1939, p.4.

³⁶⁶ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 17 de agosto de 1940, p.3.

(1957, p.238), “No Ateneu predominavam os filhos da terra; na Amea, os bancários e outros elementos de fora: ambos, entretanto, incentivados pela rivalidade, aprimoraram-se na prática do esporte e apresentavam jogos magníficos”.

Tal sentimento está explícito no discurso de extinção da nomenclatura *Associação Athletica Atheneu*, feito pelo seu presidente em 1940, quando completava quatro anos de existência e seria anexada pelo *Club Esportivo Montes Claros* (futura Praça de Esportes – Montes Claros Tênis Clube). “O Ateneu chegou a contar com mais de duzentos associados de ambos os sexos, todos entusiasmados, não somente com esporte (basquete, futebol, vôlei, tênis, etc.), como também pelo atletismo” (PAULA, 1957, p.238), ainda assim, seria suprimido.

Encerrou oficialmente a sua função, por ocasião do seu 4º ano de vida, a Associação Athletica Atêneu, passando a aguardar o início das atividades do Club Esportivo Montes Claros, ao qual foi anexada por sugestão do sr. Prefeito Municipal. No dia 17 de Agosto de 1936 ás verdes margens do rio Vieira, uma reduzida turma de rapazes idealisava a fundação de um novo clube em Montes Claros. Nasceu o Atêneu de uma unificação de idéas. Viveu amparado por êsse mesmo ideal e agora depois de quarenta e oito mezes de vida, vem encerrar a sua ação esportiva, consumando o sacrificio do seu proprio nome pela: unidade ao serviço do progresso³⁶⁷.

A ideia de se transferir o ânimo do *Atheneu* para a futura Praça de Esportes parecia uma ação positiva do Prefeito, uma vez que os equipamentos seriam melhores para a prática dos esportes, mas, tornou-se pouco tempo depois, temerário. Por fim, para o memorialista Hermes de Paula (1957, p.238) “[...] o entusiasmo dos rapazes não resistiu ao golpe. Até hoje Montes Claros não conseguiu mais a prática de esportes e atletismo com aquele espírito do Ateneu”.

A fundação da *AMEA* confirma os propósitos alegados para esse tipo de associativismo esportivo. Estava claro que a prática de esportes, aliada aos estudos intelectuais, auxiliariam no progresso da cidade, obviamente, como alegado, contando com os melhores elementos da sociedade montes-clarense de 1938. Por fim, confirmando sua inspiração norte-americana, foi inaugurada com [...] *uma sensacional partida de basket-ball entre a «A.M.E.A. » e a sua valorosa co-irmã «Associação Athletica Atheneu»:*

³⁶⁷ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 24 de agosto de 1940, p.3.

Fundada nesta cidade a Associação Municipal de Estudos e Athletismo – Esta entidade que, criada por um grupo de moços amantes dos sports e dos estudos, tem por finalidade proporcionar aos seus associados a pratica dos exercicios phisicos nas suas variadas especies e encentivar o amor e dedicação aos livros, creando cursos e promovendo conferencias periodicas sobre sociologia, philosphia e literatura, visando sempre o desenvolvimento phisico e intelectual de cada um e contribuir com verdadeiro empenho pelo progresso da nossa cidade. A A.M.E.A, segundo nos informaram os seus dirigentes, deseja colaborar amistosa e cordialmente com todas as suas congengeres já existentes nesta cidade, em tudo o que diz respeito ás suas finalidades, quer na esfera cultural e educativa ou esportiva, e unir cada vez mais as relações de amizade entre os seus associados. A novel sociedade, será dirigida pela seguinte Direção eleita por aclamação: [...] Como se vê, a nova associação que se funda sob os melhores auspícios, conta na sua direcção com elementos de destaque na sociedade, que saberão, estamos certos, tornal-a uma agremiação valorosa e merecedora do apoio da nossa população. Para a sua instalação, que se verificará conjunctamente com a inauguração das installações sportivas do nosso modelar Gymnasio Municipal, a Directoria convida por nosso intermedio ao publico em geral, certa de que, com o seu incentivo, mais facilmente poderá attingir o seu objectivo. No nosso proximo numero, daremos detalhes sobre o programma das festividades a realizarem-se naquelle dia, que terá como fecho uma sensacional partida de basket-ball entre a «A.M.E.A. » e a sua valorosa co-irmã «Associação Athletica Atheneu»³⁶⁸.

Segundo a *Gazeta do Norte*, a solenidade de fundação da AMEA foi cercada de pompas e circunstâncias, notando-se as presenças das principais autoridades da cidade. Juiz da comarca, prefeito, representante do bispo diocesano, reitor e professores do *Gymnasio Municipal*, entre outras, foram as pessoas que compuseram a mesa de honra. Na programação esportiva, o basquetebol: *O jogo principal foi entre as esquadras da «AMEA» e da «AAA». Esse prelio que se desenrolou cheio de lances empolgantes, terminou com a contagem de 24 x 9, favoravel á «AMEA»*³⁶⁹.

No segundo semestre de 1938, há relatos de jogos de voleibol e basquetebol entre equipes da AMEA, do *Atheneu*, do Colégio Imaculada e do próprio *Gymnasio Municipal (Instituto Norte Mineiro de Educação)*, Num dos encontros, foram disputadas partidas de voleibol e basquetebol, [...] *podendo apontar como a grande atração a de volley feminino, que servirá para apresentar ao publico, pela primeira vez, as equipes da A.M.E.A. e do Colegio Imaculada Conceição, ambas integradas de perfeitas manejadoras da pelota e em optimo apuro tecnico*³⁷⁰.

³⁶⁸ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 30 de abril de 1938, p.3.

³⁶⁹ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 14 de maio de 1938, p.1.

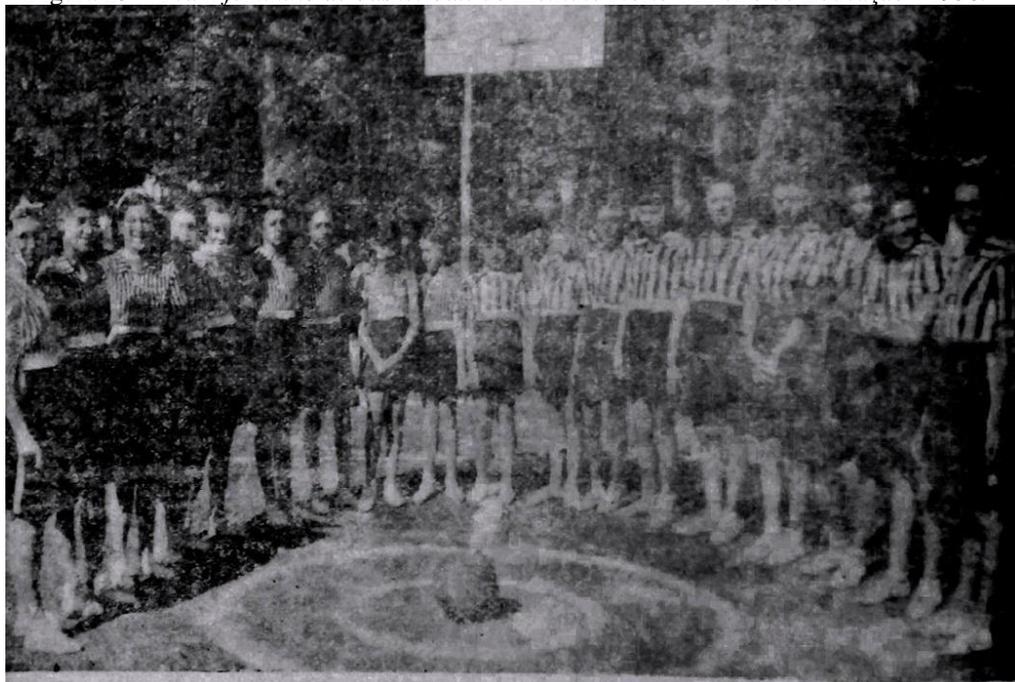
³⁷⁰ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 22 de outubro de 1938, p.1.

Cabe destacar que o Instituto Norte Mineiro de Educação e o Ginásio Municipal de Montes Claros (*Gymnasio Municipal*) eram locais mais adequados para os confrontos esportivos, visto que, no pátio da *Escola Normal* não havia uma quadra poliesportiva apropriada às dimensões oficiais dos esportes modernos. Nos anos trinta, o *Gymnasio Municipal* arrendou o prédio do Colégio Diocesano Nossa Senhora Aparecida, vinculado à Igreja Católica, se reorganizou para melhor atender as necessidades da época, refez instalações e aumentou o corpo docente (PAULA, 1957).

Já o Instituto Norte Mineiro de Educação, fundado em 1936, segundo o memorialista Hermes de Paula (1957), inicialmente funcionou num prédio na praça Dr. Carlos, porém, após reformas internas, mudou-se para a praça Dr. João Alves. O instituto tinha as ginásticas e os esportes como componentes da sua política educativa. Tal estratégia é notada na propaganda da escola veiculada na *Gazeta do Norte*, em dezembro de 1938: Possuindo o *Grémio Lútero-Esportivo Dr. Alvaro Marcilio*, “com inteiro apoio” da *Directoria do estabelecimento*, [...] *Possue para a prática de esportes ótimos campos, sendo o de ginástica obrigatória para os alunos do Ginásio, de Volley-ball e de basket-ball, um sò porém junto ao educandário. [...] É preciso educar e instruir por métodos modernos. A escola deve ser alegre, atraente, amavel e leve*³⁷¹. A foto da equipe de basquetebol feminino da escola trazida no jornal (FIG. 25), além de ser a primeira associada a este esporte na cidade, demonstrava o vínculo da nova prática com o ambiente escolar. Enfim, ambos, educação e esportes associavam-se aos preceitos modernos de desenvolvimento social.

³⁷¹ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 31 de dezembro de 1938, p.3.

Figura 25 - *Team feminino de basket-ball do Instituto Norte-Mineiro de Educação - 1938.*



Fonte: Gazeta do Norte (MG). Sábado, 31 de dezembro de 1938, p.12.

Podemos afirmar que, no final dos anos trinta, nas páginas da *Gazeta do Norte*, seção *Gazeta nos Esportes*, voleibol e basquetebol ocupavam espaços iguais e, por diversas vezes, maior do que o noticiário do futebol, gozando de prestígio nas inserções do jornal. Para confirmar, notamos que as associações esportivas tiveram atividades periódicas em 1939, notadamente os dois esportes norte-americanos, destacando-se no ano, os jogos comemorativos do primeiro aniversário da AMEA, quando aconteceram: [...] *nas quadras do Ginasio Municipal, animadas partidas de bola ao cesto, entre os teams principaes da A.M.E.A e do Ateneu, e de Wolley-ball, entre o six feminino da A.M.E.A. e o do Colegial Esporte Club*, em seguida, a revanche do jogo de basquete aconteceria na inauguração das [...] *otimas quadras de Volley e basket da União Operaria Esporte Club*³⁷².

No ano de 1939 a cidade contava com duas praças esportivas apropriadas ao basquete e ao vôlei, no *Gymnasio Municipal* e no Instituto Norte Mineiro. Contudo, no meio do ano foi estabelecida a quadra da recém-inaugurada *União Operaria Esporte Club*, que a *Gazeta do Norte* reportou: *Inaugurando a otima quadra de basket-ball do União Operaria Esporte Club, em sua*

³⁷² Gazeta do Norte (MG). Sábado, 29 de abril de 1939, p.3.

*sede, á rua Bocaiúva, realizou-se animada partida desse esporte, entre os quadros do Ateneu e da A.M.E.A*³⁷³.

Nesse cenário de profusão de equipamentos adequados aos esportes modernos, talvez provocada e incentivada pelo momento, a Associação Atlética Ateneu, ainda em 1939, anunciava a construção da sua praça de esportes na *Gazeta do Norte*:

Foi quem introduziu nesta cidade o basket-ball, o violento e elegante esporte da cesta, já iniciou os trabalhos de sua praça de esportes, que contará com quadras para wolley e basket-ball, além de locais que servirão á prática de outros esportes. [...] O novo campo do Ateneu está sendo construído em um grande terreno, já murado, situado á rua D. Veloso. [...] É mais um passo dado em favor do esporte montesclarensense, de que tem sido o Ateneu um grande e entusiasta animador³⁷⁴.

A coluna esportiva da *Gazeta do Norte* anunciou em 1940: *Montes Claros possui atualmente 6 ótimas quadras de basket-ball, destacando-se as do estádio da Rua Dezembargador Veloso e do Instituto Norte Mineiro*³⁷⁵. Possivelmente, devido a importância que vinha se constituindo à época, o basquete montes-clarensense teve o seu primeiro jogo intermunicipal em março de 1939, quando a cidade foi visitada pelo *Curvêlo Tennis Club*, da cidade de Curvelo, para enfrentar um selecionado constituído por jogadores da *AMEA* e do *Ateneu*:

A cidade assistirá, no proximo dia 19 do correspondente, a um espetáculo esportivo de altas proporções quando o quadro de basket-ball do Curvêlo Tennis Club enfrentará á um *team* de cestobolistas da cidade, no Campo do Instituto Norte Mineiro de Educação. Para esse prelio já foram convocados elementos da associação Municipal de Estudos e atletismo e da Associação Atletica Ateneu, que formarão o quadro que representará a cidade frente ao Cuvêlo, que vem precedido de grande fama, justificada pelo alto conceito que goza o Curvêlo Tennis Club, e a alta classe de seu jogadores³⁷⁶.

Se uma equipe da cidade de Curvelo esteve jogando basquete em Montes Claros, em julho de 1940 foi a vez de Januária visitá-la para jogar vôlei na nova quadra da, já antiga, A. A. Ateneu. Sobre o encontro, denotando a característica amadora e a vinculação elitista que o esporte

³⁷³ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 06 de maio de 1939, p.3.

³⁷⁴ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 22 de julho de 1939, p.4.

³⁷⁵ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 28 de setembro de 1940, p.3.

³⁷⁶ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 04 de março de 1939, p.4.

moderno carregava, a *Gazeta do Norte* descreveu que *[m]omentos de sensações foram vividos pela numerosa assistência que compareceu á quadra da ex-Associação Atlética Ateneu afim de assistir aos encontros de voleibol, entre o Club dos 40, de Januaria e o combinado dr. Antonio Teixeira de Carvalho. [...] Com a presença honrosa do Sr. Prefeito e inúmeras pessoas da nossa alta sociedade*³⁷⁷.

Neste ano específico, sobre a prática do voleibol em Montes Claros, uma constatação da *Gazeta do Norte* chama a atenção: *Em estatística levantada ha poucos dias, verificou-se que cerca de 60 pessôas praticam o volei-ból nesta cidade, diariamente*³⁷⁸. O grande número de praticantes para a época se refletia na quantidade de partidas realizadas na cidade, ao ponto de o jornal surpreender-se com o mês de julho de 1940, atestando a ampliação do esporte na cidade: *Durante este mês foram realizadas 5 partidas oficiais de wolley, o que prova o grande desenvolvimento desse esporte em nosso meio*³⁷⁹.

Consolidando a prática do vôlei na cidade, escolas organizavam campeonatos internos, como no Colégio Imaculada Conceição³⁸⁰ e no *Gymnasio Municipal*³⁸¹. Possivelmente, em função dessa ampliação, em 1941, a recém instituída *Federação Montesclareense de Esportes*, promoveu o primeiro campeonato de vôlei masculino e feminino da cidade: *O estadio do Ginasio foi pequeno para conter a enorme multidão que lá compareceu para assistir a mais bela manhã esportiva montesclareense*³⁸². Entretanto, aumentar o número de adeptos suscitava a manutenção, ou mesmo aprendizagem, de códigos de condutas próprios dos esportes, ou seja, o advento do público assistente nos jogos de vôlei, talvez provocado pelo universo do futebol, também esquentava os ânimos, pois a ingenuidade e características “delicadas” já não existiam.

Numa rodada do campeonato, a equipe masculina do Instituto Norte Mineiro jogava contra o *Aeroclub*. No instante em que o placar apontava empate em 14 a 14, após um lance duvidoso, “[...] os espectadores invadem o campo exigindo a invalidade do ponto e coagindo a

³⁷⁷ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 06 de julho de 1940, p.3.

³⁷⁸ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 24 de setembro de 1940, p.3.

³⁷⁹ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 27 de julho de 1940, p.3.

³⁸⁰ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 31 de agosto de 1940, p.3.

³⁸¹ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 26 de outubro de 1940, p.3

³⁸² *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 16 de agosto de 1941, p.3.

*autoridade maxima a fazê-lo*³⁸³. A atitude da torcida produziu uma situação nova no ambiente do vôlei: os “sururus”, confusão comum, à época, no futebol. A *Gazeta do Norte* reproduziu o incidente e repreendeu a assistência, porque a “educação esportiva” deveria ser inerente ao progresso do esporte:

A Educação esportiva é um fator imprescindível no bom andamento e no progresso de um “associaton”. Esse campeonato de vôlei que a F.M.E. está promovendo veio por em evidencia o que, sobremodo, nos falta – A EDUCAÇÃO ESPORTIVA – Mas nota-se de uma maneira algo interessante, que aquele fator tão necessario ao progresso dos esportes, não afeta em absoluto, aqui em Montes Claros, aos jogadores, mas sim a torcida! [...] Todo aquele brilho, entretanto, foi eclipsado quando a assistencia entendeu de intervir diretamente no jogo. Formava-se de quando em vez, uma cousa parecida com um desses classicos “sururus” de futebol. [...] Essas cousas desagradaveis deverão ser banidas do nosso esporte. A assistencia deverá inteirar-se de sua parte num jogo – estimular os preliantes e não apurar as autoridades fazendo-as tomar atitudes indecisas³⁸⁴.

Na semana seguinte, o tumulto do jogo seria pauta de reunião da *Federação Montesclareense de Esportes: De inicio o delegado escalado pela F.M.E. fez a leitura do seu relatorio, o qual, logo após, entrou em discussão. Nada ficou deliberado. Aliás, parece-nos, apenas uma cousa ficou deliberada, a morte da F.M.E*³⁸⁵.

Após os incidentes, a federação voltaria às atividades sob forte crítica da *Gazeta do Norte: Achamos que seria conveniente que a entidade maxima do nosso esporte, antes do reinicio do campeonato, aprovasse os estatutos que aliaz foram elaborados com muito criterio e bastante entendimento das regras esportivas do Paiz por parte de seus organizadores*³⁸⁶. Em resumo, a história do vôlei em Montes Claros adquiria contornos bem diferentes do seu início escolar e restrito às mulheres, nos anos 1940, o cenário é composto por homens e mulheres praticando nas escolas, associações e por competições gerenciadas por um órgão esportivo.

Ainda que ponderemos as considerações defendidas por Cleber Dias (2018b, p.37), quando argumenta que no Brasil “[...] predomina ainda o modelo que supõe a difusão histórica dos esportes a partir de um ou dois pontos específicos, que seriam, portanto, lugares privilegiados para

³⁸³ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 06 de setembro de 1941, p.4.

³⁸⁴ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 06 de setembro de 1941, p.4.

³⁸⁵ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 13 de setembro de 1941, p.4.

³⁸⁶ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 20 de setembro de 1941, p.3.

a compreensão do seu desenvolvimento”, na ampliação social e urbana montes-clarense observada na primeira metade do século XX, notamos também o alavancar dos esportes modernos na cidade. Entendemos que, ao passo que entidades como escolas e associações vão surgindo no período, algumas práticas esportivas originam-se e outras incrementam-se, normalmente tendo o progresso e da civilidade como justificativas paralelas. Esse cenário seria marcado, com mais ênfase, com a construção da Praça de Esportes Minas Gerais.

5.2 A grande Praça de Esportes: *Berço de uma nova geração! Molde para os homens de amanhã!*

Símbolo desse projeto de modernidade pelos divertimentos, a Praça de Esportes seria anunciada pelo governador do Estado Benedito Valadares, durante a visita à cidade em janeiro de 1939, e estabelecida no Prado Oswaldo Cruz. A partir dela, notamos que o discurso político vinculado ao esporte esteve mais evidenciado nas reportagens da *Gazeta do Norte*, e as práticas esportivas modernas alicerçaram-se nos equipamentos da nova praça esportiva. O advento desse novo espaço marcaria a história dos divertimentos local.

Montes Claros terá dentro em breve uma magnífica praça de sports que vai ser uma das maiores e melhores do Estado. O Governador Benedito Valadares, em sua recente estadia em nossa cidade, autorizou a construção do grande campo esportivo, que será localizado, no Prado Oswaldo Cruz e constará de uma esplendida piscina, estádio de foot-ball com arquibancadas, campos de voleybal, tenis, basket-bal e piscina infantil³⁸⁷.

A grande Praça de Esportes se justificava devido ao apelo político e, também, em função da estratégia política assumida pelo governo de Getúlio Vargas, impondo às atividades físicas fins extensivos a elas, como um meio para a conquista da saúde e a aquisição da pureza da raça brasileira.

Sobre estas finalidades, notamos que a *Gazeta do Norte* foi um veículo divulgador. Percebemos tal intenção do periódico num artigo publicado sobre o tema em 1940. Escrito por um militar-médico montes-clarense para a revista “Educação”, do Rio de Janeiro, narrava ser dedicado

³⁸⁷ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 07 de janeiro de 1939, p.1.

à expansão da educação física no Brasil, destacando as funções morais, higienistas e eugenistas que as práticas poderiam produzir nos sujeitos:

O distinto tenente-medico montesclarenses, escrevendo sobre Medicina e educação física abordou de forma elegante e interessante o problema, encarecendo a pratica do esporte e atletismo como fatores decisivos da pureza da raça, não só sob o aspéto físico como moral e intelectual, salientando o papel do medico que adôta o esporte, mesmo como meio elevado de saude e eugenia³⁸⁸.

Antes da sua inauguração, à luz dos anos quarenta do Estado Novo da Era Vargas, são veiculadas na *Gazeta do Norte* o que o futuro empreendimento causava de expectativa. São reportagens que denotavam a grandiosidade das instalações, o orgulho que a cidade deveria sentir, a mudança e a formação de uma geração de montes-clarenses fortes e invencíveis:

Foram iniciados, nesta semana, os serviços da magestosa praça de esportes que será constuida pelo Estado em nossa cidade e que vae ser edificada no Prado Oswaldo Cruz³⁸⁹. A nossa praça de esportes, esse grande melhoramento que vae constituir um motivo de legitimo orgulho para os montesclarenses, está tendo os seus serviços intensificados, já apresentando um imponente aspéto, de onde se pòde aquilatar o que serà esse grande empreendimento³⁹⁰.

Hoje graças ao benemerito espirito realizador do nosso ilustre Prefeito, o velho «Prado Oswaldo Cruz» já é digno de uma visita de honra porque mostra um longo passo dado para o nosso progresso. É que ali se vê, erguendo-se magestosa, bela e imponente é uma elegante e moderna «praça de esportes» ou melhor, a concretisação de uma palavra nobre, cumprida para o bem de um povo que trabalha e merece. Graças a essa realização brilhante, ninguém poderá dizer logo mais que Montes Claros é uma terra sem diversões e mesmo sem «Domingos». [...] E ainda mais, no futuro, uma geração forte e alegre marchará amparada pelos cuidados que logo lhe serão prestados. E, se essa geração, não descuidar de si mesma, terá em mãos uma arma poderosa para ser forte e invencivel³⁹¹.

A *Gazeta do Norte*, principal veículo da imprensa local do período, em suas reportagens a respeito dos esportes modernos, propagava a ideia da incursão de novos hábitos de vida que a população deveria adaptar-se. Se considerarmos que a maioria dos esportes são “importados”, havemos de conjecturar que, aprender ou simplesmente ter notícias sobre as suas

³⁸⁸ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 30 de novembro de 1940, p.3.

³⁸⁹ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 15 de abril de 1939, p.1.

³⁹⁰ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 01 de junho de 1940, p.1.

³⁹¹ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 08 de junho de 1940, p.3.

regras e características era algo que o jornal já fazia constantemente. Tais costumes novos refletiriam num “agir moderno” e, assim, vincular-se à essa moda podia ser observado na veiculação de propagandas, por exemplo.

Provavelmente devido a este cenário social “esportivizado” que se instalava, é que a empresa norte-americana *Gillette*, numa campanha publicitária nos anos 1940 e 1941 (intitulada *Sport – fator de saúde*), muitas das vezes ocupando uma página inteira da *Gazeta do Norte*, para oferecer o seu produto, vinculava a apresentação de um esporte ao que o seu objeto poderia supostamente promover ao comprador (QUADRO 5). A empresa, que ainda continua em atividade nos dias atuais, como marco histórico, diz ter sido a primeira a apostar no marketing esportivo e o

consumidor masculino, quando, em 1910, associou a sua marca a famosos jogadores de *baseball* dos Estados Unidos³⁹².

Quadro 5: Trechos dos escritos da propaganda da Gillette, associando o homem moderno ao seu produto através do esporte.

Esporte	Suposta ligação com o produto Gillette
<i>Jiu-jitsu</i>	“Simples e eficiente como o jiu-jitsu, um aparelho de barbear Gillette é também um meio seguro de defesa... contra infecções no rosto” ³⁹³ .
<i>Basket-ball</i>	“Foi também em Massachussets, na cidade de Boston, que C. Gillette inventou o aparelho de barbear que tornou o seu nome símbolo de eficiente e pratica, Gillete surgiu para tambem conquistar popularidade universal” ³⁹⁴ .
<i>Box</i>	“Proteger o rosto dos golpes do adversario é o cuidado constante do boxeur. Cuidado identico devem ter os que se barbeiam, contra os talhos no rosto, que muitas vezes resulta em perigosas infecções” ³⁹⁵ .
<i>Volley-ball</i>	“Outra invenção americana que se difundiu com extraordinaria rapidez, por ser tambem suave e economica, foi o processo Gillette de fazera barba” ³⁹⁶ .
<i>Arremesso de Peso</i>	“O barbear se requer tambem estylo pessoal – um modo proprio, que só a Gillette póde offerecer” ³⁹⁷ .
<i>Corrida com obstaculos</i>	“Na “corrida” matinal da toilette para o trabalho, quem ainda não experimentou um aparelho Gillette, considera a barba um “obstaculo” dificil de transpôr” ³⁹⁸ .
<i>Remo</i>	“A diferença entre uma galera antiga e um moderno “out-right” é a que existe entre um supplicio e um prazer. A mesma diferença se observa entre o antigo methodo de barbear e o que veio offerecer ao mundo a moderna navalha de segurança Gillette. Tal como o actual barco de regata, Gillette é um producto da technica e da civilização” ³⁹⁹ .
<i>Montanhismo</i>	“A escalada das montanhas é um sport emocionante e saudavel. [...] Para maior segurança, tambem, a experiencia diária de milhões de homens no mundo inteiro recomenda-se fazer a barba em casa com Gillette” ⁴⁰⁰ .
<i>Natação</i>	“A natação é um dos sports mais indicados para a juventude. Como meio de cultura physica, é completo” ⁴⁰¹ .
<i>Gymnastica</i>	“Para sahir de casa disposto, com uma physionomia atraente, deve o homem moderno fazer tres coisas, [...] gymnastica, o banho e a barba” ⁴⁰² .

³⁹² 'o marketing esportivo é estratégico para o avanço da marca', afirma executivo da Gillette. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/esportes/o-marketing-esportivo-e-estrategico-para-o-avanco-da-marca-afirma-executivo-da-gillette>>. Acesso em: 16 set. 2018.

³⁹³ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 22 de junho de 1940, p.3.

³⁹⁴ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 29 de junho de 1940, p.2.

³⁹⁵ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 10 de agosto de 1940, p.2.

³⁹⁶ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 07 de setembro de 1940, p.2.

³⁹⁷ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 10 de setembro de 1940, p.3.

³⁹⁸ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 19 de outubro de 1940, p.2.

³⁹⁹ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 02 de novembro de 1940, p.4.

⁴⁰⁰ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 07 de fevereiro de 1941, p.2.

⁴⁰¹ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 20 de dezembro de 1941, p.5.

⁴⁰² Gazeta do Norte (MG). Sábado, 21 de fevereiro de 1941, p.2.

Na *Gazeta do Norte*, é nítido que a *Gillette* pretendeu vender o seu aparelho barbeador alinhando-o ao homem moderno através do esporte. Como estratégia mercadológica, ao utilizar do jiu-jitsu (FIG. 26), basquete (FIG. 27), boxe, vôlei (FIG. 28), atletismo, golfe, futebol americano e remo, ao mesmo tempo, promovia noções de saúde, higiene e civilidade pela publicidade no jornal.

Figura 26 - Anúncio da Gillette apresentando o jiu-jitsu.

Sport factor de SAÚDE

JIU-JITSU

Posição inicial de uma luta.

Queda no solo e imobilização absoluta do adversário preso pelas costas.

Ataque com torção do pulso e contra-ataque com chave de braço, queda o uma violenta chave de pescoço.

Contra-ataque resultando em queda e imobilização pela torção do pulso. Note-se o papel das pernas do contra-atacante.

Movimento inicial. Chave de pescoço, aparentemente irrealizável.

Contra-ataque. A vítima do chute curva-se para a frente, passando o atacante sobre o seu corpo.

Fase final. Queda do atacante, seguida de torção do pé e da tornozela. O atacante mantém a chave de pescoço.

Ataque eficiente.

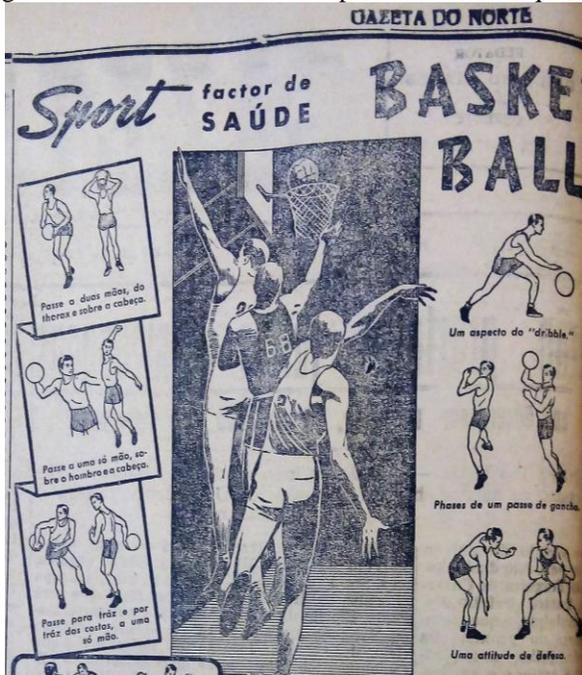
Queda violenta.

ASSIM era chamado, no Japão antigo, o conjunto de regras de defesa pessoal praticada pelos guerreiros. O jiu-jitsu, regulamentado em 1880, baseia-se na vulnerabilidade do corpo, visando os músculos, ligamentos e centros nervosos, para imobilizar o adversário. O jiu-jitsu requer uma dieta adequada e saúde perfeita. O lutador deve ser cauteloso, pois há golpes mortais. Como meio de cultura física, o jiu-jitsu dá ao corpo um desenvolvimento uniforme, ao mesmo tempo que assegura uma defesa pessoal eficiente e simples. Simples e eficiente como o jiu-jitsu, um aparelho de barbear Gillette é também um meio seguro de defesa... contra infecções no rosto. Defenda sua saúde! Faça a barbear-se em casa, com lâminas Gillette Azul rigorosamente asépticas.

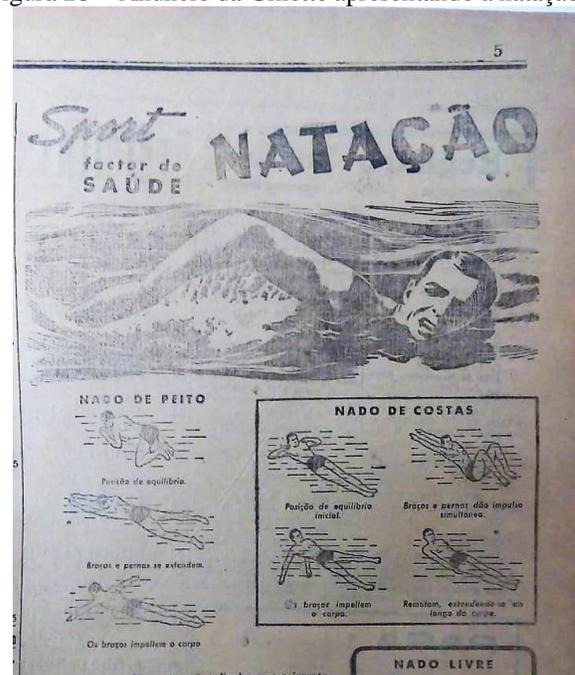
Gillette
Caixa Postal 1297 - Rio de Janeiro

Fonte: *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 22 de junho, 1940, p.3.

Figura 27 - Anúncio da Gillette apresentando o basquete. Figura 28 - Anúncio da Gillette apresentando a natação.



Fonte: Gazeta do Norte (MG). Sábado, 08 de outubro, 1941, p.3.



Fonte: Gazeta do Norte (MG). Sábado, 20 de dezembro, 1941, p.5.

A propagação dos temas esportivos na *Gazeta do Norte*, explorados pelo viés comercial, indicava o quanto os esportes já penetravam numa parcela da sociedade via imprensa, algo improvável em anos anteriores. Como exposto por Meinicke (2011, p.2), sobre a história da imprensa esportiva carioca, um dos centros irradiadores dos princípios da modernidade no Brasil, quando os esportes foram entendidos como um possível promotor de civilidade e de ordem, passaram a ter mais importância para as pessoas, notadamente para as elites:

Os jogos de caráter esportivo foram abençoados pelas organizações médicas, que passaram a pregar sua prática junto à imprensa e às famílias. Rapidamente essas atividades físicas começaram a fazer parte do receituário de uma vida “civilizada”, um tipo de vida que foi moda nos anos 1920, sendo seus praticantes conhecidos como *sportmen*. Como toda novidade que chegava ao Brasil, a prática esportiva se tornou inicialmente um hábito das classes mais altas da sociedade carioca, mesmo que as camadas menos favorecidas de certa forma já as exercessem devido ao trabalho braçal em diversas atividades laborais. Nesse momento, a prática de esportes passou a ser encarada como uma forma de mostrar superioridade social e moral.

No final dos anos trinta e início dos quarenta, noticiar eventos e práticas esportivas tornou-se mais frequente nas páginas da *Gazeta do Norte*. Naquela ocasião, durante as comemorações do décimo aniversário do Estado Novo, cada vez mais, política e esportes estavam associados, vinculados pelo interesse de penetração social que as práticas físicas modernas produziam:

Em comemoração á data de 10 de novembro, décimo aniversario do Estado Novo, a cidade assistirá a várias provas esportivas, numa festa cívica-esportiva que já conta com o apoio do Prefeito Municipal, dos clubes da cidade e da sociedade em geral, sendo a renda obtida destinada às obras da nova Catedral⁴⁰³.

À medida que se popularizavam, mesmo que especialmente nas camadas elitizadas da cidade, a imprensa exploraria o tema em suas seções esportivas. Essa característica da imprensa já era observada no Rio de Janeiro desde o início do século XX. Na Capital Federal, bem antes de Montes Claros, “[...], revistas de variedades incluem em suas pautas a prática esportiva como exemplo de vida saudável e os jornais se vêem obrigados a noticiar as competições e torneios que ocorriam na cidade (MAINICKE, 2011, p.2).

Uma das novidades da Praça de Esportes, que seguia em construção em 1940, foi a sua piscina. Entretanto, o advento desse equipamento suscitava a preparação das pessoas para o seu uso, pois não existiam piscinas nas associações esportivas, até então, e educar a mocidade para a prática da natação constituía-se num desafio. Nesse processo, destacou-se o senhor José Laércio de Oliveira que, além de responsável pela seção esportiva da *Gazeta do Norte*, proveu a sociedade de informações sobre o futuro esporte da piscina, antes mesmo da sua inauguração. O seu conhecimento advinha do Minas Tênis Clube (MTC), agremiação esportiva da capital do Estado:

Seguirá na proxima segunda-feira para a capital do Estado, onde vae receber o seu diploma do Curso de Natação instituido pelo Minas Tennis Club, o nosso distinto conterraneo e conhecido sportman José Laercio de Oliveira, a quem está entregue a direção da sessão

⁴⁰³ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 02 de novembro de 1940, p.3.

esportiva desta folha. O nadador montesclarenses que obteve aprovações lisonjeiras naquele curso, ministrará o ensino de natação em nossa piscina da Praça de Esportes⁴⁰⁴.

Importante frisar que a formação de profissionais para atuarem em outras localidades do Estado era função do Minas Tênis Clube, política pública instituída no governo de Benedito Valadares.

Por força do Decreto-Lei n. 150, o MTC deveria assumir novas atribuições, dentre elas a responsabilidade da formação de monitores para o ensino e treinamento de exercícios físicos e esportes em geral. Com essas atribuições, o governo mineiro buscou assegurar uma forma de promover a expansão de cursos de treinamento de profissionais, que, no exercício de suas funções, fossem capazes de inculcar nos jovens valores cívicos e morais, inerentes à organização social que se pretendia legitimar. A necessidade de formar especialistas levou o MTC a manter, em suas dependências, cursos destinados à formação de monitores para atuarem em outros clubes, praças de esportes e colégios da cidade, pois ainda não existia curso de graduação de professores de Educação Física em Belo Horizonte (RODRIGUES *et al.*, p.39).

A inauguração experimental da piscina da praça de esportes foi, segundo José Laércio de Oliveira, o marco fundante do novo clube. Para o colunista esportivo da *Gazeta do Norte*, o equipamento seria o símbolo de *uma nova época esportiva em Montes Claros!* E a mocidade deveria render agradecimentos ao governador do Estado e ao prefeito municipal:

Está fincado o marco inicial de uma nova época esportiva em Montes Claros! A inauguração experimental da nossa piscina no domingo ultimo, constitui a mais sensacional nota esportiva de nossos dias. Foi um acontecimento soberbo e verdadeiramente sensacional. Cerca de cem nadadores, movendo-se nas águas azuladas da grandiosa piscina! Ainda em acabamento o quadrilátero da água foi palco de uma grandiosa exibição esportiva. E no alvoroço, na alegria, no belo conjunto apresentado pela mocidade despertada, via-se perfeitamente, o reflexo de uma sincera gratidão ao Governo, ao grande amigo de Montes Claros, dr. Benedito Valadares, que confirma a sua palavra dada ao nosso povo, quando nos prometeu a esplendida praça esportiva⁴⁰⁵.

⁴⁰⁴ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 27 de julho de 1940, p.3.

⁴⁰⁵ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 24 de agosto de 1940, p.3.

Contudo, para o uso da nova piscina (FIG. 29), José Laércio de Oliveira decidiu publicar notícias sobre a prática da natação, observadas em números da *Gazeta do Norte* anteriores à sua inauguração. Podemos citar trechos das incursões informativas do mencionado *sportman*, em pelo menos três edições do jornal:

Nenhum outro esporte conseguiu maior desenvolvimento do que a natação, nestes últimos anos. Sendo ele um esporte que vem desde remotas éras acompanhando o homem no seu desenvolvimento, não só pela necessidade instintiva de se defender como pelo seu valôr: natural e aceitavel e o seu rápido progresso nos circulos esportivos do Mundo⁴⁰⁶.

Para usufruir dos beneficios que a natação oferece, não é preciso técnica. Basta locomover-se nagua para estar ganhando uma serie de vantagens físicas. Esta é uma das maiores vantagens que a natação oferece ao seu praticante⁴⁰⁷.

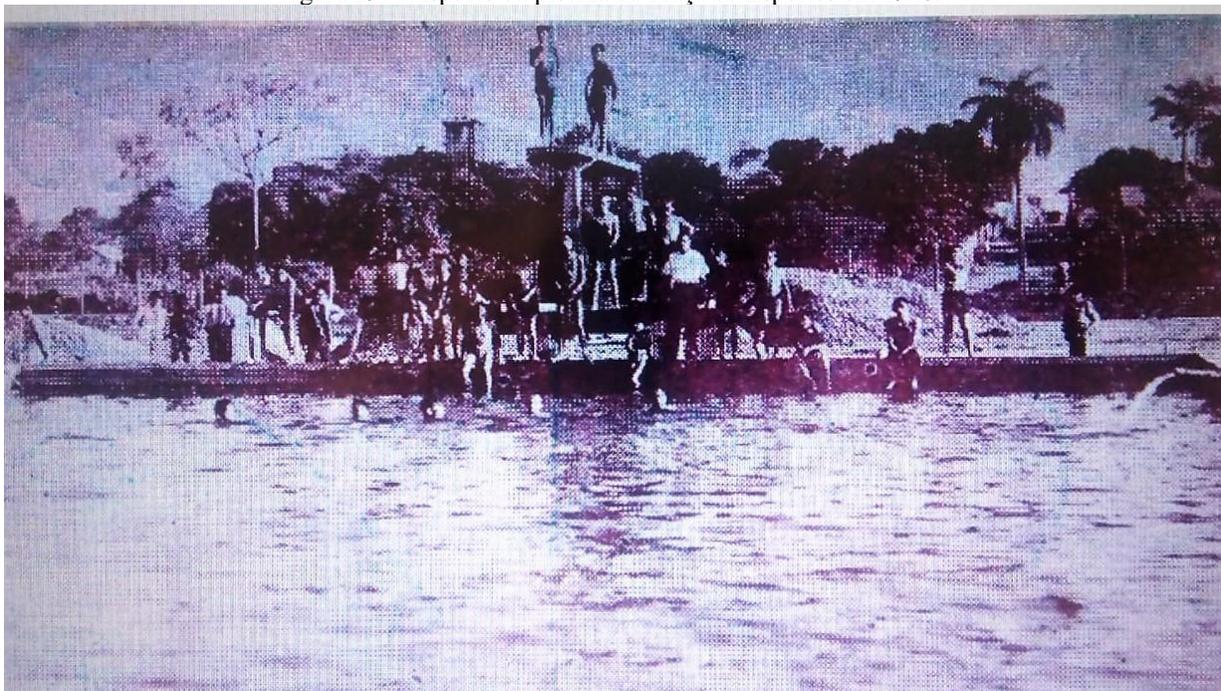
Conselhos práticos para o aprendizado desse util e salutar esporte – Quando do movimento que teve a piscina durante os dias que estive á disposição de um grupo de rapazes, tivemos ocasião de reparar, em relação aprendizado e à correção do estilo, que muitos dos nossos jovens são dotados de uma ótima inclinação enquanto que outros excessivamente sem força de vontade. Um dos fatores de grande influencia para o progresso da natação é a assiduidade, principalmente quando esta entra em cooperação com a força de vontade que é a chave principal do segredo de se alcançar um rápido progresso em pouco tempo⁴⁰⁸.

⁴⁰⁶ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 22 de junho de 1940, p.3.

⁴⁰⁷ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 20 de julho de 1940, p.3.

⁴⁰⁸ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 28 de setembro de 1940, p.3.

Figura 29 - Aspecto da piscina da Praça de Esportes em 1940.



Fonte: Revista Montes Claros (MG), n.2, outubro de 1940, p.36.

José Laércio de Oliveira⁴⁰⁹, via *Gazeta do Norte*, constituiu-se num porta-voz dos benefícios que a prática esportiva poderia promover, pois defendia ser a praça: *Berço de uma nova geração! Molde para os homens de amanhã!* Conveniente notar que, sua postura coadunava-se com os preceitos políticos governamentais em voga no país. A forja de uma nova geração de brasileiros, segundo ele, seria alcançada através do [...] *esporte moderno [...] baseado na medicina, na pedagogia e na psicologia*. Enfim, naquele momento, a Praça de Esportes poderia formar [...] *homens inteligentes e moralizados, desenvolvendo [...] a educação tríplice: - física, moral e intelectual*:

⁴⁰⁹ José Laércio de Oliveira foi um dos organizadores da Praça de Esportes de Montes Claros, porém, logo em seguida, sua atuação também foi destacada na “reorganização” da Praça de Esportes de Uberlândia, cidade onde trabalhou como professor de Educação Física e contraiu matrimônio em 1944, retornando para Montes Claros em 1945 (O Estado de Goiaz (MG). Quinta-feira, 28 de dezembro de 1944, p.13; Correio de Uberlandia (MG). Domingo, 04 de março de 1945, p.4; O Estado de Goiza (MG). Quarta-feira, 07 de março de 1945, p.1; Correio de Uberlandia (MG). Terça-feira, 13 de março de 1945, p.2).

Praça de Esportes - José Laercio de Oliveira - Os dias vão passando... E dia a dia vai se tornando monumental e gigantes a “Praça de Esportes” Montes Claros. Um progresso constante ali assinala o trabalho incansável do Prefeito e dos administradores da “Praça”. Não é um estádio Olímpico, é apenas, uma Praça de Esportes. E Praça de Esportes quer dizer: - escola de formação de gente forte e sadia! Berço de uma nova geração! Molde para os homens de amanhã! Quem contempla e analisa uma Praça de Esportes, vê que ela é tão importante e impressindível na época atual, quanto às escolas de intelecto, quanto às escolas de moralidade. E ainda mais. Além de fortes e sadios, a Praça de Esportes faz homens inteligentes e moralizados. Enfim, desenvolve a educação tríplice: - física, moral e intelectual. A pessoa que faz esportes, orientada por médicos e monitores competentes tende a desenvolver e superar o homem de ontem, porque, o esporte moderno é baseado na medicina, na pedagogia e na psicologia. Quem faz esportes é triplicamente forte! E quem trabalha pela causa esportiva faz triplicamente pelo engrandecimento de um Brasil forte e sadio. Isto é, o Brasil presente e futuro⁴¹⁰!

A sensibilização da população, estrategicamente promovida pela *Gazeta do Norte*, buscando despertar o interesse dos futuros desportistas, promovendo as finalidades progressistas e civilizatórias modernas através da prática da educação física e dos esportes, auxiliaria no uso do novo equipamento, construído pelo governo do Estado de Minas Gerais e cedido para o Clube Montes Claros, com mediação da prefeitura municipal.

Assim, a constituição da gerência da Praça de Esportes seguiu trâmites políticos e também sociais, uma vez que, além de ter sido cedida para um clube social da cidade pelo Prefeito, com anuência do Governador⁴¹¹, deveria compor [...] *o plano estadual, em pról do desenvolvimento esportivo do Paiz*. Desta forma, supostamente, Montes Claros resolveria [...] *o problema da educação física dos seus filhos*:

Para tratar de assuntos relativos á Praça de Esportes, reuniu-se sabado ultimo, a Diretoria do «Clube Montes Claros», em sua sede social. A convite do sr. Prefeito Municipal tomaram parte na reunião os srs. Sebastião Mendes e José Laercio de Oliveira. De inicio falou o sr. Prefeito que manifestou o seu desejo de, por sugestão do Governado do Estado, entregar a «Praça de Esportes» ao Clube para cuidar da parte administrativa, de acordo com o plano estadual, em pról do desenvolvimento esportivo do Paiz. [...] Criado o Departamento Esportivo do «Clube Montes Claros», esta cidade fica com o problema da educação física dos seus filhos, resolvido. Está preenchida uma lacuna que já se fazia demorada. Muito se pode esperar da administração do Clube em beneficio de Montes Claros. Temos em sua Diretoria, elementos capazes, empreendedores e resolutos para

⁴¹⁰ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 31 de agosto de 1940, p.3.

⁴¹¹ O Decreto Lei nº 809, de 30 de outubro de 1941, sancionado pelo governador do estado de Minas Gerais Benedito Valadares Ribeiro, “Autoriza a cessão ao «Clube Montes Claros» do uso e gozo da «Praça de Esportes Minas Gerais»

trabalhar em prol do desenvolvimento de nossa terra em todos os seus ramos de atividades quotidiana⁴¹².

INFORMAÇÕES NECESSARIAS A PRAÇA DE ESPORTES - Para que abrangesse todas as pessoas interessadas na prática de esportes, foram criadas diversas categorias sociais, a fim de que nenhuma pessoa deixasse de fazer parte da Praça. Desde a criança ao casado com filhos adultos, todos têm sua categoria prevista nos estatutos. Para se fazer sócio da Praça de Esportes torna-se necessário preencher claramente os quesitos do questionário e fazê-lo acompanhar dos documentos exigidos, assim como das fotografias⁴¹³.

Segundo a nota anterior, que trazia informações sobre o funcionamento da Praça, a diretoria decidiu pelas seguintes categorias esportivas: infantil, juvenil, senhoras e senhorinhas maiores de 15 anos, universitária, rapazes maiores de 17 anos, casal com filhos até 17 anos, casal com filhos com mais de 17 anos. Nota-se que, para fins de demarcação dos valores a serem cobrados nas mensalidades dos frequentadores, a imediata explicação: *Baseando-se no Minas Tennis Clube, este assunto foi resolvido com facilidade, sendo adotado aqui um desconto de 50% sobre as taxas cobradas naquele clube da capital*⁴¹⁴. Não foi possível afirmar se os valores limitavam e elitizavam os frequentadores do clube, contudo, supomos ser um aspecto divisor de classes, pois dispor de condições financeiras para o divertimento era privilégio de uma camada da população.

Em edição posterior, continuando a série de informações sobre a Praça de Esportes, o jornal esclareceu sobre o acesso às dependências do clube e os horários de funcionamento que, depois de alguns estudos ficou da seguinte forma:

O horário de funcionamento da Praça de Esportes foi organizado de tal maneira, que facilitará a todos a prática dos esportes sem prejuízo para as classes trabalhistas. Depois de alguns estudos, o horário ficou estipulado da seguinte forma: Das 6 às 11 horas a Praça poderá ser frequentada pelos sócios em geral. Das 14 às 16 horas exclusivamente para o Departamento Feminino. Das 16 às 18 horas para os sócios em geral. Aos domingos será único o expediente para todos os sócios, das 7 às 12 horas. Às segundas-feiras a Praça terá, somente, o expediente da tarde, isto é, das 14 às 16 horas para o Departamento Feminino e das 16 às 18 horas para os sócios em geral. A falha que se verifica, entre domingo e segunda-feira, é destinada à limpeza da piscina e dos campos em geral⁴¹⁵.

⁴¹² Gazeta do Norte (MG). Sábado, 31 de agosto de 1940, p.3.

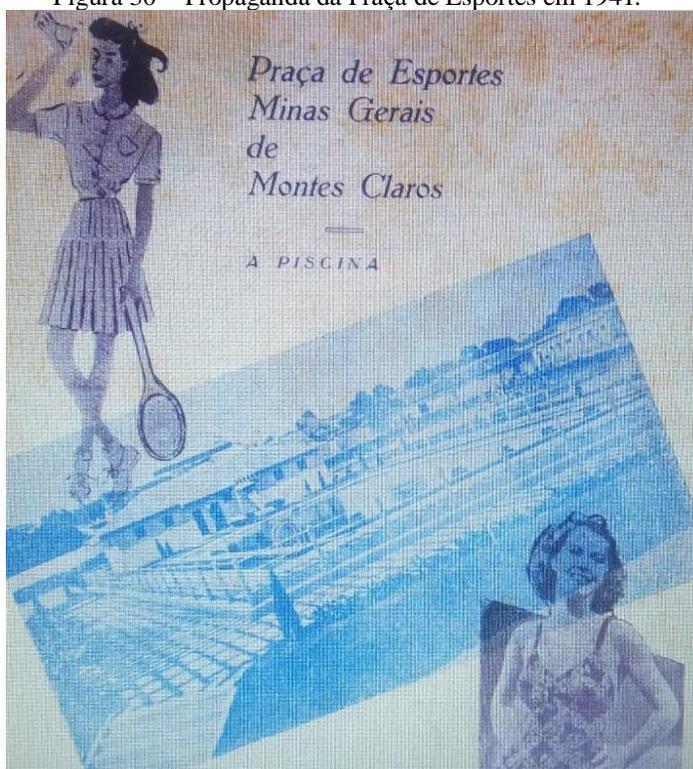
⁴¹³ Gazeta do Norte (MG). Sexta-feira, 03 de outubro de 1941, p.3.

⁴¹⁴ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 31 de agosto de 1941, p.3.

⁴¹⁵ Gazeta do Norte (MG). Sexta-feira, 03 de outubro de 1941, p.3.

Ao consideramos a região de Montes Claros, sertaneja e descolada dos grandes centros da nação, observamos reflexo do que acontecia na Capital irradiando-se para a cidade ao norte. Nessa análise, avaliamos o alerta de Dias (2018b, p.35): “[...] uma pesquisa sobre a história dos esportes em alguma região rural do interior do país tende a reproduzir, às vezes até de modo exagerado, as mesmas conclusões gerais dos estudos realizados em grandes centros urbanos”. Contudo, identificamos que o Minas Tênis Clube, de Belo Horizonte, de fato exerceu influência sobre concepção e execução da Praça de Esportes Montes Claros (FIG. 30), desempenhando papel de referência.

Figura 30 - Propaganda da Praça de Esportes em 1941.



Fonte: Revista Montes Claros (MG), n.5, novembro de 1941, p.12.

A saber, o Minas Tênis Clube (MTC) foi arquitetado nos mesmos moldes ideológicos da Praça de Esportes montes-clarense, porém, construída poucos anos antes. Fundado em 1935, o que subsidiou o clube da Capital foram as mesmas políticas de expansão da cultura esportiva decretadas pelo governo de Getúlio Vargas. O Presidente da República, à época, presente na inauguração do clube da capital mineira, observou que *[o] Minas Tênis é uma escola destinada ao aperfeiçoamento*

e à formação do caráter dos jovens brasileiros⁴¹⁶, objetivos que também alicerçaram o clube de Montes Claros:

Com o Decreto-Lei n. 150, de 24 de dezembro de 1938, que continha providências sobre a cultura física, o MTC foi transformado na Praça de Esportes Minas Gerais, passando a ser considerada uma instituição de utilidade pública. Passaria a funcionar na referida praça, que foi cedida pela Prefeitura ao clube, por prazo indeterminado e, colocada à disposição do Estado, para que ele realizasse, ali, sua política de difusão da cultura física em Minas ((RODRIGUES *et al.*, p.38).

O grande empreendimento “[...] “Montes Claros Tênis Clube” ou “Praça de Esportes Minas Gerais de Montes Claros” teve sua inauguração oficial em 1942. Custou aos cofres públicos “[...] mais ou menos, mil e duzentos contos, sendo mais de novecentos da Prefeitura e o restante do Estado”. “É um local muito aprazível, parecendo mais um grande jardim com alguns campos de esportes” (PAULA, 1957, p.238-239).

Com a Praça de Esportes em funcionamento, havemos de supor que o entusiasmo seria imediato. Porém, contrariamente à pressuposição, pouco tempo depois, a sensação encontrada é de arrefecimento. Os novos costumes não se enraizariam automaticamente. Ainda que o processo de consolidação das modernas práticas na Praça seja característico da teoria da “tradição inventada” de Hobsbawn (1997), pois notamos regras e normas objetivando novos comportamentos através do esporte, o seu estabelecimento se daria em meio a tensões.

Em função disso, a *Gazeta do Norte* se manifesta frente ao que decretou como abandono do basquete e do vôlei da cidade. Além de denunciar a fase de reduzida atividade dos dois esportes, expõe os motivos para a questão, deixando claro que, apesar do equipamento esportivo ser de primeira linha, nos tempos do *Atheneu* e da *AMEA*, *saudosas agremiações que obedeciam á orientação de uma mocidade verdadeiramente esportiva e que sempre foram rivais no campo da luta*, havia mais “vida” esportiva:

BASKET-BALL – VOLEY-BALL – É chocante e lamentável o abandono em que se encontram em nossa cidade, esportes tão emocionantes e benéficos como o basket-ball e o voley-ball, e que aqui tiveram a sua fase aurea, de 1937 a 1941, quando não tínhamos ligas esportivas, nem praças de esportes monumentais, como a que se ergue hoje no antigo

⁴¹⁶ Revista do Minas (MG), ano 7, n.86, novembro de 2012.

prado Oswaldo Cruz e que constitue um encantamento aos olhos dos turistas que aqui aportam avidos de emoções novas. Nos tempos da A. A. Ateneu e da A.M.E.A., saudosas agremiações que obedeciam á orientação de uma mocidade verdadeiramente esportiva e que sempre foram rivais no campo da luta, porem unidas na maior camaradagem para trabalhar sem desfalecimentos pelo progresso dos esportes em nossa terra, tivemos sempre partidas entusiastas desses ramos de esporte, abrilhantadas com a presença de um publico numeroso, no qual predominava o elemento femenino, que com sua graça e seus gritinhos nervosos, contribuía 100% para que as partidas corressem num ambiente sadio e elegante. Naqueles tempos, não tinhamos então, a nossa monumental praça de esportes, nem quadras modernas de cimento, nem tabelas de linhas aero-dinamicas... nem chuveiros para tirar o suor do corpo esfalfado! Nada disso! Naquele tempo, a rapaziada entrava em campo sabendo que a «parada» seria dura. Sabia que ao sair do campo, terias as narinas obstruidas pela poeira e suor; sabia que as taboas das modestas tabelas da sua quadra estavam empenadas e sabia que não tinha mais que uma torneira com agua racionada, para tirar a terra das mãos, mas com tudo isso, como todos esses fatores desanimadores, a mocidade afluia aos nossos campos, estimulada e entusiasmada pelos mais experientes veteranos e tinhamos bons quadros de basket-ball e voley-ball, sem tecnicos remunerados e outros confortos mais⁴¹⁷...

E não pararia por aí. As anexações das duas principais associações esportivas com a Praça de Esportes, *Atheneu* e *AMEA*, anteriormente articuladas pelo Prefeito Municipal, segundo a *Gazeta do Norte*, teriam sido as maiores causas da decadência do basquete e do vôlei locais. Ao se impor uma equipe selecionada na Praça, o desinteresse seria provocado pela rotina vazia de treinos despropositados que, além disso, deveria o desportista pagar pelo acesso às quadras, e nem todos podiam. Enfim, para o jornal, *[e]ste é o principal fator para o abandono das suas quadras. Não ha estímulo, não ha rivalidade e ha notado desinteresse dos rapazes em defender as cores da Praça:*

CRITICAS E SUGESTÕES... A decadencia do basket e do voley-ball em nosso meio, data de quando o saudoso dr. Santos, mal orientado, pleiteou e conseguiu a inoportuna dissolução da A. A. Ateneu e da A.M.E.A., com o fito elogiavel de unifica-los dentro da Praça de Esportes Minas Gerais, proporcionando a todos os atletas mais fácil oportunidade de usufruir os confortos da nova praça. A principio, considerando os argumentos convincentes apresentados ás diretorias dos clubes dissolvidos, pareceu que tudo daria certo. Mas depois... as decepções vieram. Muitas promessas não foram cumpridas e inúmeros amadores fugiram das quadras, impossibilitados de frequenta-las por motivos de ordem pecuniaria e outras exigencias mais. Aos poucos foi diminuindo a frequencia aos trenos. Treinar? Para que? Para enfrentar quem? Para defender qual clube? Começou-se a notar aí, a ausencia da força estimuladora que constitue o fator rivalidade. Sim, porque onde ha esporte é indispensavel que haja rivalidade que age como força propulsora, estimulando o atleta a apurar a sua fórmula e a dar o seu suor em defesa da camisa e do pavilhão do seu clube. A rivalidade esportiva é a chama que aquece o sangue do atleta, impelindo-o á conquista de novos louros; sem ela, vem o desinteresse, a ausencia aos

⁴¹⁷ Gazeta do Norte (MG). Sábado, 11 de julho de 1943, p.3.

trenos e a dispersão de valores. Essa chama, indispensável para proporcionar entusiasmo aos nossos players vem se extinguindo aos poucos, porque os responsáveis pela nossa Praça de Esportes tem se descuidado da alimenta-la, relegando-a a plano secundário. Este é o principal fator para o abandono das suas quadras. Não ha estímulo, não ha rivalidade e ha notado desinteresse dos rapazes em defender as cores da Praça⁴¹⁸.

Os apelos públicos da *Gazeta do Norte* no mês de julho de 1943, ocasionariam na solicitação dos desportistas ao próprio jornal, para que promovesse um torneio de basquete e de vôlei:

Como estamos no firme proposito de dar o nosso modesto apoio a todas as iniciativas em prol do melhoramento dos esportes citadinos, recebemos com satisfação a sugestão e vamos nos por em campo para examinar devidamente o ambiente e ver o que é possível se fazer, dentro das nossas normas de lealdade, disciplina e cavalheirismo⁴¹⁹.

No decorrer do ano, a *Gazeta do Norte*, salvo uma competição seletiva de natação na Praça de Esportes, daria atenção ao retorno do escotismo da Associação de Escoteiros Antônio Figueira⁴²⁰, que ressurgia após mais de um ano inativa. Importa notar que, o escotismo, tal como era pregado, tinha preceitos assemelhados aos esportes modernos; ambos eram determinados a formar uma nova geração de brasileiros, preparados para a vida civil ou militar. Em nota do jornal, o escotismo era lembrado como [...] *uma completa escola de educação que, atraindo as crianças por meio de jogos divertidos, desenvolve-as física, moral e intelectualmente*⁴²¹. Possivelmente pela similaridade, o tema “escotismo” habitava a seção *Gazeta nos Esportes*, e nela deixava claro o seu apoio: *A «Gazeta do Norte» nas suas colunas manterá uma secção escoteira com o fim de propagar o movimento, principalmente no Norte de Minas, estimulando os Prefeitos das cidades vizinhas, na criação desta admirável escola de honra e exaltação patriótica*⁴²².

Por fim, as semelhanças históricas continuavam, além dos princípios aproximados com os esportes, o escotismo, assim como o futebol, um dos esportes modernos que enraizar-se-iam no

⁴¹⁸ *Gazeta do Norte* (MG). Sábado, 25 de julho de 1943, p.3.

⁴¹⁹ *Gazeta do Norte* (MG). 01 de agosto de 1943, p.3.

⁴²⁰ “A associação de escoteiros «Antônio Figueira» é um patrimonio da cidade. A sua fundação em 16 de Outubro de 1932, pelo dr. Francisco Floriano de Paula, então Diretor da Escola Normal Oficial, para a prática do escotismo naquele estabelecimento de ensino, teve dupla finalidade: uma, para ficar bem gravada a data do centenario da cidade de Montes Claros (16 de Outubro) outra, para perpetuar o nome de seu fundador – Bandeirante Antonio Figueira” (*Gazeta do Norte* (MG). 24 de outubro de 1943, p.3.).

⁴²¹ *Gazeta do Norte* (MG). 17 de outubro de 1943, p.3.

⁴²² *Gazeta do Norte* (MG). 26 de setembro de 1943, p.3.

Brasil, originou-se na Inglaterra do início do século XX e desembarcou no Brasil em 1910, trazido por militares da Marinha que estiveram na Europa (MAGALHÃES, 2015). Ainda que afirmações históricas estanques sejam questionáveis, notamos as afinidades apresentadas pelos dois movimentos, refletindo também em Montes Claros, através da sua imprensa.

Assim, o ano de 1943 terminaria com esforço concentrado na realização de um campeonato de basquete, organizado pelo Departamento de Basquete do Montes Claros Tênis Clube⁴²³, com a participação dos times do Montes Claros Tênis Clube, Esporte Clube Padre Osmar e Instituto Norte Mineiro de Educação⁴²⁴. Sobre o evento, a *Gazeta do Norte*, observou que [...] *a assistência que compareceu foi diminuta, não demonstrando grande entusiasmo, isto talvez devido á pouca difusão do basquete e suas regras*⁴²⁵. O campeão seria o time do Instituto Norte Mineiro⁴²⁶.

Na história dos esportes de Montes Claros, em 1943, foram levantadas pela *Gazeta do Norte* as justificativas pela baixa frequência de associados na Praça de Esportes, desembocando na decadência do vôlei e do basquete, especialmente. Algumas delas foram: valor da mensalidade inadequada para alguns sócios, fusão das antigas associações esportivas com o novo clube, falta de equipes para se defrontarem e inexistência do fator rivalidade. Possivelmente, em função desse panorama, é que o prefeito municipal, em entrevista à *Gazeta do Norte* em janeiro de 1944, defendeu as finalidades da Praça de Esportes, que supostamente acompanhava [...] *o ritmo do crescente progresso da cidade*; “pintou” um quadro que não existia sobre a “impressionante” frequência dos desportistas; e demonstrou estar a par dos objetivos das políticas públicas nacionais eugênicas de Vargas, [...] *tudo sob o controle médico, orientação e treinamento de tecnicos capazes e experimentados*:

O prefeito dr. Alpeu apoia o movimento esportivo – As atividades esportivas locais vão acompanhando o ritmo do crescente progresso da cidade – haja visto a Praça de Esporte Minas Gerais cuja frequencia, grandeza e magnificiencia constituem um impressionante indice do pendor esportivo dos montesclarenses. [...] A Praça se destina ao exercício dos

⁴²³ A denominação Montes Claros Tênis Clube foi instituída em agosto de 1943, em substituição ao nome Praça de Esportes Minas Gerais, ocasião em que foi eleita uma diretoria que se responsabilizaria pelos trabalhos no novo clube (DURÃES, 2011). Ao longo do tempo, seja na literatura ou na imprensa, as duas formas são utilizadas, tanto Montes Claros Tênis Clube como Praça de Esportes designam o mesmo equipamento.

⁴²⁴ *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 12 de dezembro de 1943, p.3.

⁴²⁵ *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 19 de dezembro de 1943, p.2.

⁴²⁶ *Gazeta do Norte* (MG). Quinta-feira, 27 de janeiro de 1944, p.4.

esportes essenciais á boa formação física das creanças de hoje para provêr o Brasil de novas gerações mais fortes e mais felizes: nela se praticam natação, tenis, volei, basquete e ginastica, em geral, - tudo sob o controle médico, orientação e treinamento de tecnicos capazes e experimentados. [...] E para terminar a nossa palestra, desejo acrescentar que com uma visão do mais sincero e justo otimismo, já se pode divisar num futuro próximo os magníficos e fecundos resultados da grande politica de difusão da educação física e esportiva, que vem realizando os atuais dirigentes de Minas e do Brasil⁴²⁷.

O otimismo do Prefeito não se refletia na prática. O não desenvolvimento das atividades na Praça, como previam as expectativas, suscitou o ressurgimento do *Atheneu* em 1944. As alegações para o retorno do antigo clube se estabeleciam nas afirmações de que o esporte não era para qualquer um, e que exigia o fator rivalidade, aspectos que existiam antes da sua construção. Por fim, a *belissima Praça de Esportes [...] constitue um patrimônio que encanta os nossos sentidos, mas que infelizmente é, na realidade, um ser embalsamado: sem alma, sem entusiasmo, sem vida:*

A vida esportiva de Montes Claros recuperará, aquele brilho iconfundível, de incomparavel amor aos exercicios fisicos, que, lembram os bons tempos do Atheneu. [...] O esporte não é para qualquer um. O esporte exige homens fortes, jovens de corpo e alma, com fibra e disposição para governar. Os fracos e os velhos virão depois. O esporte é ação, é movimento. [...] Sem competição não ha estímulo. Nós possuímos uma Praça de Esportes, vazia e desanimada, porque é pauperrima em orientação. [...] O Atheneu foi extinto de um dia para o outro e a finalidade seria a Praça. O complexo de superioridade que tomou conta de certos «dirigentes» do esporte, é que estragou tudo. Exigências tolas e desnecessárias tornaram, essa belissima Praça de Esportes (que é nossa) um verdadeiro museu. [...] um objéto que constitue um patrimônio que encanta os nossos sentidos, mas que infelizmente é, na realidade, um ser embalsamado: sem alma, sem entusiasmo, sem vida. [...] Quem não se recorda dos animadissimos encontros entre o Atheneu e o A.M.E.A.? O ATHENEU reaparecerá. Eis uma noticia sensacional e surpreendente⁴²⁸.

Nesse cenário desanimador e de críticas severas, a fim de resumir os motivos do arrefecimento esportivo, iniciado logo após a construção da Praça, o diretor do Instituto Norte Mineiro de Educação, em entrevista para a *Gazeta do Norte*, concluiu à época que, entre estranhamento do novo equipamento pelos possíveis desportistas, retraídos pela soberba dos mais “conhecedores” de esportes, e as inéditas quadras de cimento, *terríveis consumidores de quedis e carne humana, Montes Claros, nesse setor, não vive a época da Educação Física:*

⁴²⁷ Gazeta do Norte (MG). Segunda-feira, 10 de janeiro de 1944, p.3.

⁴²⁸ Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 10 de agosto de 1944, p.3.

O retraimento da mocidade, relativamente à Praça de Esporte, ao meu ver, é mal da infeliz orientação inicial. Houve da parte dos que primeiro se disseram orientadores dos esportes aí, um egoísmo muito grande a ponto de serem apedrejados os quadros que ali foram jogar ou mesmo treinar. [...] Uma das vantagens, também apontadas contra a Praça é relativa aos seus campos de cimento, *terríveis consumidores de quietis e carne humana*. Como você percebeu, a Praça até agora tem sido considerada um quadro do esporte rival, um adversário o que é um erro enorme. Ela deve ser o ponto de preferência dos jogos ou treinos para os quadros que não possuem campo⁴²⁹.

Afora a impressão de se comportarem como “caipiras assustados”, frente às transformações de comportamento e controle impostas pela moderna Praça de Esportes, tais como as normas de sua utilização, outra questão seria levantada: como usufruir dos equipamentos se os horários eram no expediente diurno? Era o modo de vida do sujeito moderno em ebulição refletido nos esportes: *[A]os nossos rapazes que são, ou estudantes, ou comerciários, ou bancários, ou ferroviários, não é possível deixarem constantemente as responsabilidades de seus trabalhos diários, para, em bom número, se dedicarem à prática da Educação Física dentro do horário estabelecido [...]*⁴³⁰. A partir desta constatação, a prática dos esportes deveria obedecer ao tempo social montes-clarense, ou seja, só após desembaraçar-se das obrigações diárias, como trabalho ou estudo, é que o sujeito teria como se envolver noutra atividade de bom grado. Assim, a divisão da rotina diária envolveria organizar o tempo do cidadão em momento de trabalho, lazer e descanso, aspectos marcantes das sociedades capitalistas modernas.

Observando tais características, uma nova diretoria da Praça de Esportes decidiu pela iluminação noturna de uma de suas quadras em 1944. Além da constatada frequência diminuta à Praça, o que justificou tal investimento foi o entendimento advindo de clubes esportivos de cidades mais desenvolvidas, pois, *[m]esmo nos grandes centros do Paiz, se observa idêntica situação. Tanto no Rio, como em Belo Horizonte, para não citar, mais, verifica-se maior movimento nos clubes durante a noite, porque o horário é mais acessível a todos*⁴³¹. Nesse entendimento, atento ao que se passava em clubes de outras cidades, o clube se adequava também ao tempo disponível dos sócios para a prática a noite.

⁴²⁹ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 29 de outubro de 1944, p.3.

⁴³⁰ Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 05 de outubro de 1944, p.3.

⁴³¹ Idem.

Para além da infraestrutura, a nova diretoria reforçava o aspecto funcionalista dos esportes sustentado por Vargas, afirmando a doutrina eugênica na formação de um cidadão robustecido, em busca da ordem e do progresso. *Houve incentivo e estímulo nos esportes, na educação física integral. E assim, a juventude de hoje, debaixo das normas da educação moderna, vem fazendo ressoar os mais fervorosos e sinceros encomios, por uma iniciativa tão feliz e eficiente*⁴³². A constatação sobre a relevância dos esportes e da eugenia na formação do cidadão, na primeira página da *Gazeta do Norte*, era ambígua. Ao mesmo tempo que vangloriava a política adotada pelo governo de Getúlio Vargas, ao supostamente disseminar uma nova concepção de educação física no país, buscava alavancar e justificar o uso da Praça de Esportes da cidade, que sofria com a baixa frequência dos montes-clarenses:

A nossa praça de Esportes obedece agora a novas diretrizes. Os seus atuais diretores impulsionados pelo mais vivo interesse e sadio entusiasmo convergem suas atenções para o desenvolvimento cada vez maior do esporte montesclarenses. É que, para isto eles se identificam com os princípios da Educação Física procurando formar e educar a criança no sentido integral da instrução física moderna. Para que seja conseguido este objetivo necessario se torna uma total colaboração com esta agremiação modelo para que ela cumpra do modo mais eficiente a sua finalidade. Com esta colaboração quem mais tem a lucrar são os jovens de hoje, que robustecidos pelos exercícios físicos bem orientados poderão para o futuro se apresentarem para a luta da vida com a higidez característica dos homens fortes. A nossa praça de Esportes não é somente um centro de diversões. O alcance que tem em mira é muito mais elevado. Este se estende a uma educação simultanea do físico, com o psíquico. A nossa tendencia, quando praticamos o esporte é não somente cultivar o físico propriamente dito como provocar dentro de nós mesmos pratica cotidiana dos esportes bem orientados e executados⁴³³.

A mesma *Gazeta do Norte*, que severamente criticou e questionou o uso inadequado da Praça de Esportes, apresentaria em meados de 1945 (FIG. 31), após a posse da nova diretoria do Departamento de Educação Física do clube, informações sobre a reestimulada [...] *frequencia digna de menção* às suas dependências:

Embora já creado ha tempo, o Departamento de Educação Fisica não acusava nenhum movimento, o que só se verificou no mês de Dezembro, após a posse na direção do referido órgão o sr. Lauro Vicente Dias de Sá, o qual vem tendo a eficiente colaboração da prof.

⁴³² *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 27 de agosto de 1944, p.1.

⁴³³ *Gazeta do Norte* (MG). Quinta-feira, 19 de outubro de 1944, p.1.

de Educação Física srta Maria Ilza Fróes. O esforço conjunto do jovem desportista e da srta. Ilza, conseguiu, como justo premio ao seu trabalho, uma frequencia digna de menção. Daí a razão porque não regateamos os nossos melhores elogios e apoio aos que tão patrioticamente colaboram para o levantamento do maior fator eugenico da nossa mocidade – a educação fisica, abrindo de bôa vontade as nossas colunas para toda a publicidade necessaria para o êxito daquele Departamento. É pois, com orgulho que nós informamos das grande vitorias alcançadas pelos nossos jovens, quando em certamem desportivos em outras cidades, maximé na prate a natação⁴³⁴.

Figura 31 – Informações quantitativas sobre a frequência da Praça de Esportes em 1944.

Mês	Basquet	Volei	Tenis	Natação	Ed. Física	Total do Dep. Esp.	Total Geral
Janeiro	225	901	81	2486	0	4284	7101
Fevereiro	131	545	40	2367	0	3499	4993
Março	74	491	35	2 97	0	2697	3870
Abril	23	317	34	1245	0	1793	2475
Mai	60	113	82	464	0	897	8 35
Junho	60	40	55	1021	0	1324	2192
Julho	85	160	40	925	0	1210	26 7
Agosto	86	444	61	510	0	1961	3180
Setembro	226	549	16	1578	0	3869	8718
Outubro	141	584	44	1691	0	3123	4117
Novembro	15	567	36	23 8	0	4097	8607
Dezembro	127	163	4	1787	480	2588	47033

NOTA — No total geral estão incluídas as visitantes

Fonte: Gazeta do Norte (MG). Domingo, 13 de maio de 1945, p.7.

Sob a direção de Lauro Vicente Dias de Sá, as atividades esportivas foram impulsionadas na segunda metade de 1945. O citado diretor do Departamento de Educação Física da Praça de Esportes, além de organizar uma excursão para jogos na cidade de Diamantina⁴³⁵ e reorganizar os jogos e campeonatos de vôlei⁴³⁶ e basquete⁴³⁷ da Praça, tinha conhecimento sobre o amparo legal necessário para o desenvolvimento das diretrizes políticas de incentivo à prática de esportes. Inclusive de observar no documento da Constituição Federal, em vigor desde 1937, as leis que

⁴³⁴ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 13 de maio de 1945, p.7.

⁴³⁵ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 09 de maio de 1945, p.2.

⁴³⁶ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 03 de junho de 1945, p.5.

⁴³⁷ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 27 de setembro de 1945, p.3.

alicerçavam a criação de um corpo técnico especializado para colocar em prática o projeto de formação física, intelectual e moral para o jovem brasileiro:

A Carta Magna, outorgada em 1937, é um reflexo desse movimento formidável, tinha por objetivo fazer com que no Brasil tudo fosse grande, inclusive o homem. E o mapa da terra Brasileira, vae-se paulatinamente pontilhando de órgãos administrativos especializados e de institutos técnicos para a formação dos orientadores do desenvolvimento físico, alicerce da formação intelectual e moral da Infancia e da Juventude do Brasil⁴³⁸.

Após o final do primeiro governo de Getúlio Vargas (1930 – 1945) e início de um período democrático no Brasil, momento de arrefecimento da política de controle da população⁴³⁹, a *Gazeta do Norte*, jornal fundado em 1918 e que perpassara pelas duas Grandes Guerras Mundiais, ao passo que se rearranjava diante dos descontínuos políticos nacionais, iniciava uma nova fase na cobertura esportiva montes-clarense: se os esportes locais estiveram por anos ancorados nas justificativas eugênicas, higiênicas e militares para a sua implantação e desenvolvimento, a partir de 29 de outubro de 1945, data da deposição de Vargas, estabelecer-se-ia gradativamente como uma prática social instituída.

Assim, o movimento esportivo nas colunas do jornal manteria a sua instabilidade de frequência de algum esporte, contudo, nos anos posteriores, notadamente o futebol, consolidaria-se como principal divertimento esportivo moderno da cidade. Ainda assim, a Praça de Esportes manteria vivo o vôlei, o basquete e, principalmente, a natação, porém, sem a obrigação do discurso da transformação corporal do brasileiro em prol do progresso da nação. Esse viés eugênico certamente ainda poderia ser encontrado, apesar disso, o esporte passaria ser encarada como mais um setor da sociedade, como o econômico, por exemplo:

⁴³⁸ *Gazeta do Norte* (MG). Quinta-feira, 07 de junho de 1945, p.5.

⁴³⁹ Segundo Palma Filho (2010, p.17), a “Carta Constitucional de 1946 inspirou-se no ideário liberal e democrático. Além de um capítulo dedicado à educação (artigos 166 a 175), essa Carta contém outros dispositivos que interessam diretamente à educação. Assim é que o artigo 141, § 5º, declara livre o pensamento sem que dependa de censura prévia. A publicação de livros e periódicos não dependerá de licença do poder público. De acordo com o parágrafo 7º do mesmo artigo: “é inviolável a liberdade de consciência e crença...”, e o parágrafo 8º declara que: “por motivo de convicção religiosa, filosófica ou política, ninguém será privado de nenhum dos seus direitos””.

Montes Claros não deve distinguir-se, entre outras cidades de Minas, apenas pela cifra espantosa de sua exportação, pelo valor enorme de sua importação, pela importância de seu comércio, enfim. Há outros setores de atividades onde é necessário que nos distingamos também. Ao esporte estamos nos referindo. [...] Temos, é certo, uma belíssima praça de esportes, das melhores, mais completas e mais belas do Estado. Piscina, «court» de tennis, quadras iluminadas para volei e basquetebol⁴⁴⁰.

Relativo ao funcionamento do Montes Claros Tênis Clube, ainda que houvesse determinação política oficial do governo do Estado para que as Praças do interior funcionassem aos moldes do Minas Tênis Clube, regidas pelos seus próprios estatutos, mas com coordenação do governo, o auxílio esportivo e financeiro das atividades demoravam acontecer. Esse atraso pode ser notado na execução das ações.

Segundo Rodrigues *et al.* (2013, p.42-43), para gerenciar as praças esportivas

[...] o governo mineiro criou, por meio do Decreto-Lei n. 922, de 16 de junho de 1943, com sede em Belo Horizonte e diretamente subordinada ao governador do Estado, a Diretoria Geral das Praças de Esporte de Minas Gerais (DGPE-MG), com a finalidade de dar orientação uniforme às atividades das praças de esportes construídas pelo Estado ou por este em colaboração com os municípios. Cabia, também, à DGPE fiscalizar a administração e orientar, tecnicamente, as praças de esportes, promovendo, junto às entidades, medidas que garantissem maior eficiência de sua atividade.

Contudo, o Montes Claros Tênis Clube só ingressaria na DGPE-MG no ano de 1946⁴⁴¹, período pós Vargas e Valadares. Mesmo assim, fazer parte da dita diretoria foi motivo de destaque na *Gazeta do Norte*, pois, se constituía numa possibilidade de incremento das ações esportivas da Praça:

O Montes Claros Tennis Club acaba de ser enquadrado no plano de auxílio às praças de esportes, da DIRETORIA GERAL DAS PRAÇAS DE ESPORTES DE MINAS GERAIS, o que naturalmente muito vai concorrer para melhoria de nosso esporte aqui. A Diretoria está esperando dentro de breves dias, um técnico de esportes, para orientar os departamentos de basquete e voleibol, além dos outros. O Departamento de educação física que é dirigido pelo desportista Lauro Vicente Dias de Sá, está novamente em grande atividade⁴⁴².

⁴⁴⁰ *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 28 de novembro de 1948, p.3.

⁴⁴¹ “Em junho de 1946, a Diretoria Geral das Praças de Esportes passa a denominar-se “Diretoria de Esportes de Minas Gerais” (DEMG), pelo Decreto-Lei n. 1765, de 17 de junho de 1946. Esse órgão foi responsável pela estruturação da política pública de esportes mineira até a década de 1980” (RODRIGUES *et al.*, 2013, p.43).

⁴⁴² *Gazeta do Norte* (MG). Domingo, 13 de janeiro de 1946, p.3.

A Praça de Esportes – Montes Claros Tênis Clube – seguiria seu curso centralizando os eventos esportivos da cidade, organizando-se da melhor forma. A natação, especialmente pelo fato de a Praça contar com uma piscina de dimensões adequadas, desenvolvia trabalhos nas diversas faixas-etárias e, por isso, [...] *ensina natação aos seus socios, imprimindo uma solida educação esportiva*⁴⁴³. Em função dessa estrutura de treinos na piscina, o esporte aquático atingiria seu ápice de conquistas quando, em 1949, um nadador montes-clarense sagrou-se campeão de nado-livre e vice-campeão de nado peito, no Campeonato Brasileiro de Natação, disputado em Belo Horizonte: *O jovem Geovalcio da Praça de Esportes Minas Gerais desta cidade, eleva assim bem alto, o padrão esporte de nossa mocidade, com essa brilhante e significativa vitória*⁴⁴⁴.

Na condição de equipe, o Montes Claros Tênis Clube demonstraria seu poderio na natação em duas ocasiões no ano de 1950: Na primeira, conquistou o primeiro lugar geral do 1º Campeonato Infanto-juvenil de natação da zona Centro-Norte, realizado em Sete Lagos⁴⁴⁵; e na segunda, conquistou a “Taça Assis Vieira”, evento organizado pelo Minas Tênis Clube da capital mineira e que contava com os principais clubes do Estado.

No entanto, para a surpresa geral, os pequenos montesclarenses arrebataram galhardamente o título de campeões, fazendo um total de 48 pontos. É interessante salientar que esta disputa entre petizes não esta reservada somente aos guris do Interior... também os clubes da capital, taes como o America, Atletico, Cruzeiro, etc., participam todos os anos. Neste ano em que os jovens da Princeza do Sertão lograram esmagadora vitoria. [...] Taes ocorrencias evidenciam ainda mais a grandeza da vitoria da natação montesclarenses⁴⁴⁶.

Na chegada dos campeões em Montes Claros [...] *grande numero de pessoas afluiu a Gare da Central. Fogos e a animação popular emprestaram um toque de alegria á recepção*⁴⁴⁷. Era a primeira demonstração popular a um esporte restrito à piscina da Praça de Esportes.

⁴⁴³ Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 31 de outubro de 1946, p.3.

⁴⁴⁴ Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 27 de fevereiro de 1949, p.1.

⁴⁴⁵ Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 19 de fevereiro de 1950, p.3.

⁴⁴⁶ Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 02 de março de 1950, p.1.

⁴⁴⁷ Idem.

Em 1951, foi a vez do vôlei feminino da Praça de Esportes “desbravar” a Capital. Após sagrarem-se campeãs da zona Norte do Estado, em Diamantina, [...] *enfrentando numa cidade distante os gritos ensurdecedores e desconcertantes de uma torcida adversa*⁴⁴⁸, seguiram para Belo Horizonte, a fim de disputar o título do interior do Estado:

O «six» representativo de Montes Claros conseguiu de maneira espetacular abater o «six» do Esporte Clube de Juiz de fora, por 2x0 (15x13). Com uma equipe de novas e que pela primeira vez se apresentava perante o público da Capital, Montes Claros portou-se como verdadeiro veterano, tendo as suas defensoras jogado muito bem⁴⁴⁹.

Para o vôlei feminino do Montes Claros Tênis Clube, os anos seriam de hegemonia na região Norte do Estado: Em 1953, [...] *pela terceira vez consecutiva sagrando-se campeãs regionais classificando-se para as finais a serem realizadas em Belo Horizonte*⁴⁵⁰. Porém, pela primeira vez sagrar-se-iam campeãs do interior do Estado, como noticiado em primeira página pela *Gazeta do Norte*⁴⁵¹:

O M.C.T.C. homenageará as 10 horas de hoje as suas valorosas representantes que brilhantemente conquistaram o título de campeã do interior de 1.953 em Belo Horizonte com o seguinte programa:
 I Desfile das campeãs
 II Saudação as campeãs pelo Dr. João Vale Mauricio.
 III Entrega de medalha as campeãs.
 IV Agradecimento pela capitã da equipe.
 V Entrega de premios ofertados pela prefeitura municipal.
 VI partidas de voleiból entre duas equipes masculinas.
 VII As 15,00 horas será oferecido as campeãs e as suas familias um almoço no salão do ex Club Bancários.

Pudemos notar nesta tese, notadamente nos 15 anos do primeiro governo de Getúlio Vargas, o desenvolvimento e a consolidação do esporte como um “ator” no espaço social de Montes Claros e, a partir desse entendimento histórico, concordamos com Freire (2016, p.149): *Impossível imaginar como seria o mundo, hoje, sem sua presença. Todos os dias, as pessoas procuram informações sobre o resultado de diversas modalidades esportivas nos jornais impressos, nos telejornais ou na internet”*.

⁴⁴⁸ Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 29 de julho de 1951, p.3.

⁴⁴⁹ Idem.

⁴⁵⁰ Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 19 de julho de 1953, p.4.

⁴⁵¹ Gazeta do Norte (MG). Domingo, 16 de agosto de 1953, p.1.

Nesse sentido, no decorrer da década de 1950 (um dos períodos democráticos da história política brasileira), podemos notar que o aspecto tomado pela rotina da Praça de Esportes norteava a sua trajetória para um cenário assemelhado ao atual. Ou seja, os esportes começavam a ter valor por si mesmo, sem necessariamente ter que, paralelamente, promover a educação dos corpos dos brasileiros, com vistas ao desenvolvimento da nação.

A rotina de treinos e jogos na Praça serviam para competições internas ou disputas contra outras cidades do Estado. Em 1955 seriam organizados pela primeira vez em Montes Claros o Jogos do Interior do Estado nas dependências do Montes Claros Tênis Clube, onde o desejo principal era o ser *Campeões do Interior*:

Teremos finalmente mais uma temporada de festas esportivas, com a realização de um brilhante campeonato do Interior do Estado, com a participação de diversas cidades nossas co-irmãs como sejam: Diamantina, Sete Lagoas, Bocaiuva, Serro, Conceição, que virão abrilhantar o espírito entusiástico do povo montesclarensense. O atual certame deverá iniciar sábado próximo dia 9 e constará de empolgantes partidas de basquetebol e voleibol (masculino e feminino). Os nossos atletas estão em excelente forma técnica, e creio que tudo farão para não decepcionar o povo da nossa querida «Princesa do Norte». Sem gloriar-nos com o título que tanto almejamos de Campeões do Interior⁴⁵².

O esporte se consolidava. Já não se notava na *Gazeta do Norte*, a sensação de saudosismo ou de estranhamentos às novas práticas esportivas como nos anos iniciais da grande Praça de Esportes. Como notado na rotina da natação e do vôlei de 1956:

Reina grande entusiasmo no setor da aquatica local. Realizou-se uma competição preparatória da equipe que representará nossa Cidade no próximo Concurso de Natação de Adultos, a ser realizado nos dias 24 e 25 do corrente em Divinópolis. [...] Outra secção que vem brilhando pelo seu desenvolvimento e movimentação é o Volei da Praça. Dia a dia novos valores vão aparecendo, fazendo crer que será brilhante o futuro do voleiból da Praça de Esportes. Cerca de 30 a 40 elementos de ambos os sexos estão em treinamento permanente o que tem levado uma grande assistencia à quadra das correntes da Praça⁴⁵³.

A Praça se institui como principal equipamento para prática de esportes da cidade na segunda metade dos anos 1950. Nela se concentravam as seleções adultas e as categorias de base do vôlei, basquete e natação, principalmente. Importante notar que, estabeleceu-se uma fronteira

⁴⁵² Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 07 de julho de 1955, p.4.

⁴⁵³ Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 11 de março de 1956, p.3.

entre o futebol, esporte que naturalmente se popularizara na cidade, e os outros praticados na Praça, chegando ao ponto de ser proibida a prática do futebol nas dependências do clube, [...] *notoriamente prejudicial ao bom funcionamento das demais secções esportivas da Praça:*

FUTEBOL PROIBIDO – Está totalmente proibido o jôgo de futebol de qualquer espécie no recinto da Praça de Esportes, tendo sido tomadas energicas providencias no sentido de se evitar a abusiva prática daquele esporte, considerado inadequado com as instalações existentes no momento e tambem por notoriamente prejudicial ao bom funcionamento das demais secções esportivas da Praça⁴⁵⁴.

Possivelmente, por não se adequar à Praça, a proibição do futebol estimularia a “chegada” do futebol de salão⁴⁵⁵ em suas quadras. À época, ano de 1957, o [...] *já famoso «esportezinho»* já era praticado em outros locais da cidade, mas a Praça foi o clube a investir no seu estabelecimento, adaptando as suas quadras, instituindo horários de treinos e organizando jogos nos finais de semana. O *esporte-mirim, elegante e atraente esporte de salão*, aportava em Montes Claros trazido e justificado pela sua projeção de sucesso em outras localidades brasileiras, como em Belo Horizonte e no estado de São Paulo.

Para subsidiar o futebol de salão em Montes Claros, a *Gazeta do Norte* noticiou em pelo menos duas oportunidades: - *O futebol de salão continua crescendo em sólidas bases. - Em Belo Horizonte, por exemplo, estão inscritos nada menos do que 2.000 atletas para a temporada de 1957. [...] na Federação Paulista, onde êste novél esporte estreou no Brasil, já se conta inscritos 25.000 atletas!*

O futebol de salão continua crescendo em sólidas bases. Já são inúmeros os atletas que se inscreveram ou estão quase absorvidos por mais êste magno, elegante e atraente esporte de salão. Até o horário dos treinos muito extranho no princípio, já foi aceito e reconhecido por quase todos; êste mesmo horário irá das 6 às 7,30 horas da manhã, e observem: A prática do mesmo de segunda á sábado, só poderá ser feita nêste horário, exclusivamente. Aos domingos, poderá realizar-se «macth-treinos» ou mesmo jogos. So devidos treinos poderão ter início na proxima semana, pois já estão prontos os «gols» oficiais e a

⁴⁵⁴ *Gazeta do Norte* (MG). Quinta-feira, 07 de junho de 1956, p.2.

⁴⁵⁵ Duas versões existem sobre a origem do futebol de salão (futsal), uma delas sustenta que teria sido o futsal jogado pela primeira vez em São Paulo no início dos anos 1940. É representado pela Confederação Brasileira de Futsal e suas primeiras regras foram editadas em 1956, sendo que as primeiras entidades representativas foram as federações de Futebol de Salão do Rio de Janeiro (1954), Minas Gerais (1954) e São Paulo (1955) (Federação Mineira de Futsal. Disponível em: < <http://www.fmfutsal.org.br/futsal/historia-do-futsal/>>. Acesso em: 24 set. 2018).

«bolinha» já foi importada. No mais, em breve todos poderão assistir bons jogos dêste interessante «esporte Mirim»⁴⁵⁶.

E o futebol de Salão continua a crescer em Montes Claros. Até agora, tudo já está pronto no M.C.T.C. para o início de algum Campeonato ou Torneio que iremos fazer em breve. E não é sem razão que também aqui êste «Esporte Mirim» tomou projeção. Em Belo Horizonte, por exemplo, estão inscritos nada menos do que 2.000 atletas para a temporada de 1957. Porém, não se assustem com êste número, pois na Federação Paulista, onde êste novél esporte estreou no Brasil, já se conta inscritos 25.000 atletas! Dêstes 25.000 atletas, 18.000 disputam no «hinterland» Paulista e 7.000 na capital! Por ai vocês podem ir vendo a incrível aceitação que teve entre os brasileiros o Futebol de Salão. Temos entre nós um eficiente técnico ministrando aulas na quadra de Basquete do Estádio João Rebello. E não são poucos os que já se inscreveram. Portanto, no próximo Campeonato Mineiro, devemos entrar com uma bem treinada equipe afim de disputarmos o centro com outras cidades do interior, onde está crescendo também o já famoso «esportezinho»⁴⁵⁷.

Oficialmente, não cabe afirmar a data do nascedouro do futebol de salão em Montes Claros, mas, após o envolvimento da Praça de Esportes, com informações e estímulos propagados pela *Gazeta do Norte*, no segundo semestre de 1957 o clube realizaria um campeonato do novo esporte: *FUTEBOL DE SALÃO – Vem alcançando grande êxito o Campeonato de Futeból de Salão, promovido pela liga local e realizado na quadra da Praça de Esportes. [...] Reina grande entusiasmo e o público dêsse novo e emocionante esporte cresce dia a dia*⁴⁵⁸. Certo é que, a história do futsal seguiria sendo ampliada, atingindo proporções bem diferentes do que supunha a *Gazeta do Norte* ao designá-lo *esportezinho* ou *esporte-mirim*.

Desde o início deste trabalho, objetivamos construir a história dos divertimentos modernos de Montes Claros alinhados aos supostos projetos de progresso que sempre estiveram na pauta da *Gazeta do Norte*. O extinto jornal percorreria o mesmo trajeto pretendido pela tese, qual seja, 1926 a 1957, deixando de circular pouquíssimas vezes nesse período:

A *Gazeta do Norte* testemunharia e participaria ativamente dos maiores episódios históricos de Montes Claros até a sua extinção no início da década de 1960. Obviamente o jornal não era isento de amarras políticas, mas os seus alinhamentos partidários não a descredenciava da missão de informar. Certo é que, o jornal exerceu papel relevante na cobertura dos acontecimentos da rotina de Montes Claros e, hoje, 2017, tornou-se uma fonte de informações que vem subsidiando a composição de diversos trabalhos históricos sobre a região, sendo memorialísticos ou acadêmicos, cumprindo a missão de contribuir para a preservação da história de Montes Claros e do Norte de Minas Gerais (ALVES; SILVA, p.142, 2017).

⁴⁵⁶ *Gazeta do Norte* (MG). Quinta-feira, 11 de abril de 1957, p.3.

⁴⁵⁷ *Gazeta do Norte* (MG). Quinta-feira, 02 de maio de 1957, p.3.

⁴⁵⁸ *Gazeta do Norte* (MG). Quinta-feira, 29 de agosto de 1957, p.3.

Sem embargos, a ânsia pelo tal progresso propalado (e anteriormente descrito neste trabalho), de grandes transformações físicas e sociais na cidade daquele período, muito se deve ao envolvimento da *Gazeta do Norte*. Sendo assim, na história dos esportes não seria diferente. Ainda que a história futebol e do cinema fossem anteriores à sua fundação, é possível que em todos os eventos, relacionados com as diversões ditas modernas, haveria informação do jornal.

Para findar as incursões e análises das fontes coletadas na *Gazeta do Norte*, identificamos que o jornal sistematicamente estimulou o grande evento para 1957: os festejos do seu Centenário. A partir do jornal, “[...] essa rotina de manchetes positivas transformou o Centenário num acontecimento de grandes proporções, rivalizando em importância histórica com a chegada da Estrada de Ferro Central do Brasil em 1926, ano de euforia semelhante” (ALVES; SILVA, p.141, 2017). Desta forma, firmaria-se 1957 como um ponto de apoio temporal não ortodoxo, porém, nesta época marcante, as informações se arrefecem no que dizia respeito à história dos esportes modernos na cidade, não em quantidade, mas na característica da informação, ou seja, os esportes modernos se consolidam na rotina da sociedade.

A Praça de Esportes – Montes Claros Tênis Clube também seria palco da festividades do ano do Centenário da cidade, oferecendo o *Grande Baile em Homenagem às Delegações Visitantes – Dia 13, á noite, em nossa Séde, encerrando a Temporada Esportiva inicial do Ano do Centenario, da qual participam as delegações do Minas Tennis Clube de Belo Horizonte, Curvelo, Corinto e Bocaiuva*⁴⁵⁹.

Por fim, o cartão postal dos montes-clarenses não poderia chegar aos dias das festividades sem reformas e melhoramentos. E para não perder o costume, as notas da *Gazeta do Norte* perspectivavam um futuro promissor, característica indelével de uma sociedade habituada com as promessas supostamente progressistas dos seus políticos. *Pensem, repensem e ... bem, é Montes Claros quem está pedindo:*

Com ótimas perspectivas para o progresso da nossa praça de Esportes recebemos a utilíssima visita do Engenheiro da Diretoria de Esportes de Minas Gerais. Acompanhando-o juntamente com o Sr. Laecio, em visita ás dependencias da praça, pude

⁴⁵⁹ Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 13 de janeiro de 1957, p.1.

certificar-me de que, realmente, e, finalmente, teremos ali muitos melhoramentos como: Reforma Geral e pintura dos vestiários; novo registro para piscinas; reforma nas quadras de volei e basquete, e reforma da piscina. Porém estes melhoramentos serão para o Centenário, porque, posteriormente teremos revolucionárias melhoras no M.C.T.C. [...] Já é tempo de cogitar-se a Cobertura Geral da nossa quadra de Basquete, Volei e Futebol de Salão, não acham? E já pensaram as nossas autoridades e os nossos progressistas membros das diversas Associações cidadinhas, a enorme utilidade que adviria com esta Cobertura da nossa quadra? Pensem, repensem e ... bem, é Montes Claros quem está pedindo⁴⁶⁰.

Maiores cidade do Norte de Minas, ao aproximar-se dos anos 1960, Montes Claros preparava-se para, nos anos seguintes, assumir sua característica majoritariamente urbana. A cidade rural da primeira metade do século XX, onde os esportes modernos se fixaram, adquiriria paulatinamente contornos de cidade urbana, moderna e, porque não, cosmopolita. Nesse ínterim, pudemos inferir, o esporte moderno se consolidou.

⁴⁶⁰ Gazeta do Norte (MG). Quinta-feira, 04 de abril de 1957, p.2.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar às considerações finais, a sensação é de releitura. É o momento do *feedback*, da retroação ao que foi feito e aparação das arestas. Do “título” às “considerações finais”, o que há para melhorar? É como olhar uma paisagem e a todo momento ter algo diferente a ser contemplado. O horizonte longínquo ou próximo, tudo transcende o óbvio. Nessa aventura, em terreno tão poroso, como concluir? Muitas perguntas permanecerão.

No percurso, tantas fontes acessadas, tantos olhares cansados pairaram sobre elas, na ânsia de que “falassem”. E “falaram”, gritaram, berraram!! Foi nítido ouvir os montes-clarenses, talvez não todos, mas boa parte deles. E, em unísono, clamaram por progresso. Desde sempre, essa é a questão: quando chegaria o tal progresso, “palavra” capaz de conduzir o sertão da inclemência geográfica para o éden civilizado, culto, urbano? Enfim, a impressão é de engodo. Impressão! Porque essa resposta diz respeito a integralidade da história da região e, certamente, nosso fôlego não permitiria.

Porém, nos consentiu generalizar para aquém e para além do nosso recorte temporal e, nesse sentido, sinceramente, uma parcela da população, claramente elitizada, nunca esteve à margem do progresso. O que fizeram foi utilizar das mudanças históricas em seus favores. O progresso, em cada contexto histórico, esteve nas mãos das classes abastadas, e estas as utilizaram, manipularam e se beneficiaram no tempo, no espaço e ritmo que convinha. Não impomos uma crítica até aqui. Falamos como um personagem qualquer desta história, afinal estamos no roteiro real e dele somos o presente.

Ainda sobre progresso! Do que serviria a interseção política de *Francisco Sá* na década de vinte se não houvesse o povo para recebê-lo na estação ferroviária que ele “mandara” construir? A locomotiva tão sonhada traria tudo, todos e sonhos. E se não trouxe para todos, só o abnegado presidente *Juscelino Kubstcheck* seria capaz de trazer. *JK*, o presidente sertanejo, teve o cenário perfeito: uma festança sem precedentes, obras para inaugurar e um povo sedento por, mais uma vez, progresso.

Dessa forma, observando os divertimentos que surgiram à luz da modernidade, de *Francisco Sá à JK*⁴⁶¹, inferimos que estes também compuseram a história social de Montes Claros, e deles nos propomos descortinar suas nuances, que na maioria das vezes esteve entranhada no berço das classes aristocráticas.

A história dos divertimentos modernos em Montes Claros-MG, como pudemos tratar, foi considerada em alguns trabalhos acadêmicos. Todos, em algum momento, de forma específica ou passageira, tematizaram o futebol, o cinema e outros divertimentos, tidos como modernos, na cidade.

Pela ferrovia, que “chegou” em 1926, foi observado que movimentos modernizantes, tais como: transporte mais eficiente, a possibilidade de estudar em centros mais desenvolvidos e o acesso à informação periódica, entre outros, contribuíram para que novas formas de divertimentos fossem surgindo, compondo uma história que abarcaria novos e antigos divertimentos na cidade. Para que isso ocorresse, observamos quão importantes foram as articulações políticas para a construção da estrada de ferro, um elemento supostamente impulsionador de progresso e com poder para civilizar e modernizar as regiões que ela atendesse. E no outro extremo, 1957, apresentamos a forma como foi construída a ideia de se comemorar o primeiro centenário da cidade, períodos utilizados pela elite local para obter possíveis benefícios.

Apontamos o ano de 1957 como ponto limítrofe superior da imersão às fontes jornalísticas que subsidiaram o trabalho, pois, durante a análise das fontes, decidimos pelo encerramento da coleta devido à grande quantidade de informações e por acreditarmos que os objetivos já haviam sido alcançados ao se atingir as notícias de 1957.

Após os investimentos na construção do cenário do trabalho, observamos que o movimento das “bandeiras” impulsionou a fundação de povoações no Norte de Minas, sendo a antiga localidade de Montes Claros erigida ainda no século XVIII, com a municipalidade instalada em 1932 e elevação à categoria de cidade em 1857. Identificamos que, ao passo que sua população aumentava e sua importância regional se ampliava, mais aspectos “modernos” se desenvolveram e

⁴⁶¹ “De Francisco Sá à JK” certamente poderia compor o título desta tese, mas entendemos que diversos personagens foram importantes nesta história e, talvez, fôssemos injustos com outros que não dispunham do glamour midiático dos políticos.

se instalaram na cidade. Fatos como a inauguração do primeiro Mercado Municipal em 1897 estimulou a vinda de comerciantes de outras localidades a fim de negociarem seus produtos e, além de maior circulação de pessoas e dinheiro, a cidade passava a concentrar outros serviços essenciais, como saúde, comunicação e educação, até transformar-se na principal cidade da região.

O advento da modernidade em Montes Claros influenciou no modo de vida das pessoas. Porém, inferimos que o ritmo obedecido para o incremento desse novo *modus vivendi* foi diferente ao compararmos com cidades maiores como Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Ainda assim, o movimento moderno atingiu Montes Claros em cheio, pois, a existência de uma imprensa constante na primeira metade do século XX e o advento da estrada de ferro impulsionaram sobremaneira a forma de se viver.

Nesse ínterim, emerge a história dos divertimentos supostamente modernos, constituindo-se na esteira das transformações da cidade. Entre eles, cinema e futebol se destacaram. Ambos são fundantes dessa história moderna e atenderam à demanda da cidade num período de estrutura de funcionamento quase inexistentes para o divertimento, onde o improvisado era o mais comum. Contudo, o advento da locomotiva, associado ao papel educativo da imprensa e a energia elétrica, proporcionaram o desenvolvimento de ambos. Tanto cinema, quanto o futebol ocupariam espaços cada vez maiores nas vidas das pessoas e, dessa forma, ditariam e disseminariam a moda estrangeira na cidade, fosse na assistência do filme estrangeiro ou na prática do esporte bretão.

Ao longo do tempo pesquisado, evidenciamos a participação direta de cidadãos montes-clarenses, ou que nela permaneceram, na divulgação e desenvolvimento dos ditames modernos desde o final do século XIX. Inicialmente, destacamos Antônio Augusto Velloso, um dos proprietários do primeiro jornal da cidade, o *Correio do Norte* (1884), que por si só já se constitui num elemento moderno de informações, e José Thomaz de Oliveira, pernambucano de nascimento e fundador da *Gazeta do Norte* (1918) que, junto com os filhos Ari e Jair de Oliveira, ajudaram a divulgar informações fundamentais sobre divertimentos modernos, como cinema, futebol, vôlei, basquete, natação, futsal, entre outros. A *Gazeta do Norte*, representada pela família Oliveira, transformou-se numa fonte preciosa de informações sobre a história de Montes Claros.

Nesse processo histórico, observamos o papel de sujeitos da elite, representada por indivíduos que efetivamente exerciam o poder político e econômico na sociedade da época. Desta forma, nomes como o de Antônio Teixeira de Carvalho, Hermes de Paula, Miguel Madi, João

Rebello, Padre Osmar Oliva, José Laércio de Oliveira, João Valle Maurício, Geraldo Correa Machado são alguns dos personagens desportistas desenvolvedores das práticas esportivas modernas, agindo em diversas frentes, tais como na prática do esporte, apoio estrutural, presidência de clubes ou colaborando com a imprensa.

Obviamente, o panorama social esportivo foi formado por muito mais pessoas, mas a liderança de algumas foi divulgada no processo por meio dos periódicos da época ou das obras memorialísticas. Assim, concordamos, também, que essa história foi composta pelos sujeitos, na maioria das vezes anônimos, que praticaram ou assistiram aos eventos, e que houve um movimento paulatino de popularização e aumento exponencial de cidadãos de diversas classes sociais afeitos aos novos divertimentos, notadamente no ambiente futebolístico e na frequência ao cinema. Esta conclusão foi subsidiada pela velocidade de informações proporcionadas pelo advento dos meios de comunicação modernos, com destaque para estrada de ferro em 1926.

A relação entre o futebol e os aspectos da modernidade em Montes Claros, junto com o cinema, talvez sejam os eventos mais observáveis, ainda assim, o esporte em questão, podemos afirmar, nos anos deste trabalho, modificou-se sensivelmente em maior quantidade do que qualquer outro.

Ao iniciarmos a pesquisa, o futebol ainda era pouco requisitado na imprensa, restrito aos sujeitos elitizados e com raríssimas equipes. O *Montesclaros Sport Club* e, em seguida, o *Montesclaros Foot-ball Club* foram as equipes de destaque na década de 1920. Quando adentramos os anos iniciais da década de trinta, ao contrário de alguns momentos eufóricos de anos anteriores, nos deparamos com apenas 10 notícias sobre o futebol na cidade e, nelas, poucas são as diferenças na dinâmica dos acontecimentos, onde o amadorismo ainda preponderava e o futebol ainda tinha aspecto distinto. Porém, logo em seguida, no final dos anos trinta, em Montes Claros já existiam várias equipes de futebol. Havia uma disputa estabelecida entre o futebol que se popularizava e o futebol que ainda se fazia fidalgo, aproximado às camadas elitizadas.

A construção de um estádio de futebol adequado urgia. Assim, caberia ao *União Esporte Club* a inauguração do estádio Francisco José Guimarães (o nome seria adotado nos anos posteriores) na rua Dr. Veloso, no segundo semestre de 1940. O primeiro estádio facilitou a organização do primeiro campeonato de futebol amador da cidade em 1942. Finalmente, o futebol de Montes Claros preenchia critérios importantes para a constituição do fenômeno esportivo no

interior da sociedade moderna. Observava-se na conjuntura local, como indicado por Melo (2007), uma organização clubística, gerenciada por federações, confederações e outras entidades representativas e a estruturação de um calendário próprio, com relativa autonomia em relação a outros tempos sociais.

Insistimos na tese de que o futebol em Montes Claros, ao longo da primeira metade do século XX, tem história semelhante à de cidades maiores, principalmente Belo Horizonte, porém, desenrolada em tempos diferentes. Se na cidade norte-mineira a organização dos primeiros campeonatos de futebol se deu nos 1940, na Capital do Estado há muitos anos já havia campeonato profissional. Importa frisar que o futebol montes-clarense estabelecia sua dinâmica. Ainda que fosse amador, continha aspectos profissionais ao cobrar ingressos, impor vínculo dos atletas com as equipes, filiação dos clubes à *Liga*, obediência aos estatutos da Federação Mineira de Futebol e regularidade de disputa do seu campeonato. Nesse panorama de consolidação, a *Gazeta do Norte* observava a necessidade de um estádio de maiores dimensões do que o Francisco José Guimarães. Por fim, só em 1954 entraria em atividade o segundo estádio da cidade, construído com o objetivo de dotar a cidade de um equipamento à sua altura e progresso: [...] *o Estadio João Rebelo é uma obra que vem contribuir para o progresso e embelezamento de nossa cidade.*

Especificamente no campo de jogo, 1954 testemunhou a instituição do “clássico” *Ateneu X Cassimiro*. Salientamos que *Ateneu* e *Cassimiro* eram representações da elite montes-clarense, já que em seus quadros sociais e diretorias havia personalidades das diversas classes sociais privilegiadas, como os médicos/políticos Dr. João Valle Maurício e Dr. Geraldo Correa Machado, presidentes do *Cassimiro* e *Ateneu*, respectivamente. Estas pessoas, entre outras, simbolicamente, são as mesmas fundadoras das duas primeiras equipes da história do futebol em Montes Claros, *Mineiro Sport Club* (1916) e *America Sport Club* (1917), que transferiram para o campo do prado Oswaldo Cruz as contendas políticas do “Partido de Cima” contra o “Partido de Baixo”, nos primórdios do futebol local. Assim, inferimos que as disputas políticas em 1955 poderiam ser menores no campo de futebol, mas as rixas futebolísticas estavam ampliadas, configurando-se noutro “campo de batalhas”.

Em Montes Claros, a investigação nos permitiu aproximar a história do futebol na lógica sertaneja, no ritmo ditado pela modernidade. Entre a chegada da estrada de ferro e as festas

do Centenário, 1926 e 1957, o futebol se estabeleceu como diversão espetacularizada, associado à elite local, todavia com contornos populares, além de trazer supostamente no seu bojo, o progresso.

Semelhante ao futebol, mas com características marcantes, na trajetória histórica do cinema em Montes Claros, encontramos um processo de interiorização tardia, se levado em consideração os outros centros urbanos mais adiantados do Estado. Por isso, a chegada dos trilhos da estrada de ferro, um dos aspectos que comporiam a urbanização do município, modificaria muita coisa, inclusive a dinâmica do cinema de Montes Claros.

Já explicamos que o ano de 1926 é o nosso marco primeiro devido a inauguração da estação da Estrada de Ferro Central do Brasil e consequente advento do fluxo de passageiros rumo ao sul e vice-versa. Neste ano também surgiu o *Cine-Theatro Montes Claros*, uma empresa que perduraria por anos e fazia parte da rotina de diversões da cidade, pretendendo ser [...] *uma casa confortável para a realização de espetáculos cinematográficos e teatraes*. Os almejados progresso e civilidade, traços da suposta modernidade, caminhavam juntos ao cinema, uma máquina, que trazia do estrangeiro para a sociedade “elegante” da longínqua Montes Claros, filmes icônicos como *Bem-Hur* (1925), *Mickey Mouse* (1928), “*The man in possession*” (1931) e *Dracula* (1931), e com eles atores como Ramón Navarro e Greta Garbo se popularizavam. O *Cine Montes Claros*, após anos de monopólio, se depararia com um concorrente ambicioso, o *Cine Theatro Metropole*: anunciado e construído durante o ano de 1937 e inaugurado no princípio de 1938.

Em 1944 seriam inaugurados o popular *Cine Ipiranga* e o central *Cine Cel. Ribeiro*. O *Cine Ipiranga*, declaradamente, foi construído para a classe operária da cidade. A concepção do *Cine Cel. Ribeiro* previa grande número de frequentadores e, para recebê-los, localizar-se-ia numa das praças centrais da cidade – praça Cel. Ribeiro. O discurso do moderno estava mais uma vez associado a implantação de um equipamento de lazer na cidade.

Em todo o período pesquisado, percebemos como evidente a correlação entre o desenvolvimento da experiência do cinema na cidade de Montes Claros-MG, especialmente no que tange a aspectos como acesso, quantidade e diversidade de filmes, qualidade dos equipamentos, bem como sua permanente manutenção com a chegada do trem de ferro, no ano de 1926. O advento da modernidade permitiu, não sem resistências e tensões, a apropriação de um conjunto de valores e práticas que se distinguiam das vigentes no ordenamento social até então. O lazer, enquanto uma vivência distintiva, passava a ocupar lugar central no novo modo de pertencimento do cenário

citadino, marcado pela urbanidade e pelo *smartismo*, forjando desta forma identidades demarcadas no contexto social local (ir ao cinema representava, além de um hábito de divertimento, um destaque).

Finalmente, mas não menos importante, durante os anos pesquisados, observamos a ampliação da prática de outros divertimentos modernos. Nesse período, o símbolo estrutural é a inauguração da Praça de Esportes Minas Gerais – Montes Claros Tênis Clube no início dos anos 1940. Porém, até que ela funcionasse como o local de polarização dos esportes na cidade, notamos as ações de outros órgãos no processo de implantação e desenvolvimento do vôlei, basquete, natação, ginásticas, atletismo, entre outros.

Educandários como a *Escola Normal Mello Vianna* divertiam suas alunas com a prática do voleibol nos anos 1920; O *Grupo Escolar Gonçalves Chaves*, em 1928, proporcionou a primeira demonstração de ginástica coletiva na cidade; e o *Gymnasio Municipal* jogava basquete na década de 1930. Enfim, podemos afirmar que, no final dos anos trinta, nas páginas da *Gazeta do Norte*, seção *Gazeta nos Esportes*, voleibol e basquetebol ocupavam espaços iguais e, por diversas vezes, maior do que o noticiário do futebol, gozando de prestígio nas inserções do jornal.

Das escolas, os esportes modernos passaram a ser praticados em associações esportivas, sendo que a *Associação Athletica Atheneu* e a *Associação Municipal de Estudos e Athletismo* (AMEA) foram as maiores representantes desse tipo de associativismo e maiores rivais da cidade, até que surgisse a Praça de Esportes. Símbolo desse projeto de modernidade pelos divertimentos, a Praça de Esportes seria anunciada pelo governador do estado Benedito Valadares, durante a visita à cidade em janeiro de 1939. A partir dela, notamos que o discurso político vinculado ao esporte esteve mais evidenciado nas reportagens da *Gazeta do Norte*, e as práticas esportivas modernas alicerçaram-se nos equipamentos da nova praça esportiva. O advento desse novo espaço, iniciado ainda no ano de 1939, marcaria a história dos divertimentos local.

Maior cidade do Norte de Minas, ao aproximar-se dos anos 1960, Montes Claros preparava-se para, nos anos seguintes, assumir sua característica majoritariamente urbana. A cidade rural da primeira metade do século XX, onde os esportes modernos se fixaram, adquiriria paulatinamente contornos de cidade urbana, moderna e, porque não, cosmopolita. Nesse ínterim, pudemos inferir, o esporte moderno se consolidou.

Num período de poucos estudos sobre a história da cidade, de 1926 a 1957, observamos que esta tese contribui para a compreensão da história da modernidade numa região sertaneja do país e de destacada relevância para o estado de Minas Gerais. Entendemos que nela houve modificações inerentes à modernidade em Montes Claros, assim como indicado por outros autores, entretanto, abarcamos o desenvolvimento dos divertimentos modernos como um outro elemento moderno da sociedade, que também sofreu resistências, mas que se estabeleceria a partir do envolvimento de cidadãos “adiantados” e normalmente oriundos da elite.

FONTES – MEMORIALISTAS

BRASIL, H. O. **História e desenvolvimento de Montes Claros**. Belo Horizonte: Lemi, 1983.

COTRIM, D. T. **História primitiva de Montes Claros e outros aspectos históricos do médio São Francisco**. Montes Claros: Unimontes, 2002.

GRAÇA, R. T. **Montes Claros era assim...** Belo Horizonte: Cultura, 1986.

MARQUES, T. M. P.; MARQUES, R. S. S. **Memória de Montes Claros**. Montes Claros: R.T.M. Criação, 1989.

PAULA, H. A. **Montes Claros: sua história sua gente seus costumes**. Belo Horizonte: Minas Gráfica Editora, 1957.

_____. **Montes Claros: sua história sua gente seus costumes**. 2.ed. Belo Horizonte: Minas Gráfica Editora, 1979.

_____. **De Padre Chaves a Padre Dudu: pequena memória histórica da Paróquia de Nossa Senhora e São José de Montes Claros, por ocasião do seu sesquicentenário**. Belo Horizonte: Littera Maciel, 1982.

PIRES, S. R. **Raízes de Minas**. Montes Claros: Minas Gráfica Editora, 1979.

REYS, H. L. N. **Álbum de Montes Claros**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1927.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

SENNA, N. C. **Anuario de Minas Geraes**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado, 1906.

SILVEIRA, Y.; COLARES, Z. **Montes Claros de ontem e de hoje**. Montes Claros: Academia Montesclarensense de Letras, 1999.

VEIGA, J. P. X. **Ephemerides Mineira (1664 – 1897)**. Ouro Preto: Imprensa Oficial do Estado de Minas, v.2, abr./jun. 1897.

VELLOSO, A. A. Chorografia mineira (Município de Montes Claros). **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Ouro Preto, n.3, v.2, p.561-598, jul./set.1897.

VIANNA, N. **Foiceiros e vaqueiros**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1956.

_____. **Efemérides montesclarenses**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1964.

_____. **Serões montesclarenses**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1972.

VIANNA, U. S. **Monographia do município de Montes Claros**: breves apontamentos históricos, geográficos e descritivos. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1916.

FONTES – REVISTAS

ALMEIDA, R. J. O velho mercado. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros**, Montes Claros, v.7, p.142-145, 2011.

ARRUDA, W. Hermes de Paula. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros**, Montes Claros, v.4, 2009.

BRAZ, P. A imprensa em Montes Claros. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros**, Montes Claros, v.6, p.151-154, 2010.

CARLOS, M. I. S. Francisco Sá. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros**, Montes Claros, v.2, p.165-170, 2008.

COSTA, M. A. Antônio Gonçalves Figueira: de Bertioga aos currais do São Francisco e de volta a Santos. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros**, Montes Claros, v.12, 2014.

COTRIM, D.T. Memórias de Montes Claros. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros**, Montes Claros, v.1, 2007.

_____. Memória de Montes Claros. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros**, Montes Claros, v.7, p.13-17, 2011.

_____. A formação do povo montes-clarenses. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros**, Montes Claros, v.13, p.31-33, 2014.

DURÃES, J. C. Coisas do passado. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros**, Montes Claros, v.5, p.61-67, 2010.

_____. Coisas do passado IV. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros**, Montes Claros, v.8, p.54-59, 2011.

FONSECA, R. P da. O trem do sertão. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros**, Montes Claros, v.5, p.131-141, 2010.

GOMES, W. Hermes de Paula: sua história, para a minha gente. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros**, Montes Claros, v.4, p.22-25, 2009.

GRAÇA, R. T. Praça de Esportes retalhada! **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros**, Montes Claros, v.9, p.144-147, 2012.

GUEDES, M. da M. P. “Sob a sombra de tuas asas”. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros**, Montes Claros, v.1, p.99-124, 2007.

MAMELUQUE, M. da G. C. Do Desembargador Velloso ao professor Arthur Versiani Velloso. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros**, Montes Claros, v.6, p.108-113, 2010.

MOURA, A. A. P. Montes Claros, sua história, sua gente... Dr. Hermes de Paula. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros**, Montes Claros, v.4, p.13-18, 2009.

NORONHA, S. A herança da epopeia desenvolvimentista. **Rumos**, ano.36, n.191, p.26-33, dez./2001.

OLIVEIRA, H. L. de. Montes Claros criança em 1953. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros**, Montes Claros, v.10, p.103-104, 2013.

OLIVEIRA, P. S. Algumas lembranças da minha Montes Claros. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros**, Montes Claros, v.3, p.143-148, 2008.

RECENSEAMENTO DE MINAS-GERAES. **Revista do Arquivo Mineiro**, Ouro Preto, ano.3, v.3, p.465-498, 1898.

SARMENTO, C. Dr. Hermes Augusto de Paula. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros**, Montes Claros, v.1, p.15-18, 2007.

TELES, I. Dona Tiburtina: mulher de fibra, sim senhor! **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Montes Claros**, Montes Claros, v.2, p.99-104, 2008.

Revista Cinearte. 20 de julho de 1927, p.12/34.

Revista de Engenharia. 28 de setembro de 1889, p.215. Seção Noticiário.

Revista Montes Claros, v.1, n.1, p.22, ago./1940.

Revista Montes Claros, v.1, n.2, p.3, out./1940.

FONTES – JORNAIS

A Noite (RJ) (3 edições)

A Província (MG) (1 edição)

A Província (PE) (2 edições)

A União (RJ) (1 edição)

Astro de Minas (MG) (1 edição)

Correio da Manhã (RJ) (7 edições)

Correio de Uberlândia (MG) (2 edições)

Correio Oficial de Minas (MG) (2 edições)

Correio Paulistano (SP) (5 edições)

Diário de Notícias (RJ) (1 edição)

Diário de Pernambuco (PE) (2 edições)

Diário Oficial da União (RJ) (1 edição)

Folha de Ituiutaba (MG) (1 edição)

Gazeta de Notícias (RJ) (9 edições)

Gazeta de Paraopeba (MG) (1 edição)

Gazeta do Norte (MG) (375 edições)

Jornal do Brasil (RJ) (2 edições)

Jornal do Commercio (PE) (3 edições)

Jornal do Commercio (RJ) (2 edições)

Jornal do Recife (PE) (3 edições)

Jornal Pequeno (PE) (1 edição)
Lavoura e Comércio (MG) (1 edição)
Minas Geraes (MG) (4 edições)
O Arauto de Minas (MG) (3 edições)
O Estado de Goiaz (MG) (2 edições)
O Globo (RJ) (1 edição)
O Imparcial (RJ) (2 edições)
O Jornal (RJ) (2 edições)
O Operário (Montes Claros) (1 edição)
O Paiz (RJ) (7 edições)
O Repórter (MG) (1 edição)
O Universal (MG) (2 edições)
Província de Minas (MG) (1 edição)
Revista Montes Claros (MG) (6 edições)
Tribuna da Imprensa (RJ) (2 edições)

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do nordeste e outras artes**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALVES, R. O. T. **A Lucta dos titans**: a invenção da rivalidade entre Clube Atlético Mineiro e a Sociedade Sportiva Palestra Itália: 1921 – 1942. 2013. Dissertação (Mestrado em Estudo do Lazer) – Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- ALVES, R. O. T.; SOUZA NETO, G. J.; SILVA, L. P. O enraizamento do futebol no sertão mineiro: “um São Enthusiasmo”. **Anais... ENCONTRO NACIONAL DE RECREAÇÃO E LAZER**, 25. Ouro Preto, 13 a 16 de novembro de 2013.
- ALVES, R. O. T.; SILVA, L. P. **Montes Claros**: memórias do centenário. Montes Claros: Millennium, 2017.
- BAÉZ, J. M.; TUDELA, P. **Fútbol, cine y democracia**: ócio de masas em Madrid 1923-1936. Madrid: Alianza Editorial, 2012.
- BARBOSA, M. Como escrever uma história da imprensa? **Anais... ENCONTRO NACIONAL DA REDE ALFREDO DE CARVALHO**, 2. Florianópolis, de 15 a 17 de abril de 2004. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/2o-encontro-2004/1/Como%20escrever%20uma%20historia%20da%20imprensa.doc/view>. Acesso em: 16 nov. 2017.
- _____. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900 - 2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- _____. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1800 - 1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BATISTA, F. A.; BARBOSA, L. S.; GODOY, M. M. **Transportes, modernização e formação regional**: subsídios a história da era ferroviária em Minas Gerais, 1870-1940. Belo Horizonte: UFMG, 2012.
- BELTRÃO, L. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980a.
- _____. **Jornalismo interpretativo**. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 1980b.
- BLOCH, M. **Apologia da história, ou, o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. 9.ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

BORGES, V. P. **O que é história**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BOTTOMORE, T. B. **As elites e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

BOURDIEU, P. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRANDÃO, H. A. **Memórias de um tempo perdido**: a Estrada de Ferro Goiás e a cidade de Ipameri (Início do Século XX). 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2005.

BRITO, G. R. G. **Na terra dos coronéis**: progresso para quem? Estreps e Pelados na construção do progresso da cidade de Montes Claros (1917 – 1926). 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2002.

_____. **Montes Claros**: da construção ao progresso 1917 – 1926. Montes Claros: Unimontes, 2006.

BUBLITZ, J. **Entre tradição e modernidade**: dilema do desenvolvimento no Brasil. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

CACHAPUZ, P. B. **Francisco Sá**. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/S%C3%81,%20Francisco.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2016.

CALDAS, R. W; COSTA, C; MONTORO, T. O cinema carioca e os ciclos regionais (1898-1930). In: CALDAS, R. W; MONTORO, T. (Orgs). **A evolução do cinema brasileiro no século XX**. Brasília: Casa das Musas, 2006.

CALEIRO, R. C. L.; SOUZA NETO, G. J.; SILVA, L. P. (Orgs.). **O foot-ball no sertão mineiro**: a história do sport bretão nos claros montes das gerais. Montes Claros: Unimontes, 2012.

CALONGA, M. D. O jornal e suas representações: objeto ou fonte da história? **Comunicação & Mercado**, Dourados - MS, v.1, n.2, edição especial, nov. 2012.

CARREGA, J. O cinemascopo e o efeito travelogue no cinema de Hollywood nas décadas de 1950 e 1960. **Atas... ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO DO INVESTIGADORES DA IMAGEM EM MOVIMENTO**, 2. Lisboa: 2013. Disponível em: <<http://aim.org.pt/atas/pdfs-Atas-IIEncontroAnualAIM/Atas-IIEncontroAnualAIM-13.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2018.

CARVALHO, C. V. de. Trem e cinema: modernidade e memória. **Política & Trabalho**, João Pessoa, ed.16, p.171-184, set. 2000.

CARVALHO, J. D. As primeiras exposições cinematográficas em Montes Claros. **Unimontes Científica**, Montes Claros, v.8, n.1, jan./jun. 2006.

_____. Representação de progresso e fundação do Cine Ipiranga: as salas exibidoras de cinema como indícios do desenvolvimento econômico e o incremento do número de expectadores nos cinemas de Montes Claros – MG (1929-1948). **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, Uberlândia, v. 17, n. 2, jul./dez. 2012.

_____. **Cinema e exibição cinematográfica em Montes Claros (MG):** dos primórdios à consolidação do circuito exibidor. São Paulo: Verona, 2016.

CARVALHO, M. E. F. **Língua e cultura do norte de Minas:** a toponímia do município de Montes Claros. 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2010.

CARVALHO, M. O trem na paisagem: um olhar materialista sobre o cinema de Lumière. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 23, p. 86-97, jun. 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewFile/7053/7590>. Acesso em: 15 mai. 2018.

CARVALHO, M. V. C. Moderno, modernidade, modernização: polissemias e pregnâncias. In: GIL, Natália; ZICA, Matheus da Cruz; FARIA FILHO, Luciano Mendes (Orgs). **Moderno, modernidade e modernização:** a educação nos projetos de Brasil – séculos XIX e XX. Belo Horizonte: Mazza, 2012.

COHN, A. **Correio Paulistano.** Centro de pesquisa e documentação de história contemporânea do Brasil – CPDOC-FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-paulistano>>. Acesso em 12 set. 2016.

COLARES, M. L. C. D. **A tradição no mundo contemporâneo:** análise dos caboclinhos montesclarenses – terno do congado das festas de agosto. 2006. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social da Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros. 2006.

COMPARATO, F. K. Variações sobre o conceito de povo no regime democrático. **Estudos Avançados**, v.11, n.31. 1997.

COSTA, J. B. A. **Mineiros e baianos:** englobamento, exclusão e resistência. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, Brasília. 2003.

_____. Minas Gerais na contemporaneidade: identidade fragmentada, a diversidade e as fronteiras regionais. **Cadernos da Escola do Legislativo**, Belo Horizonte, v. 11, n.16, p. 117-137, jan./jun. 2009.

COUTO, E. F. **Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897 – 1927)**. 2003. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2003.

CRUZ, H. F.; PEIXOTO, M. do R. da C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n.35, p. 253-270, dez., 2007.

DANTAS JÚNIOR, H. S. Historiografia da educação física no século do espetáculo: reflexões acerca da "esportivização". **Anais... JORNADA DO HISTEDBR – o trabalho didático na história da educação**, 7. Campo Grande, 17 a 19 de setembro de 2007. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada7/03trab-autor-H.htm>. Acesso em: 07 set. 2018.

DEBS, S. **Os mitos do sertão: emergência de uma identidade nacional**. 2.ed. Belo Horizonte: C/Arte, 2010.

DEL PRIORI, M. “Em casa fazendo graça”: domesticidade, família e lazer entre a Colônia e o Império. In: MARZANO, Andrea; MELO, Victor Andrade de (Orgs.). **Vida divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

DIAS, C. A. G. Teorias do lazer e modernidade: problemas e definições. **Licere**, Belo Horizonte, v.12, n.2, jun. 2009.

DIAS, C. O esporte e a cidade na historiografia brasileira: uma revisão crítica. **Tempo**, Niterói, v.19, n.34, p.33-44, jan.- jun., 2013.

_____. História e historiografia do lazer. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 1-26, jan.-jun., 2018a.

_____. **Esportes nos confins da civilização: Goiás e Mato Grosso, 1866 – 1936c**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2018b.

DURÃES, G. M. **O associativismo desportivo no estado de Minas Gerais: estudo das “Praças de Esportes” com ênfase na criação do Montes Claros Tênis Clube**. 2011. Tese (Doutorado em Ciências do Desporto) – Universidade de Trás-Os-Montes e Alto Douro, Vila Real. 2011

FERNANDES, F. **Mudanças sociais no Brasil: aspectos do desenvolvimento da sociedade brasileira**. São Paulo: Difel, 1974.

_____. **Sociedades de classes e subdesenvolvimento**. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

FIGUEIREDO, V. F. Parentela e política no Norte de Minas Gerais: formação e atuação da família Chaves, Prates e Sá (1830-1940). **Anais... COLÓQUIO DO LABORATÓRIO DE HISTÓRIA**

ECONÔMICA E SOCIAL: micro história e os caminhos da história social, 2. Juiz de Fora: Cito edições, 2008.

_____. **Os senhores do sertão: coronelismo e parentela em uma área periférica de Minas Gerais (1889-1930)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora. 2010.

FLÓRIO, A. L.; MELLO, R. C. Futebol e modernidade. **Anais... SEMANA DE HISTÓRIA: Conflitos nos séculos XX e XXI**, 19. Ribeirão Preto, 2015.

FRANCO, N. B. M. A. História e Jornais: diálogos sobre a produção historiográfica. **Anais... ENCONTRO REGIONAL NORTE DE HISTÓRIA DA MÍDIA**, 4, 19 e 20 de maio de 2016, Rio Branco. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/norte/4o-encontro-2016/gt-historia-do-jornalismo/historia-e-jornais-dialogos-sobre-a-producao-historiografica/view>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

FRANZINI, F. Esporte, cidade e modernidade: São Paulo. In: MELO, V. A. de (Org.). **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

FREIRE, E. S. Esporte e sociedade. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 147-162, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/.../321596552_Esporte_e_Sociedade_Sport_and_Society> . Acesso em: 24 set. 2018.

FREITAS, L. O bacharelismo no Brasil e o atual fenômeno da bacharelise: uma análise sócio-histórica. **Quaestio**, Sorocaba, v.12, p.81-91, nov. 2010.

FUTATA, M. D. de A. O Jornal do Commercio e a educação na primeira metade do século XIX. **Anais... CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**, “A educação e seus sujeitos na história” – Universidade Católica de Goiás, Goiânia, novembro de 2006.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **Educação Física Progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e a Educação Física Brasileira**. 3.ed. São Paulo: Loyola, 1994.

GOELLNER, S. V. **Bela, Maternal e Feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Ijuí: Unijuí, 2003.

GOMES, F. S. **Discursos contemporâneos sobre Montes Claros: (re)estruturação urbana e novas articulações urbano-regionais**. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) –

Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2007.

GUNNING, T. O retrato do corpo humano: a fotografia, os detetives e os primórdios do cinema. In: CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V. R. **O cinema e invenção da vida moderna**. 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

HANSEN, M. B. Estados Unidos, Paris, Alpes: Kracauer (e Benjamin) sobre o cinema e a modernidade. In: CHARNEY, L.; SCHWARTZ, V. R. **O cinema e invenção da vida moderna**. 2.ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

HARVEY, D. **Condição pós moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. 17.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HIRATA, E; STAREPRAVO, F. A. A história do basquetebol vista sob outra ótica. **Anais... CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE**, 8. Criciúma, 8 a 10 de setembro, 2016. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/8csbce/2016sul/schedConf/presentations>>. Acesso em: 09 set. 2018.

HOLLANDA, B. B. B. **O descobrimento do futebol**: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2003.

JESUS, A. L. F. O sertão e sua historicidade: versões e representações para o cotidiano sertanejo – séculos XVIII e XIX. **História e Perspectivas**. Uberlândia, n.35, p. 247-265, jul./dez., 2006.

JESÚS, G. M. Futebol e Modernidade no Brasil: a geografia histórica de uma inovação. **Lecturas: Educación Física y Deportes** [online]. Mayo 1998, Año 3, n. 10. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd10/geoe.htm>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

LEAL, V. N. **O coronelismo, enxada e voto**. 4. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

LESSA, S. N. **Trem-de-ferro**: do cosmopolitismo ao sertão. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1993.

_____. Identidade sertaneja e meio ambiente no início do século XXI. **Anais... SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH**, 24. São Paulo, julho de 2011.

LESSA, S. N.; COSTA, J. B. A. Patrimônio cultural e identidade regional entre as Minas e os Gerais. In: BARBOSA, C. C. (Org.). **Sertão: identidade e religiosidade**. Montes Claros: Unimontes, 2009.

LIMA, L. J. O. **O lazer no cotidiano da população negra de Santo Antônio de Jesus de 1910 a 1950: sociabilidade, solidariedade e resistência**. 2013. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) – Universidade do Estado da Bahia – *Campus V*, Santo Antônio de Jesus. 2013.

LINHALES, M. A. A produção de uma forma escolar para o esporte: os projetos culturais da associação brasileira de educação (1926-1935) como indícios para a historiografia da educação física. In: OLIVEIRA, M. A. T. (Org.). **Educação do corpo na escola brasileira**. Campinas: Autores Associados, 2006.

LISBOA, J. D. M.; CUNHA JUNIOR, C. F. F. da. Modernidade e práticas corporais: uma análise através do Turnerschaft (1909-1917). **Anais... CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DO ESPORTE, EDUCAÇÃO FÍSICA, LAZER E DANÇA – “Historiografia e Fontes”, 11**. Viçosa-MG, 2009.

LOPES, V. S. V. B. V. **Impactos da privatização na gestão de pessoas: um estudo de caso em empresa do setor de transporte ferroviário de carga de Montes Claros-MG**. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2000.

LUCA, T. R. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. **Fontes históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

LUCAS, T. C. **Cinearte: o cinema brasileiro em revista (1926-1942)**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. 2005.

LUCENA, R. F. Esporte, cidade e modernidade: Recife. In: MELO, V. A. **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. (Org.). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

MACHADO, M. S. **Modernidade, cinema e temporalidade**. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007.

MAGALHÃES, T. S. N. **Memória e escotismo: as estratégias de preservação desenvolvidas pelo Movimento Escoteiro no Brasil**. 2015. Monografia (Graduação em Museologia) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília. 2015.

MAIA, D. S. O veículo do progresso nas cidades do interior do território brasileiro: a ferrovia, conductor da modernidade, do progresso e/ou uma utopia? **Anais... COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GEOCRÍTICA**, 14. Barcelona, 2 a 7 de maio, 2016. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/xiv-coloquio/DoraliceMaia.pdf>>. Acesso em: 15 mai. 2018.

MASCARENHAS, G. A mutante dimensão espacial do futebol: forma simbólica e identidade. **Espaço e cultura**, n. 19-20, p. 61-70, jan./dez. 2005.

_____. O futebol no Brasil: reflexões sobre paisagem e identidade através dos estádios. In: BARTHE-DELOIZY, F.; SERPA, A. (Orgs). **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012.

MAZO, J. Z; SILVA, C. F; FROSI, T. O. A associação cristã de moços e a propagação dos esportes em Porto Alegre. **Kinesis**, v.30, n.1, p.158-173, jan./jun. 2012.

MAZZONI, T. **O esporte a serviço da pátria**. São Paulo: Olympicus, 1945.

MEDEIROS, E. A.; CORMINEIRO, O. M. M. História, memória e literatura: o uso das fontes na reconstrução dos processos históricos vividos pelos sertanejos do Norte nos séculos XIX e XX. **Anais... SEMINÁRIO NACIONAL DE HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA**, 3. Ouro Preto: EDUFOP, 2009. Disponível em: <http://www.seminariodehistoria.ufop.br/t/euclides_antunes_de_medeiros.pdf>. Acessado em: mar. 2015.

MEINICKE, T. Imprensa esportiva carioca: surgimento, modernizações e segmentação. **Anais... ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA**, 8. Guarapuva. 28 a 31 de abril, 2011. Disponível em: < <https://www.unicentro.br/historiadamidia2011/programacaoogs.asp>>. Acesso em: 13 set. 2018.

MELO, V. A. **Cinema & Esportes: diálogos**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006.

_____. Remo, modernidade e Pereira Passos: primórdios das políticas públicas de esporte no Brasil. **Esporte e Sociedade**. n.3, Jul/Out, 2006. Disponível em: <<http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es305.pdf>>. Acessado em março de 2015.

_____. **Dicionário do esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX**. Campinas: Autores Associados, 2007.

_____. O automóvel, o automobilismo e a modernidade no Brasil (1891-1908). **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 30, n. 1, p.187-203, set. 2008.

_____. Futebol e cinema: relações. In: MELO, V. A.; DRUMOND, M. **Esporte e cinema: novos olhares**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

_____. Esporte, cidade e modernidade: Rio de Janeiro. In: MELO, V. A. de (Org.). **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. **Esporte e lazer: conceitos**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. O esporte como forma de lazer no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do XX. In: MARZANO, A.; MELO, V. A. de (Orgs.). **Vida divertida: histórias do lazer no Rio de Janeiro (1830-1930)**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. Experiências (modernas) compartilhadas: esporte (corpo) - (imagem) cinema. In: SAURA, S. C.; ZIMMERMANN, A. C. **Cinema e corpo**. São Paulo: Laços, 2016.

MENDES, A. K. S. **A história da Associação Atlética Cassimiro de Abreu: nascimento e ascensão de uma paixão**. 2010. Monografia (Graduação em Educação Física) – Curso de Educação Física, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros. 2010.

MURAD, M. Futebol e cinema no Brasil: um enredo. **Revista de História**, São Paulo, n.163, p.191-206, jul./dez. 2010.

NASCIMENTO, M. de F. G. Tiburtina de Andrade Alves: entre o discurso e a realidade. **Anais... SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, 23 – Londrina, 2005. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/anpuhnacional/S.23/ANPUH.S23.1397.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2018.

NASPOLINI, R. As primeiras faculdades de Direito: São Paulo e Recife. **Portal Jurídico Investidura**, Florianópolis, 20 mai. 2008. Disponível em: <www.investidura.com.br/biblioteca-juridica/artigos/historia-do-direito/5>. Acesso em 06 set. 2016.

OLIVEIRA, C. B. Sobre lazer, tempo e trabalho na sociedade de consumo. **Conexões**, Campinas, v. 2, n.1, 2004.

OLIVEIRA, E. A. F. **Nova cidade, velha política. Um estudo de poder sobre Montes Claros, MG**. 1994. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 1994.

_____. **Nova cidade, velha política: poder local e desenvolvimento regional na área mineira do nordeste**. Maceió: EDUFAL, 2000.

OLIVEIRA, M. A. T. A título de apresentação – educação do corpo na escola brasileira: teoria e história. In: OLIVEIRA, M. A. T. de (Org.). **Educação do corpo na escola brasileira**. Campinas: Autores Associados, 2006.

PACHECO, R. M. Imprensa e modernidade: algumas considerações em torno dos anúncios de jornal. In: GIL, N.; ZICA, M. da C.; FARIA FILHO, L. M. (Orgs.). **Moderno, modernidade e modernização: a educação nos projetos de Brasil – séculos XIX e XX**. Belo Horizonte: Mazza, 2012.

PAULA, J. A. **Raízes da modernidade em Minas Gerais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PEREIRA, L. M. Montes claros anos 50: entre a esperança e a frustração. **Unimontes Científica**, Montes Claros, v.1, n.1, mar./2001.

_____. **A cidade do favor**: Montes Claros em meados do século XX. Montes Claros: Unimontes, 2002.

_____. **Em nome da região, a serviço do capital**: o regionalismo político norte-mineiro. 2007. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Econômicas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2007.

_____. Identidade norte-mineira: notas para um debate. In: BARBOSA, C. C. (Org.). **Sertão**: identidade e religiosidade. Montes Claros: Unimontes, 2009.

PEREIRA, L. M.; OLIVEIRA, M. F. M. A invenção do 03 de julho em Montes Claros. **Unimontes Científica**, Montes Claros, v.5, n.1, jan./jun. 2003.

PEREIRA, L. A. M. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). 1998. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1998.

PINTO, R. M. S. A formação dos times de futebol proletário e as intervenções das elite: a construção da história do futebol cearense e os conflitos sociais em torno da bola. (1919 – 1938). **Anais...** SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24. São Leopoldo, 15 a 20 de julho, 2007. Disponível em: <http://snh2007.anpuh.org/resouces/content/anais/Rodrigo%20M.%20S.%20Pinto.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2017.

PONCIONE, C. C. D. A.: cronista do Correio da Manhã. **O eixo e a roda: Revista de Literatura Brasileira**, Belo Horizonte, v.8, p.135-151, ago. 2002. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/3140/3089. Acesso em: 04 nov. 2017.

PORTO, C. H. Q. **Paternalismo, poder privado e violência**: o campo político nortemineiro durante a primeira república. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2002.

_____. Poder político em Montes Claros na Primeira República. In: Simpósio Nacional de História, 2005, Londrina. **Anais...** SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – História: guerra e paz, 23. Londrina: ANPUH, 2005.

PORTO, P. C. P. Narrativas memorialísticas: memória e literatura. **Contemporânea de Educação**, Juiz de Fora, v.6, n.12, p.195-211, ago./dez. 2011.

QUERINO, A. J. **Montes Claros e o norte de minas na rede urbana do centro-sul**: fábulas e metáforas do desenvolvimento. 2006. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano) –

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros. 2006.

RENK, V.E; COSTA, C.S; BUENO, E.D.L. Revista de educação física (1930): a concepção eugênica de Getúlio Vargas e a figura feminina. **Anais... CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**, 9. João Pessoa, Universidade Federal da Paraíba, 15 a 18 de agosto, 2017. Disponível em: <<http://www.ixcbhe.com/arquivos/anais/eixo3/individual/4470-4483.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2018.

RIBEIRO, A. P. G. A imprensa da independência e do primeiro reinado: engajamento e mercado. **Anais... CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA**, 5. São Paulo, 31 maio a 02 de junho, 2007. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, R. R. **A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal**: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921). 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2007.

RIBEIRO, R. S. L. Cidade a fervilhar, cheia de sonhos: imagens da modernidade em São João del-Rei. In: BORGES, Maria Eliza Linhares (Org.). **Campo e sociedade na modernidade brasileira**: literatura, vilas operárias, cultura alimentar, futebol, correspondência privada e cultura visual. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

RODRIGUES, M. A. A. Esporte, cidade e modernidade: Belo Horizonte. In: **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. MELO, V. A. de (Org.). Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

RODRIGUES, M. A. A. *et al.* Mapeando as primeiras ações de políticas públicas de esporte em Minas Gerais (1927-1946). In: RODRIGUES, M. A. A.; ISAYAMA, H. F (Orgs). **Um olhar sobre a trajetória das políticas públicas de esporte em Minas Gerais: 1927 a 2006**. Belo Horizonte: MJR, 2013.

RODRIGUEZ, M. A. S. **Cinema clássico americano e produção de subjetividades**: o cigarro em cena. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2008.

RODRIGUES, R. M. A. **Memórias em disputa**: transformando modos de vida no sertão e na cidade. 2011. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. 2011.

SÁ, D. M. A voz do Brasil: Miguel Pereira e o discurso sobre o “imenso hospital”. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.16, supl.1, p.333-348, jul. 2009.

SANTOS, H. S. Futebol e cultura popular em Salvador, 1905 – 1915. **Anais... ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA**, 5. Salvador, 27 a 29 de maio de 2009.

SANTOS, D. M.; CASIMIRO, A. P. B. S. Memória e direito: as origens do bacharelismo liberal no Brasil Império (1822-1889). **Educação, gestão e sociedade**, Jandira, v.2, n.5, mar. 2012.

SAURA, C. S. O cinema, o corpo e as imagens poéticas: esse projeto é de lazer. In: SAURA, S. C.; ZIMMERMANN, A. C. **Cinema e corpo**. São Paulo: Laços, 2016.

SCHVARZMAN, S. Ir ao cinema em São Paulo nos anos 20. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.25, n.49, p.153-174, jun. 2005.

SCHWARTZ, R.; SCHAUN, A. Questões historiográficas e metodológicas: historiadores e jornalistas coincidem, entretanto, não se confundem. **Anais... ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA**, 9. Ouro Preto, 30 de maio a 1º de junho de 2013. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/2o-encontro-2004-1/Como%20escrever%20uma%20historia%20da%20imprensa.doc/view>. Acesso em: 16 nov. 2017.

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, Nicolau (Org). **História da vida privada no Brasil República: da Belle Époque à era do rádio**. V.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa**. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.

SILVA, E. J. Concepções da atividade física: perspectivas para o fortalecimento da Nação. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v.33, n. 2, p. 172-187, dez. 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/article/viewFile/2398/1875>>. Acesso em: 06 set. 2018.

SILVA, F. O.; SILVA, L. P.; CALEIRO, R. C. L. Fé, teatro e bola no pé: o cotidiano dos premonstratenses no Norte de Minas Gerais. **Religare**, João Pessoa, v.11, n.2, p.240-268, set. 2014.

SILVA, L. P.; ALVES, R. O. T. Estrada de Ferro Montes Claros: o projeto de modernidade que não se efetivou. **Monções**, Campo Grande, v. 3, n.5. 2016. Disponível em: <<http://seer.ufms.br/index.php/moncx/issue/view/335>>. Acesso em: 10 mar. 2018.

SILVA, L. P.; SOUZA NETO, G. J. Os primeiros movimentos do foot-ball em Montes Claros: a inauguração de útil e saudável diversão. **Anais... CONGRESSO SUDESTE DE CIÊNCIAS DO**

ESPORTE, 3. Niterói, 23 a 25 de setembro de 2010. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/cbcesudeste/iiicbcesudeste/paper/viewFile/2247/1914>. Acesso em 06 abr. 2015.

SILVA, L. P. **Em nome da modernidade**: uma educação multifacetada, uma cidade transmutada, um sujeito inventado (Montes Claros, 1889-1926). 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2012.

_____. O futebol e o início da diversão esportivizada em Montes Claros-MG. **Licere**, Belo Horizonte, v.16, n.1, mar. 2013.

_____. As práticas de diversão e o modo de vida moderno nas primeiras décadas do século XX em Montes Claros-MG. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 36, Suplemento, n.2, p. 696-710, abr./jun. 2014.

SIQUEIRA, M. P. S. A cidade e a urbanização no ideário da modernidade republicana. In: MATA, S. R.; MOLLO, H. M.; VARELLA, F. F (Orgs.). **Caderno de resumos & Anais** do 2º. Seminário Nacional de História da Historiografia. A dinâmica do historicismo: tradições historiográficas modernas. Ouro Preto: EdUFOP, 2008.

SOUTTO MAYOR, S. T.; SOUZA NETO, G. J. História do futebol. In: CORDEIRO, L. B.; SILVA, S. R.; CAMPOS, P. A. F (Orgs.). **O ensino do futebol**: para além da bola rolando. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016.

SOUTTO MAYOR, S. T.; SOUZA NETO, G. J.; SILVA, I. G. L. O mercado futebolístico em Belo Horizonte: do profissionalismo “periférico” ao “gigante da Pampulha”. In: SILVA, S. R.; SOUTTO MAYOR, S. T.; SOUZA NETO, G. J. (Orgs.). **Estudos de futebol em perspectiva**: interdisciplinaridade e produção do conhecimento. Belo Horizonte: São Jerônimo, 2018.

SOUZA, C. R. Raízes do cinema brasileiro. **Alceu**, Rio de Janeiro, v.8, n.15, p.20-37, jul./dez. 2007.

SOUZA, E. F. A imprensa como fontes para pesquisa em história e educação. **Anais... SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS**, 8. Campinas, 30 de junho a 03 de julho de 2009. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/LGXIXSF7.pdf. Acesso em: 02 dez. 2016.

SOUZA NETO, G. J.; SILVA, M. P. da. O pontapé inicial do foot-ball no sertão dos Montes Claros. In: CALEIRO, R. C. L.; SOUZA NETO, G. J. de; SILVA, L. P. (Orgs.). **O foot-ball no sertão mineiro**: a história do sport bretão nos claros montes das gerais. Montes Claros: Unimontes, 2012.

SOUZA NETO, G. J.; LADISLAU, C. R.; CALEIRO, R. C.; COSTA, J. M.; ALMEIDA, T. S. O foot-ball no sertão mineiro: diversão e modernidade nas tardes domingueiras dos campos das

geraes (1916-1936). **Anais...** CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17 e CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 4. Porto Alegre, 11 a 16 de setembro de 2011. Disponível em: <http://rbceonline.org.br/congressos/index.php/XVII_CONBRACE/2011/index>. Acesso em: 16 mar. 2015.

VALERIO, D. L.; ALMEIDA, M. A. B. O estádio de futebol: perspectivas históricas, políticas e econômicas sobre este espaço de prática futebolística. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 3, n. 3, p. 100-117, set./dez. 2016.

VELLOSO, J. P. R. Modernidade e pobreza: a construção da modernidade econômico-social. In: VELLOSO, J. P. R.; ALBUQUERQUE, R. C. (Orgs.). **Modernidade e pobreza**. São Paulo: Nobel, 1994.

VELOSO, G. M. **A missão “desanalfabetizadora” do jornal Gazeta do Norte, em Montes Claros (1918-1938)**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2008.

_____. Imprensa e Escola Normal: representações de progresso e civilização na produção de um imaginário social - 1918-1938. **Rev. Bras. Educ.** [online]. v.14, n.42, p.488-504, 2009. ISSN 1413-2478. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782009000300007>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

WIRTH, J. D. **O Fiel da Balança**: Minas Gerais na Federação Brasileira 1889-1937. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.